



Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Departamento de Arquitectura

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Sofia Isabel Carneiro da Cunha

Orientador Prof. Doutor Arq. João Mendes Ribeiro

Julho de 2012

RESUMO

A Baixa de Coimbra é o centro da actividade da cidade e encontra-se actualmente num processo de deterioração e envelhecimento generalizado que é necessário contrariar. Com uma estrutura consolidada e uma riqueza patrimonial exemplar, acolhe sobretudo uma intensa actividade comercial. Todavia, também o comércio tem vindo a perder terreno face aos novos modelos de comércio localizados nas periferias da cidade. Por sua vez, as edificações têm sido alvo de constantes situações de abandono pela sua população, não permitindo que a zona tenha tido capacidade para atrair a habitação.

É neste contexto que o projecto de intervenção da reabilitação urbana da Baixa de Coimbra pretende intervir, delineando uma estratégia para a Casa Corrente, construindo uma ponte para o futuro através de uma herança recebida, nomeadamente o património edificado e a oportunidade que ele representa na intervenção proposta. Actua-se num denominador comum, a redescoberta da cidade e da sua própria identidade, dotando-a de melhores condições de acolher a população residente e orientando a recepção de novos públicos-alvo, ultrapassando e evitando situações de estagnação e declínio.

PALAVRAS-CHAVE: Baixa de Coimbra, Casa Corrente, Centro Histórico, Património, Reabilitação Urbana

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Arq. João Mendes Ribeiro pelo acompanhamento e orientação

Aos meus pais e a toda a minha família

A todos os meus amigos, em especial à Sara, Inês, Diana, Christina, Claudete, Fábio e Lisa

À Loja de Reabilitação Urbana, ao Arquitecto Nuno Cruz

À Prof. Doutora Luisa Trindade

À Câmara Municipal de Coimbra e à Casa da Cultura

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo 1 – Permanência do Passado	09
1.1 A Baixa de Coimbra	11
1.2 A Casa Corrente em Coimbra	37
Capítulo 2 – Percepção do Meio	69
2.1 Imagem e Identidade	71
2.2 Problemática da Baixa de Coimbra	93
Capítulo 3 – Projecto	113
3.1 Princípios Projectuais	115
3.2 Projecto de Reabilitação	133
Conclusão	135
Bibliografia	139
Apêndices	175
Anexos	177

INTRODUÇÃO

Motivação

O principal motivo que levou à escolha do tema desta dissertação prende-se com a actual preocupação com a problemática dos Centros Históricos, segundo os quais, a estrutura construída é herdada e encarada como um recurso e não como um impasse ao desenvolvimento urbano e cultural. Dada a crescente urbanização e a escassez de espaço disponível para construir, cada vez mais os edifícios históricos acumulados entram sequencialmente no âmbito da actividade dos arquitectos, a quem cabe a tarefa de avaliar, interpretar e continuar essa memória edificada.

Neste contexto, foi escolhida a Baixa de Coimbra. Esta opção deve-se essencialmente às memórias que a mesma abrange e ao seu valor arquitectónico. A Baixa, principalmente a Baixinha, cativa pela escala dos corredores da malha urbana onde cada percurso revela uma diferente percepção e uma nova massificação de cheios e vazios.

Enquadramento

Actualmente, o Centro Histórico de Coimbra revê-se numa contínua dilaceração de identidade. As dificuldades que enfrenta a nível físico, social e económico contribuem para a crescente degradação do edificado resultando num conjunto de graves problemas com reflexos nas questões urbanas e sociais. O abandono do centro pela população e o seu crescente desinteresse pelo património revelam um enorme círculo vicioso que envolve toda a sua malha urbana.

Hoje, a tendência regressiva do seu espaço residencial, a perda da sua multifuncionalidade, estando neste momento dependente de uma especialização terciária que enfrenta graves dificuldades e o reduzido número de residentes, em que a quebra populacional não é compensada pela atracção de novos residentes, carece agora de medidas urgentes que contrariem estas situações. Neste contexto, o património e a identidade local funcionam como motor para uma

intervenção de reabilitação urbana, numa invenção funcional que visa dar resposta e vitalidade ao presente, através de uma nova vida a um passado agora incompreendido. Assim, este trabalho surge com esse intuito, propondo uma intervenção estratégica para a Casa Corrente.

A Casa Corrente, enquanto reflexo do quotidiano do Homem comum, tem vindo a revelar-se enquanto elemento de um crescente desinteresse por parte da população, tornando-se vítima de constantes transformações que a modifica profundamente. Encontra-se hoje com uma estrutura ultrapassada e em declínio que não satisfaz as novas exigências e necessidades. Realçar a sua importância pretende lembrar que a realidade é bem mais complexa, onde a malha urbana resulta de uma relação entre o público e o privado.

Objectivos

O objectivo deste trabalho aponta assim para a necessidade de intervir sobre a Casa Corrente na Baixa de Coimbra, conhecendo a sua evolução histórica, imagem e identidade actual, propondo uma resposta estratégica para restituir a estima pública do lugar, face aos problemas que hoje assombram toda a estrutura da sua malha urbana. Desta forma, o trabalho pretende contribuir de forma útil para responder aos problemas actuais e às potencialidades da Casa Corrente enquanto peça chave da Baixa na reabilitação do conjunto edificado.

Neste sentido, importa reanimar o centro, antigo e degradado, onde já não se cumprem os programas iniciais, procurando fomentar a habitação já que cada vez mais se vive fora do centro da cidade por estar a ficar empobrecida de identidade. A reabilitação urbana mostra-se hoje como um caminho a seguir e é essa a motivação deste trabalho: o retorno da habitação/comércio ao centro urbano. Espera-se com este trabalho conseguir despertar as atenções sobre o potencial contributo da reabilitação urbana para a cidade e a sua população.

Metodologia

A metodologia para a realização deste trabalho resultou inicialmente na pesquisa de material bibliográfico sobre a Baixa de Coimbra e sobre a Casa Corrente em Coimbra. O material

acerca da Baixa de Coimbra revelou-se bastante e completo, contudo a temática da Casa Corrente em Coimbra a informação foi bastante escassa no que se refere aos anos posteriores à Época Medieval.

Na análise evolutiva da Baixa de Coimbra, como as dinâmicas do crescimento da cidade são bastante mais vastas e complexas, explorou-se apenas alguns elementos que fomentaram a evolução do aglomerado urbano da Baixa. Para a análise da Casa Corrente recorreu-se aos livros: “A Casa Corrente em Coimbra – Dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna” de Luisa Trindade, “Câmara Municipal de Coimbra – Casa Medieval”, “Morfologia Urbana e Desenho da Cidade” de José Lamas e “Coimbra: A montagem do cenário urbano” de Jorge Alarcão. Para a análise dos séculos seguintes recorreu-se ao material gráfico da Casa na Rua de S. Jerónimo pertencente à Universidade, de José do Couto dos Santos Leal construída entre 1772 e 1820 e à Casa na Couraça dos Apóstolos pertencente à Universidade, de José do Couto dos Santos Leal construída em 1828, disponíveis no sítio da Alma Master – Biblioteca Digital de Fundo Antigo da Universidade de Coimbra. Esta análise resultou ainda de uma comparação entre estas casas e alguma bibliografia sobre as Casas Burguesas no Porto.

A par desta procura deu-se início aos levantamentos do quarteirão de estudo para a posterior intervenção projectual da Casa Corrente. A escolha do quarteirão deve-se ao facto deste traduzir uma enorme coerência arquitectónica em relação com a Baixa, ou seja, com uma forte predominância das funções habitacional/comercial e com uma grande diversidade de qualidade. O processo dos levantamentos decorreu em duas fases: uma de levantamento no campo através da recolha de imagens e uma segunda na elaboração do preenchimento das fichas de inventário de cada um dos imóveis do quarteirão. O preenchimento das fichas foi efectuado através de uma pesquisa e investigação da sua identificação, características gerais, arquitectónicas e formais.

A recolha das imagens foi feita em várias fases, em primeiro a par com a recolha da bibliografia e com os levantamentos do quarteirão, depois pela procura e envio de fotografias pela Casa da Cultura e pelo envio de vários elementos gráficos pela SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana e por fim pela utilização da planta geral de Coimbra fornecida pelo Departamento.

Após reunidos esses elementos, procedeu-se ao cruzamento de informações nos diversos tópicos. Por fim procedeu-se à intervenção do projecto, tendo sido elaborada uma estratégia de intervenção, para depois proceder à fase de projecto a aplicar nos três edifícios a reabilitar.

Estrutura

A estrutura deste trabalho divide-se em três partes, numa sequência que compreende uma lógica temporal. Começa-se por compreender o passado, a contemporaneidade e por fim o projecto que motiva uma resposta futura.

O Capítulo 1 começa por compreender a evolução histórica, enquadrando inicialmente a evolução da Baixa de Coimbra, da Época Romana ao século XX, e posteriormente o desenvolvimento da Casa Corrente em Coimbra, da Época Medieval ao século XX.

O Capítulo 2 analisa a realidade física da actualidade. Inicialmente descreve-se a percepção da imagem e identidade da Baixinha numa caracterização morfológica e formal e posteriormente a sua problemática, como oportunidade para a posterior intervenção.

Por fim, o Capítulo 3 desenvolve o projecto de intervenção. Inicialmente descreve-se os princípios projectuais numa estratégia de intervenção e por último procede-se ao desenvolvimento gráfico do projecto de reabilitação.

CAPÍTULO 1 – PERMANÊNCIA DO PASSADO

Inicia-se esta reflexão procedendo à análise da evolução histórica que levou à actual realidade física da Baixa de Coimbra. Num primeiro ponto faz-se um breve resumo da evolução urbana da Baixa, tratando-a como parte integrante da cidade. Nesse contínuo desenvolvimento a imagem da cidade foi transformando-se, definindo uma complexidade visual e formal construída por uma acumulação durante os vários séculos.

Do mesmo modo, também os edifícios foram crescendo, de forma regular e constante, como uma autêntica sobreposição de camadas. Num segundo ponto analisa-se a evolução da Casa Corrente, procedendo à sua caracterização arquitetónica, à análise do espaço habitável e à definição do espaço público. Pois, conhecer o espaço que o homem habitou, é também conhecer a parte integrante da cidade, ou seja, a forma como se apossou do espaço, o organizou e moldou de acordo com as suas necessidades. Entende-se que também é necessário perceber a estrutura familiar, a actividade profissional, a sociedade e as possibilidades económicas.



Imagem 1 Planta topográfica da zona central de Coimbra

1.1 A BAIXA DE COIMBRA

Da Época Romana ao século XX

Para compreender a realidade da Baixa de Coimbra é importante assimilar o conjunto de factores que levaram às várias fases de ocupação do resultado urbano, conhecendo a história que contribuiu para a sua formação e consolidação ao longo do tempo.

Segundo Walter Rossa, para a construção da história do urbanismo de uma cidade a realidade é a sua melhor fonte, porém uma análise exclusivamente morfológica ou formal, acaba por se tornar excessivamente permeável à manipulação de quem se propôs fazê-la, independentemente do recurso a metodologias mais ou menos rígidas e experimentadas. Apenas uma História de base científica e de tempo longo pode fornecer à análise morfológica dados com o rigor necessário para se atingirem os fins a que se propõe.¹ Assim, procede-se seguidamente à evolução da Baixa de Coimbra, iniciando-se pelas primeiras ocupações espaciais na cidade.

Além do processo histórico e do território, o espaço natural assume-se como principal infra-estrutura de uma cidade. Numa época de constantes lutas territoriais, a escolha de um local estratégico que possibilitasse a defesa e a segurança assumia uma importância primordial. Dessa forma, a escolha do espaço urbano não é um mero acaso, as cidades revelam na sua implantação, um sentido do lugar. Segundo estes princípios a posição geográfica de Coimbra revelou-se um dos factores preponderantes para a sua afirmação enquanto fenómeno urbano. *“No contexto Ibérico, o sítio de Coimbra – cartograficamente assinalado com um caprichoso meandro do rio Mondego – é um nódulo de importância nevrálgica entre o norte e o sul, o interior e o litoral. Já ao nível do território de transição entre o Baixo e o Alto Mondego, especificidades da colina que hoje*

¹ ROSSA, Walter – Diversidade, Urbanologia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2001. Arquitectura. p. 7

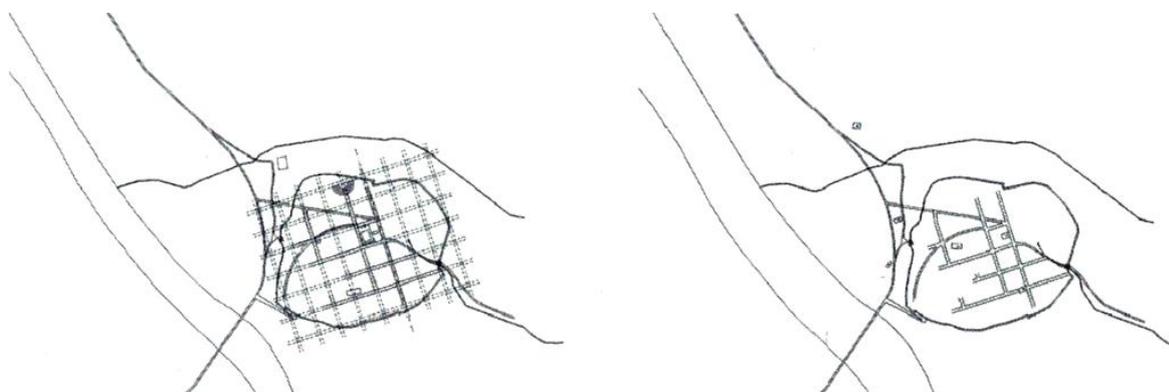


Imagem 2 Planta dos séculos I-IV e Planta dos séculos V-VI

*designamos por Alta ou Almedina ditaram um precoce despontar de aglomerado que, desde logo, o processo de romanização desenvolveu como cidade.*² A expansão para o ocidente conduziria então os romanos à Península Ibérica e a sua presença dataria dos séculos III a.C. a V d.C.

No morro onde inicialmente se implantou a cidade romana, de fortes características topográficas, assentou o *Forum* – o centro da vida comunitária da cidade e o *Pretórium* – o centro administrativo e defensivo. Apesar das condições naturais do terreno, inicialmente a cidade ter-se-á desenvolvido numa estrutura urbana apoiada no modelo ortogonal da cidade romana, de dois eixos principais, embora necessariamente adaptada às condicionantes naturais do terreno. Trata-se de um espaço que veria o seu perímetro protegido por uma muralha circundante, hoje oculta por ter sido destruída e absorvida pela malha urbana.

Além das características topográficas, o burgo de Coimbra favorecia de uma localização privilegiada entre a costa e o interior montanhoso, permitia um domínio do Mondego e dos vales nele concorrente. O Rio Mondego, principal via de comunicação, encontrava nas margens de Coimbra a principal paragem, após deixar as montanhas a montante e entrar na vasta planície aluvial. A outra grande via era a *Olisipo-Bracara-Augusta*, passava junto ao sopé da colina e correspondia ao principal itinerário de rede viária. Deste modo, as duas principais vias, uma fluvial e a outra terrestre, e ainda, a topografia do terreno, contribuíram não só para a formação da cidade, como revelaram-se fundamentais para o desenvolvimento de toda a estrutura urbana. Apesar de uma tendência em ocupar áreas mais baixas junto ao rio, na procura de uma maior relação com as duas principais vias de comunicação, a cidade continuava a ser desenvolvida essencialmente na colina, talvez relacionado por questões de segurança, ou pelas próprias cheias do rio Mondego.

Estes factores foram essenciais para o aparecimento e crescimento de um arrabalde na zona ribeirinha, junto do qual, o avanço técnico dos romanos permitiu a construção de uma ponte que desembocaria na margem direita, no actual Largo da Portagem. Situar-se-ia sensivelmente sobre a existente, embora com um vão menor de extensão e uma cota inferior à existente.

² ROSSA, Walter – Coimbra como território. *ECDJ*, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 6

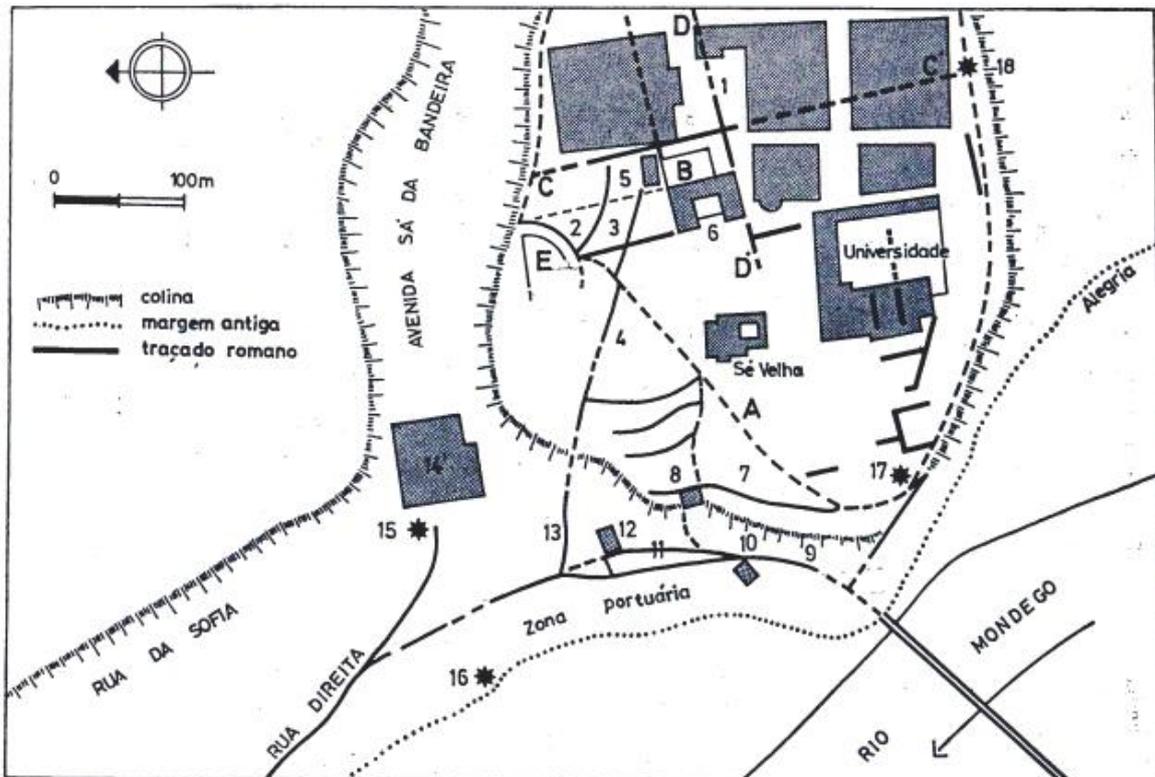


FIG. 3 — Esboço de interpretação de um fotograma da zona antiga de Coimbra (CMC 21.4297): A: traçado provável da muralha romana; B: Forum; CC: Cardo; DD: Decumano; E: teatro romano (?); 1: Largo da Feira; 2: Rua das Flores; 3: Rua do Loureiro; 4: Rua da Matemática; 5: Igreja de S. Salvador; 6: criptopórtico; 7: Rua Fernandes Tomás; 8: Porta de Almedina; 9: Rua dos Gatos; 10: Igreja de S. Bartolomeu; 11: Praça Velha; 12: Igreja de S. Tiago; 13: Rua Velha; 14: Mosteiro de Santa Cruz; 15: Porta Maurisca (?); 16: Igreja de Santa Justa (demolida); 17: Porta de Belcouce (demolida); 18: Porta da Traição (demolida).

Imagem 3 Ocupação romana segundo Vasco Mantas

Sobre esta ponte assentava a via *Olisipo-Bracara-Augusta*. Para diversos autores, esta seguia o traçado da actual Rua Ferreira Borges, normalmente denominada por Calçada, passava pela Rua Visconde da Luz, junto do local onde mais tarde se iria edificar o Mosteiro de Santa Cruz, e saía em direcção ao norte pela Rua Direita.³ Vasco Mantas propôs um traçado diferente, o troço em causa correspondia às actuais Travessa dos Gatos, Praça Velha, Rua Eduardo Coelho, Largo do Poço e Rua Direita, ou seja, à via onde, na Idade Média, se implantaram as igrejas paroquiais de S. Bartolomeu, S. Tiago e Santa Justa.

Esta via permitia o acesso à matriz romana da actual Porta de Almedina, bem como aos equipamentos que existiriam no Mosteiro de Santa Cruz. Do mesmo modo, proporcionava a ligação ao porto fluvial a ocidente. Este situava-se obrigatoriamente ao abrigo da ponte, ou seja, a jusante da mesma, e o mais próximo possível das principais portas da cidade, a Porta de Almedina e a de Belcouce. Segundo Vergílio Correia, o limite do porto situava-se na zona definida pelo Largo do Romal e a Rua da Gala.

Esta é a primeira direcção transversal, ou seja, paralela ao rio que aparece na então actual estrutura urbana da baixa. Desta forma, ela define um primeiro nível de construções. No século XVIII este troço ainda é incerto, não definindo um alinhamento recto como o da Rua da Madalena, podendo estar ainda relacionado com a irregularidade das margens. Porém, Vasco Mantas supõe que a via não passava pela Rua Direita, mas sim pelo Beco do Amorim. O autor justifica a falta de referências desta via, ao crescimento na época medieval da Rua da Moeda e a Rua da Louça em direcção ao Mosteiro de Santa Cruz e ao sucessivo alteamento que foram ocorrendo ao longo do tempo, apagando as linhas dessa via.

*“O ponto nevrálgico deste sistema seria o local onde se intersectariam todos estes eixos que amarravam a cidade ao restante território, a futura Praça (hoje) Velha.”*⁴ Esta Praça veio a

³ Esta hipótese é razoável, pois ao contrário da Rua Direita, que perdeu importância com a abertura da Rua da Sofia no século XVI, a Rua Ferreira Borges e a Rua Visconde da Luz, ainda hoje constituem-se como importantes vias comerciais, marcando a morfologia da cidade, respectivamente na separação entre a Alta e a Baixa. Em ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – *A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano*. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. p. 8

⁴ GOMES, Luís Filipe – *(Re)Ver Coimbra. Um sentido de Cidade*. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Junho de 2009. p. 58

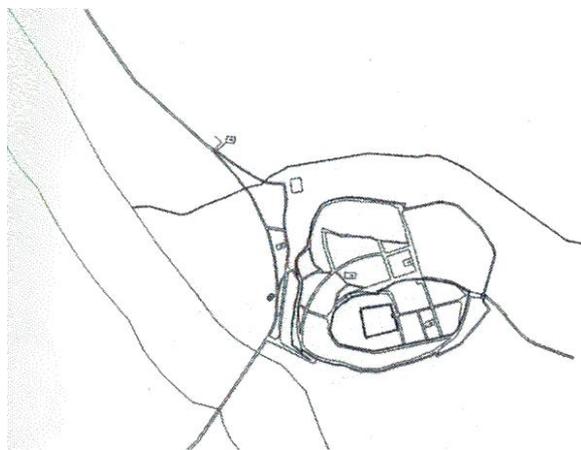


Imagem 4 Planta dos séculos VII-XI

configurar-se de forma alongada, justificada pelas características do próprio terreno. A nascente existia um talude a limitar a base da colina e a poente seguia o anterior leito invernal do rio, hoje marcado pelo traçado da Avenida Fernão de Magalhães.

Todos os espaços que polarizaram a vida da Baixa coimbrã são o resultado desta primeira estruturação romana, segundo a qual e posteriormente, a partir dos séculos V ou VI, se implantariam os primeiros núcleos cristãos, as primitivas versões das igrejas de S. Bartolomeu, S. Tiago e Santa Justa. Após estas construções começam a emergir pequenos focos de povoamentos em torno destes primeiros templos cristãos, ancorando o desenvolvimento urbano que futuramente e após o impulso muçulmano viriam a ser a Baixa coimbrã.

*“Com a invasão germânica, a fâcies de Coimbra/Aeminium teve, forçosamente, de se modificar. O brilho da civilização romana foi-se apagando, mas, mesmo assim, a cidade ganhou importância, relativamente a outros povoados que, décadas antes, a ultrapassavam em prestígio e valor económico e político.”*⁵ Aeminium⁶ resultava de uma contínua resolução de problemas, polarizando e sobrevivendo numa região em mudança.

A partir do início do século VIII e durante mais de três séculos, Coimbra ficou sob o domínio muçulmano, sendo interrompido por um domínio cristão em 878, até à reconquista definitiva em 1064 pelas tropas de Fernando Magno. A cidade caracterizava-se pelo prolongamento da tradição urbana anterior, firmando-se sobre a cidade pré-existente, embora alterando as características gerais do espaço urbano, numa perspectiva mais individualista, intimista e fragmentária. Deste modo, o período islâmico caracterizou-se pela quebra de algumas funcionalidades e por outra dinâmica entre o público e o privado. São exemplo as ruelas tortuosas e estreitas, os becos sem saída que levam a casas privadas, traçados que permanecem até hoje.

Coimbra, pela sua posição estratégica, correspondia ao interposto entre o Sul Islâmico e o

⁵ DIAS, Pedro – **Coimbra: Arte e História: os monumentos**. Porto, Paisagem Editora, 1983. p. 11-12

⁶ Em meados do séc. VI, o Bispo de Conimbriga muda-se para o morro mondeguido e a nova residência do Episcopus Conimbrigensis, a Iminio visigoda, passa a chamar-se Coimbra, enquanto aquela cidade florescente, três léguas a Sul, desaparecia. Em DIAS, Pedro – **Coimbra: Arte e História: os monumentos**. Porto, Paisagem Editora, 1983. p. 11-12

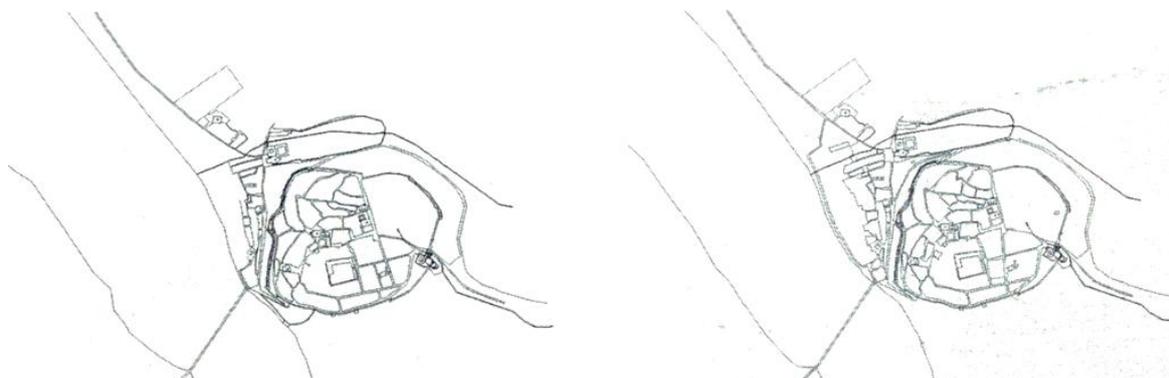


Imagem 5 Planta do século XII e Planta do século XIII

Norte Cristão. Num território dividido, o perigo de guerra era eminente, desta forma, o Arrabalde manter-se-ia, durante este período, despovoado. Embora a ocupação deste espaço não fosse de cariz propriamente urbano, já que as preocupações defensivas eram constantes e as margens instáveis do rio não o permitiam, o Arrabalde afirmava-se enquanto local onde se articulavam as relações da cidade com o envolvente, adquirindo um carácter próprio e distinto da Alta. É deste período a génese da relação dual entre as duas, a Alta, a cidade aristocrática, política e militar e a Baixa, a cidade mercantil, artesanal e laboriosa.⁷

A reconquista cristã marca uma nova fase na vida da cidade. A luta entre cristãos e muçulmanos mantinha-se, porém, a sua posição estratégica no sistema viário, contribuiu para o engrandecimento de Coimbra enquanto fronteira de defesa e ataque. Após um período de cisão entre o Norte e o Sul, entre estímulos e reconquistas, a cidade volta a erguer-se, num clima de instabilidade e ansiedade. Inicia-se a introdução de novos conceitos de desenho, a cidade segue uma morfologia mais intimista, baseada na forma e na escala das pequenas cidades medievais e apoiada em classes sociais.

Durante o século XII e XIII, a cidade teria um papel fundamental na afirmação e consolidação da nova nacionalidade. Capital da monarquia durante os primeiros reinados, a cidade experimentou um grande crescimento que a tornou a mais importante do reino. Com a instalação do infante D. Afonso Henriques e da sua corte em Coimbra a partir de 1130, a cidade inicia uma natural dinamização do seu pulsar urbano, o que implicou bastantes alterações na sua morfologia. Procurou-se uma melhor adequação das suas estruturas, por forma a responder ao seu novo papel enquanto pólo central do reino e responder às consequências que lhe advieram, nomeadamente as relacionadas com o aumento populacional e o desenvolvimento das actividades comerciais. Esta dinâmica repercutiu-se no desenvolvimento do Arrabalde, a população, que vivia dentro da cerca, atraída pela vida extramuros, sai do espaço muralhado e ocupa o Arrabalde. *“Ao transbordar os muros e a colina, a cidade expande-se em primeiro lugar ao longo dos terrenos mais planos que*

⁷ GOMES, Luís Filipe – *(Re)Ver Coimbra. Um sentido de Cidade*. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Junho de 2009. p. 63

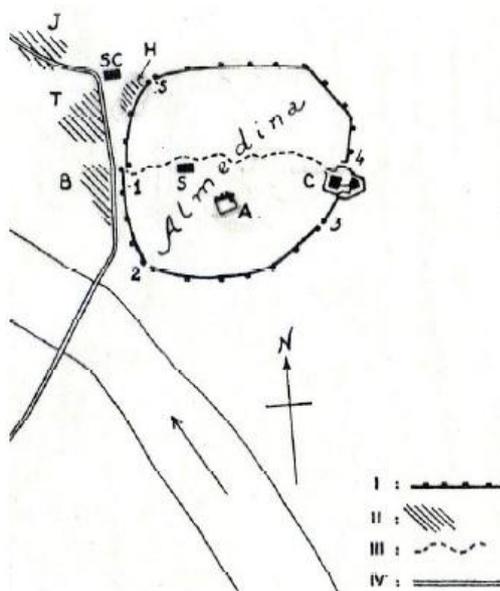


Fig. 4-A — A Almedina e o Arrabalde conimbricenses nos meados do séc. XII. (Esboçeto.)

LEGENDA :

- I — *Circuito muralhado da Almedina.*
1 — Porta de Almedina; 2 — Porta de Belcouce; 3 — Porta da Traição; 4 — Porta do Sol; 5 — Porta Nova.
A — Alcáçova. C — Castelo. S — Sé Velha.
- II — *Áreas prováveis dos núcleos arrabaldinos.*
B — S. Bartolomeu. T — S. Tiago. J — Santa Justa. H — Bairro judeu, não referido no texto, que tinha seu núcleo na actual rua do Corpo de Deus. SC — Mosteiro de Santa Cruz.
- III — *A principal artéria da circulação intra-muros* (do Castelo à Porta de Almedina, pelo Rego de Água, rua das Covas, Quebra-Costas).
- IV — *Tramo da estrada de Lisboa a Portucale* (Lisboa-Porto), traçado no subúrbio conimbricense pela *Calçada* (desde a ponte ao terreiro de Santa Cruz) e pela *Via Directa* (Rua Direita).

Imagem 6 Esboço da Almedina e o Arrabalde em meados do século XII, Esboçeto de A. Fernandes Martins

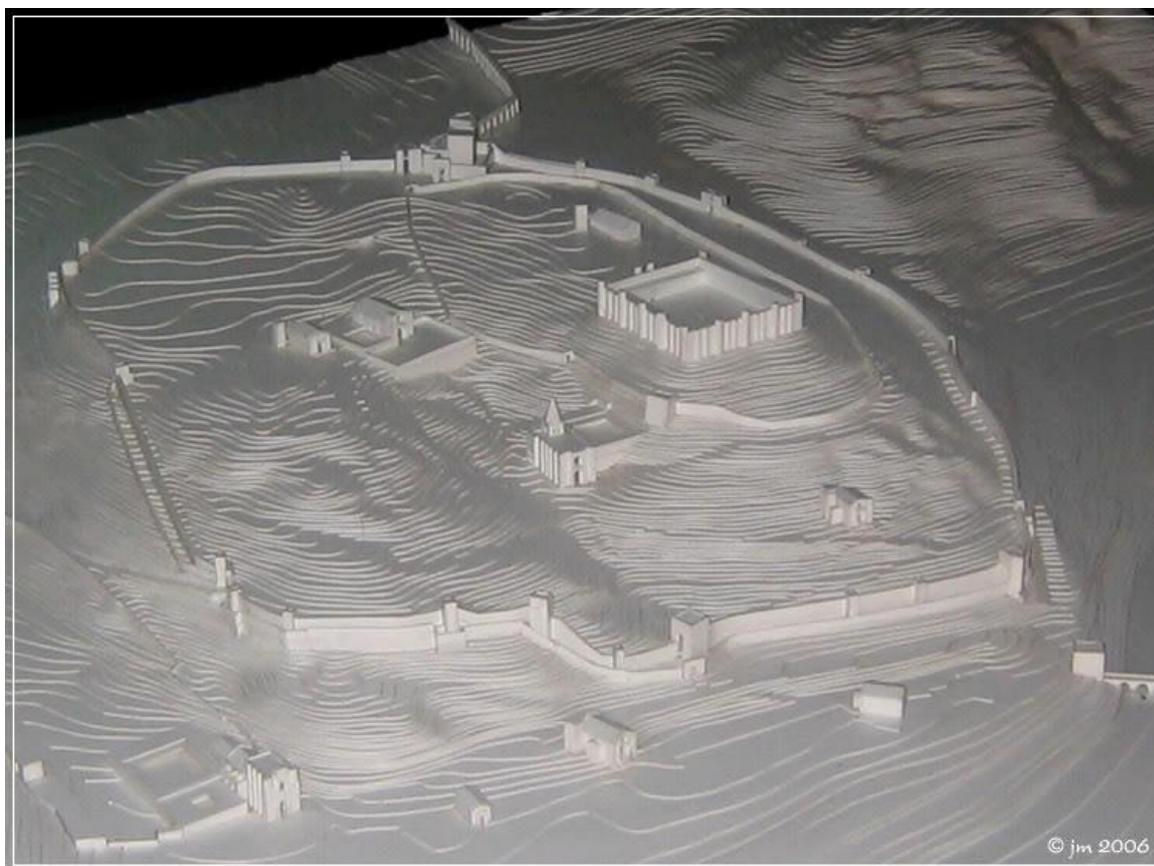


Imagem 7 Maquete do núcleo da cidade muralhada

bordejam o rio. O arrabalde comercial, coevo da época românica, estrutura-se ao longo da parte exterior da muralha, decidindo corajosamente enfrentar o aluvião e a temperamental subida das águas.”⁸

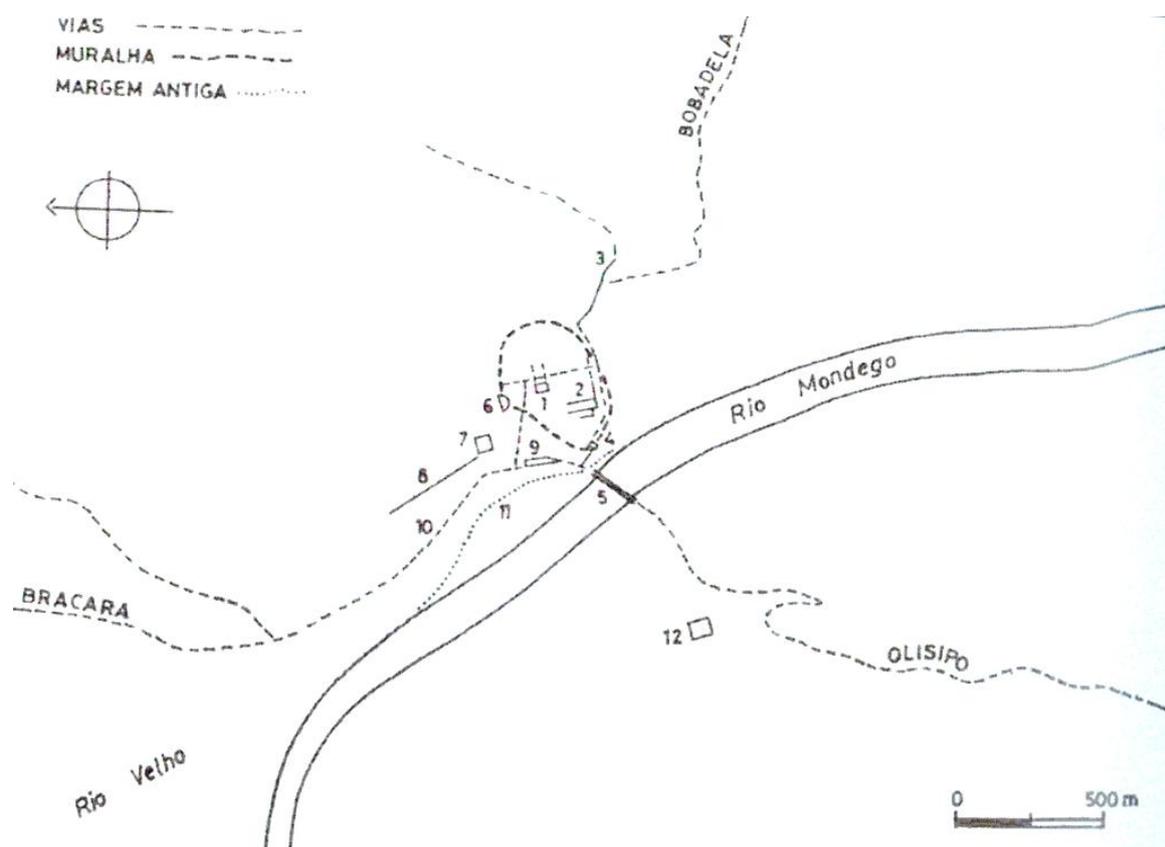
No século XII estavam já reconstruídos os elementos geradores da Baixa, nomeadamente as Igrejas de S. Bartolomeu, S. Tiago e Santa Justa, bem como a Porta de Almedina. Todos articulados pela estrada norte-sul, ancorando-se na ponte sobre o Mondego, esta mandada edificar por D. Afonso Henriques. A sua posição estratégica, situada à beira rio e junto da estrada romana, encontrava estímulos para um rápido desenvolvimento, motivado pela facilidade de circulação e pelas condições propícias a actividades mercantis e sociais. Deste modo, a *Olisipo-Bracara-Augusta* fomentou o processo de assentamento e aglomeração do sistema urbano nacional.

Com o início do Mosteiro de Santa Cruz, em 1131, torna-se relevante o seu papel para o desenvolvimento da Baixa. O Mosteiro cedo promoveu uma operação de urbanização entre si e o rio, num primeiro núcleo rural em torno da primitiva Igreja de Santa Justa a norte e a extensão da Alta a sul e ainda com a criação de um espaço intermédio, a actual Praça 8 de Maio.⁹

Frente ao mosteiro a malha urbana do Arrabalde iria ser estruturada segundo uma morfologia mais ordenada, devido às obras de reestruturação na praça no século XVI, apresentando uma regularidade cadastral e uma clareza de desígnio que não encontrava correspondência na sua extensão imediatamente a poente, na direcção do rio. Nessa zona o desenvolvimento foi mais lento e tardio, bem como de menor racionalidade urbanística. Nas proximidades das igrejas paroquiais a malha revelou-se mais orgânica, as aglomerações geraram-se em torno das igrejas permitindo a consolidação das primeiras ruas que demandaram o rio, e despontando o surgimento de uma tipologia urbana composta por terreiros e adros, propícios a trocas, encontros e manifestações culturais e religiosas. Os limites que definiam o fim das construções e o início dos campos, que seguiam até ao rio por azinhagas, eram incertos, provavelmente não passariam do limite do antigo porto fluvial.

⁸ JORGE, Filipe; BANDEIRINHA, José António – **Coimbra Vista do Céu**. Coimbra, ARGUMENTUM, Edições Lda, Dezembro de 2003. p. 24

⁹ Coimbra Viva: SRU Sociedade de Reabilitação Urbana, SA – Documento Estratégico para a 1ª Unidade de Intervenção na Cidade de Coimbra. [Março de 2007] p. 10



115 Interpretação do fotograma USAF 1958 nº 237: 1 criptopórtico; 2 Universidade; 3 aqueduto; 4 local do Arco da Estrela ou Arco de Belcouce; 5 local da ponte antiga; 6 teatro romano (?); 7 Santa Cruz; 8 Rua da Sofia; 9 Praça Velha; 10 Arnado; 11 zona portuária (?); 12 Santa Clara.

Imagem 8 Coimbra, Esboceto de Vasco Mantas, 1992

A jusante da ponte ficaria o Cais Velho e próximo dele, as Alcaçarias, junto à actual Rua do Sargento-Mor. Perto da Igreja de S. Tiago terá crescido a actual Rua Ferreira Borges, cujas casas se encontravam encostadas à colina e se estendiam para além da Porta de Almedina. A sua proximidade ao espaço comercial intramuros permitiu que esta rua desenvolvesse desde cedo o seu carácter comercial. Este espaço recebia também a Rua da Judiaria, actual Rua do Corpo de Deus, e originava o eixo que partia das Escadas de S. Tiago, passava pela Rua Adelino Veiga e continuava até ao rio.

Entretanto surge um segundo grupo de casas, junto ao Mosteiro de Santa Cruz. A importância dada ao Mosteiro e o conseqüente advento do arrabalde possibilitou o rápido preenchimento do espaço entre estes dois núcleos de casas. Esta é possivelmente a explicação para a formação de duas das mais importantes ruas da Baixa, a Rua dos Francos e a Rua de Coruche¹⁰.

Nos finais do século XIII outras ruas partiam do Terreiro de Santa Cruz, a Rua da Moeda, a actual Rua da Louça, e a actual Rua Direita. A Rua do Corvo, que hoje se estende até ao Largo da Maracha, foi inicialmente construída por dois segmentos diferentes, tomando a forma actual no século XVIII. O primeiro troço correspondia, no século XV, à Rua dos Sapateiros, que se prolongava até ao Terreiro, e o segundo era considerado a partir do Largo do Poço.

Entretanto, foi fundado, em 1227, o Convento de S. Domingos no lugar da Figueira Velha, sendo posteriormente reinstalado na Rua da Sofia, no século XVI, devido às cheias. A nascente da sua cerca passava a via norte-sul que desde logo passou a chamar-se de Rua da Figueira Velha e ligava o convento à Rua dos Caldeireiros e por sua vez estendia-se até Santa Cruz. Deste período é também o início da formalização da actual Praça Velha, cujo processo se prolongou pela primeira dinastia. Só mais tarde é que esta praça veria conformada a sua frente poente e seria referida enquanto tal, irradiando dela a malha urbana de cariz mais orgânico da Baixa.

As dinâmicas comerciais urbanas a par com o nascimento da burguesia mercantil, bem como, o facto de a Almedina não poder comportar o progressivo incremento das actividades

¹⁰ Embora actualmente sejam lidas como um único eixo, percebe-se na planta de 1845, antes do alargamento da Rua de Coruche (1860), os dois segmentos distintos. O facto de possuir dois nomes lança a hipótese de se tratar de segmentos diferenciados, que terão crescido espontaneamente a partir de núcleos distintos. O primeiro documento que faz referência à Rua Ferreira Borges data de 1191, como Rua dos Francos. A Rua Visconde da Luz é referenciada em 1204, como Rua de Coruche.

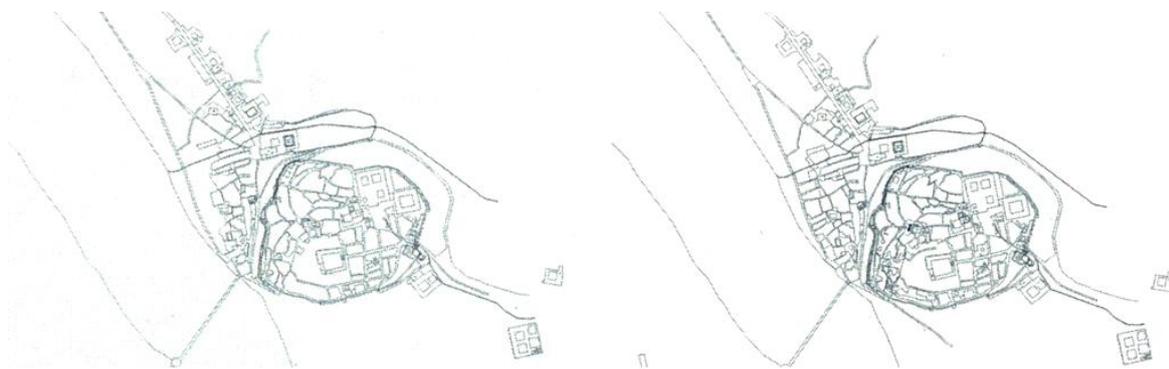


Imagem 9 Planta dos séculos XIV-XV e Planta do século XVI

comerciais e a possibilidade de o Arrabalde estar sujeito a menores taxas de fiscalização, permitiram, a partir desta época, a conformação dos principais sistemas urbanísticos do Arrabalde, proporcionando a definição dos pólos centrais geradores do seu posterior desenvolvimento. Até então, a via norte-sul, constituía-se o limite poente da cidade. A expansão do Arrabalde implicaria, assim, a perda da antiga via romana a favor de eixos de sentido leste-oeste, os quais induziriam uma ocupação em quarteirões alongados, orientados na perpendicular ao rio.

*“Com a reconquista da linha do Tejo, Coimbra perde a importância da sua posição estratégica e a capital é transferida para Lisboa”*¹¹. Na transição da Idade Média para a Moderna, o centro de Coimbra desloca-se para a Baixa. Durante o século XIV o abandono da população da Almedina toma tais proporções que para travar essa situação D. Fernando concede, em 1334, uma série de privilégios aos seus moradores. Porém, nem estas medidas impediram os habitantes de abandonar as muralhas na procura do campo e dos negócios.

A relação bipolar entre o Arrabalde e a Almedina consolida-se neste período. O Arrabalde constituía o local dos negociantes, dos artificies, dos agricultores e do povo humilde, sendo aqui que se reflectia a vida cidadina, estabeleciam as transacções comerciais, realizavam os trabalhos diários e onde, todas as manhãs, a população acorria à praça. Correspondia ao epicentro do comércio e da vida urbana de Coimbra, fruto da prosperidade de uma emergente classe social, a burguesia.

Em 1502 a fisionomia da cidade viria a ser contrariada por uma reforma no território promovida por D. Manuel. Com o intuito de promover a cidade ao Mundo, propôs a realização de algumas intervenções pontuais de renovação de alguns conjuntos monumentais, como o Paço e o Mosteiro de Santa Cruz, as obras de normalização e contenção das margens do rio e a inserção de novos equipamentos, como o Hospital Real.

Inicia-se, em 1513, a reconstrução a ponte afonsina, substituindo a anterior que ameaçava ruir. Tratava-se de uma das mais importantes obras públicas da cidade, assumindo um papel

¹¹ ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – *A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano*. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. p. 12



Imagem 10 Fotografia das Cheias na Praça 8 de Maio

fundamental no desenvolvimento local. Outros melhoramentos foram realizados na entrada da cidade, como o arranjo do rossio da Portagem e a pavimentação da Rua da Calçada.

Durante várias décadas o rio permaneceu um entrave à consolidação do Arrabalde. Desde os finais do século XIV que o rio ia subindo o seu leito, devido ao depósito de areias que eram transportadas pelas chuvas. No início do século XVI, chegava ao plano onde estava edificada a maioria da cidade baixa, mesmo até à actual Praça 8 de Maio. A chuva ao precipitar na zona baixa acumulava-se à água do rio, sem escoamento suficiente, permaneciam aí provocando a destruição das casas térreas e das ruas. Foram realizadas várias tentativas para a estruturação das margens, contudo nunca foram totalmente bem-sucedidas. Em 1518 realizou-se a construção de um cais, voltando a ser reconstruído em 1640. As obras revelaram-se uma constante ao longo dos tempos, contudo, face ao crescimento das actividades portuárias, as frentes ribeirinhas constituíam lugares de trabalho, pouco relevantes para o espaço público da cidade.

Em 1522 é referenciada a abertura de uma rua nova que levava às Tanoarias, possivelmente a actual Rua da Sota, na continuação da Rua da Madalena¹². Esta última aparece referenciada pela primeira vez em 1528, mas já anteriormente é sugerida como um lugar, possivelmente relacionado com a igreja que se localizou na extremidade norte. Segundo Sandra Almeida, é possível que a rua nova continuasse do Largo das Tanoarias até à dita igreja, formando a Rua da Madalena.¹³ Esta rua constituía a linha divisória entre a cidade e o rio. Nela concorriam as ruas que cresciam espontaneamente entre muros e casas.

Em 1536, sob a orientação do frade Frei Brás de Braga, inicia-se a construção da Rua da Sofia, o suporte físico dos colégios que faziam parte do plano de D. João III para instalar o ensino universitário na cidade. Seria a instalação da Universidade a determinar o desenvolvimento urbano da cidade. Assumir-se-ia como factor de desenvolvimento da Baixa enquanto eixo viário e suporte de edifícios singulares. Posteriormente a Rua da Sofia mostrar-se-ia insuficiente para o desenvolvimento da Universidade, sendo depois definitivamente localizada na Alta. Deste modo,

¹² Sobre esta rua viria a assentar a Rua Fernão de Magalhães.

¹³ ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – *A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano*. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. p. 13

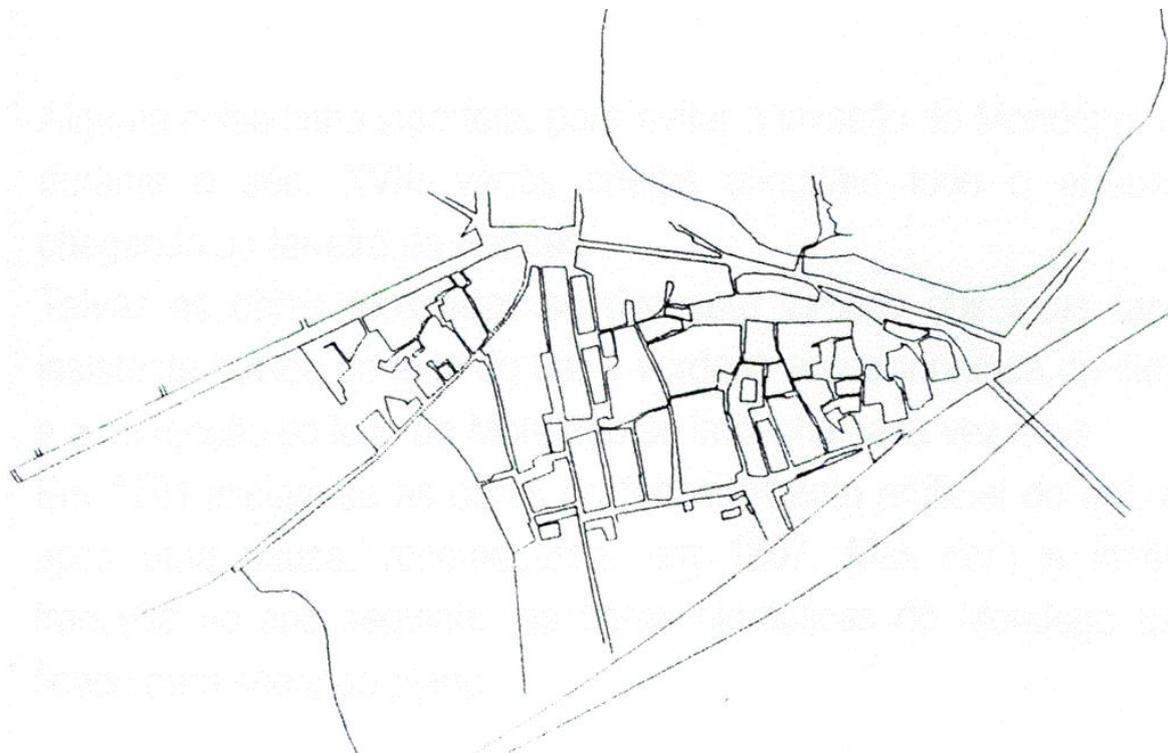


Imagem 11 Planta da cidade baixa nos finais do século XVI

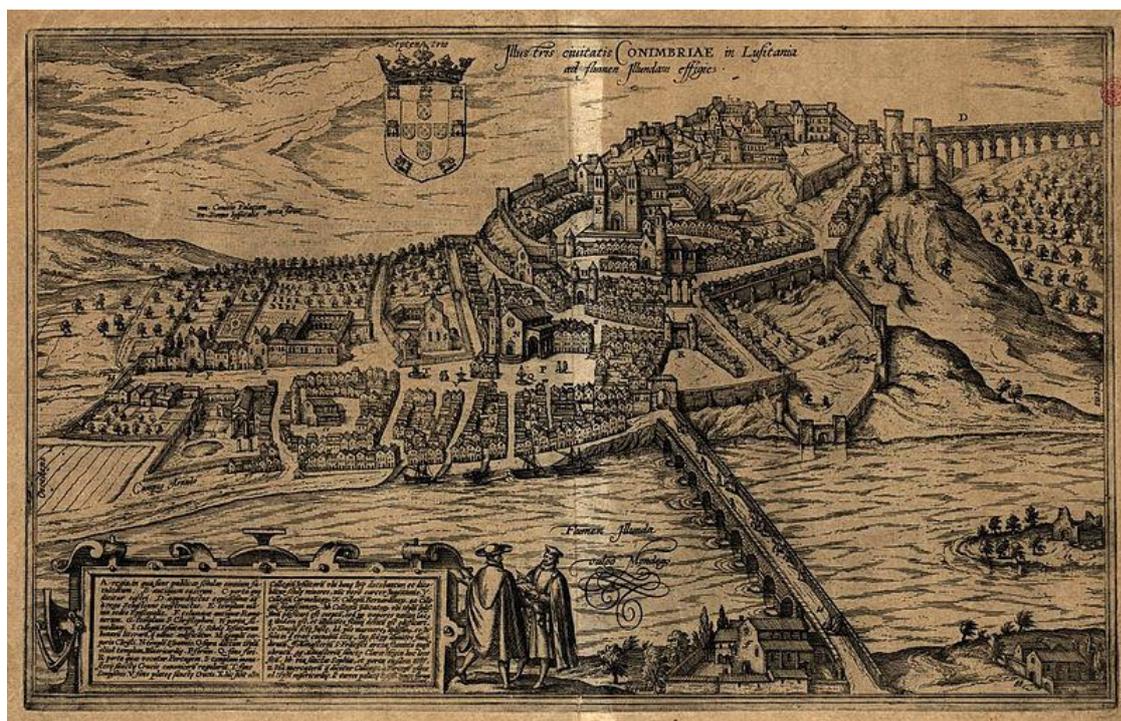


Imagem 12 Vista de Coimbra realizada por Georg Hoefnagel em 1566

Coimbra recebia uma dualidade, na topografia e no acomodar dos moradores. Na Almedina residiam os estudantes e os familiares do paço episcopal, enquanto no Arrabalde residiam o povo, os oficiais mecânicos e os burgueses dados ao comércio.

A par destas obras e por iniciativa do reformador do Mosteiro de Santa Cruz, regularizou-se o Terreiro de Sansão, actual Praça 8 de Maio. Regularizou-se ainda, o largo fronteiro aos colégios de Todos-os-Santos e de S. Miguel, as ruas de Montarroio, das Figueirinhas e a actual Olímpio Nicolau Fernandes. A primeira planta deste largo é de 1796, desenhado por Carlos Magne, de onde irradiam oito ruas. A elevação deste largo ficou a dever-se às sucessivas cheias que a cidade baixa sofria.

Entretanto, a Praça de S. Bartolomeu, balizada pelas igrejas de S. Bartolomeu e S. Tiago, recebe a construção do Hospital Real, o Paço dos Tabeliães e a Casa dos Vinte e Quatro. Detentora de uma forma alongada e dotada de uma condição central no tecido urbano da Baixa passa a receber o mercado que inicialmente se realizava na Alta. A praça era agora o espaço central da cidade, uma área plana de fácil acesso, localizada próximo da principal porta da cidade e da zona ribeirinha. No século XIX, o mercado D. Pedro V é inaugurado e a praça recebe a conotação de Praça Velha.

*“Em cerca de duas décadas a cidade viu multiplicar por cerca de sete o número dos seus habitantes, o que nos dá uma boa ideia do impacto urbano que a medida teve e a pressão que exerceu sobre o seu espaço.”*¹⁴ Com o crescimento da população acresce um aumento do número de construções ao longo das ruas existentes e o conseqüente desenvolvimento de novos núcleos urbanos, na expansão da própria Baixa.

No final do século XVI a zona urbana crescera e redefinira-se, mantendo-se assim até ao final do século XIX. As novas zonas ocupadas situavam-se entre o rio e a Rua da Sofia. A Baixa desenvolvendo-se numa zona plana, viu no rio a sua forma de vida, mas também a dificuldade para

¹⁴ ROSSA, Walter – Coimbra como território. *ECDJ*, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 8



Imagem 13 Gravura da cidade de Coimbra feita por Pier Maria Baldi, 1669

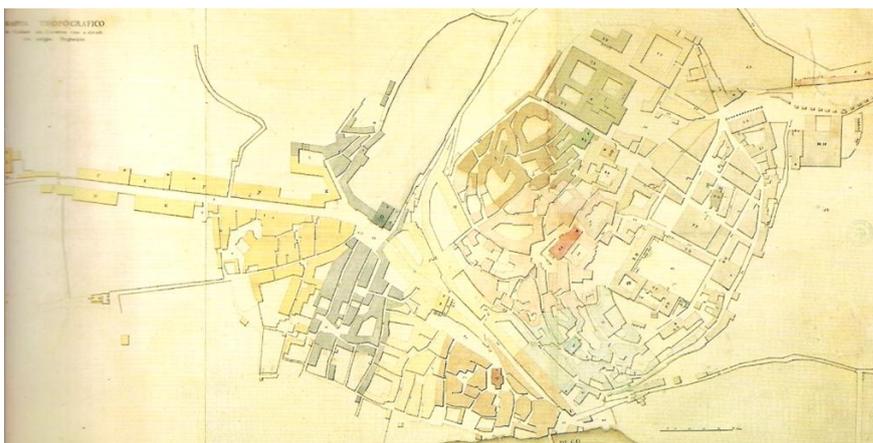


Imagem 14 Mapa topográfico de Coimbra com a divisão das freguesias, séc. XVIII



Imagem 15 Planta do século XVII e Planta do século XVIII

a sua expansão. No decorrer do século XVII, o crescimento foi mais lento, no entanto, a população aumenta progressivamente e invariavelmente. Até ao século XVIII os limites não se alteram, a cidade é alvo de construções pontuais e algumas de maior vulto. Na planta topográfica do século XIX, a cidade mantinha-se pequena, revelando duas realidades físicas, a zona construída e a rural. A fronteira da cidade era ainda definida pelo limite das muralhas, a Alta possuía um carácter residencial e universitário e a Baixa concentrava a produção industrial e o comércio, estendendo-se para norte da Rua da Sofia, com a reconstrução da Igreja de Santa Justa, em 1710. Esta distinção perdurou até ao século XX, evidenciando-se ainda hoje na morfologia da Baixa.

Na segunda metade de oitocentos inicia-se a conquista pela implementação de algumas infraestruturas urbanas fundamentais. Nesta altura acentuam-se melhorias significativas no sistema de comunicação com a chegada do comboio e a abertura da Rua Visconde da Luz. A Estação Nova, inaugurada em 1815, apesar de constituir um ponto importante para a Baixa, assumiu-se um obstáculo à expansão urbana e comercial da Baixa. As linhas férreas permitem o desenvolvimento da indústria e as fábricas vão-se implantando nos terrenos desocupados na margem direita e ao longo da linha férrea.

No século XIX verificam-se algumas modificações no Largo da Portagem e na zona envolvente. São realizadas obras de alargamento e alteamento com a intenção de regularização da zona, procede-se à construção de um dique, de uma nova ponte e a regularização das margens do rio, potenciando a sua apropriação pela cidade. A sua regularização permitiu, no final do século, a abertura da Avenida Navarro e a criação do parque da cidade. Inicia-se, ainda, a discussão sobre a introdução do abastecimento de águas e saneamento e os trabalhos para a construção destas redes.

É ainda projectada a maior expansão da cidade, com a urbanização da Quinta de Santa Cruz e da Avenida Sá da Bandeira, definindo as directrizes do crescimento dos novos eixos viários, que proporcionaram a expansão da cidade noutras direcções, e permitiu a ligação entre a baixa e a alta. A partir deste século o crescimento urbano acentua-se e a população vê o seu número aumentar. Neste momento a malha quinhentista rompe com os tradicionais limites e espalha-se por zonas antes desabitadas.



Imagem 16 Planta topográfica da Baixa de Coimbra, 1873/74



Imagem 17 Planta século XIX e Planta do século XX

No início do século XX a Baixa encontrava-se definida pelas ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz, Sofia, Gasómetro e pelo muro de separação entre a cidade e o rio. A Rua do Gasómetro estabelecia o limite norte da zona urbanizada, mantendo-se no entanto, a parte central dos campos pantanosos do Arnado desocupados. A zona poente da Rua da Madalena aparecia pontuada por edifícios industriais e com a estação do caminho-de-ferro. Por sua vez, a Avenida Navarro, prolongava-se até à estação, e aí estrangulava para dar lugar à estreita marginal que corre entre o muro do cais e a linha do comboio. Gradualmente, partindo do espaço intra-muros e do Arrabalde, Coimbra começa a estender-se a outras zonas. A cidade passa a ser construída, então, pelos burgos que a rodeavam, com novas ruas e arruamentos a interliga-los, desenvolvendo-se em círculo, contornando os primeiros centros. Só com a extinção das ordens religiosas, com os avanços da industrialização e o desenvolvimento da pequena burguesia é que a cidade vai experimentar alguma expansão e crescimento urbanístico, tecnológico e económico.

Com a expansão natural da cidade e da sua periferia, a cidade consolidada, particularmente a Baixa, assiste a uma evidente degradação física e social. No final do Século XIX e início do seguinte, a população encarava a cidade como um espaço a reformar. No intuito da requalificação do tecido urbano, sustentavam a necessidade da defesa da sanidade, da circulação, da dignidade e do progresso.

Após uma primeira tentativa vã de organizar um plano de melhoramentos para a Baixa em 1865, seguem-se uma série de iniciativas a partir da década de noventa. Em 1891, o engenheiro Góis encarregou-se de realizar a abertura de três ruas comunicando com a Estação Nova do caminho-de-ferro, seguidamente sucedem-se os projectos de Abel Urbano (1919-1928), de Luís Benavente (1936), de Étienne de Groër (1940), de Antão de Almeida Garrett (1955), de Alberto Pessoa (1956) e dos Serviços de Obras e Urbanização da Câmara (1971-1973).

As propostas remetiam, em grande parte, para alterações que assentavam no prolongamento da Avenida da Sá da Bandeira até ao rio, na demolição de uma parte da malha urbana medieval, definindo um traçado menos denso e mais axial, e a consequente construção de uma cidade nova. Contudo, a maioria destes planos acabaram por se revelar inúteis. Embora uns



Imagem 18 Pormenor da planta topográfica da cidade de Coimbra, José Baptista Lopes, 1932/1934

casos com maior amplitude do que outros, a intenção de efectuar demolições na Baixa e a necessidade de articular a estação ferroviária e a margem do Mondego com a Praça 8 de Maio ou as suas proximidades, através da denominada Avenida Central, esteve sempre presente. A ideia é de tal modo recorrente que se manteve como denominador comum em todos os planos e projectos.

No entanto, a ponderação realista da situação económica e a crescente valorização dos centros históricos urbanos reduziu a intensidade das intervenções. Na década de sessenta realizam-se vários estudos como alternativa à Avenida Central e de forma a cessar com as demolições. Segue-se a proposta de Januário Godinho (1970), o plano de Costa Lobo (1971-1973) e o estudo de Fernando Távora (1992).

Segundo Walter Rossa, os sucessos e insucessos do planeamento de Coimbra na segunda metade do século passado podem-se explicar pela forma como as propostas se interpretaram no território. Como em qualquer cidade, em Coimbra não há novos territórios, mas uma contínua sucessão de oportunidades. A história da cidade deve ajudar na interpretação que é necessário integrar para as decisões de projecto e de desenho.¹⁵

Neste sentido o território deve ser entendido como uma estrutura construída, encarado como um recurso e não como um impasse ao desenvolvimento urbano e cultural, e a sua história como um elemento de identidade que identifica esse mesmo território.

¹⁵ ROSSA, Walter – Coimbra como território. *ECDJ, nº6/7*. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 11

1.2 A CASA CORRENTE EM COIMBRA

Da Época Medieval ao século XX

Para compreender a realidade da Casa Corrente na Baixa de Coimbra, é importante assimilar os factores que se encontram na base da sua evolução, conhecendo a forma como o Homem, ao longo da história, habitou a casa e o espaço urbano que a envolve.

A Casa, enquanto elemento isolado, corresponde a um produto do homem, um facto de cultura, e é nas suas leis da sua criação cultural que se deve procurar a sua razão de ser. O seu propósito achar-se-á na própria história, geografia, economia, cultura, influências, bem como nas componentes sociais e conceitos de família, *status* económico e social, tradição ou talvez no próprio gosto pessoal.

Portanto, a Casa não é uma caixa inerte, o espaço habitado vai muito além da sua simples representação geométrica. Como todos os elementos culturais, está sujeita a uma evolução e transformação, seja pela acção de novos factores exteriores, influências e difusões, seja mesmo pela acção de uma dinâmica interna, reflexos de mutações gerais, invenções pessoais ou de um grupo.

Segundo Ernesto Oliveira e Fernando Galhano, ao longo dos tempos foram surgindo modificações, que se enxertaram nas formas primitivas, e que traduzem uma melhoria ou economia da construção, o seu melhor ajustamento às circunstâncias, a progressiva ascensão social e técnica, geral e individual, a evolução da sociedade e a satisfação de sentimentos estéticos. Assim, por entre o passar do tempo, descobrem-se os esforços compreendidos para acrescentar, renovar, conservar e por vezes até na destruição do próprio património que, consoante cada um, se acrescente, se conserva ou se dilui.¹⁶

¹⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando – **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1992. p. 367

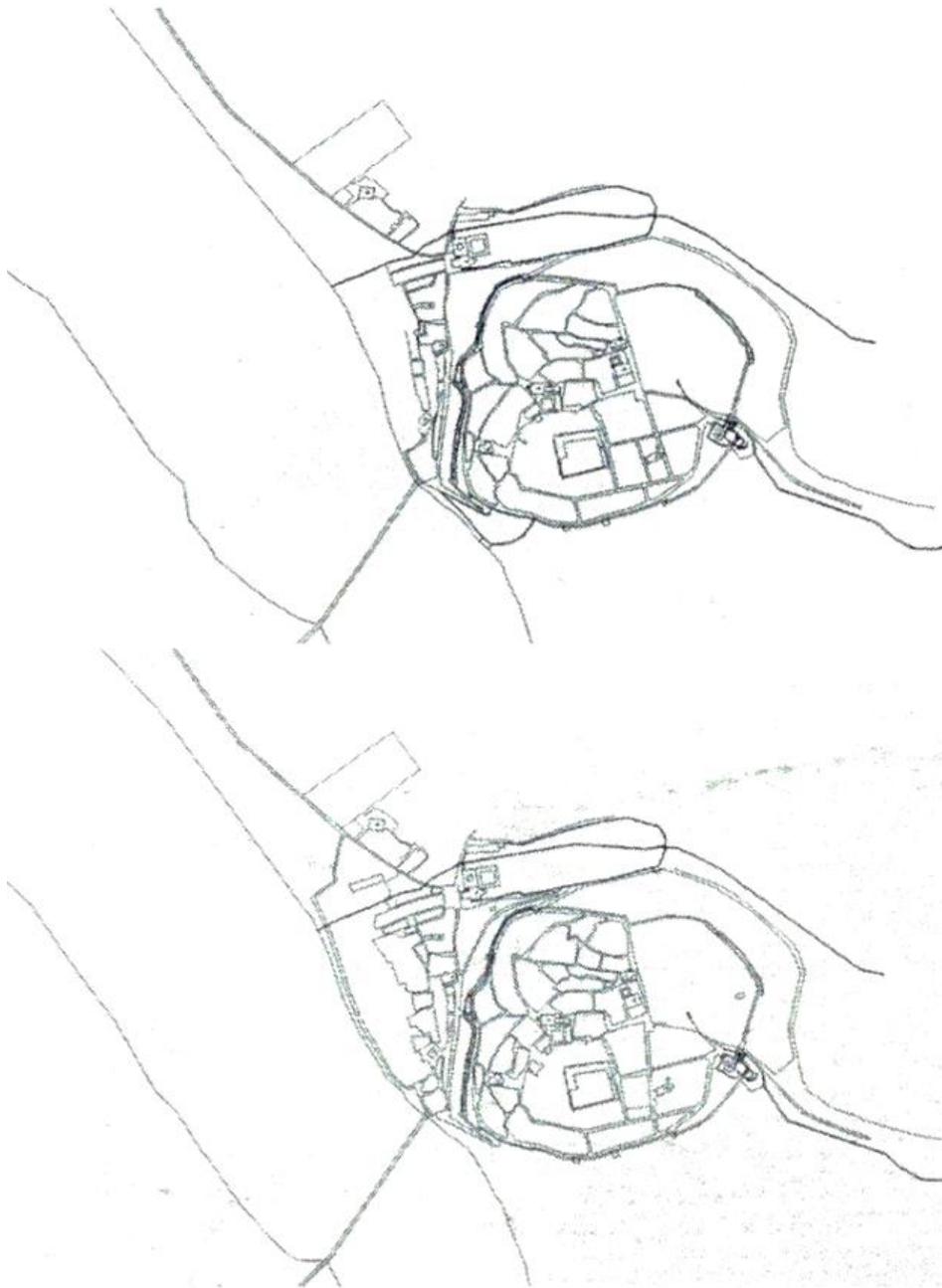


Imagem 19 Primeiras implantações da Casa Corrente em Coimbra, Plantas dos séculos XII e XIII

Deste modo, o homem altera o espaço onde habita. A imagem da casa, ao longo dos séculos, altera-se, vai-se reformulando, passando entre gerações. A população passa, enquanto os edifícios mantêm-se.

Segundo José Capela, a formação dos povoados era de ordem gregária natural, originava-se nas necessidades de cada indivíduo, ou seja, do interesse pessoal em detrimento do interesse geral. Os povoados resultavam da necessidade restrita, vinculada a um homem e não numa rebusca funcional ou estética preconcebida.¹⁷

Como vimos anteriormente, a implantação da população na Baixa de Coimbra começa por emergir com pequenos focos de povoamento em torno dos primeiros templos cristãos, nomeadamente as primitivas versões das igrejas de S. Bartolomeu, S. Tiago e Santa Justa, a partir dos séculos V ou VI. Porém, só no século XII, após terem cessado as invasões muçulmanas e com a reconstrução das mesmas igrejas e a construção do Mosteiro de Santa Cruz, o então Arrabalde inicia a sua história enquanto povoado.

Na Época Medieval a população, no Arrabalde, dá início ao seu assentamento e à construção da Casa Corrente. Contudo, por toda a cidade a Casa definia-se enquanto arquitectura doméstica e era o local onde residia todo um escalão intermédio da sociedade. Desta forma, a Casa Corrente constituía a moradia de grande parte da sociedade. Era o local onde residia o pequeno comerciante, o carpinteiro, o ferreiro mas também a camada superior do terceiro Estado, nomeadamente mercadores e detentores de cargos públicos, régios ou concelhios. *“A casa em que cada um deles habitava era o reflexo do seu nível social, das suas possibilidades materiais, do seu labor quotidiano, da sua cultura. Ao carácter heterogéneo do grupo correspondia, por isso, a enorme variedade de formas e características que a habitação assumia.”*¹⁸

Os registos das dimensões das propriedades habitacionais na Época Medieval em Coimbra tiveram o seu início no reinado de D. Manuel, em tombos e contractos. Nomeadamente, o Tombo

¹⁷ CAPELA, José – *Casas do Porto (Século XIV ao XIX)*. Porto, Eduções Maranus, 1961. p. 28

¹⁸ TRINDADE, Luisa – *A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna*. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 11

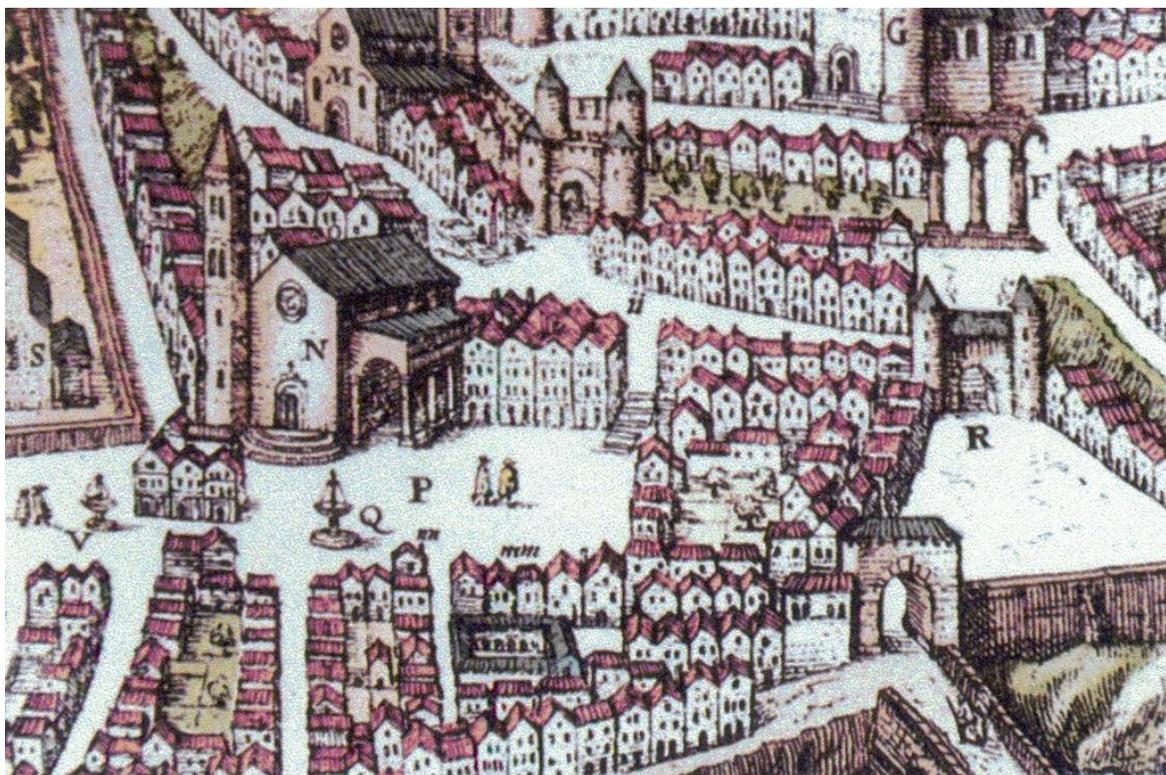


Imagem 20 Pormenor da gravura de Coimbra, G. Braun / G. Hoefnagel, Colónia, 1572

Antigo da Câmara de Coimbra que tratava do inventário dos bens, rendas e foros do concelho, ordenado por previsão de D. João III, em 1529. Anteriormente aos finais do século XV, essa documentação era bastante insuficiente, porém não foi inexistente, em 1395 D. João I ordenou que se elaborasse o Almojarifado de Coimbra, como forma de registar todos os rendimentos que a coroa detinha.

Segundo essa documentação, na ocupação do espaço urbano, o lote medieval, na sua maioria, tendia a ser rectangular, estreito e alongado, alinhando-se em filas compactas. Porém a sua disposição variava no alçado que confinava com a rua, por vezes era a parte mais extensa, noutras a mais estreita, esta última determinada para permitir um melhor aproveitamento do espaço urbano e do custo do solo, mais elevado junto às vias de circulação. Desta forma, nas zonas de maior centralidade as fachadas tendiam a ser mais estreitas e assumir o carácter de corredor. O inverso acontecia na periferia ou em artérias secundárias, o lote profundo era menos frequente, embora prevalecesse o formato rectangular. No entanto, também se encontravam lotes de formato quadrangular ou irregular. Este último encontrava-se associado a uma implantação de esquina ou gaveto e que pode ser explicado pelo predomínio da via pública sobre o espaço privado.

Em termos de área construída, a largura do lote mantinha-se, com a fachada a ocupar toda a frente, porém o mesmo não sucedia ao comprimento, em certos casos a parte posterior era frequentemente preenchida por quintais. Esses espaços destinavam-se ao cultivo de produtos hortícolas, plantação de árvores de fruto ou para a criação de animais, aí localizava-se o poço e vários anexos. Asseguravam a subsistência quotidiana do homem urbano, tornando-se fundamentais em épocas de escassez. Os quintais existiam por toda a cidade, mesmo nas zonas de maior centralidade, onde o solo era considerado um bem escasso e precioso. Podiam assumir dimensões variadas e exceder mesmo a área residencial. Desta forma a cidade percepcionava duas imagens distintas, caminhando pela rua sentia-se a densidade da construção, alinhada pela agregação das habitações, contudo, o miolo do quarteirão revelava-se enquanto um espaço não edificado. Só após o século XIX é que este cenário se altera, com o desenvolvimento da *desruralização* da cidade.

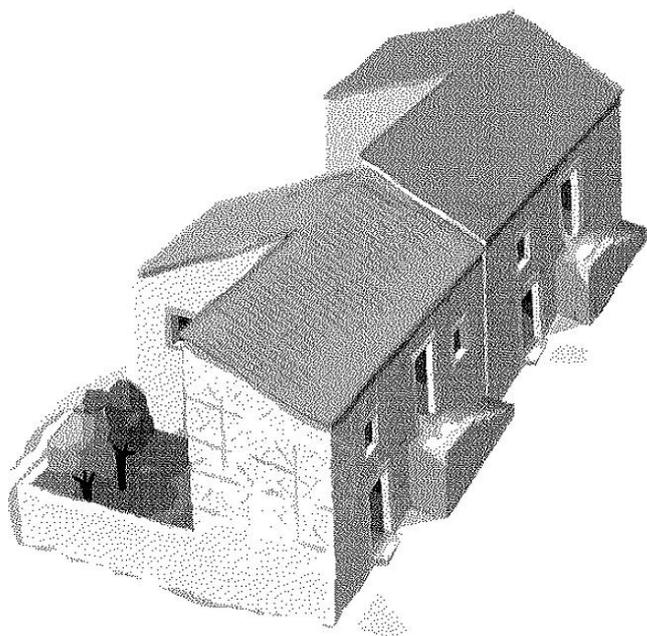


Imagem 21 Representação da casa medieval

A casa assume a morfologia do lote. Condicionada pelas dimensões onde se insere, geralmente exíguas, revela um formato maioritariamente alongado.¹⁹ A fachada é predominantemente estreita, com dimensões que variam entre dois 2,5 e os 6 metros. O comprimento é regra geral duas vezes superior à largura, podendo nalguns casos ser superior, daí o seu formato rectangular. O interior da casa medieval, normalmente de duas divisões, a câmara ou quarto e a cozinha, era sobretudo plurifuncional, adaptava-se a várias funções. As áreas médias de implantação da moradia principal rondavam os 50, 43m².

São vários os factores que justificam as suas reduzidas dimensões. A disponibilidade financeira representa um dos factores preponderantes, mas também a localização na malha urbana. A muralha, da mesma forma, condiciona a superfície da habitação, o facto de o Arrabalde se situar fora das muralhas permitia uma menor pressão urbanística, ou seja, não havia imposições ao seu crescimento. Por fim, as questões culturais condicionavam as suas dimensões na medida em que o conceito de conforto na Idade Média era uma ideia bastante rudimentar. Com o passar dos tempos este conceito vai evoluindo, contudo, a casa foi durante muito tempo considerada como um local de refúgio contra as intempéries, contras os outros homens, um local para se pernoitar. Correspondia a um espaço destinado a oferecer as funções básicas, compartilhado por todos os membros do agregado familiar e onde a privacidade não era valorizada. Mesmo as habitações da população mais endinheirada eram reduzidas. O verdadeiro sinal de riqueza depreendia-se das dependências anexas, o facto de se possuir mais bens correspondia num número maior de divisões, no entanto, apesar de numerosos eram simples.

Para contornar as suas dimensões, principalmente a partir do século XV, recorria-se ao assentamento de casas, correspondendo na junção de várias habitações ou na sobreposição de andares. Na Europa a sobreposição de pisos surgiu como resposta ao crescimento das cidades. Contudo, em Portugal esta posição não é certa. Uma hipótese para este facto pode ser relacionada com as influências culturais vindas do Norte da Europa e que se faziam sentir pelo país.

¹⁹ No Tombo Velho do Hospital Real, de 1504, bem como os dados do Tombo Antigo da Câmara, de 1532, apontam claramente para uma maioria de casas rectangulares. A ratio largura/comprimento é no primeiro caso de 1/1,9, aumentando no segundo para 1/2,5. A dimensão de fachada que ocorre mais frequentemente ronda, em ambos os casos, os 4,5 metros. Em *idem*. p. 32

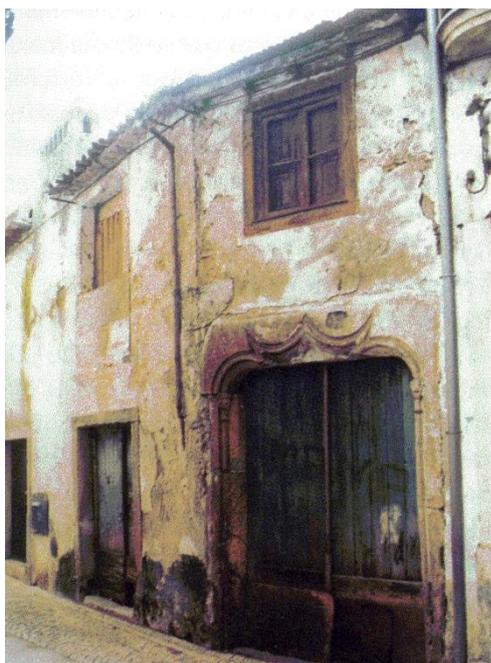


Imagem 22 Coimbra, Travessa da Rua Velha

Em Coimbra, o número médio de pisos da Casa Corrente consistia em dois por habitação. Esta casa correspondia ao rés-do-chão e primeiro andar, que a documentação medieval denomina de sótão ou loja e sobrado. Contudo, as sobreposições podiam chegar a atingir os três ou quatro andares nas zonas de maior centralidade. O poder atractivo dos centros económicos e a decisão político-administrativa, a que se alia o prestígio social constituíam os factores que determinaram uma maior procura do solo e o seu encarecimento. Desta forma o solo tornara-se mais caro e mais escasso, sendo necessário rentabilizá-lo sobrepondo um ou mais pisos aos existentes. Nas zonas secundárias, onde o congestionamento é menor, acontecia o inverso, as casas mantinham o mesmo número de pisos. A casa corrente determinava, ainda, um diminuto pé-direito, uma medida que seria posteriormente alterada.

Na caracterização do exterior, a Casa Corrente era uma arquitectura de soluções pobres, sem grandes particularidades. De concepção simples e de carácter funcional, era raro surgir pormenores decorativos, apareciam sobretudo para envolver janelas ou o portal, indicando uma época, algum poder económico ou estatuto social. A porta ou portal era frequentemente a única abertura do piso térreo, sempre reforçada, pois a preocupação com a segurança era uma constante na Época Medieval. A presença de mais portais permitia que os acessos aos vários andares se fizessem independentes, permitindo, assim, preservar o espaço doméstico. Deste modo, um dos portais dava acesso ao piso térreo e o outro acedia aos sobrados. Por vezes o número de portais devia-se também a uma maior largueza do espaço, bem como ao poder económico do proprietário, afirmando o seu prestígio social.

Outro elemento comum na casa medieval é o alpendre, normalmente associado ao comércio. Algumas casas sobradadas possuíam uma arcada no piso térreo, onde assentavam parcialmente os pisos superiores, normalmente associado a mercadores ricos e burgueses prósperos. Estes espaços permitiam que as transacções comerciais se realizassem protegidas das condições ambientais mais desfavoráveis. A sua presença regista-se a partir do século XIV, principalmente nas zonas mais movimentadas e nas praças da cidade. Nestes casos os acessos aos pisos superiores faziam-se pelas ruas próximas.

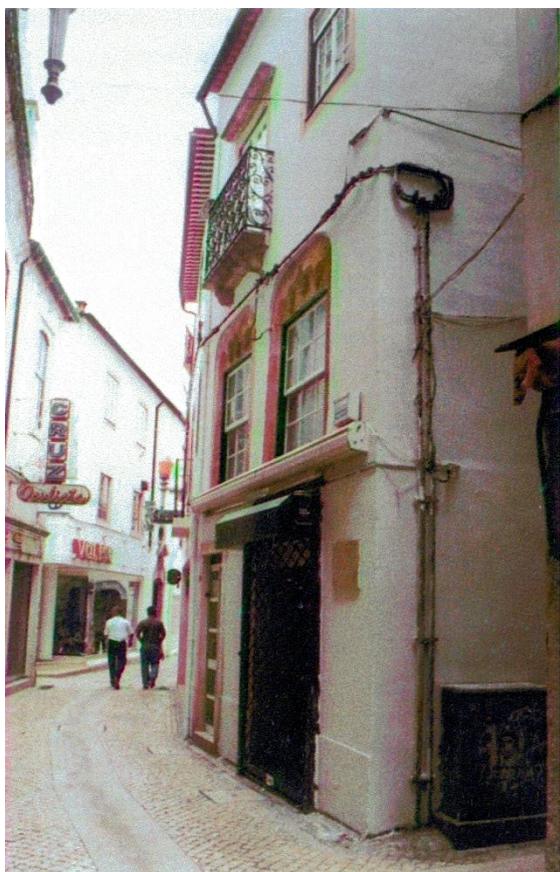


Imagem 23 Casa de origem quinhentista, Rua Adelino Veiga

Os sobrados contrastavam em aberturas com o piso térreo, as janelas rasgavam-se nos pisos superiores contra as empenas praticamente cegas do piso inferior. Possuíam dimensões reduzidas e eram em número limitado, por forma a controlar a temperatura interior, por questões de segurança e como defesa das intempéries.²⁰ O sistema mais utilizado era a portada de madeira, embora também fossem utilizados o tecido, o papel, entre outros. O reduzido número de janelas resultava numa casa pouco arejada, mal iluminada e mal isolada. Porém, as fachadas estreitas e agregadas não permitiam grande margem de manobra na abertura de vãos. Por outro lado, numa sociedade que dependia da rua para actividades quotidianas, trabalho e lazer, o reduzido número de janelas no piso térreo proporcionava uma maior privacidade ao espaço doméstico.

Face às reduzidas áreas das habitações surge uma tendência, que a época moderna tenta corrigir, de tornar as fachadas desalinhadas, projectando vários elementos sobre a rua, conquistando mais uns metros, mas tornando a rua mais estreita e aumentando os riscos de acidentes. Desses elementos destaca-se a adição de sobrados, que levavam a que a fachada delineasse um perfil recortado, as sacadas e os beirados, que a lei permitia que ocupassem até um terço da rua e o uso do passadiço, que tornava a rua mais sombria e difícil de transitar, só podendo ser construídos quando casas fronteiras pertenciam ao mesmo proprietário. No século XVI há um esforço para tornar a rua mais alinhada, evitando as saliências e as reentrâncias, no sentido de não estrangular a via.

Na cobertura, a projecção dos beirados justificava-se enquanto elemento protector da fachada constituída por elementos frágeis. Quanto aos telhados, generaliza-se a telha como elemento fundamental de protecção, a sua disposição podia variar entre cobertura plana, cobertura de uma, duas, três e quatro águas. Os casos mais comuns eram os telhados de uma ou duas águas. Outra característica era a ausência das chaminés. A sua difusão ocorreu nos finais do século XV e início do século XVI nos paços régios e na alta nobreza, contudo, estava ainda pouco presente no século XVI nas habitações correntes. Até então, os fumos faziam-se escoar pelo levantamento de algumas telhas da cobertura.

²⁰ A utilização de vidraças só se verifica, em Portugal, a partir do século XVI, sendo acessível apenas a uma minoria.

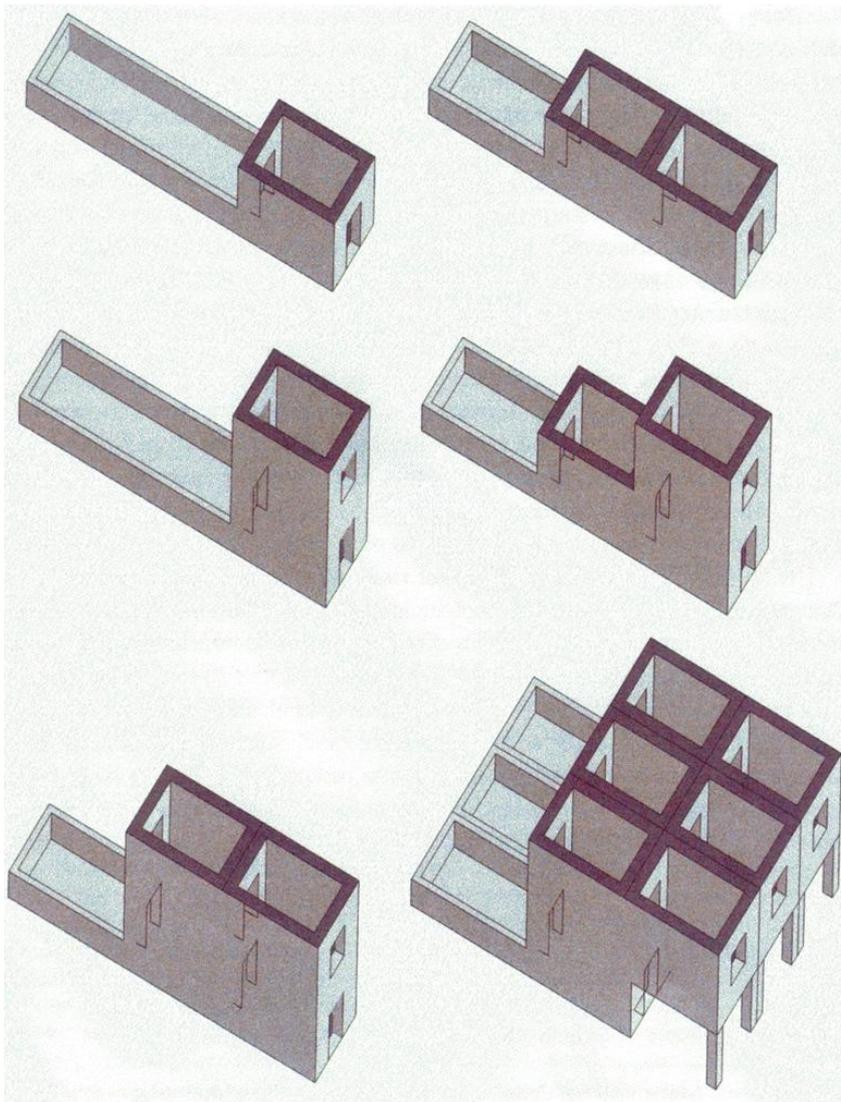


Imagem 24 Representação esquemática das principais tipologias da casa medieval (da esquerda para a direita, de cima para baixo): «casa só»; casa térrea com duas divisões, a casa dianteira e a casa de dentro; casa de sótão e sobrado; casa só parcialmente sobradada ou «meio sobrado»; casa de dois (ou mais) pisos, com duas (ou mais) divisões por piso; casas sobradadas sobre arcos, esteios ou colunas.

Na caracterização do interior, a casa corrente era um espaço fundamentalmente orgânico, concebido como uma agregação de espaços com diferentes funções. Correspondia a uma estrutura extremamente simples, quase rudimentar, com um número limitado de divisões. Em Coimbra esse número médio consistia em uma ou duas por habitação.

No final da Idade Média a casa corrente variava segundo três tipologias comuns, definidas por Manuel Sílvio Alves.²¹ O primeiro tipo, designada de casa, é a habitação de uma única divisão. Era uma casa multifuncional, o seu espaço destinava-se a vários usos. Não havia uma especialização, e por consequência, privacidade. O segundo tipo, designada de casa térrea com duas divisões, é a habitação com um compartimento aberto sobre a rua, denominada de casa dianteira, e outro que podia acesso ao quintal, nas traseiras, denominada de câmara. Aqui havia uma certa especialização. A dianteira, como espaço destinado a uma maior sociabilidade, opunha-se à câmara, destinado ao repouso familiar. Por vezes a actividade profissional ou o espaço de armazenamento decorria na dianteira, deste modo, a habitação retomava o carácter multifuncional da primeira. O terceiro tipo, designado de casa de rés-do-chão e primeiro andar, com uma divisão por piso, é a casa de loja e sobrado. A funcionalidade dos espaços nesta situação assemelha-se à casa do segundo tipo, embora ocorra na vertical.

Quando havia possibilidades económicas, a casa ampliava-se pela adição de uma nova divisão. À medida que o alojamento ia crescendo os compartimentos iam diversificando-se. Contudo, a ideia centrava-se, ainda, nos espaços como parte integrante das habitações, tornando a casa num espaço multifuncional e unicelular. Esses acréscimos originaram duas novas tipologias. O quarto tipo, designada de casa de dois (ou mais) pisos, com duas (ou mais) divisões por piso. Neste caso verifica-se uma maior diferenciação do espaço interno.²² O quinto tipo, designada por casa sobradada armada sobre arcos ou esteios. Estas casas aparecem sempre nas áreas centrais e de maior vocação comercial e detêm uma área superior às tipologias anteriores.

²¹ TRINDADE, Luisa – *A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna*. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 71-74

²² Neste caso é frequente a cozinha encontrar-se no último piso. Esta localização deve-se ao receio do fogo e dos cheiros e para facilitar a extracção dos fumos pela cobertura

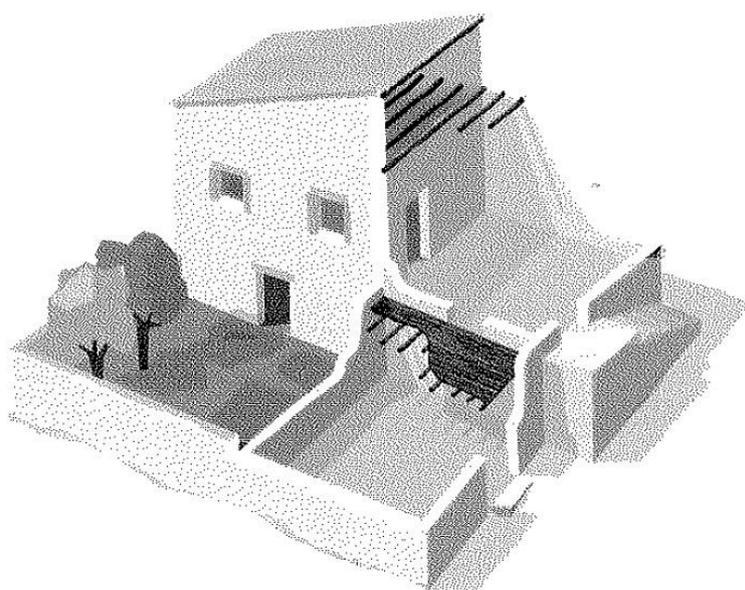


Imagem 25 Representação da casa medieval

Quanto aos materiais, em Coimbra predominaram as construções de pedra e cal, a madeira, o tijolo, o adobe e a telha, elementos tradicionalmente considerados pobres. A madeira era um material generalizável, utilizava-se nas paredes exteriores, nas divisórias interiores, nos sobrados, na guarnição de portas e janelas, em escadas, entre outros. A importância que se dava a este material devia-se à sua facilidade de transporte, preço e ao trabalho pouco exigente da madeira numa construção rudimentar como a casa medieval. Contudo, às vantagens que daí advinham, a precaridade que daí resultava tornava a casa frágil e pouco durável. A madeira resistia mal à acção das águas e à humidade. As fundações recorriam por isso e por razões estruturais à pedra, pedra e cal e ao barro, que se associavam com muros de tijolo, taipa, adobe ou lodo.

A utilização da pedra²³ era preferível a outros materiais mais frágeis porque permitia uma maior longevidade, assim como uma maior eficácia face aos agentes atmosféricos. A sua melhor característica consistia na resistência que oferecia ao fogo, o grande inimigo da cidade medieval. Contudo era um elemento fundamental, o homem medieval dependia do fogo para aquecer, iluminar e confeccionar. Devido aos riscos que implicava, monarcas e vereações aconselharam ou obrigaram a substituição da madeira, por materiais mais seguros. Para além das vantagens referidas, a pedra conferia uma maior nobreza, uma das razões que prevalecia na escolha do material.

A cal tinha também um papel fundamental na construção da casa como aglomerante e enquanto revestimento protector. Quanto à cobertura a telha era o material mais recorrente. Assentava sobre uma estrutura de madeira, regra geral sem forro, ficando a face interior à vista, ainda hoje conhecida por telha vã. Este processo permitia aumentar o vão embora tornasse a casa mais desconfortável. O interior das habitações revelavam a quase ausência de requintes, o pavimento era em terra batida no piso inferior e madeira nos sobrados, as paredes eram caiadas e a telha à vista. Em casas mais endinheiradas conseguia-se, por vezes, um maior nível de conforto revestindo os pavimentos com ladrilhos e lajes, forrando os interiores com cortiça e canas ou com madeiras.

²³ Por vezes a pedra provinha da muralha, os particulares recorriam a ela para a edificação das suas casas, como forma de contornar as dificuldades e custos de extracção, transporte e talhe. Em *idem*. p. 109

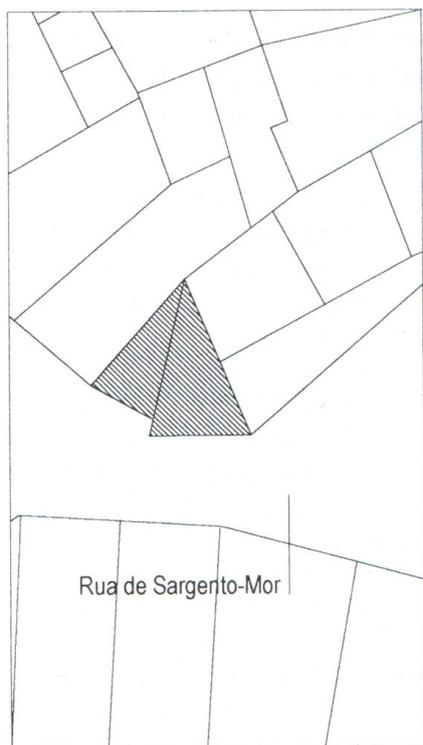


Imagem 26 Casa na Rua de Sargento-Mor

Um caso subsiste ainda hoje na Baixa, uma casa tipicamente medieval, caracterizada pela irregularidade do lote, implantada numa esquina, na confluência da Rua Sargento-Mor, com a Rua dos Gatos e a do Adro de Cima, representada na página anterior. Na sua edificação beneficia-se o pragmatismo em detrimento do supérfluo. Mais comprida do que larga, com a fachada virada à rua e encostada às casas vizinhas ocupa um espaço relativamente pequeno. Corresponde a uma casa de sótão e sobrado, a loja encontra-se no rés-do-chão, e a habitação nos pisos superiores. As paredes erguem-se em enxaimel, a cobertura é de telhas e as aberturas surgem em número diminuto. A cada um dos andares corresponde uma divisão e o acesso à divisão faz-se por uma porta lateral.

Na sua organização interior, após a entrada na habitação, encontra-se uma pia para despejo de águas, solução técnica muito utilizada nas casas tardo-medievais, encontrando-se actualmente desactivada. Subindo as escadas, no primeiro piso existe uma pequena sala com um nicho na parede, provavelmente um pequeno altar para um santo de devoção. A meio das escadas de acesso ao segundo piso, encontra-se uma outra divisão (hoje em dia um quarto), que outrora tivera uma escadaria de acesso ao rés-do-chão da casa ao lado (casa esta incluída no mesmo prédio). No segundo piso está a cozinha, que normalmente se encontrava associada ao último piso. O chão é em madeira, excepto a zona à volta do imenso fogão a lenha, que é de pedra para evitar o perigo de incêndio. Por cima do fogão existe uma abertura na cobertura, que indica a preexistência de uma chaminé, encontrando-se actualmente tapada com telhas de vidro.²⁴

Segundo Luisa Trindade, a vida quotidiana do Homem Medieval, na cidade, não se restringia ao interior da sua habitação, várias eram as tarefas que, ultrapassavam o espaço doméstico privado, invadiam o domínio público, a rua, a travessa e o adro.²⁵ Apesar da precaridade da casa corrente, a rua, numa sociedade extrovertida como a medieval, possuía um enorme poder de atracção, ela representava a comunicação, a distração e a acção. Era vivida como uma extensão da própria casa.

²⁴ Câmara Municipal de Coimbra – Casa Medieval.

²⁵ TRINDADE, Luisa – **A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna**. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 96

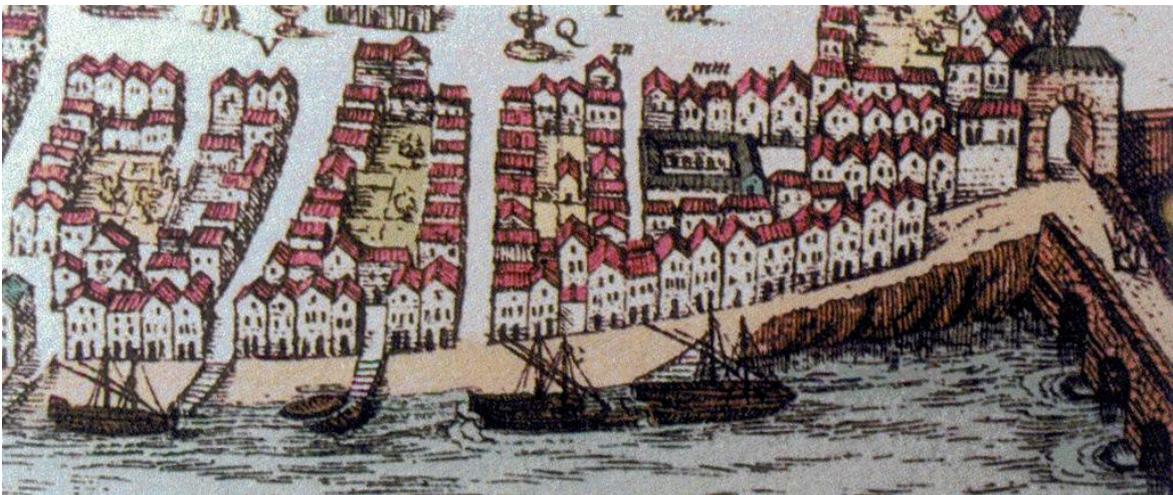


Imagem 27 Pormenor de Coimbra, G. Braun / G. Hoefnagel, Colónia, 1572

Do amanhecer ao anoitecer a rua estabelecia um local de movimento. Concebia o lugar de passagem de pessoas e mercadorias, bem como o local de trabalho quotidiano, por vezes os comerciantes e artesãos ultrapassavam as soleiras e expunham as suas mercadorias, obstruindo a rua e dificultando a circulação. Os animais eram, ainda, presenças constantes na rua, embora fossem fundamentais à economia doméstica, constituíam um perigo à higiene pública e aos pedestres.

O facto da Casa Corrente medieval não possuir saneamento de águas residuais e instalações sanitárias levava que a rua servisse para esse fim. Apesar de que preocupação com a higiene e salubridade nos centros urbanos fosse uma prioridade nos finais da Idade Média, a verdade é que quer a vigilância quer as multas pesadas impostas aos infractores, não se obtinham os resultados esperados. Só adiantada a Idade Média é que se inicia a recolha, em canos, da sujidade acumulada nas ruas. Este é um grande problema da Idade Média, a partir dos grandes surtos de pestes no século XIV, estas acumulações foram consideradas como nefastas para a saúde pública. Identificados os focos infecciosos, originaram-se várias determinações camarárias e régias, de forma a melhorar a higiene urbana.

Mais grave era a ocupação da via pública, na forma como a casa conquistava espaço à rua, privatizando-a, com as sacadas e balcões, passadiços e escadas, os alpendres e beirados, referidos anteriormente. Por vezes essas ocupações coincidiam com a totalidade da passagem, principalmente no caso de travessas, azinhagas e becos. A sujidade acumulada nestes espaços constituía a razão para que particulares se apropriassem destes espaços.

A rua constituía o elemento base do espaço medieval, preenchendo quase todo o interior do perímetro urbano. Delimitava os quarteirões, que se subdividiam em edifícios. Os edifícios, por sua vez, concentravam-se no seu perímetro, em contacto directo com a rua. Ligada ao sistema de rua, a fachada, de grande valor comercial, era considerada uma extensão do próprio mercado e podia variar no desenho da fachada e na cércea, conferindo uma irregularidade volumétrica aos alçados. Deste modo, a forma urbana medieval permanece no tecido da Baixa, servindo de referência na medida em que simboliza a sua estrutura orgânica. A grande diversidade de formas e

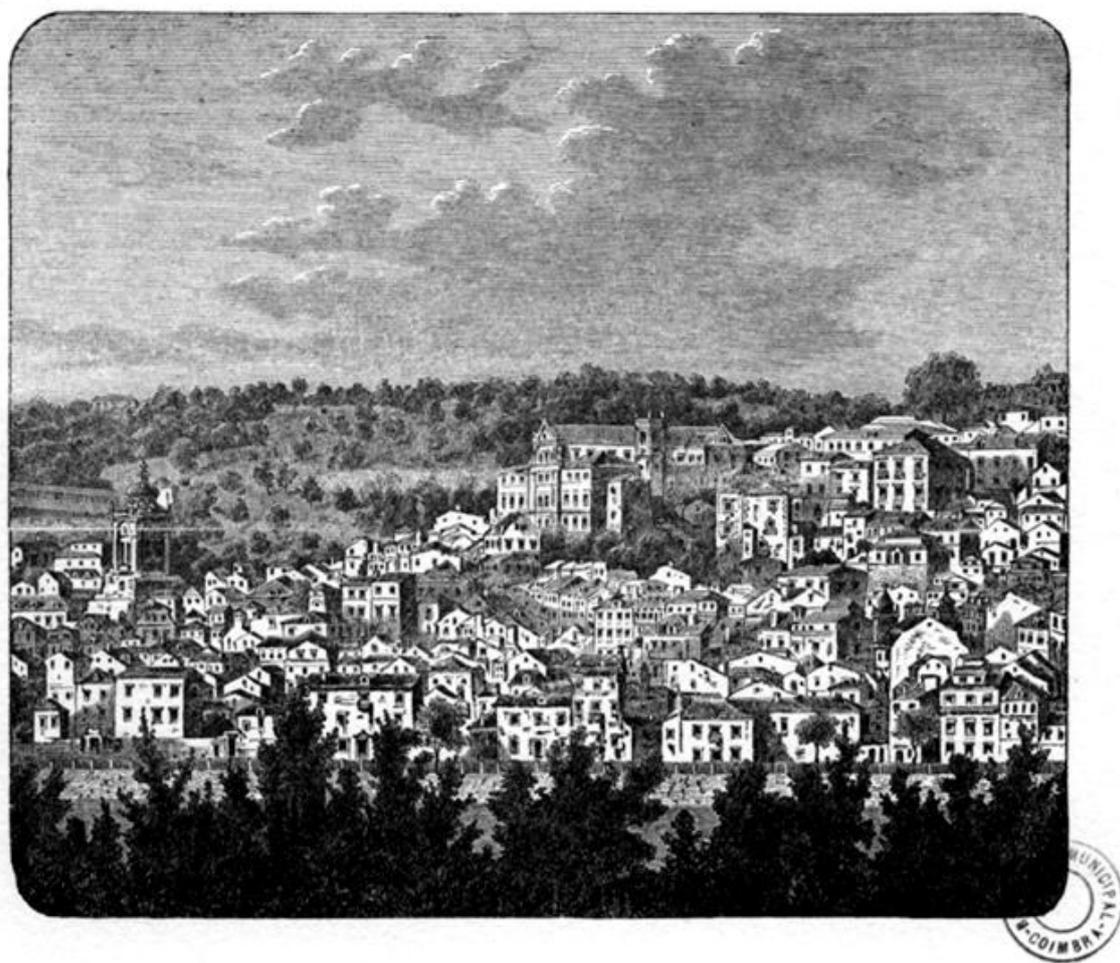


Imagem 28 Representação de Coimbra

imagens assim obtidas produz efeitos cénicos, volumétricos e visuais muito variados.

Segundo José Lamas, não existiram regras estéticas que determinaram o desenho urbano medieval, mas existiu, sem dúvida, outras regras aplicadas ao modo de colocar os edifícios, aos processos construtivos e à unidade de materiais e formas. Esse conjunto de regras aplicadas como prática de construir garantiria a coerência da imagem da cidade medieval. Esta morfologia serviria de modelo para a diversidade espacial e animação em novas urbanizações.²⁶

Com o passar do tempo, o espaço doméstico medieval tornou-se obsoleto, as suas reduzidas dimensões, a precariedade dos materiais e a falta de adequação aos tempos modernos determinaram transformações profundas. As casas não escaparam, na maioria dos casos, a alterações radicais. O seu carácter obsoleto determinou a abertura de mais e maiores vãos, a procura de maior conforto e a adaptação a novas necessidades deturpou os interiores e, por último, os materiais tradicionais foram sucessivamente substituídos por outros mais modernos. Só muito raramente correspondem à traça original. Porém, muitas das construções características dos séculos XIV e XV, foram, ainda, demolidas para serem substituídas por outras, na fúria renovadora dos séculos XVII e XVIII, assim como, o crescimento urbano em meados do século XX foi responsável pela destruição de grande parte do património edificado, alterando e substituindo radicalmente o centro histórico. Quarteirões de origem medieval, até então objectos de transformações suaves, foram arrasados em nome do progresso.

Segundo Nelson Mota, na caracterização da Casa Burguesa portuense, a casa urbana vai constituir-se a partir do século XVII como o lugar para habitar, redefinindo as fronteiras entre o público e o privado e procurando um espaço para a família. Os homens descobrem a intimidade e transformam a casa num *home*, onde o conforto se torna uma exigência. Criam-se ainda as condições para o desenvolvimento da *domesticidade*, ou seja, qualidade que resulta da associação da intimidade e da privacidade à habitação. A privacidade e domesticidade permitiram que a casa

²⁶ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian, Junho 1992. p. 160

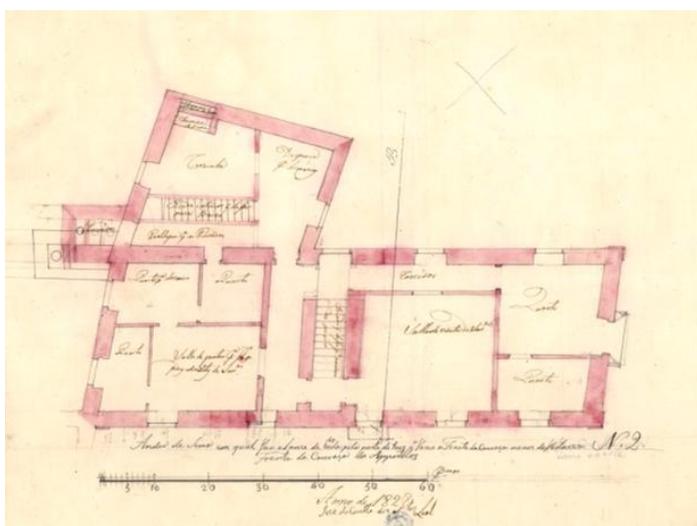
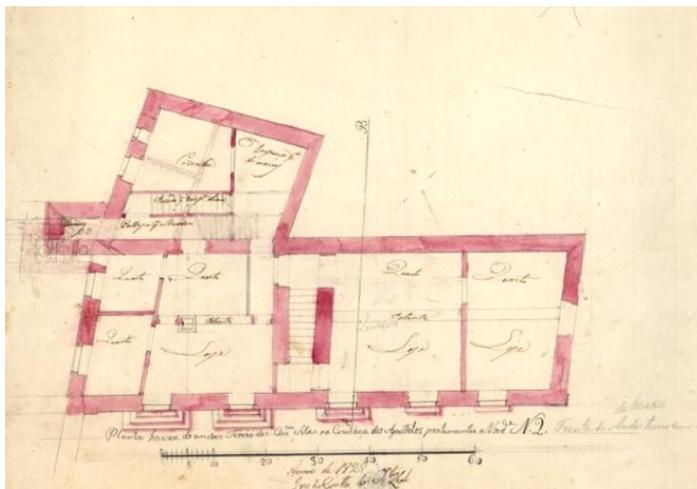


Imagem 29 Casa na Couraça dos Apóstolos pertencente à Universidade, exemplo 1, José do Couto dos Santos Leal, 1828, Planta do piso 0 (em cima), piso 1 (ao centro) e piso 2 (em baixo)

individualiza-se trabalho e residência. A imagem da casa medieval era, assim, substituída por outra mais serena, mais privada e doméstica. Posteriormente implementar-se-ia a ideia de conforto, relacionando-se com uma maior especialização dos espaços. Seria uma especialização lenta, com o crescente protagonismo da intimidade e da domesticidade como conceitos estruturadores da organização do espaço doméstico.²⁷

Por um lado a burguesia procurava preservar a sua intimidade, mas por outro a sociedade exigia que o indivíduo se submetesse às regras do grupo. O espaço doméstico burguês resultava desse confronto entre a intimidade e a sociabilidade, entre o indivíduo e o grupo e entre o privado e o público. Deste modo, a burguesia comprometia-se com a sociedade, mas resguardava-se do mundo que constituía uma fonte de receios. A evolução da sua mentalidade podia rever-se na organização das suas habitações, que surgiam como testemunho das diferentes maneiras de viver. *“De facto, aquilo que se pode observar no espaço doméstico burguês do final de oitocentos é um domínio híbrido, onde público e privado negociam as fronteiras.”*²⁸

Com a introdução do quarto individual e a separação dos espaços, no século XVIII, o Homem pode refugiar-se do olhar público. Nesse sentido, o facto de poder estar só impulsionou a evolução da organização do espaço doméstico em prol de uma maior compartimentação e de uma organização das circulações que permitiram uma maior privacidade aos espaços íntimos. As primeiras evoluções que a transformam, nomeadamente o corredor e a especificação dos quartos estavam ligadas à necessidade de separar funções e de escolher estar só ou acompanhado. Aos espaços que possuíam atribuições genéricas foram constituindo-se divisões com um programa definido. Nesse sentido as divisões medievais perderam a sua multifuncionalidade e os espaços dividiam-se cada vez mais em núcleos com diferentes funções.

Do século XVIII ao século XIX a casa sofreu uma transformação na sua tipologia de habitação. Segundo Luís Berrance, a Casa Corrente transforma-se do ponto de vista formal, mas mantém o essencial do esquema organizativo dos espaços e acessos internos das casas do século

²⁷ MOTA, Nelson Jorge – *A arquitectura do quotidiano – Público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense nos finais do século XIX*. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Julho 2006. p. 11-12

²⁸ *idem*. p. 210

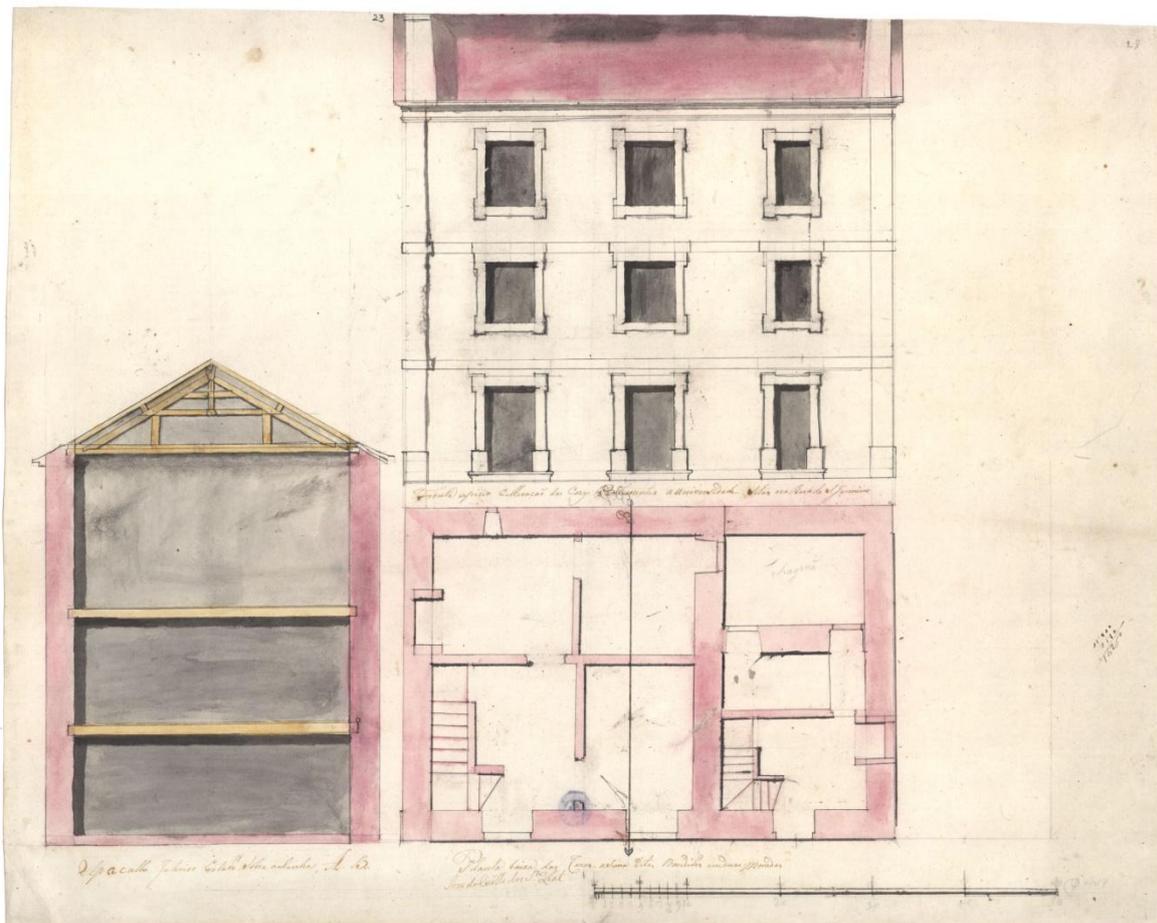


Imagem 30 Casa na Rua de S. Jerónimo pertencente à Universidade, José do Couto dos Santos Leal, 1772-1820

XVII que dispunham de comércio ou serviços no rés-do-chão, destinando-se os restantes andares à habitação unifamiliar.²⁹ Estas eram organizadas em altura, pressupunham uma associação em banda e partilhavam as paredes de meação, adaptando-se à morfologia do lote. Contudo, não seguiam todas a mesma tipologia, algumas destinavam-se ao comércio, outras especializavam-se, tornando-se monofuncionais, dissociando a residência da loja.

Na análise da Casa na Rua de S. Jerónimo pertencente à Universidade, de José do Couto dos Santos Leal, entre 1772 e 1820 e na Casa na Couraça dos Apóstolos pertencente à Universidade, de José do Couto dos Santos Leal de 1828, verificam-se algumas das novas metodologias introduzidas na casa corrente no século XVIII e XIX em Coimbra.

Os lotes apresentados são bastante característicos da morfologia parcelar da Baixa. Por um lado uma pequena habitação que concorre todos os alçados com os edifícios adjacentes, excepto a fachada voltada à rua, e o outro, de dimensões maiores, numa situação propícia à esquina. O modo como os edifícios se inserem no quarteirão e a forma como se organizam determinam certos compartimentos interiores que não possuem iluminação ou ventilação natural directa.

A transposição entre o espaço público e o espaço privado, nos dois casos, encontra-se condicionado pela linha de fachada, e sem a utilização de dispositivos intermédios. Os acessos são feitos directamente da rua para o edifício, não existindo acessos complementares ou de serviço. O momento da transição entre a esfera pública e a privada corresponde à marcação determinante para a organização do espaço doméstico, constituindo o primeiro momento de passagem entre os dois domínios e que corresponde ao local onde se inicia a progressão da intimidade. Este facto revê-se no segundo caso apresentado, o sentido de progressão dá-se do público para o privado e do representativo para o funcional, na medida que se sobe de piso, característica das novas introduções na casa corrente do século XVIII. Neste caso o acesso à habitação localiza-se no vão central, deixando os outros associados a estabelecimentos comerciais. Contudo, por vezes, o

²⁹ BERRANCE, Luís – **Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas 1774-1844**. Porto, Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1993. p. 33

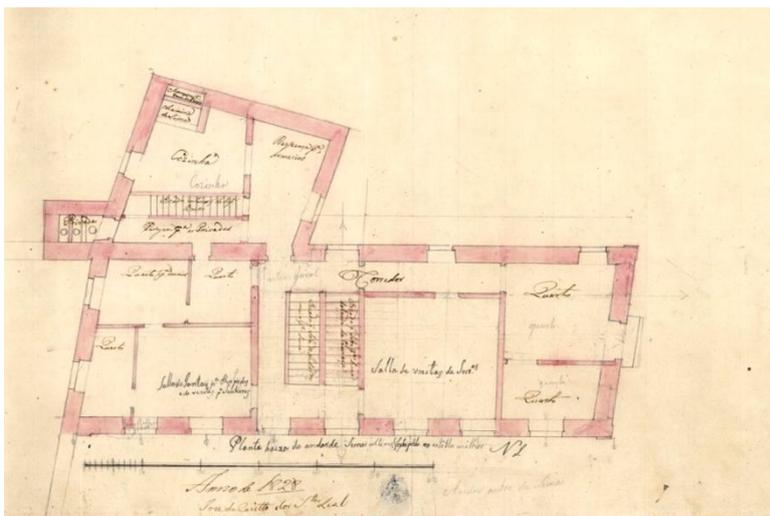
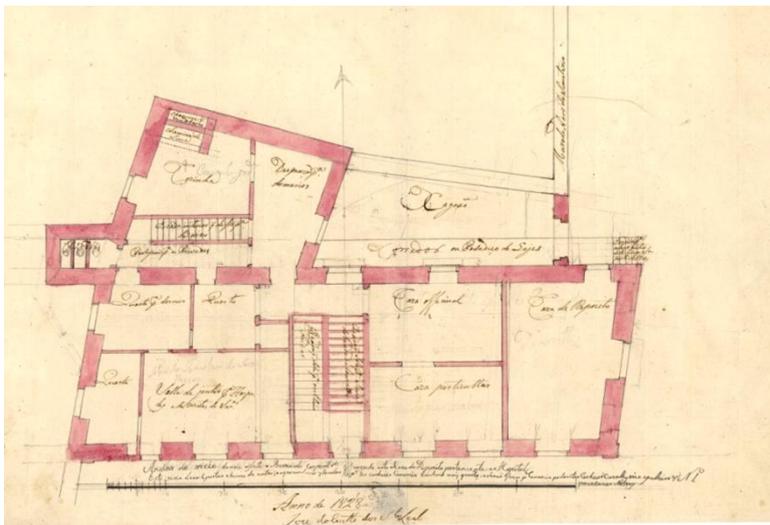
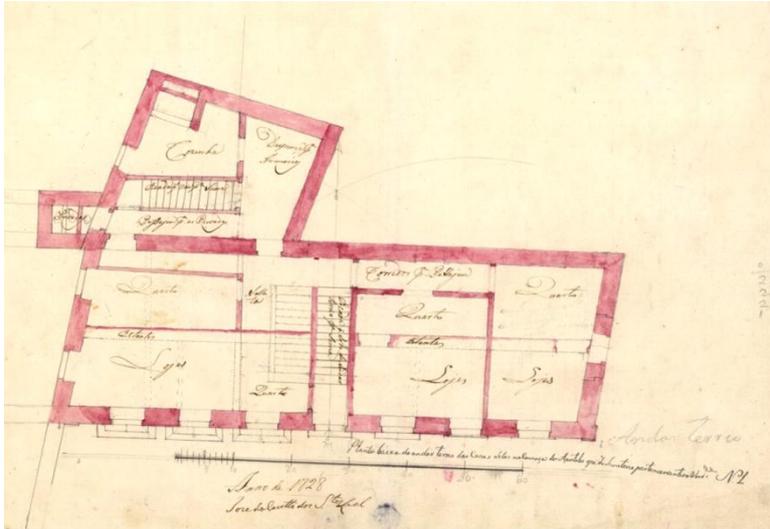


Imagem 31 Casa na Couraça dos Apóstolos pertencente à Universidade, exemplo 2, José do Couto dos Santos Leal, 1828, Planta do piso 0 (em cima), piso 1 (ao centro) e piso 2 (em baixo)

acesso podia ser feito pelo interior do estabelecimento comercial. Assim, enquanto algumas moradias pretendiam proteger o lar do confronto com o espaço público, nas outras o comércio obrigava a casa a fundir-se com a rua.

Segundo Francisco Fernandes, na caracterização da habitação portuense, no século XIX a especialização da habitação desenvolveria uma compartimentação cada vez maior, provocando alterações profundas na forma de organização interna dos edifícios. A relação público/privado passaria a manifestar-se não só na progressão do piso térreo para os pisos superiores, como também na passagem dos compartimentos da frente para os compartimentos de trás.³⁰ Esta delimitação levaria a uma codificação dos espaços, passando a ser organizados de acordo com o seu programa. Os edifícios adquiriam uma lógica de organização tripartida, nomeadamente as áreas comuns, de serviço e íntimas, ou em certos casos bipartida em áreas comuns e íntimas. Em função da localização do acesso ao interior a partição da compartimentação determinaria um afastamento das áreas de serviço para os extremos, as áreas íntimas afastadas do espaço público e as áreas comuns em espaços com uma maior comunicação com o exterior.

Dos exemplos apresentados em Coimbra, a organização da Casa na Couraça dos Apóstolos apresenta estas características, as áreas de serviço encontra-se num dos extremos, as áreas íntimas afastadas da escada de acesso e da circulação e as áreas comuns nas zonas em directa comunicação com a rua.

A circulação assume-se como um importante dispositivo de composição e caracterização espacial e é fundamental na preservação da intimidade. Nos casos apresentados, verifica-se que se desenvolvem em canais, ou seja, corredores e escadas, ou em *enfiade*, vãos que comunicam de uns compartimentos para os outros. As soluções concorrem com o objectivo de minimizar a área da localização desses dispositivos.

Segundo Luísa Trindade, a introdução das instalações sanitárias na Baixa de Coimbra dão-

³⁰ FERNANDES, Francisco Barata – **Transformação e permanência na habitação portuense. As formas da casa na forma da cidade.** Porto, FAUP publicações, 1999. p. 124-125

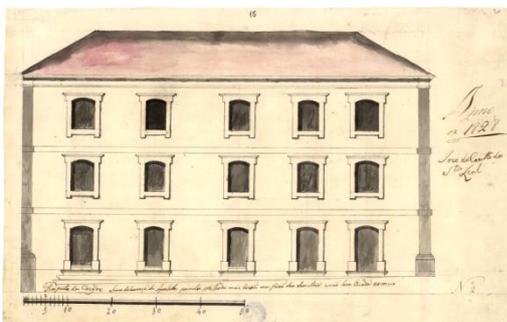
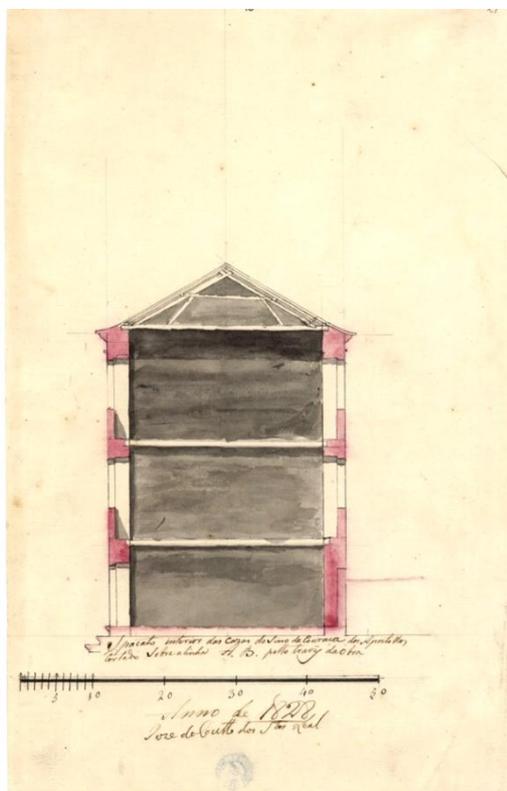


Imagem 32 Casa na Couraça dos Apóstolos pertencente à Universidade, José do Couto dos Santos Leal, 1828, Corte (em cima), Alçado exemplo 1 (ao centro) e Alçado exemplo 2 (em baixo)

se essencialmente no século XVIII.³¹ O espaço doméstico introduz essa nova exigência, adaptando ou criando um lugar para essa actividade. Na Casa na Couraça dos Apóstolos já é visível essa introdução.

As fachadas das casas referidas apresentam regras arquitectónicas elementares, bem definidas e perceptíveis. As suas linhas são de uma grande simplicidade, desenho regular e simétrico, apenas se verifica uma menor relação simétrica entre os vãos do exemplo 1 da Casa na Couraça dos Apóstolos. Os vãos definem uma geometria rectangular, contrariamente às anteriores aberturas quadrangulares da Época Medieval, que se apresentavam com um número reduzido de aberturas e em menores dimensões. Os vãos são envolvidos por uma moldura, numa das casas com arcos. As fachadas são rematadas por beiral e as coberturas são de duas águas e empenas laterais e quatro águas.

Segundo alguns autores, a fachada é por vezes entendida mais como um ornamento da cidade e não tanto como um ornamento da casa. Pela repetição do número de casas, as fachadas formavam ritmos e compassos, estabelecendo um escala e fundindo-se o seu desenho com o desenho urbano.³²

Posteriormente, no século XIX, com o desenvolvimento da industrialização, a noção de progresso exigiu a ruptura com o passado, levando a cabo várias destruições. Na contínua degradação da qualidade de vida do centro e com a generalidade das casas sem condições de higiene, não respondendo ao novo tipo de vida social do século XIX, levam a população a dirigir-se para as periferias, abandonando o centro da cidade.

Com o progresso da industrialização os inventos técnicos e científicos contribuíram para o desenvolvimento da cidade a nível económico e material e consequentemente no aumento da população. A técnica entra numa fase de grandes realizações e a população passa a dar primazia a uma política de industrialização total e de consumo. Surgem novos produtos de carácter industrial,

³¹ Em Anexo I – Entrevista realizada à Doutora Professora Luisa Trindade, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no dia 26 de Março de 2012.

³² BERRANCE, Luís – **Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas 1774-1844**. Porto, Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1993. p. 33



Imagem 33 Largo da Maracha (em cima à esquerda), Baixa de Coimbra (em cima à direita), interior de uma casa antiga (em baixo)

rapidamente difundidos por toda a parte, e acessíveis a uma vasta camada de população. A introdução de novos utensílios domésticos como o fogão a gás vai permitir que a localização em planta permaneça a mesma, mas com áreas mais reduzidas. Introduzir-se-á a luz artificial, permitindo novos horários e novos hábitos nocturnos aos habitantes, bem como, a água canalizada e a electricidade.

Segundo Rui Ramos, no século XX o espaço voltaria a transformar-se no quadro de vida doméstica e nos processos ligados ao quotidiano, exigindo progressivamente novas condições espaciais. A organização do espaço alterar-se-ia na forma como os compartimentos foram ocupados com o mobiliário, na utilização de equipamentos como a televisão, do computador ou do micro-ondas. Progressivamente a casa ia adicionando ou removendo elementos da casa, introduzindo diferentes concepções na articulação dos espaços, nos mecanismos de transição, revendo a sua hierarquização e valor simbólico, e inovando dispositivos para responder a essas constantes solicitações.

Ao longo do século, outra transformação marcante seria a modificação do conceito de família para grupo doméstico. Essa necessidade correspondia à incontornável alteração da mecânica familiar herdada do século XIX, que é profundamente reestruturada no século seguinte. O principal eixo desta transformação reside na alteração da família, como unidade funcional baseada no parentesco, para um outro critério, o de grupo doméstico, baseado na residência num espaço comum, de um grupo de pessoas que partilham um conjunto de actividades.³³

As várias evoluções descritas da Casa Corrente concorreram para a actualidade da Baixa de Coimbra. Este conjunto de edificações revelam-se hoje na estrutura edificada da mesma, em alguns casos com um cariz mais primitivo, noutros mais actual e, ainda, em casos que as edificações não existem tendo já sido destruídas. Os seus interiores continuam a apresentar dimensões exíguas, materialmente pobres e obedecendo a princípios básicos de economia.

³³ RAMOS, Rui Jorge Garcia – **A Casa. Arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português**. Porto, FAUP publicações, 2010. p. 71

CAPÍTULO 2 – PERCEPÇÃO DO MEIO

Após o estudo da evolução da Baixa de Coimbra e da sua Casa Corrente procede-se à análise da realidade física da actualidade. Este capítulo centra-se numa abordagem mais restritiva da Baixa cingindo-se ao seu núcleo mais antigo, denominado frequentemente por Baixinha. Analisa-se a sua a estrutura morfológica e a sua forma arquitectónica com o intuito de caracterizar a sua imagem, identidade e valor patrimonial, centrando-se depois a um caso concreto para a sua posterior intervenção estratégica.

Após essa análise segue-se uma abordagem à problemática do Centro Histórico de Coimbra, identifica-se as suas fragilidades, a actual perda de identidade e as alterações que esses problemas provocam. Contudo, a Baixa constitui um património que se visa salvaguardar, nesse sentido aponta-se algumas intervenções que tem sido alvo e salienta-se a oportunidade para uma nova intervenção.



Imagem 34 Mapa de Coimbra, enquadramento da Baixa de Coimbra

2.1 IMAGEM E IDENTIDADE

Caracterização Morfológica e Formal

Hoje, a percepção da Baixinha revela o suporte contínuo de lentos e complexos processos de humanização que se foram estruturando, justapondo e relacionando no resultado final da sua morfologia. Um autêntico *palimpsesto* territorial, sobrepondo um enorme conjunto de camadas, em que cada estrutura revela as suas próprias lógicas de formação e transformação.

O seu tecido urbano constitui a rede onde se situa, no seu interstício, um extenso património de memórias e permanências de uma interminável sucessão de actividades humanas e experiências, gerando identidades próprias nas suas formas de materialização.

A sua história representa mais do que um simples fragmento material, é o testemunho de uma determinada época, de uma determinada forma de pensar e construir e corresponde à memória de um passado que importa preservar.

Segundo Mário Nunes, a Baixa é um espaço urbano de contornos definidos e de valências ancestrais, que nasceu, cresceu e se dimensionou ao longo de séculos. Mas é também um mundo de cambiantes diversas, onde o movimento humano, o comércio e as actividades se distribuem por locais e espaços de incontido fulgor e vida, onde o culto e a religiosidade se embrenham nos templos e nos registos de azulejos, mesmo nas cruces e nas capelinhas, onde os largos escondem acções culturais e memorizam convívios e diálogos.³⁴

A Baixinha apresenta-se hoje como um espaço heterogéneo e diversificado, caracterizado por edifícios históricos, ruas estreitas e sinuosas e praças que mantêm o seu carácter de sociabilização da população residente. O seu traçado tipicamente medieval revê-se numa

³⁴ **Baixa de Coimbra – Uma Viagem no Tempo – Actas do 1º Encontro sobre a Baixa de Coimbra.** Coimbra, GAAC – Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, Fevereiro de 1995. p. 17-18



Imagem 35 Vista aérea de Coimbra

composição urbana coesa, com particularidades singulares na cidade. Embora seja constituída por diversas tipologias de espaço urbano e por várias morfologias e linguagens arquitectónicas diferentes, o todo resulta numa imagem global e numa identidade própria. Os resultados espaciais e visuais da cidade medieval apresentam-se com uma grande riqueza de organização e com uma sequência de percursos e vias observadas e perspectivadas das massas construídas.

Na morfologia do tecido urbano as ruas são os elementos mais bem identificáveis, aparecem sempre associadas aos edifícios que as limitam, dependendo delas a sua caracterização arquitectónica e ambiental, a que se lhe juntam os pequenos largos e praças que as completam.

As ruas assentam num suporte geográfico propício à rectilinearidade com um sentido espontâneo de crescimento. O seu pavimento, em calçada portuguesa (cubos de pedra calcária), encontra-se em bom estado de conservação. As vias que permitem o acesso automóvel à área em estudo, localizadas na sua periferia, definem a transição entre o Centro Histórico e as construções modernas.

Os largos distinguem-se das ruas devido às suas dimensões. Constituem lugares de desafogo urbano, permitindo uma maior incidência solar, bem como melhores benefícios para os edifícios adjacentes e para a vivência comunitária.

A Praça do Comércio e a Praça 8 de Maio representam os dois principais espaços da vida social da cidade, a primeira estabilizada desde a sua origem, suporte da Baixa e razão do espaço enquanto lugar de troca, com os seus edifícios mandados erigir pela burguesia mercantil nos séculos XVIII e XIX, e a segunda resultado de vários alargamentos na estrutura urbana desde o século XII e ponto de afluência na Baixa das ruas da Sofia, Olímpio Nicolau Fernandes, Martins de Carvalho, Visconde da Luz, Corvo, Louça, Moeda e Direita.

Face à falta de conhecimento do processo de divisão fundiária é difícil compreender o processo de crescimento, transformação e densificação dos quarteirões e lotes que estruturam hoje a Baixinha. Actualmente, o miolo dos quarteirões encontram-se totalmente preenchidos por anexos e construções habitadas, ocupando de forma desajustada os antigos logradouros. Este avolumar de



Imagem 36 Vistas aéreas da Baixa de Coimbra

construções resulta na total massificação dos quarteirões, deixando os edifícios concorrentes com exíguos saguões, que respondem com consequências gravosas para a população, que deixa de receber iluminação e ventilação natural.

Os quarteirões, maioritariamente orgânicos, correspondem a uma área homogénea do ponto de vista morfológico e o elemento de maior dimensão, com medidas e geometrias diversificadas. As escalas e geometrias das parcelas relacionam-se claramente com a dimensão e geometria dos quarteirões, os quarteirões mais regulares originavam edifícios mais regulares. Segundo José Lamas, o quarteirão deixa de ser apenas um meio de divisão cadastral do solo para se construir também como elemento morfológico do espaço urbano.³⁵

Os contragavetos apresentam recortes em geral complexos devido ao contacto com as fachadas de tardoiz adjacentes, resultando inúmeras vezes em imóveis com apenas uma frente. A casa urbana é essencialmente representada como estreita e esguia, apresentando uma enorme variação no que respeita às suas proporções.

Segundo Sandra Almeida, a relação do edifício/lote, partindo do pressuposto que o lote é totalmente ocupado pelo edifício, leva a conclusão de não existir um “módulo tipo” estruturador dos quarteirões, apresentando estas dimensões bastante variadas.³⁶ Verifica-se que as ruas do Corvo, Louça e da Moeda concentram o maior número de edifícios, sendo os lotes mais estreitos e profundos.

O edifício constitui um dos principais elementos da cidade. No desenho do tecido urbano relaciona-se directamente com o espaço público e com o processo de crescimento urbano. Enquanto unidade singular, a Casa Corrente não percepção a caracterização do espaço urbano. Contudo, na leitura do todo o seu carácter repetitivo induz a parte mais significativa do seu tecido edificado. Ao multiplicar-se no terreno contribuiu de forma decisiva para a definição da imagem da cidade. Enquanto os edifícios de prestígio marcam o perfil da cidade pela sua singularidade,

³⁵ LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian, Junho 1992. p. 154-158

³⁶ ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. p. 65



Imagem 37 Baixa de Coimbra, Largo da Maracha

volume e dimensão simbólica, a Casa Corrente, por sua vez, envolve-os define corredores de circulação, emoldura o espaço público, constituindo-se como pano de fundo da vida quotidiana.³⁷ Permite, em última análise, um alçado mais extenso da cidade. Deste modo, a sua força resulta, não da sua singularidade, mas da sua repetição. Corresponde, assim, a um dos aspectos mais significativos da humanização da paisagem. É no conjunto dessas construções anónimas e pela sua inserção urbana que vale o seu todo, ajudando a definir o espírito do lugar.

Na análise de Sandra Almeida, os edifícios possuem como volumetrias mais frequentes os dois e três pisos, com uma maior subida de cêrceas na Praça do Comércio. Em edifícios com águas furtadas o número de pisos mais comum é de três e quatro. Esta elevação traduz-se num agravamento dos problemas de salubridade, no que diz respeito à insolação e ventilação dos edifícios.³⁸

No conjunto, a diferença entre volumetrias, a diferença dos seus desvãos, as diversas soluções de remate das fachadas, alguns recortes da própria fachada, assim como a presença de trapeiras originam um interessante recorte volumétrico. *“A confrontação lateral entre edifícios com pés-direitos muito distintos imprime à malha urbana um carácter muito peculiar, nomeadamente pela conjugação e articulação dos ritmos de fenestração e dos restantes termos de composição formal das fachadas.”*³⁹

No que se refere à função, para além de alguns serviços junto das principais praças, predomina a habitação, maioritariamente associada ao comércio no piso térreo. Os restantes edifícios dividem-se entre comércio e armazéns e serviços, que se centram sobretudo nas duas principais praças. Contudo, a conseqüente terciarização da Baixinha levou à substituição da habitação por um grande número de armazéns de apoio ao comércio no rés-do-chão.

A Baixinha constitui um dos pólos comerciais mais importante de Coimbra. O comércio é sobretudo tradicional, predominando a exploração familiar e as relações de proximidade, o que lhe

³⁷ TRINDADE, Luisa – *A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna*. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 13

³⁸ ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – *A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano*. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. p. 71

³⁹ Coimbra Viva: SRU Sociedade de Reabilitação Urbana, SA – *Documento Estratégico para a 1ª Unidade de Intervenção na Cidade de Coimbra*. [Março de 2007] p. 59



Imagem 38 Baixa de Coimbra, Rua da Gala

confere uma forte identidade. A Baixa é sobretudo uma zona de pequenos comerciantes, sendo o tipo de actividade comercial heterogéneo, com uma distribuição pelo território desequilibrada.

Reportando para uma área concreta, com base no Documento Estratégico para a 1ª Unidade de Intervenção na Cidade de Coimbra, na zona correspondente ao actual Bota Abaixo, o edificado é bastante homogéneo em termos de sistemas construtivos. Maioritariamente os edifícios constituem-se por alvenarias de pedra em fachadas e empenas laterais (envolvente opaca), dando apoio a pavimentos tradicionais de madeira compostos por vigados, tarugos e soalhos. As coberturas são inclinadas a várias águas consoante a geometria dos lotes, muitas vezes possuindo lanternins. Algumas paredes exteriores, sobretudo em ampliações, recuadas ou aproveitamentos de coberturas são em taipa de madeira. No interior, as paredes são essencialmente em tabique de adira com fasquiado. As caixilharias são sobretudo de madeira do tipo batente ou guilhotina. Os vidros são simples e as fachadas principais, rebocadas e pintadas. Os edifícios encontram-se dotados das infraestruturas básicas – abastecimento de água, drenagem de águas residuais e de águas pluviais, electricidade. Nota-se, ainda, que na maioria dos edifícios há uma grande expressividade de cabos, fios de telefone e electricidade, antenas de televisão e elementos apoiados nas fachadas, como aparelhos de ar-condicionado.⁴⁰

Quanto ao estado dos edifícios, verifica-se uma grande degradação dos mesmos. Esta situação resulta essencialmente do envelhecimento natural dos materiais, da inexistência ou deficiente manutenção e eventuais usos inadequados por parte dos utentes. Encontram-se alguns edifícios recentemente reabilitados, que não necessitam de intervenção, estando em bom estado de conservação. Destacam-se alguns edifícios em pré-ruína e ruína que colocam em risco a segurança de quem circula nos espaços públicos e a população residente nos próprios prédios e nos que lhes são contíguos. Esta situação promove uma imagem negativa de abandono da área histórica.

Retomando o Documento Estratégico para a 1ª Unidade de Intervenção na Cidade de Coimbra, as tipologias organizacionais dos imóveis nessa área de intervenção dependem de

⁴⁰ Coimbra Viva: SRU Sociedade de Reabilitação Urbana, SA – Documento Estratégico para a 1ª Unidade de Intervenção na Cidade de Coimbra. [Março de 2007] p. 61



Imagem 39 Baixa de Coimbra, Casa na Rua da Fornalhinha

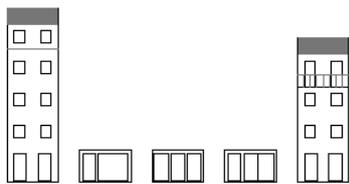
múltiplos factores, como por exemplo as características das serventias urbanísticas, as formas de distribuição horizontal e vertical ou da morfologia da própria construção. Aqui, a dimensão da frente de construção determina a possibilidade de um ou mais compartimentos com vãos de fachada; a organização de saguão ou logradouro permite a organização de compartimentos orientados para uma segunda fachada; os pisos térreos comerciais apresentam soluções de compartimentação muito diversas, na correspondência à geometria, escala do parcelar e actividade instalada; os pisos altos das habitações, nas construções com duas fachadas opostas e das construções dos gavetos, correspondem em geral a tipologias convencionais, com caixa de escadas central, bloco de águas interior, e compartimentos com vãos de fachada; os pisos altos de habitação, dos edifícios com uma única frente e com grande profundidade de construção, correspondem muitas vezes a tipologias informais de matriz tradicional, com alcovas e outros espaços habitáveis interiores; por fim, são frequentes as situações de sobre compartimentação de espaços de habitação e de serviços, organizados por múltiplas divisões e distribuição por espaços de corredor, sendo também frequente a comunicação directa entre alguns destes mesmos espaços.⁴¹

À homogeneidade e coerência do traçado da Baixinha, corresponde uma grande heterogeneidade formal que caracteriza a imagem e a composição das suas fachadas urbanas, marcadas pela coexistência de variadas soluções linguísticas e compositivas, numa grande pluralidade nas composições arquitectónicas dos seus edifícios, consequência directa das sedimentações de uma já longa história, mas enquadrando-se dentro de um quadro tipológico claro, onde os gostos ecléticos convivem com a modéstia da casa anónima.

Segundo Sandra Almeida a fachada estabelece a relação entre o edifício e o espaço urbano, funcionando como plano marginal entre o colectivo e o privado. A fachada dá a forma e imagem da cidade, através da sua volumetria, dimensão e elementos que a compõe, caracterizando a animando o espaço público.⁴² Percorrendo as ruas da Baixinha, apesar de uma diversidade formal e compositiva das fachadas, permanece uma imagem urbana uniforme e padronizada. Realça-se a

⁴¹ *idem.* p. 48

⁴² ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. p. 71



Tipo A



Tipo B



Tipo C

Imagem 40 Variação das fachadas na Baixa de Coimbra, Tipo A com variação do piso térreo, Tipo B com variação do piso térreo e Tipo C com variação do piso térreo

característica e ritmada animação do espaço público através da constante sucessão de cheios/vazios e consequentes claros/escuros.

Segundo a mesma autora, existem três tipos de fachadas, caracterizadas pela dimensão da frente do lote e pelo número de vãos em cada piso. Desta análise foram excluídas as fachadas que confinam as duas praças, por se considerarem exceções, e a dos edifícios em cunhal. O Tipo A corresponde a fachadas com 3 a 5 metros de dimensão, e dois vãos por piso, variando o número de pisos e o sótão habitável. O Tipo B corresponde às fachadas com 7 a 9 metros de dimensão, e três vãos por piso, variando o número de pisos e o sótão habitável. O Tipo C corresponde a fachadas com 7 a 9 metros de dimensão, e quatro vãos por piso, variando o número de pisos e o sótão habitável.⁴³

Dos elementos das fachadas da Baixinha evidenciam-se uma série de aspectos formais e construtivos.⁴⁴ O soco corresponde ao elemento de transição entre o edifício e o solo, serve de suporte e reforço da parede onde a restante alvenaria apoia, evitando a subida da humidade do subsolo. A sua utilização na Baixinha foi muitas das vezes suprimida devido às introduções do comércio, limitado a sua existência aos remates inferiores das portas.

As pilastras correspondem aos elementos verticais construídos em pedra que delimitam a ocupação do edifício e emolduram a fachada. Por vezes uma pilastra é comum a dois edifícios contíguos, revelando a importância estrutural que a parede meã assume nas estruturas tradicionais. Na Baixinha as paredes meãs são construídas em enchaume, sendo geralmente a pilastra simulada em reboco, denominada de fingida, caiada ou pintada com uma cor semelhante da pedra, contrastando com o pano de fachada.

Os beirados, cornijas e platibandas funcionam como remate superior dos edifícios, resolvendo as mudanças de planos, material e construtivamente. Na Baixinha encontram-se várias soluções para estes remates: constituídos em estrutura de madeira geralmente pintada ou cornijas em argamassa pintada e em pedra, conforme a importância do edifício. Quando o último piso é

⁴³ *idem.* p. 72

⁴⁴ *idem.* p. 72-74



Imagem 41 Baixa de Coimbra, Casa com frente para a Rua da Gala, Rua da Louça e Largo da Maracha

recuado com varanda, é usual o remate superior destas seja feito com uma pala em madeira decorada.

As mansardas e águas furtadas funcionam como acrescentos posteriores às habitações e aparecem geralmente recuados em relação à fachada. A sua construção é construtivamente mais pobre que o restante edifício, o que se reflete na nas molduras dos vãos, substituindo a tradicional pedra por madeira. Os remates superiores são geralmente feitos por uma cornija em madeira, ou então, o beiral assenta directamente sobre o pano de parede. Salienta-se ainda a utilização da chapa metálica nas empenas, como forma de revestimento.

Os vãos, ocupados por janelas de sacada ou peitoril, são emoldurados em “pedra de Coimbra” de corte simples e mais decorados em edifícios mais importantes. Por vezes os elementos de cantaria prolongam-se verticalmente, remetendo para as janelas de avental. Nas casas mais humildes estes elementos são de madeira ou reboco, moldados com a forma da pedra e pintados na mesma cor. Hoje esses elementos são substituídos por uma pedra, com uma textura distinta da anterior.

As janelas de peitoril podem ser de guilhotina ou de duas folhas em madeira, embora esta última apareça mais associado aos vãos que apresentam janelas com bandeira. Actualmente as janelas são substituídas por outras de alumínio, que devido ao seu brilho torna os alçados menos apropriados na leitura dos cheios/vazios das fachadas que encenam as ruas. As janelas de sacada caracterizam-se por um reduzido balanço, as varandas são em pedra e as guardas em ferro forjado, centrando-se aqui a decoração.

As portas exteriores são geralmente de madeira simples ou por vezes com abertura superior apresentando um rendilhado de ferro forjado. Com a adaptação do comércio no piso térreo, as portas são substituídas por montras, alterando o material para alumínio. Ao sistema de obscurecimento tradicional de portadas interiores de madeira foram ainda substituídas por persianas em P.V.C. com caixa de enrolamento exterior, contrariando a leitura e a imagem tradicional das fachadas da Baixinha, quer pela sua volumetria da caixa, quer pelo brilho e textura do material.

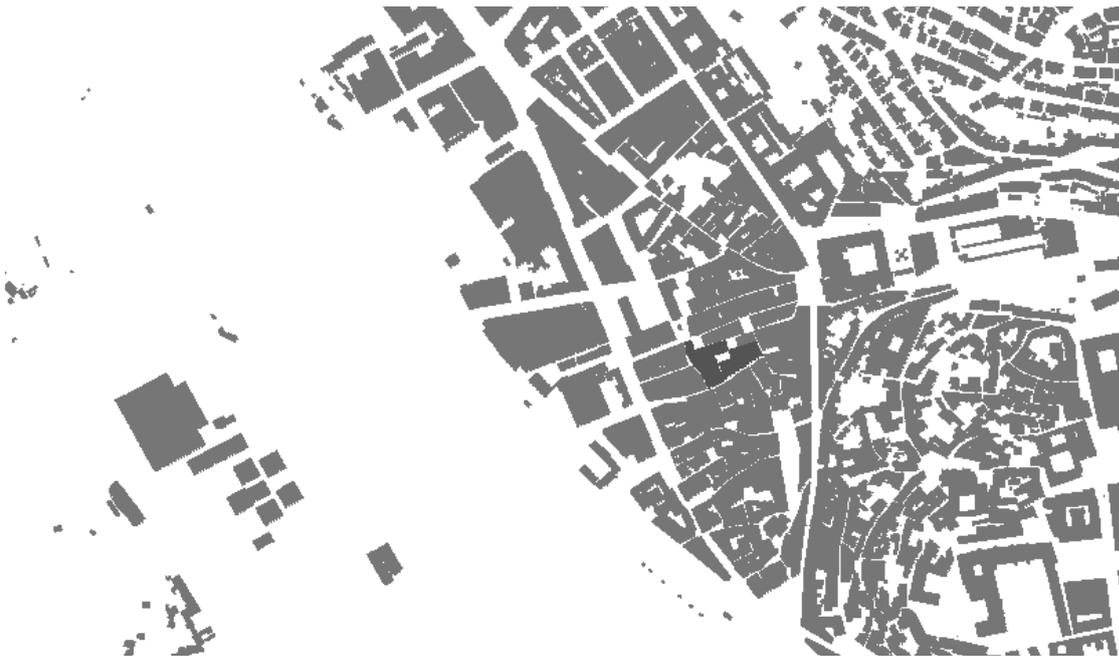


Imagem 42 Mapa e Planta de localização do quarteirão em estudo

O material corrente de revestimento das fachadas é o reboco, embora apareçam alguns edifícios de azulejo, que cobre a totalidade das superfícies e noutros parcialmente. Era ainda recorrente o azulejo utilizado no nível térreo, porém as alterações do comércio alteraram esta característica. Nestes casos os elementos decorativos cingem-se às molduras dos vãos ou às guardas das varandas.

O piso térreo constitui a área de maior dissonância dos edifícios, a fachada alberga toldos, publicidade, fios eléctricos e ar condicionados, que interferem negativamente na leitura do espaço urbano. “*A diversidade de materiais utilizados na renovação do comércio, não é compatível com os materiais da restante fachada, resultando uma mescla de texturas e cores que nada têm a ver com a imagem tradicional.*”⁴⁵ As novas aberturas das lojas para a criação de montras alterou o ritmo das aberturas das fachadas, levando em certos casos à incompreensão da tipologia original.

Centrando-se agora numa área de estudo concreta, com intuito de proceder a uma posterior intervenção estratégica, o quarteirão em análise localiza-se numa área característica da Baixinha. Este encontra-se delimitado pela Rua da Gala a Oeste, Rua das Padeiras a Sul, Rua Eduardo Coelho a Este, Rua do Corvo e Rua da Fornalhinha a Norte e, ainda, pelo Largo da Maracha e o Largo da Fornalhinha. O quarteirão insere-se na zona tampão – zona especial de protecção da Candidatura a Património Mundial da “Universidade de Coimbra – Alta e Sofia” e segundo o PDM de Coimbra encontra-se em zona do Centro Histórico, Grau 1. Pertence à freguesia de S. Bartolomeu e no total abarca 31 imóveis.

De características tipicamente medievais, as ruas que definem o quarteirão prezam pela estreiteza e sinuosidade, que, em conjunto com os pequenos largos, reflectem o carácter labiríntico da malha urbana da Baixinha. Quando percorridos, estes espaços permitem a percepção de uma grande diversidade de massificação, revelando a grande construção do cheio sobre o vazio. A morfologia do quarteirão revê-se numa composição mais orgânica, contudo as parcelas definem

⁴⁵ ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – *A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano*. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. p. 74

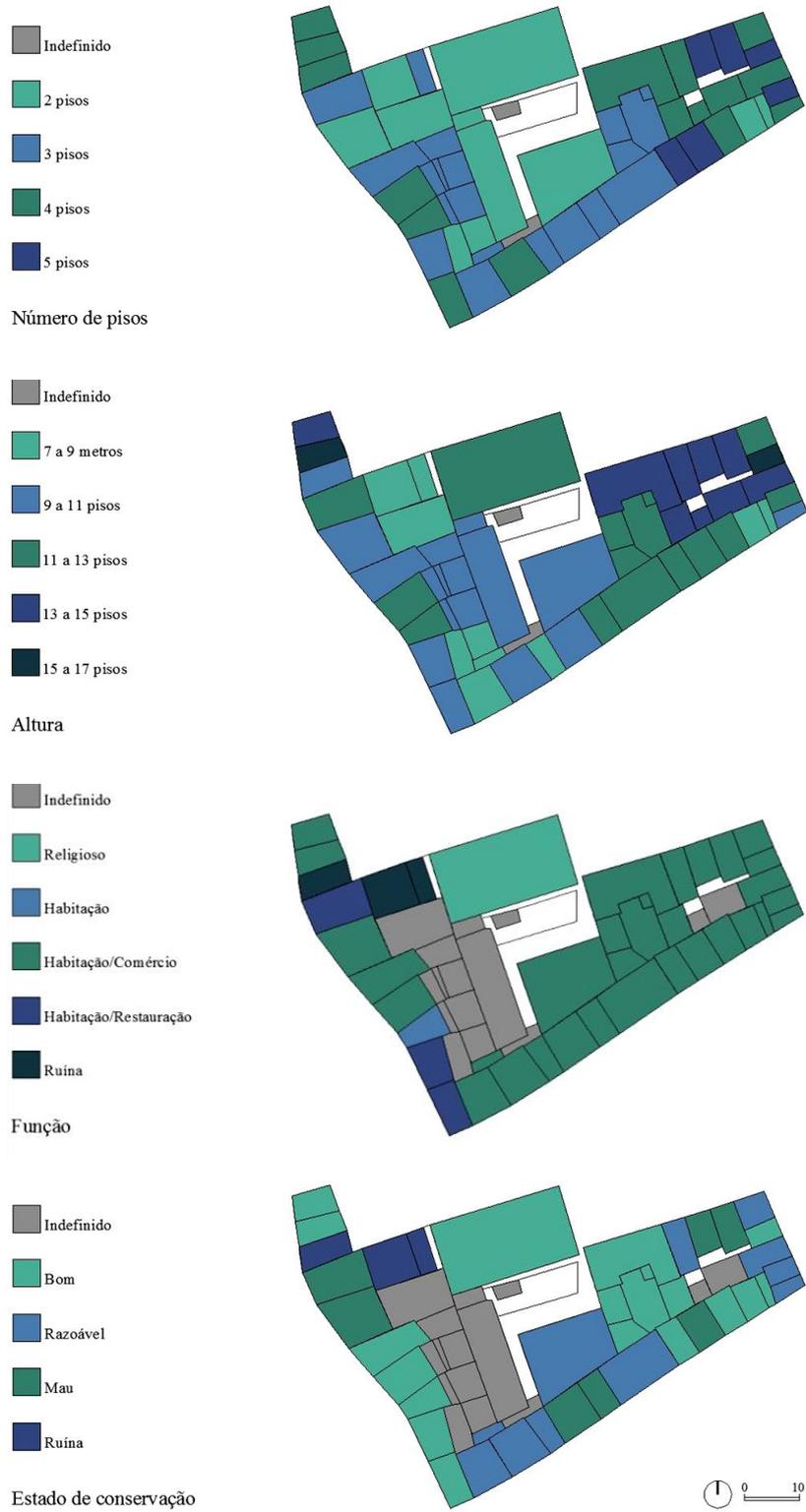


Imagem 43 Parâmetros de caracterização do quarteirão em estudo

um formato rectangular e, por vezes, quadrangular, com o edifício a ocupar a totalidade da sua área. Os lotes rectangulares encontram-se, por um lado, voltados com a fachada mais estreita à rua, e noutros, com a fachada mais longa. Não existe uma regra comum, os edifícios alinham-se pela sua sucessão. Apresentam apenas uma frente, com a excepção dos localizados nos cantos, e as suas dimensões variam sem uma regra comum. Quanto ao miolo do quarteirão existe uma série de logradouros, hoje totalmente preenchidos por anexos, excepto em dois casos. Estes últimos permitem a abertura das fachadas concorrentes, correspondendo a autênticos saguões que permite uma melhor iluminação e ventilação.

O número de pisos varia entre os dois e os cinco, todavia são mais frequentes os de três e quatro pisos. Contudo, o pé-direito dos edifícios não é constante, nalguns casos verificam-se edifícios com um maior número de pisos mais baixos que os adjacentes. As suas alturas variam entre os 7 e os 17 metros, sendo mais frequente os edifícios que possuem de 9 a 15 metros.

As funções presentes no quarteirão revêem-se na malha urbana da Baixinha, os edifícios destinam-se maioritariamente à habitação com comércio no piso térreo, de perfil predominantemente associado ao comércio de proximidade. Encontra-se ainda um edifício religioso, outro destinado apenas à habitação, três de habitação com restauração no piso térreo e por fim três edifícios em ruína, sendo que se destinavam também à habitação/comércio.

Do levantamento do estado de conservação evidenciam-se três edifícios em ruína devido à sua situação, os restantes variam entre o mau, o razoável e o bom.

As fachadas caracterizam-se por uma grande variedade de soluções linguísticas e composições de elementos arquitectónicos. Na sua maioria, os alçados confirmam a tipologia de Sandra Almeida, referida anteriormente, contudo existem algumas excepções. Estas contrariam o constante cheio/vazio das parcelas adjacentes, apresentando-se num alçado mais longo e com um menor número de vãos.

Quanto aos elementos das fachadas, verifica-se que os socos mantêm nalguns casos o anterior desenho, noutros a introdução das montras apagaram esses elementos, substituindo-os por outros revestimentos.



Rua Eduardo Coelho



Rua da Formalhosa



Rua do Corvo



Largo da Maracha



Rua da Gala



Rua das Padeiras

Imagem 44 Alçados do quarteirão em estudo

Os vãos apresentam guarnição de pedra, normalmente mais requintada em casas com mais posses. As janelas são de sacada ou peitoril e de guilhotina, folha simples ou dupla, algumas em madeira e outras em alumínio. As sacadas apresentam um pequeno balanço e no último piso existem por vezes associadas com outros materiais.

O material de revestimento é maioritariamente em alvenaria de reboco de cal, porém existe também um edifício em azulejos.

Em algumas habitações existem ainda outros elementos decorativos, pequenos óculos ou frestas, que permitem uma maior ventilação e iluminação do seu interior, assim como as chaminés e ainda pequenos elementos decorativos normalmente associados aos edifícios de esquina.

Por fim, as coberturas são em telhados de uma, duas, três e quatro águas, em telha cerâmica de canudo ou marselha e com estrutura de madeira.

A descrição da imagem e da identidade da Baixa e da Casa Corrente concorre para uma actualidade que se encontra num ponto de estagnação da sua história, a problemática que hoje enfrenta não consegue dar resposta ao seu abandono e à crescente terciarização da Baixa. Nesse sentido visa-se agora perceber os problemas que a afectam e algumas propostas que têm vindo a ser realizadas.

2.2 PROBLEMÁTICA DA BAIXA DE COIMBRA

Oportunidade para uma intervenção

Assistimos hoje a uma contínua perda e profunda dilaceração da identidade das cidades. Perde-se o reconhecimento das suas partes e verifica-se uma impressionante homogeneização dos lugares e da arquitectura, produto dos intensos processos de transformação. Neste sentido, os centros vem perdendo os símbolos do passado, renegando a projecção da memória no tempo que flui. Perde-se a sua identidade, expressão forte e individualizante que se manifesta de forma visível e reconhecível.

A identidade relaciona-se com o lugar morfológico, com o papel que o centro desempenhou ao longo da sua história ao nível das suas actividades, com a autoconsciência/reconhecimento dos seus habitantes e da sua relação com o espaço físico construído, podendo assim dizer-se que a perda de identidade não tem só a ver com as perdas físicas do edificado, mas também com a alteração de usos e formas de apropriações.

Segundo Susana Carvalho, esta perda acontece devido às transformações que se deram na sociedade que pressupõe modificações radicais nos sistemas produtivos e o abandono da cultura dos materiais e das técnicas locais, assim como a universalização de determinados modelos culturais.⁴⁶

Estas perdas dão-se essencialmente nos Centros Históricos que vem sofrendo de uma contínua lógica do não-lugar. Estes lugares não integram os lugares antigos, inventariados, classificados e promovidos a lugares de memória, constituem-se como contentores urbanos vazios de sentido, significado, referências e memórias. O património corresponde deste modo a um conceito limitado e a sua conservação é vista como um fim em si mesma.

⁴⁶ CARVALHO, Susana Margarida Santos – “Centro Histórico” Uma abordagem aos reflexos histórico-culturais no espaço arquitectónico da cidade contemporânea. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 2004. p. 66



Imagem 45 Baixa de Coimbra, Rua das Padeiras

O caso de Coimbra é elucidativo acerca dos problemas referidos. O crescente desinteresse pelo Centro Histórico tem sido cada vez mais uma constante, com a Baixinha a perder sucessivamente a sua raiz fulcral. Actualmente existe um consenso alargado sobre a necessidade de salvaguarda do seu património.

O Centro Histórico de Coimbra é hoje um referencial simbólico sobrecarregado pela sua conotação patrimonial, isto é, pelas memórias que encerra e que constituem o relato do imaginário construído sobre as suas presenças físicas ou imateriais. A Baixinha possui uma elevada espessura de produção e constitui um referencial identitário cuja total degradação arrastaria traumas profundos de perda da cidade e dos seus ícones referenciadores. A possibilidade de destruição desse património tem consequências incalculáveis em domínios como a perda ou ameaça à coesão social e territorial e à cidadania; a destruição dos elementos definidores da identidade; e ao enfraquecimento da própria dignidade humana.

Com base no livro “Programas Urban e Reabilitação Urbana – Revitalização de Áreas Urbanas em Crise” destacam-se ainda os seguintes problemas: predomínio da situação de arrendamento, com rendas geralmente mais baixas; fraco poder económico da maioria dos inquilinos e de alguns senhorios; habitações antigas, em mau estado de conservação e desadaptadas dos padrões actuais de habitabilidade; edifícios públicos em mau estado de conservação, alguns sem utilização; descaracterização de alguns edifícios por intervenções desajustadas; mau estado das redes de infraestruturas, em geral antiquadas e em situação degradada; grande afluxo de tráfego e congestionamento das vias; diminuição e envelhecimento da população, desaparecimento da vivência dos bairros, problemas específicos de equipamentos e serviços de apoio à população e nomeadamente às pessoas idosas, em muitos casos a viver sozinhas; tendência para a ocupação mais recente por grupos sociais em situação económica e social muito precária, com problemas de grande desenraizamento e desagregação social; desertificação nocturna, favorecendo sentimentos de insegurança; situação degradada do conjunto habitacional que desincentiva a recuperação do património residencial fora do quadro de acções globais integradas; carência de espaço público favorável à instalação de famílias jovens, por



Imagem 46 Baixa de Coimbra, Rua da Gala (à direita) e Largo da Maracha (à esquerda)

exemplo no que se refere a espaços de actividades lúdicas para crianças e adolescentes; e, por último, debilidade do comércio tradicional.

Contudo, o Centro Histórico constitui um local de inúmeras oportunidades, nomeadamente: ponto importante de referência social e cultural na cidade; implantações nalguns casos favoráveis a enquadramentos cénicos muito atractivos; existência de uma identidade própria e de relações de vizinhança; existência de zonas de comércio tradicional que poderão ser valorizadas; posição central privilegiada com capacidade para instalar funções de prestígio; diversidade de infraestruturas e de meios de transportes; existência de edifícios e locais de valor patrimonial, que nalguns casos pode ser elevado e, por vezes, até único nas suas características; grande aptidão para actividades culturais, turísticas e de recreio e lazer incluindo a instalação de equipamentos hoteleiros em edifícios a recuperar; possibilidade de utilização de edifícios cujo processo de mobilização para acções de recuperação pode ser mais facilmente desbloqueado.⁴⁷

Os problemas referidos originam três alterações significativas que contribuem para o declínio do Centro Histórico de Coimbra. Estas alterações comprometem a boa forma do edificado e conduzem a um enfraquecimento da população residente, originando um enorme círculo vicioso.

Em primeiro lugar, as alterações físicas. Aqui destacam-se as dificuldades que os edifícios enfrentam e a fragilidade da acessibilidade da rede urbana. Em relação aos edifícios, os mesmos encontram-se muitas vezes em mau estado de conservação e por vezes devolutos; as suas dimensões são geralmente condicionadas aos seus lotes, tornando difícil a adaptação do edifício às características dos novos padrões de exigências e à legislação em vigor; assim como, o valor é acrescido aquando da sua reabilitação. Grande parte deste edificado foi envelhecendo ao longo dos anos, apresentando hoje um enorme nível de degradação e de ruína por prolongada ausência de manutenção.

À acessibilidade pode também atribuir-se-lhe grande parte da responsabilidade da decadência dos Centros Históricos, para isso contribui, em grande parte, o aumento do número

⁴⁷ BAPTISTA, António J. Mendes; MARTINHO, Maria Albina – **Programas Urban e Reabilitação Urbana – Revitalização de Áreas Urbanas em Crise**. Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, Dezembro 1997. p. 85



Imagem 47 Baixa de Coimbra, Rua das Padeiras

de automóveis privados que originam inúmeros problemas de congestionamento, circulação e estacionamento. O automóvel tende a apropriar-se de todo o espaço urbano, invadindo o espaço do peão e condicionando o uso dos espaços de lazer e recreio. Contudo, face à malha medieval característica do Centro Histórico este é um problema permanente e a sua resolução é fundamental para o melhoramento destas áreas.

O espaço público, caracterizado por importantes espaços de troca, circulação, de relações, encontra-se também muitas vezes dissociado da sua função, cada vez menos frequentado vai contribuindo inevitavelmente para a crescente deterioração do espaço físico, originando uma degradação de carácter social. Nesse sentido, os espaços transmitem um sentimento de insegurança, associando-se a actos de violência e criminalidade. A este factor junta-se as fracas condições de iluminação e os horários em que o comércio se encontra fechado.

*“O espaço público é o “espelho” em que se revêem os residentes e a imagem que o bairro transmite para o exterior. Nesta medida, a qualidade do espaço público condiciona a auto-estima dos residentes, o estigma social de que se alimenta a exclusão e a atractividade do território para actividades mais qualificadoras.”*⁴⁸

Em segundo lugar, as alterações sociais. Estas alterações originam-se pelo constante desinteresse pelo Centro Histórico. Perante o estado de degradação do edificado e as dificuldades de acessibilidade da Baixinha, a população residente tende a deixar esta zona e procurar as periferias, uma vez que responde melhor às suas necessidades.

Segundo Joana Fonseca, a procura da periferia é uma consequência do modelo de expansão urbana desenvolvida que reforça as diferenças entre o centro e a periferia. Este modelo instaurou a ideia de centro inalterável, redireccionando os investimentos públicos e privados para as áreas periféricas. A ausência de critérios de localização de actividades comerciais e de prestação de serviços conduziu a deslocações das actividades tradicionalmente ligadas ao centro histórico. Corresponde a um tecido maioritariamente obsoleto, ou então fortemente tercerizado, provocando

⁴⁸ *idem.* p. 16



Imagem 48 Baixa de Coimbra

graves problemas de insegurança.⁴⁹

A Baixinha tem vindo a perder a sua multifuncionalidade e acaba por ser composta pela função residencial e pelo comércio tradicional que ocupa grande parte do edificado, normalmente com a ocupação do piso térreo e o piso superior destinado a armazéns, consequências da referida terciarização do tecido urbano da Baixa. Esta ocupação altera a vivência e identidade dos núcleos históricos, colocando em risco o seu papel enquanto referência social e cultural. Como consequência surge a desertificação populacional fora do período laboral das actividades comerciais, levando ao aumento da insegurança e marginalidade. A estes factores junta-se a ausência de atracção e de diversidade e a perda de animação e beleza local que se deve essencialmente ao facto de ser uma zona histórica com edifícios antigos, de ruas estreitas e com uma população de baixos rendimentos, que não pode suportar qualquer tipo de obras.

Por fim, em terceiro lugar, as alterações económicas. Dado o crescente abandono da população do Centro Histórico, as ruas encontram-se cada vez menos movimentadas. Estas alterações levam a que os comerciantes descreditem nesta zona enquanto espaço comercial, preferindo outras zonas mais rentáveis. Neste contexto importa referir que o comércio também tem vindo a tornar-se cada vez mais internacionalizado, sendo alvo de profundas transformações económicas, sociais e geográficas. Neste caso destaca-se a competitividade com as grandes áreas comerciais, que oferecem uma grande variedade de produtos, a preços mais competitivos, num ambiente confortável e com condições de melhor acessibilidade. Contrariamente a estes espaços, o comércio tradicional enfrenta problemas com a acessibilidade, os horários e a atractividade, a que se acresce a crescente degradação do edificado, o que leva muitas vezes a encerramento de estabelecimentos agravando a degradação urbana.

A partir da análise de Carina Gomes, na Baixa de Coimbra é bem visível a desertificação que se atribui aos centros antigos. A grande parte das fracções autónomas quer com uso residencial, quer não residencial, estão devolutas. Por outro lado, tendo em conta apenas as

⁴⁹ FONSECA, Joana Rita Rodrigues – Histori[cidades] Reflexão sobre Novas Intervenções em Contextos Urbanos Históricos. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Outubro de 2006. p. 42



Imagem 49 Pormenor de uma casa na Rua das Padeiras

fracções que estão em uso, o espaço da Baixa apresenta um carácter menos residencial e mais virado para as actividades económicas, no contexto das quais o comércio se demarca. No que respeita a população residente, as suas características diferem das que lhe são habitualmente atribuídas. A sua estrutura etária divide-se em dois pólos principais: o dos indivíduos com menos de 25 anos, por um lado, e os que têm mais de 64 anos, por outro. No que se refere à população, do total dos moradores de Coimbra, respectivamente com 148.443 habitantes, a freguesia de Santa Cruz possui 6.866 moradores e S. Bartolomeu 856 moradores.⁵⁰

A habitação é um problema-chave em quase toda a área, não só pela sua qualidade de vida mas também por ser um dos elementos mais visíveis de degradação. Os edifícios característicos da Baixinha apresentam uma série de anomalias, respectivamente na exiguidade dos espaços comuns e dos espaços interiores dos fogos, face às necessidades actuais e com as consequências ao nível de uma habitabilidade deficiente. Esta escassez de áreas e volumes no interior dos fogos relaciona-se com a exiguidade dos lotes, agravado por sucessivos acrescentos que levaram à ocupação de quase todos os espaços nas traseiras, espaços por vezes indispensáveis à manutenção de índices minimamente aceitáveis de iluminação natural e ventilação e ainda alterações do piso térreo pelas adulterações do comércio, suprimindo vários elementos arquitectónicos.

A generalizada falta de manutenção dos edifícios associa-se ao envelhecimento natural dos materiais, principalmente devido à acção da água. Dessa forma, regista-se frequentemente um grande número de patologias, sendo de realçar as infiltrações através das coberturas e as respectivas redes de drenagem das águas pluviais, muito degradadas e deficientes, as caixilharias das janelas e portas e a deterioração dos rebocos e outros revestimentos e acabamentos de paredes.

Verifica-se ainda: uma excessiva densificação da construção; deficiências espaciais e meios de evacuação (por vezes a profundidade do lote impede a existência de iluminação e ventilação em certos compartimentos interiores); os espaços comuns encontram-se geralmente

⁵⁰ GOMES, Carina Gisela Sousa – Modos de vida nas cidades e processos de reabilitação urbana. O caso da Baixa de Coimbra. Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Novembro de 2005. p. 82



Imagem 50 Baixa de Coimbra, pormenor do local da passagem do metro

com escadas e lanço de escadas estreitas e íngremes, com patamares reduzidos e com falta de iluminação, por vezes não existindo mesmo patamares; problemas de segurança estrutural, incluindo pavimentos e coberturas; insegurança ao fogo (problemas ao nível da área urbana, na acessibilidade ao local e problemas ao nível do quarteirão, pela rápida propagação de incêndios); problemas de higiene, isolamento e acústica; degradação das instalações; e por último, carências de infraestruturas e equipamentos básicos.

Na resposta à contínua degradação do Centro Histórico foram surgindo diversos estudos como resposta a uma melhoria das condições de habitabilidade. Entre as várias intervenções evidencia-se o papel que a Coimbra Viva SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana tem vindo a fazer na Baixa. Esta Sociedade Anónima, constituída em 2005, surge na sequência de diversas acções preparatórias patrocinadas pela Câmara Municipal de Coimbra e da publicação da legislação específica e pretende promover a reabilitação urbana do Centro Histórico, quebrando o modelo convencional das políticas do Estado-Providência, respondendo aos novos paradigmas das parcerias público-privadas e dos modelos empresariais de política e de gestão pública. Os prédios que pertencem ao município são adquiridos pela SRU e esta procede à sua recuperação e posterior recolocação no mercado, o que aumenta a capacidade financeira da intervenção.

A par desta iniciativa, a Baixa tem sido alvo de outras intervenções, públicas e privadas, na afirmação da cidade e da sua superior qualidade de vida e identidade, entre elas, o Metro Ligeiro de Superfície. O seu objectivo centra-se na reconversão da malha urbana a partir da introdução do traçado do metropolitano, aproveitando a oportunidade para criar novas frentes urbanas e oferecer um novo espaço público no interior dos quarteirões de forma a impulsionar a renovação e requalificação do tecido urbano degradado.

Há que referir ainda os projectos PROCOM (1995), PRU (1995), PROCOM (1999) e, mais recentemente, o Processo de Renovação Urbana e Social da Baixa (2004). E ainda o Projecto de Revitalização da Baixinha, RECRUA, o Programa PRAUD e o Programa PROCENTRO.

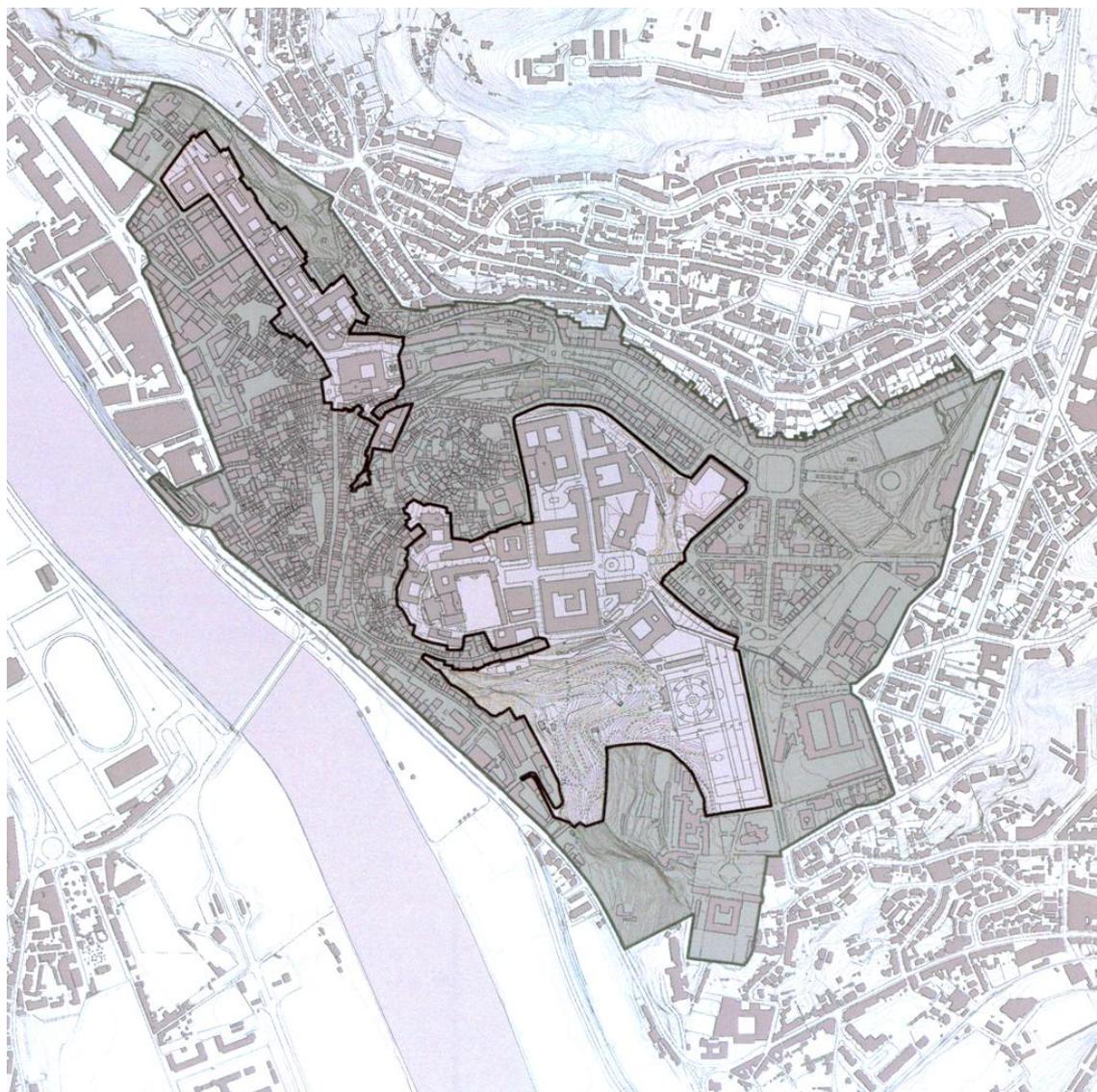


Imagem 51 Cidade de Coimbra, definição do Património Mundial com o Limite da área inscrita na lista do Património Mundial da UNESCO (a contorno preto) e o Limite da zona tampão (a contorno cinzento)

Na mesma linha, o Plano Director Municipal, em vigor desde 1994, é um instrumento que regula o planeamento e o ordenamento territorial da responsabilidade do Município e estabelece regras para a utilização, ocupação e transformação do uso do solo em todo o território do concelho de Coimbra, bem como o modelo de estrutura espacial municipal, constituindo uma síntese estratégica do desenvolvimento e ordenamento local, integrando as opções e outros ditames de âmbito nacional e regional. O PDM inclui medidas destinadas a assegurar a salvaguarda dos edifícios que constituem os centros históricos. Na Secção II do PDM de Coimbra, o Centro Histórico da cidade foi dividido em 3 Graus de Protecção, correspondendo à Baixa de Coimbra o Grau de Protecção 1, pertencendo a uma zona de alto valor histórico e centralidade, a conservar, recuperar e dinamizar.⁵¹

Segundo Françoise Choay, os centros e bairros históricos antigos, tornados património histórico por direito próprio, manifestam actualmente uma imagem privilegiada, sintética e, de certa forma, engrandecida, das dificuldades e contradições com que se confrontam a valorização do património edificado, e em particular a sua reutilização, ou seja, a sua integração na vida contemporânea.⁵²

Deste modo, para uma intervenção contemporânea sobre o existente, após a compreensão do passado e a análise da realidade, passa-se agora para o estudo das necessidades contemporâneas com o objectivo de dar resposta e essas novas exigências.

Hoje, a sociedade contemporânea caracteriza-se por uma cultura de fluxos, onde o crescente nomadismo assume um papel crucial. A mobilidade, a rápida deslocação e comunicação estão cada vez menos para uma definitiva ocupação de um determinado lugar. Actualmente, a idade dos indivíduos e o seu tempo de residência na Baixa são os factores que mais influenciam a diversidade deste género de comportamentos, denominados de padrões de mobilidade. Assiste-se a um abandono dos anteriores sistemas de valores e à recuperação dos traços de memória das

⁵¹ Câmara Municipal de Coimbra – Regulamento do Plano Director Municipal (versão consolidada). p. 25-26

⁵² CHOAY, Françoise – *A Alegoria do Património*. Lisboa, Edições 70, Maio de 2006. pág. 194



Imagem 52 Baixa de Coimbra, Edifício na Rua da Gala

identidades colectivas herdadas do passado, dentro de uma lógica diferente, inserida agora no universo da mundialização das imagens, do turismo, da informação, das redes sociais na Internet, numa tendência de *desterritorização*, fluidez, sobreposição de fronteiras e de fragmentação cultural.

Quanto à habitação, esta não esgota nem preenche a totalidade das funções exigidas pelo modo de vida urbano. Os padrões de qualidade dos espaços residenciais, apesar da sua diversidade tipológica, medem-se hoje essencialmente por: funcionalidade (nomeadamente em termos de acesso à mobilidade, a possibilidade de possuir estacionamento automóvel, posicionamento numa rede de transportes, entre outros), conforto (ruído diurno e nocturno, espaços interiores generosos, entre outros) e também distinção social (procura de locais valorizados pela presença de populações de referência).

Alguns desses edifícios sofrem processos de desactivação e descaracterização pelo abandono da população. São actualmente muitos deles realidades em decadência, exigindo que se tornem objecto de actividade criativa que permita sustentar a sua permanência útil no futuro. A tendência será para um aumento gradual da quantidade de edifícios a intervir. A sua salvaguarda residirá no reconhecimento e na importância que lhe for dada, no papel que lhe seja reservado em estratégias de desenvolvimento integrado e na adequação dos projectos de intervenção, tornando-os aptos para a sociedade actual.

Nesse sentido, as potencialidades que a Baixinha evidencia, nomeadamente a localização estratégica, o património histórico-arquitectónico, a concentração de espaços comerciais a céu aberto e de actividades económicas justificam um processo de intervenção sustentado. O seu património obriga a garantir um equilíbrio entre proteger e conservar, de um lado, e criar e inovar, por outro.

Assim, as casas terão de responder à actualidade, representando as novas necessidades e resultando das condições e circunstâncias actuais, simultaneamente com a conjugação de uma continuidade da identidade do lugar, mantendo as vivências funcionais, identitárias e relacionais do espaço, a par com a sustentabilidade, na satisfação das necessidades do presente sem

comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas. Surge, assim, a necessidade de voltar a reatribuir o conceito de grande centro urbano a Coimbra, pois o Centro Histórico de Coimbra corresponde a uma área de grande valor histórico e ambiental que deve ser conservado, recuperado e valorizado.

CAPÍTULO 3 – PROJECTO

Identificada a análise histórica e edificada como preponderantes no desenvolvimento da cidade e após a análise teórica do estudo da realidade física da Baixinha e a problemática do seu Centro Histórico procura-se agora definir o programa a intervencionar. A estratégia pretende relacionar-se com a necessidade de modernização do Centro Histórico, preservando as suas memórias e adaptando-o à vida moderna. Procede-se num primeiro ponto à explicação da intervenção estratégica da Casa Corrente, com vista à sua reabilitação. Define-se as características base da intervenção, objectivos e orientação geral e, por último, descreve-se a situação dos casos a reabilitar e explica-se a metodologia imposta para a sua reabilitação.

Por fim, num segundo ponto procede-se ao registo gráfico das peças do projecto de intervenção.

3.1 PRINCÍPIOS PROJECTUAIS

Estratégia

A Baixa de Coimbra continua a atrair um grande número de pessoas diariamente, por motivos profissionais, de negócio, de lazer e turismo, procurando uma maior diversidade de produtos e serviços. Confirma-se a atractividade desta zona em termos comerciais, associados ao património histórico, à sua centralidade, ao facto de ser um espaço aberto, à presença do comércio tradicional, à movimentação das pessoas e, por último, à identidade local. Contudo, face aos graves problemas que hoje a afectam, a Baixinha, em plena era de globalização, encontra-se num processo de transformação de identidade provocada pela crescente necessidade de intervenção. Assim, no intuito de combater o esvaziamento do Centro Histórico e as consequências que lhe advém, surge a necessidade de propor um conjunto de medidas estruturantes para combater essa tendência.

Partindo das várias frentes de análise, delineou-se um plano estratégico global de reabilitação urbana. A estratégia assenta na reabilitação dos edifícios que seguem o modelo da Casa Corrente, correspondendo aos edifícios de habitação/comércio, hoje bastante degradados, compreendendo uma agilização da intervenção por um modelo que se possa desenvolver pelos vários edifícios. Ao valor do património histórico, envolvendo a sua salvaguarda, defende-se a criatividade e a inovação, garantindo que possa haver um equilíbrio entre o reconhecimento da herança e da memória perante a exigência de as tornar vivas. A estratégia pretende deste modo conjugar e intensificar as memórias do passado, para uma redescoberta e invenção do futuro.

Dada a crescente evolução do edificado, importa agora adaptar e responder as construções às novas necessidades. Defende-se os valores do passado, mas com uma atitude construtiva, reconhecendo a sua necessidade e aceitando a sua actualização, procurando o equilíbrio, traduzindo-se num desenvolvimento da cidade baseada em parâmetros contemporâneos diversos,

contudo, mantendo a linguagem e a unidade. Deste modo, sem recusar a modernidade e as contribuições de vanguarda, procura-se uma autenticidade e continuidade de uma tradição, imagem e identidade. Segundo Joana Fonseca, a contemporaneidade pode e deve conviver com o passado, e esta é a única forma de revigoração e continuação viva desse património enquanto herança, e da participação do arquitecto enquanto construtor de um bem passível de ser transmitido a gerações futuras.⁵³

A intervenção tem como objectivos definir níveis de qualidade para os edifícios, visando dotá-los de melhores condições de habitabilidade, que assegurem a permanência e o acesso da população, bem como, manter a imagem, a leitura e a tipologia dos edifícios, afirmando a integridade dos edifícios pela utilização de materiais e técnicas tradicionais. Procurar-se também responder às novas exigências de conforto no que respeita ao desempenho das actividades domésticas, com a resolução tipológica espacial, ao nível de equipamentos e guarnição funcional. Neste sentido, pretende-se prolongar a vida útil da infraestrutura, reaproveitando as estruturas construídas e a reutilização da cidade existente, quer em termos ambientais, ao evitar o consumo de mais energia e materiais, quer ainda em termos culturais, ao contribuir para preservar o carácter da cidade, tornado assim a reabilitação numa acção sustentável.

Ao nível construtivo o projecto pretende resolver os danos físicos e as patologias construtivas, ambientais e funcionais, acumuladas ao longo dos anos; modernizar as instalações e equipamentos existentes; assim como, proceder à manutenção e correcção das fachadas, com correcções pontuais, ajustes volumétricos e demais modificações, privilegiando a estética urbana e os seus valores cénicos de enquadramento; bem como, a permanência das paredes meeiras das construções existentes; proceder à correcção de malformações efectuadas, visando a rearticulação dos seus elementos formais de composição; também deve ser feita a substituição das caixilharias existentes por outras em madeira com um melhor desempenho térmico e acústico, dando preferência ao anterior sistema utilizado, nomeadamente de duas folhas e guilhotina, em janelas de peitoril e sacada; e por último, preservar a tipologia da cobertura pela utilização de telhado em

⁵³ FONSECA, Joana Rita Rodrigues – Histori[cidades] Reflexão sobre Novas Intervenções em Contextos Urbanos Históricos. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Outubro de 2006. p. 49

estrutura de madeira, revestido com telha cerâmica.

Os edifícios são objecto de reabilitação profunda, desenvolvendo alterações na distribuição e organização interior dos edifícios. Por vezes na introdução ou adaptação de espaços para instalações e equipamentos, seja o caso de instalações sanitárias ou cozinhas, demolições ou substituições e reestruturação. As medidas previstas no RGEU são, neste contexto, substituídas por um olhar metódico, programático, equilibrado, pautado pelo bom senso, numa reconciliação definitiva com o passado.

A estratégia projectual privilegia a habitação e o comércio, fixando a população residente, a qual representa um atributo e uma valorização para a área urbana de que faz parte, sendo integrante da sua história e do seu imaginário, e captando novos habitantes. Nas linhas orientadoras das propostas de programa consideram-se os seguintes públicos-alvo: as tipologias habitacionais destinam-se a famílias em início de ciclo de vida, com e sem filhos; jovens recém-formados, entrados no mercado de trabalho; estudantes, provenientes de outros concelhos, que procuram alojamento unifamiliar, para ocupação individual ou em grupo; população de instalação sazonal; e população de meia-idade com apetência para se reinstalar no centro da cidade; as tipologias comerciais caracterizam-se pelo comércio de proximidade qualificado; comércio de produtos regionais e artesanato; outro comércio qualificado; restauração e similares.

Ao nível residencial a estratégia de intervenção centra-se numa ideia de habitação unifamiliar destinada a um grupo familiar ou um a grupo doméstico, este último determina a residência como um espaço comum de um grupo de pessoas que partilham um conjunto de actividades, conceito iniciado no século XX. Ao nível comercial pretende-se dotar o pequeno comércio tradicional de condições para adequar a oferta às necessidades e padrões de exigência dos novos residentes e da população flutuante da zona, apoiado na sua identidade e especificidades próprias, na sua história, património e oferta cultural, apostando no que tem de único. Esta transformação pretende enquadrar os negócios existentes, potenciando os que se encontram em bom estado, requalificando os outros.

Trata-se de realizar uma intervenção de reabilitação do edificado redireccionando o mercado para uma população que neste momento percebe a importância de voltar a viver num centro culturalmente revigorado, articulando as tipologias habitacionais e comerciais às lógicas do edificado pré-existente. Numa utilização diária da área sem depender da utilização do automóvel próprio, favorecendo uma acessibilidade baseada nos transportes públicos e noutras soluções alternativas, como por exemplo as bicicletas, contornando as dificuldades de acessibilidade presentes na Baixa, definindo assim uma nova resposta aos novos padrões de mobilidade.

Como orientação geral, motivada pela necessidade de uma evolução contínua da história, a estratégia de reabilitação determina um esquema tipo para a Casa Corrente. Propõe-se uma permanente integração do sentido de progressão da intimidade, no sentido de progressão do público para o privado na medida que se sobe de piso, iniciada no século XVIII e na relação entre social e particular, na passagem entre os compartimentos da frente para os compartimentos de trás, iniciada no século XIX. A primeira estabelece a separação de funções por piso e a segunda organiza-se segundo uma lógica tripartida, ordenada segundo o seu programa, em áreas comuns, áreas de serviços e áreas íntimas. No primeiro caso, a separação é feita pela localização do comércio no piso térreo e a residência nos pisos superiores, no segundo a organização leva a um afastamento das áreas de serviço, as áreas íntimas afastadas do espaço público e as áreas comuns em maior comunicação com o exterior. Assim, no caso das habitações com três pisos, ou mais, o comércio situa-se no piso térreo, no piso superior encontram-se as áreas comuns/estar e os restantes pisos destinam-se aos espaços íntimos. No caso das habitações com dois pisos a divisão é feita pela localização do comércio no piso térreo, sendo o seguinte distribuído pela anterior lógica tripartida.

Os acessos são distintos e partem directamente da rua, podendo por vezes a entrada na habitação ser feita pelo interior da loja, mantendo o princípio existente em algumas casas. Na habitação a transposição entre o espaço público e o espaço privado faz-se pela linha de fachada, sem a utilização de dispositivos complementares, a escada de tiro dá o acesso directo da rua ao

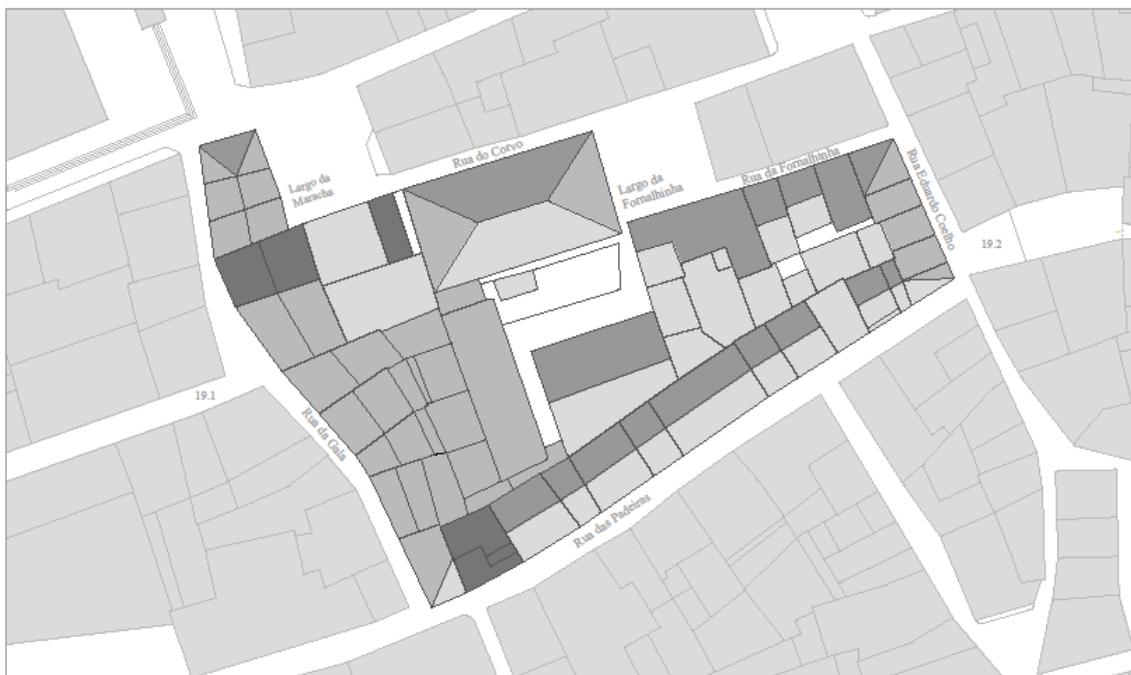


Imagem 53 Localização dos edifícios Casa Corrente, em baixo Casa Corrente 1, em cima à esquerda Casa Corrente 2 e em cima à direita Casa Corrente 3

piso superior, partindo dela a organização do espaço interior. Na compartimentação interior, a circulação é feita através de corredores, escadas e *enfiade*. Os espaços comuns retomam em certa medida a multifuncionalidade da Época Medieval, determinando uma série de funções a essas áreas, desde zona de estar, jantar e trabalho, tornando-se num espaço orgânico, concebido pela agregação de diferentes funções. Contudo, o espaço íntimo, nomeadamente os quartos tornam-se monofuncionais, proporcionando uma ideia de conforto pela especialização do espaço.

A preservação da morfologia parcelar constitui o principal factor de intervenção. As parcelas mantêm o seu registo, constituindo-se enquanto modelo das soluções propostas. Privilegia-se uma escala mínima de intervenção do conjunto edificado, o quarteirão, enquanto estudo para conduzir as intervenções de reabilitação na Baixinha, tornando o edifício como unidade de actuação.

A área em estudo, o quarteirão situado na Baixa de Coimbra referido anteriormente, tem como propósito a elaboração prática desta estratégia. O desafio passou por identificar uma zona que enfrente graves problemas e ao mesmo tempo constitua um modelo que contribua para uma contínua reabilitação da Casa Corrente. Definida a área de intervenção delimitou-se três edifícios de forma a materializar a estratégia. Estes edifícios evidenciam-se seja pela situação em que se encontram, de total ruína, pelo avançado estado de degradação, seja pelo seu valor e ainda por serem três edifícios característicos da Baixa, dotados de características espaciais que se revelam muito interessantes para o desenvolvimento de um projecto com vista à sua reabilitação.

O edifício Casa Corrente 1 corresponde a uma construção de três pisos, o primeiro comercial e os seguintes habitacionais, com frente para a Rua das Padeiras. Actualmente, o piso térreo divide-se em duas lojas, a primeira determina um espaço amplo com uma pequena instalação sanitária em anexo e a segunda permite o acesso ao interior da habitação na parte posterior. No alçado pode verificar-se que a primeira loja mantém as tradicionais aberturas, uma porta e uma janela emolduradas em pedra, e a segunda encontra-se hoje bastante adulterada devido à nova abertura introduzida pela loja, uma grande porta envidraçada com moldura.

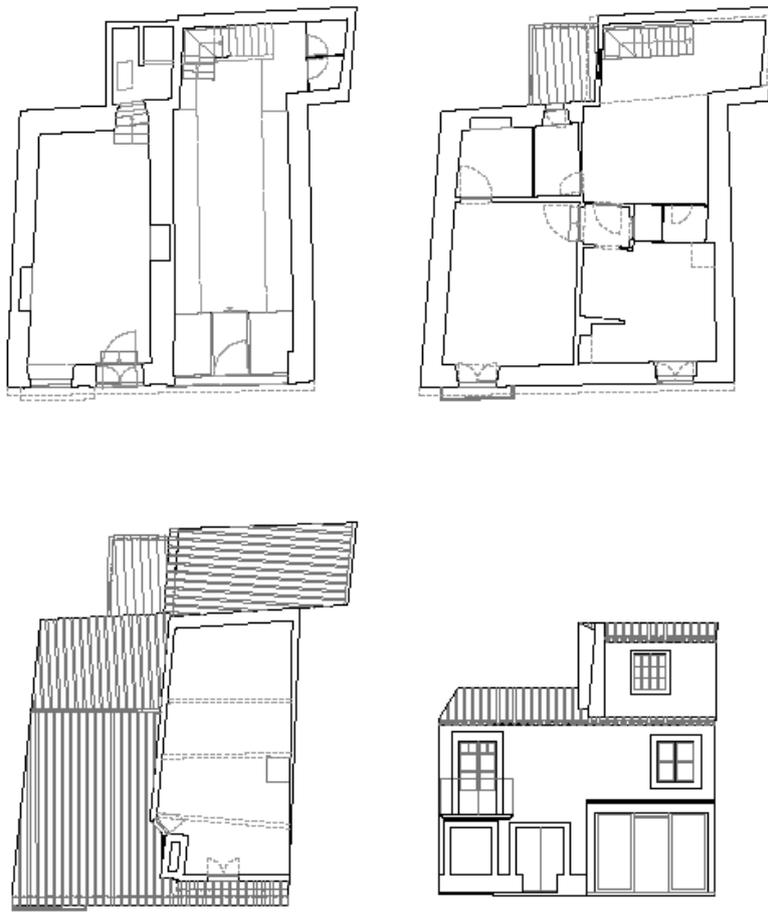


Imagem 54 Casa Corrente 1, pré-existências, Piso r/c (em cima à esquerda), Piso 1 (em cima à direita), Sótão (em baixo à esquerda) e Alçado Sul (em baixo à direita)

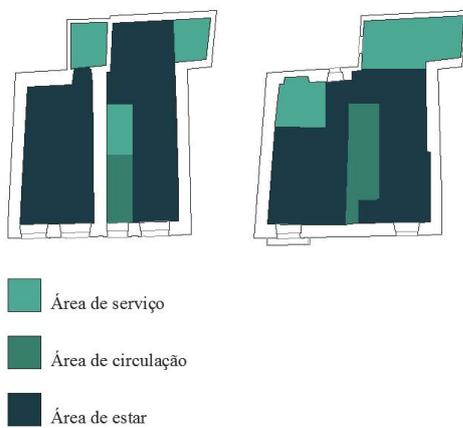


Imagem 55 Casa Corrente 1, esquema de distribuição de áreas do projecto, Piso r/c (à esquerda) e o Piso 1 (à direita)

No piso superior a compartimentação interior determina os espaços comuns e íntimos voltados para a rua, com uma melhor iluminação, e os espaços de serviço voltados para a parte posterior, com uma menor abertura dos vãos. A circulação é feita através de um espaço central que proporciona o acesso aos vários compartimentos, esta área determina a entrada num pequeno *hall* de entrada no espaço comum e privado. A esfera social da habitação apresenta uma reduzida altura, com um pé-direito com cerca de 1,25m. No último piso encontra-se um pequeno sótão, sendo visível a marcação da sua estrutura.

No alçado, com origem possivelmente do século XVII⁵⁴, revê-se uma certa aleatoriedade na disposição das aberturas. Os vãos apresentam moldura, as portas são de uma e duas folhas e em madeira, alumínio e vidro. As janelas são de peito, excepto a janela de sacada no piso intermédio, com uma pequena varanda, com caixilharia de duas folhas e em madeira. Na cobertura o sótão marca um aspecto recortado do edifício e a chaminé contribui para uma maior marcação do desenho do telhado. A cobertura apresenta duas águas, em estrutura de madeira revestida com telha cerâmica.

Após a análise do edifício e com base na estratégia de reabilitação o projecto da Casa Corrente 1 compreende uma distribuição com base no “esquema tipo” para a Casa Corrente, representado na página anterior. O comércio situa-se no piso térreo e a habitação no piso superior. O piso térreo organiza-se com duas pequenas lojas, a primeira com uma área de serviço, nomeadamente uma instalação sanitária, e a segunda com duas, uma instalação sanitária e um arrumo. O acesso ao piso superior é feito directamente a partir da rua, a sua entrada localiza-se entre as duas fachadas das lojas ocupado parte de uma, proporcionando a correcção da mesma pela separação de acessos, individualizando a habitação e a loja.

O primeiro piso organiza-se com a escada central que divide as áreas comuns das áreas íntimas e com as áreas de estar voltadas à rua e os espaços de serviço na parte posterior. A sala de estar, localizada do lado direito, relaciona-se com a rua, a escada de acesso e com a cozinha ao fundo, do outro lado, os espaços íntimos com o quarto e uma instalação sanitária. Neste piso, o

⁵⁴ Segundo Luisa Trindade em Anexo I – Entrevista realizada à Doutora Professora Luisa Trindade, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no dia 26 de Março de 2012.

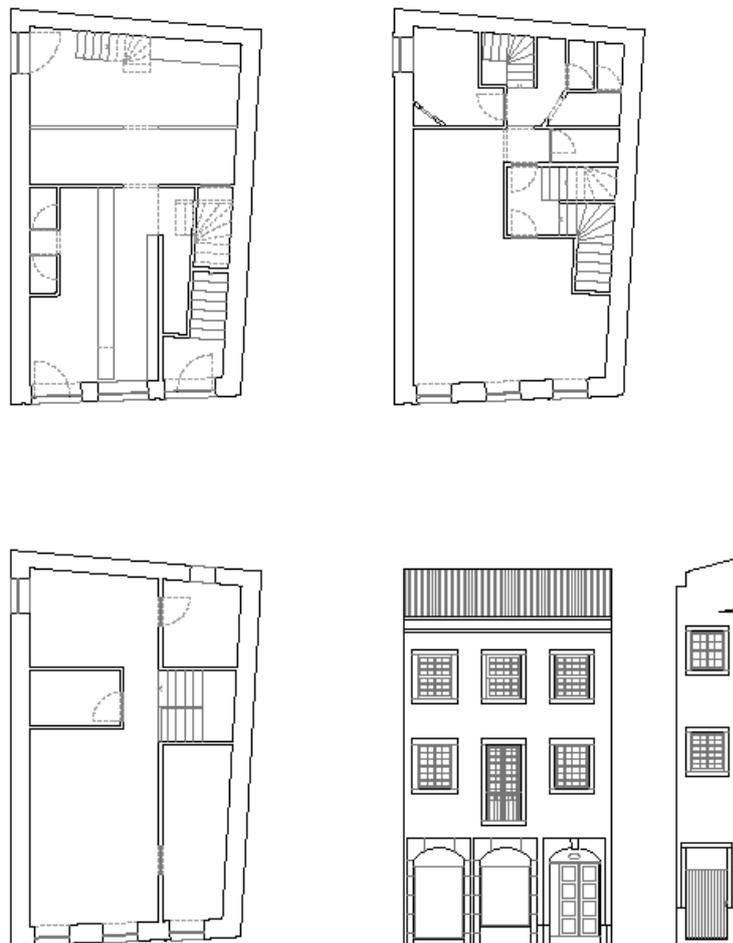


Imagem 56 Casa Corrente 2, pré-existências, Piso r/c (em cima à esquerda), Piso 1 (em cima à direita), Piso 2 (em1 baixo à esquerda), Alçado Oeste (ao centro) e Alçado Norte (em baixo à direita)

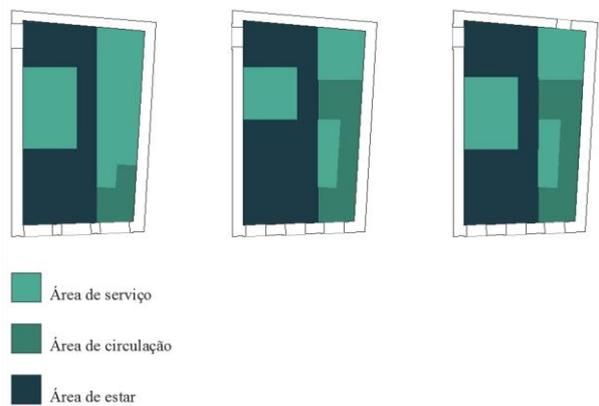


Imagem 57 Casa Corrente 2, esquema de distribuição de áreas do projecto, Piso r/c (à esquerda) e o Piso 1 (ao centro) e Piso 2 (à direita)

telhado relaciona-se directamente com a sala de estar, o seu actual pé-direito determina uma reduzida altura, de forma que se optou pela abertura do segundo piso com o sótão, proporcionando um maior pé-direito e uma maior luminosidade.

Os materiais utilizados seguem as técnicas construtivas tradicionais, o pavimento de madeira assenta sobre a estrutura também de madeira e as paredes são em gesso cartonado e reboco. Os vãos das janelas e das portas são em caixilharia de madeira, de uma e duas folhas. Por último, o telhado é de duas águas, suportado por uma estrutura de madeira e revestido com telha cerâmica.

O edifício Casa Corrente 2 corresponde a uma construção de três pisos, o primeiro destinado à restauração e os seguintes habitacionais. Actualmente, no piso térreo encontra-se uma pequena pastelaria e o acesso à habitação com entrada a partir da Rua da Gala e outra entrada secundária a partir do Largo da Maracha. O alçado mantém as tradicionais aberturas, os acessos compreendem os vãos laterais, com uma janela na parte central para a loja.

A loja organiza-se segundo uma pequena entrada e espaço de balcão para o público e com acesso a duas pequenas instalações sanitárias, após o balcão, o espaço destina-se aos funcionários e compreende um arrumo por baixo da escada de acesso ao piso superior, seguido de mais duas zonas para fabrico dos produtos e ainda uma cozinha na parte posterior, onde se localiza um novo acesso ao piso superior. Este último recebe as duas escadas de acesso podendo ser feita aqui as ligações entre a loja e a habitação. Destina-se aos armazéns da loja e a compartimentação define primeiro um espaço com duas instalações sanitárias, um espaço de arrumos, um pequeno escritório e um espaço amplo para armazém.

O acesso ao segundo piso é feito por uma escada de dois lanços lateral à existente, aí prevalece uma ideia de corredor central que divide funções. O espaço comum encontra-se voltado à Rua da Gala, a cozinha ao Largo da Maracha e a instalação sanitária entre os dois, do outro lado, os espaços íntimos com dois quartos. Apenas o último piso apresenta uma regularidade na lógica de apresentação, os anteriores definem uma ideia de circulação central mas compartimentada.

A fachada, possivelmente do século XVII⁵⁵, é bastante regular e simétrica. No piso térreo as molduras das portas definem um arco e a caixilharia é de uma e duas folhas em alumínio e madeira. Os vãos das janelas são também emoldurados, as janelas são de peitoril, excepto no primeiro piso em que a janela central é de sacada, a caixilharia é de madeira, de duas folhas e guilhotina. A cobertura é de duas águas, em estrutura de madeira e revestida com telha cerâmica.

Após a análise do edifício e com base na estratégia de reabilitação o projecto da Casa Corrente 2 compreende uma distribuição com base na organização do corredor central, representada no esquema da imagem anterior. O edifício segue a lógica da casa tipo, com o comércio no piso térreo e a habitação nos andares superiores, nomeadamente uma pastelaria e uma habitação de tipologia T2. No piso térreo mantém-se os acessos a partir da Rua da Gala, o vão direito faz o acesso à habitação e os seguintes pertencem à loja. A pastelaria organiza-se com a área de estar à entrada na loja e posteriormente com uma área de armazém e as áreas de serviço, nomeadamente, uma cozinha, um escritório e duas instalações sanitárias.

No primeiro piso encontram-se as áreas comuns, com a sala de estar voltada à Rua da Gala e a cozinha ao Largo da Maracha, e ainda as áreas de serviço, uma instalação sanitária e dois espaços de arrumos. O acesso ao andar superior é feito por uma escada de tiro sobreposta à anterior, neste último piso encontram-se os quartos e as áreas de serviço.

Por último, os materiais utilizados seguem as técnicas construtivas da pré-existência, o pavimento é de madeira, as paredes em estrutura e revestimento de madeira e reboco. A caixilharia é de madeira, de uma e duas folhas e guilhotina.

Por fim, o edifício Casa Corrente 3 corresponde a uma construção de três pisos com frente para o Largo da Maracha, actualmente em ruína. A anterior função determinava o comércio no piso térreo e a habitação nos superiores. O piso térreo estabelecia um acesso à loja e outro à habitação. A escada de tiro levava ao piso superior e aí determinava-se uma organização composta possivelmente por uma nova escada central de dois lanços e uma divisão para cada um dos lados,

⁵⁵ *idem*

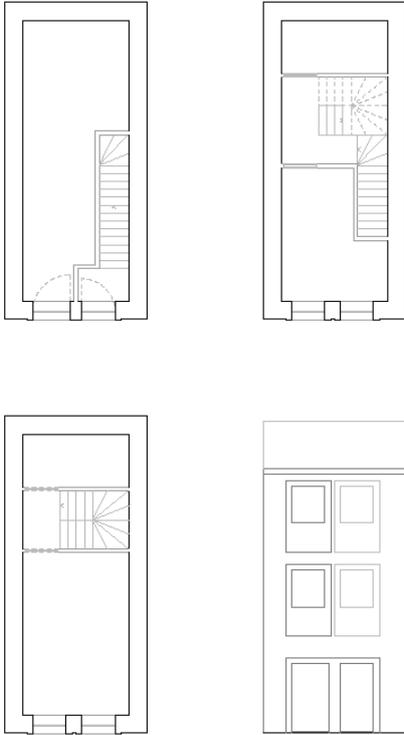
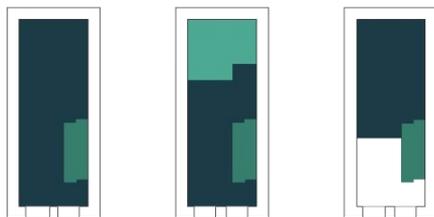


Imagem 58 Casa Corrente 3, pré-existências, Piso r/c (em cima à esquerda), Piso 1 (em cima à direita), Piso 2 (em1 baixo à esquerda) e Alçado Norte (em baixo à direita)



-  Área de serviço
-  Área de circulação
-  Área de estar

Imagem 59 Casa Corrente 3, esquema de distribuição de áreas do projecto, Piso r/c (à esquerda) e o Piso 1 (ao centro) e Piso 2 (à direita)

repetindo-se este modelo no piso seguinte.⁵⁶

Actualmente a fachada, originária possivelmente do século XV/XVI⁵⁷, encontra-se encerrada. Da sua análise é possível perceber que no piso térreo se definem duas portas e nos pisos superiores apenas um vão de janela de peito com um desenho que leva a crer na existência de aventais de janelas. Provavelmente as janelas repetiam-se a par com as portas, às actuais uma por piso existiriam duas. Os caixilhos seriam de madeira e guilhotina. A cobertura possuiria duas águas, em estrutura de madeira e revestida com telha cerâmica.

Após a análise do edifício e com base na estratégia de reabilitação o projecto da Casa Corrente 3 compreende uma distribuição com base no “esquema tipo” da Casa Corrente com a loja no piso térreo e a habitação nos pisos superiores, contudo devido à reduzida área do edifício a loja relaciona-se directamente com a habitação de forma a conferir uma maior utilização do espaço. No piso térreo o acesso é feito pelo Largo da Maracha, no interior da loja o acesso ao piso superior é feito por uma escada de tiro.

No primeiro piso encontra-se a sala de estar em convivência com o exterior, a cozinha e a instalação sanitária na parte posterior. O acesso ao andar seguinte é feito por uma escada de tiro sobreposta à anterior, neste último piso encontra-se o quarto relacionado com a sala de estar pela introdução de um pé-direito duplo.

Por último, os materiais seguem as técnicas construtivas das propostas anteriores, o pavimento é de madeira, as paredes em estrutura e revestimento de madeira e reboco. A caixilharia é de madeira, de uma folha e guilhotina.

⁵⁶ Em conversa com os moradores, a anterior função determinava o comércio no piso térreo e a habitação nos pisos superiores, com acessos independentes. O comércio estabelecia uma pequena loja de mercearia. A habitação era feita nos pisos superiores, com o acesso feito directamente da rua, através de uma escada em tiro que levava ao piso superior.

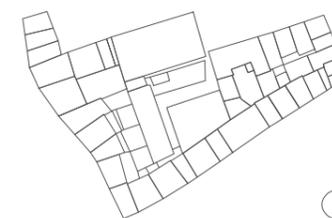
⁵⁷ Em Anexo I – Entrevista realizada à Doutora Professora Luisa Trindade, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no dia 26 de Março de 2012.

3.2 PROJECTO DE REABILITAÇÃO

Desenhos

FOLHA_01 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



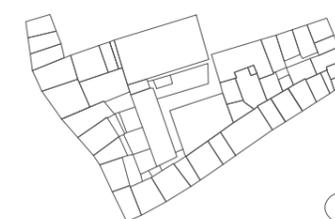
Planta de Enquadramento
Baixa de Coimbra

Escala 1:5000



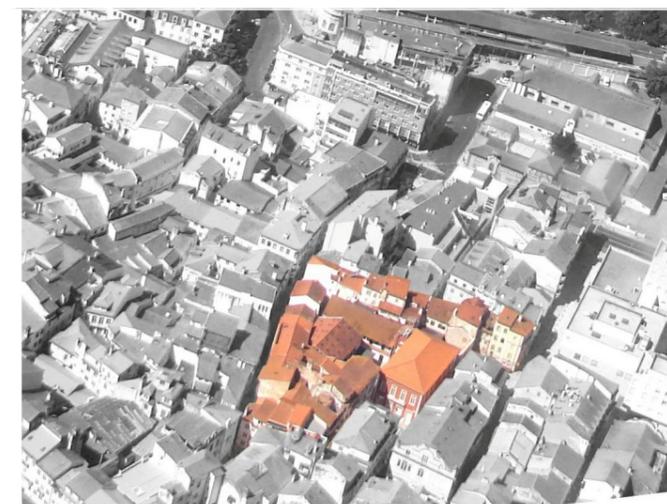
FOLHA_02 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



Planta de Localização
Quarteirão de Estudo

Escala 1:2000



FOLHA_03 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



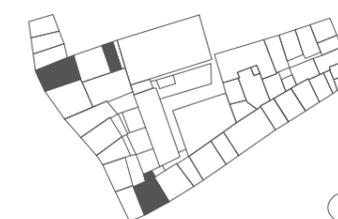
- Largo da Fornalhinha 1
- Rua Eduardo Coelho 2
- Rua das Padeiras 3
- Rua da Gala 4
- Largo da Maracha 5
- Rua do Corvo 6



Rua das Padeiras



Rua Eduardo Coelho



Planta de Cobertura e Alçados do Quarteirão
Edifícios a Reabilitar



Rua da Fornalhinha

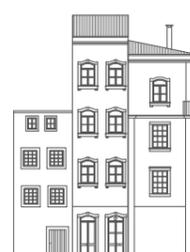


Largo da Fornalhinha



Rua do Corvo

Escala 1:1000 e 1:500



Largo da Maracha



Rua da Louça

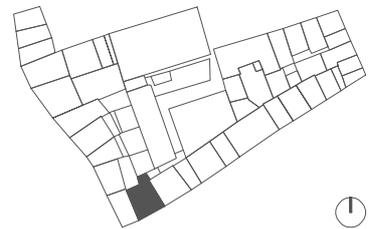


Rua da Gala



FOLHA_04 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

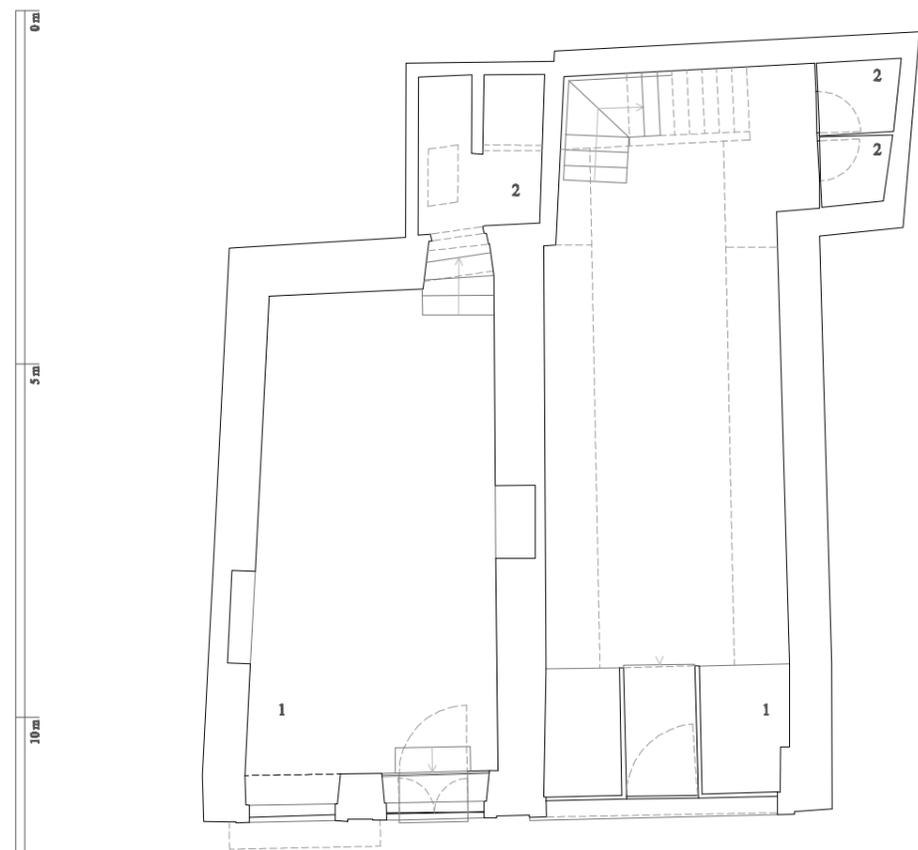


Casa Corrente 1 (Rua das Padeiras)



FOLHA_05 Projecto de Reabilitação

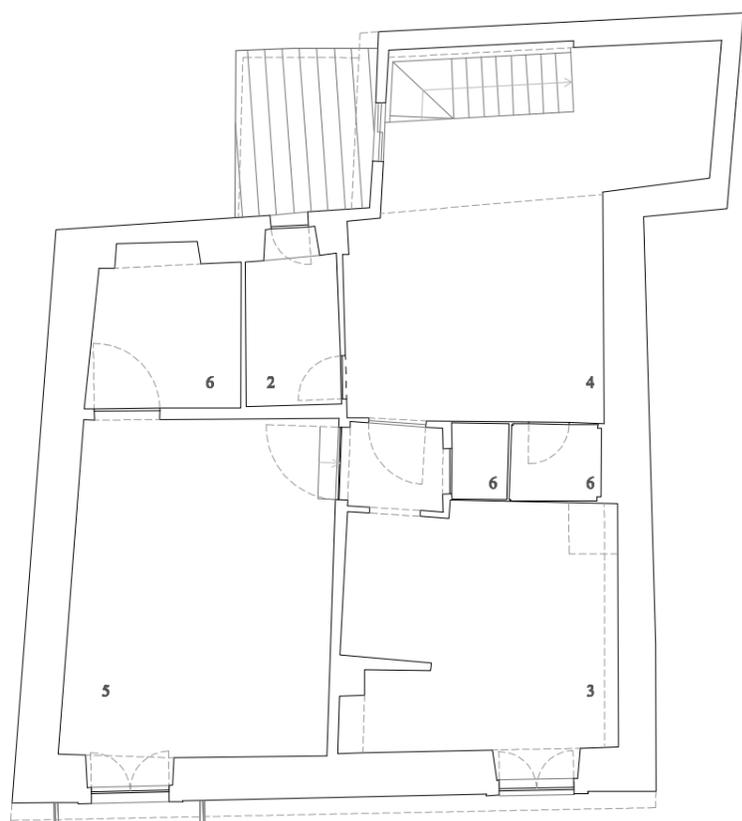
A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



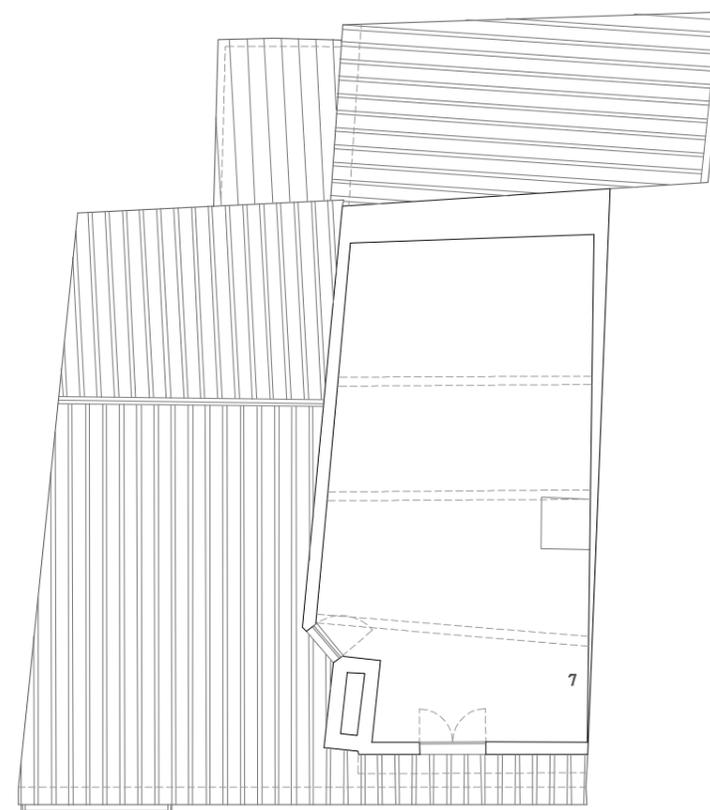
Piso r/c



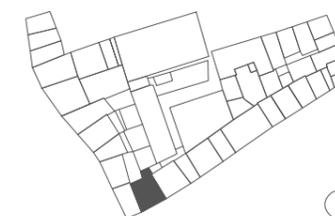
Alçado Sul



Piso 1



Sótão



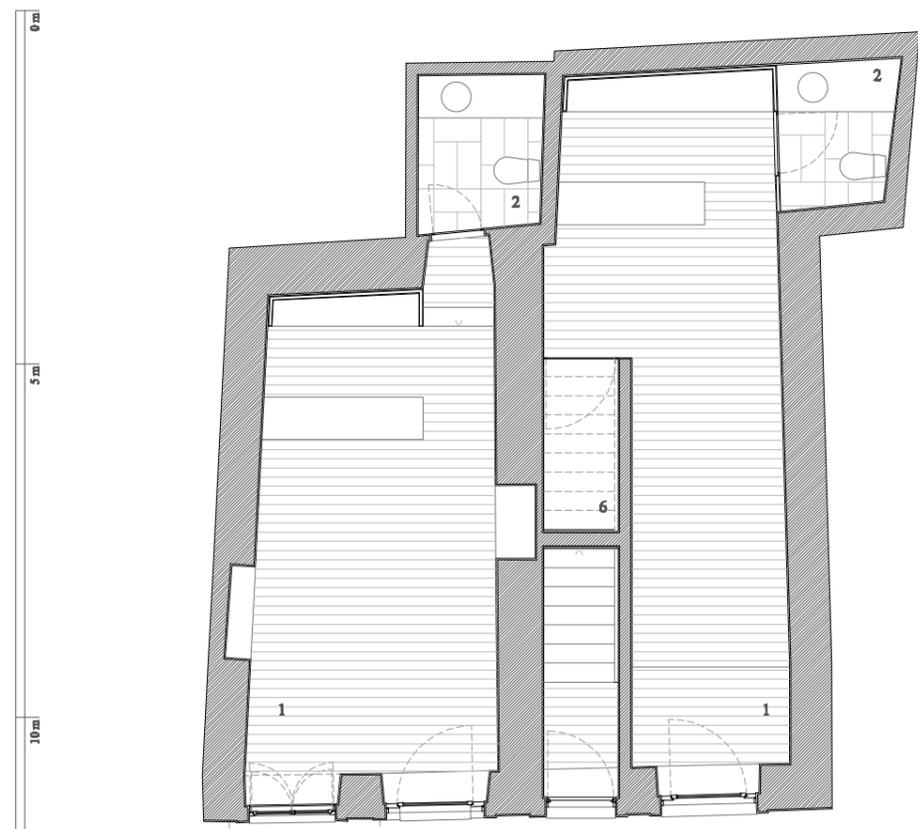
Plantas Piso r/c, 1, Sótão e Alçado Sul
Pré-existências

Escala 1:100



FOLHA_06 Projecto de Reabilitação

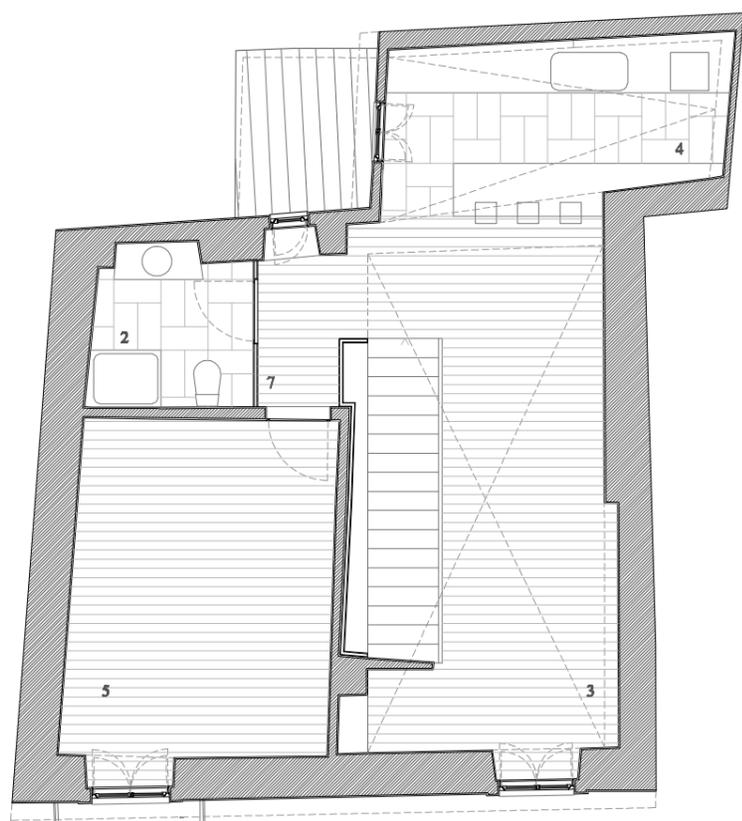
A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



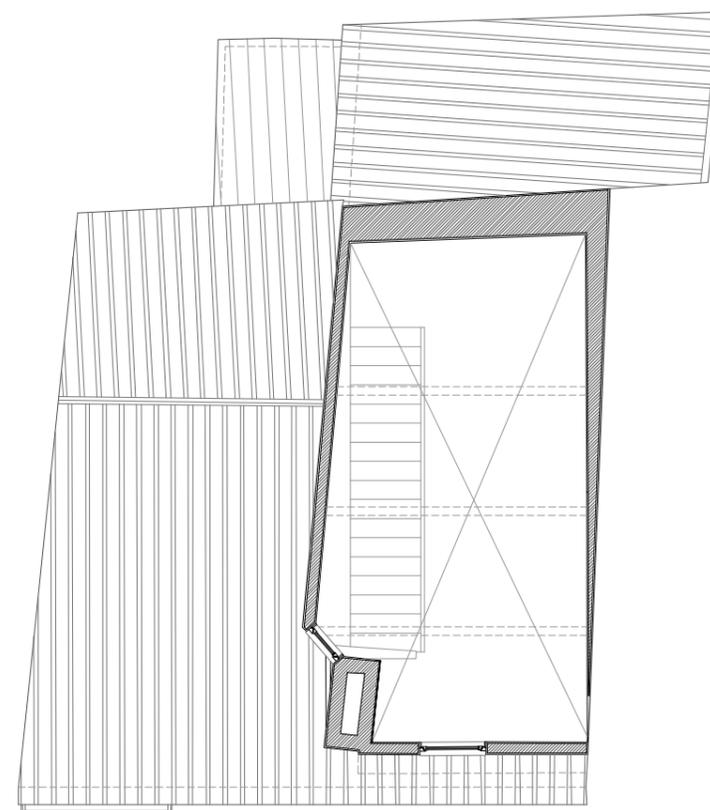
Piso r/c



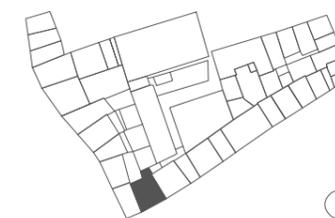
Alçado Sul



Piso 1

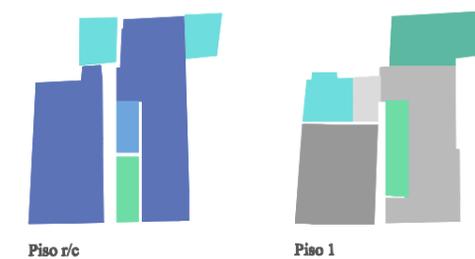


Sótão



Plantas Piso r/c, 1, Sótão, Alçado Sul e Organograma
Projecto

Escala 1:100



- Loja 1
- Instalação Sanitária 2
- Sala de Estar 3
- Cozinha 4
- Quarto 5
- Arrumo 6
- Hall 7

FOLHA_07 Projecto de Reabilitação

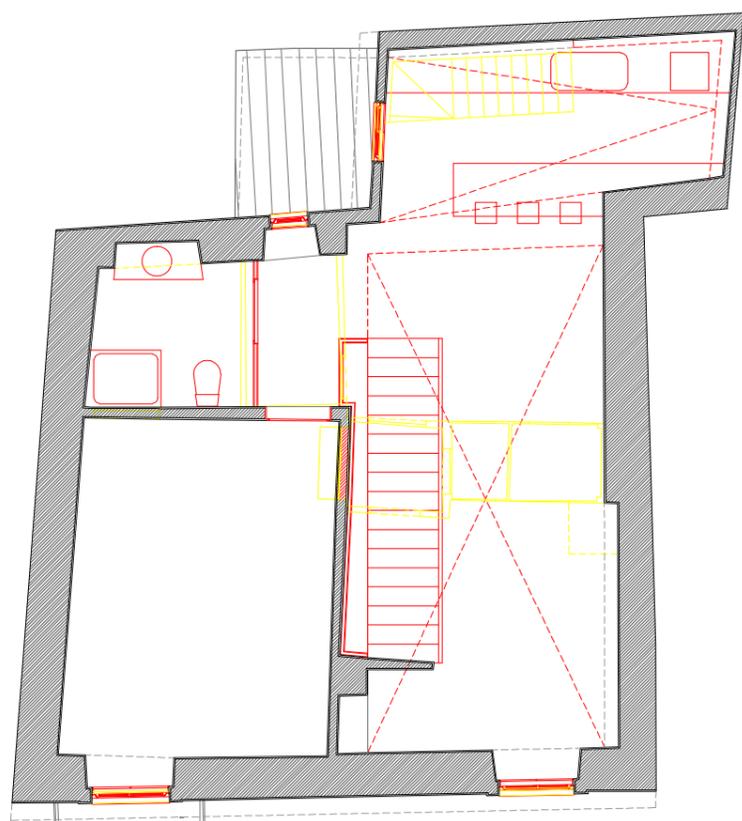
A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



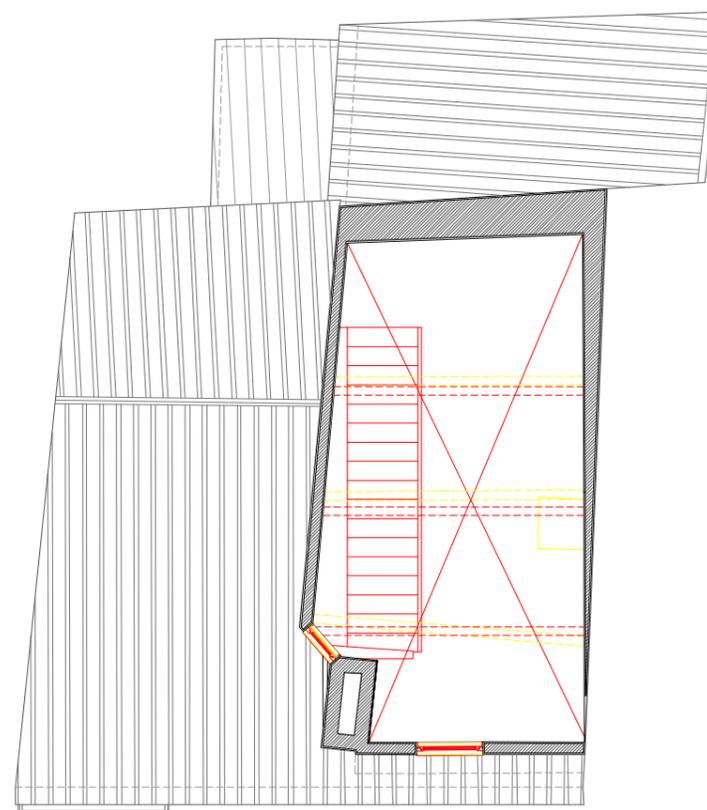
Piso r/c



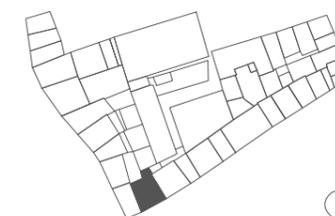
Alçado Sul



Piso 1

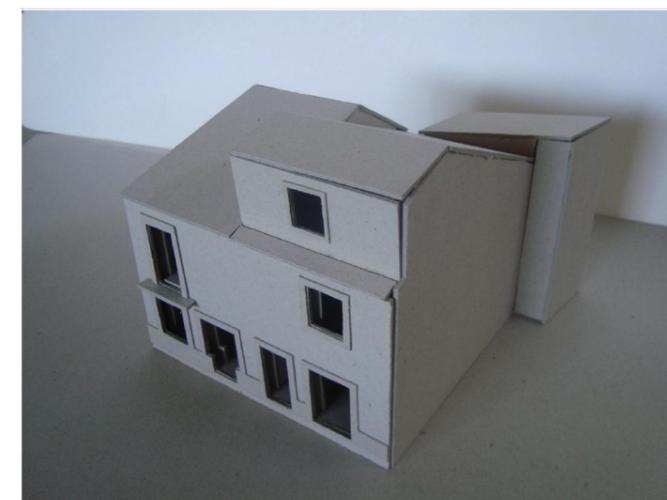


Sótão



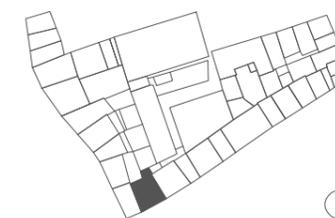
Plantas Piso r/c, 1, Sótão e Alçado Sul
Vermelhos e Amarelos

Escala 1:100



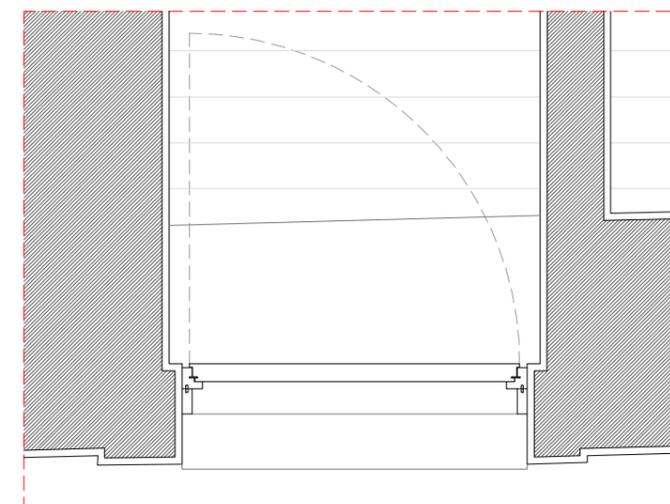
FOLHA_08 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



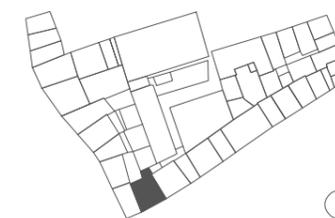
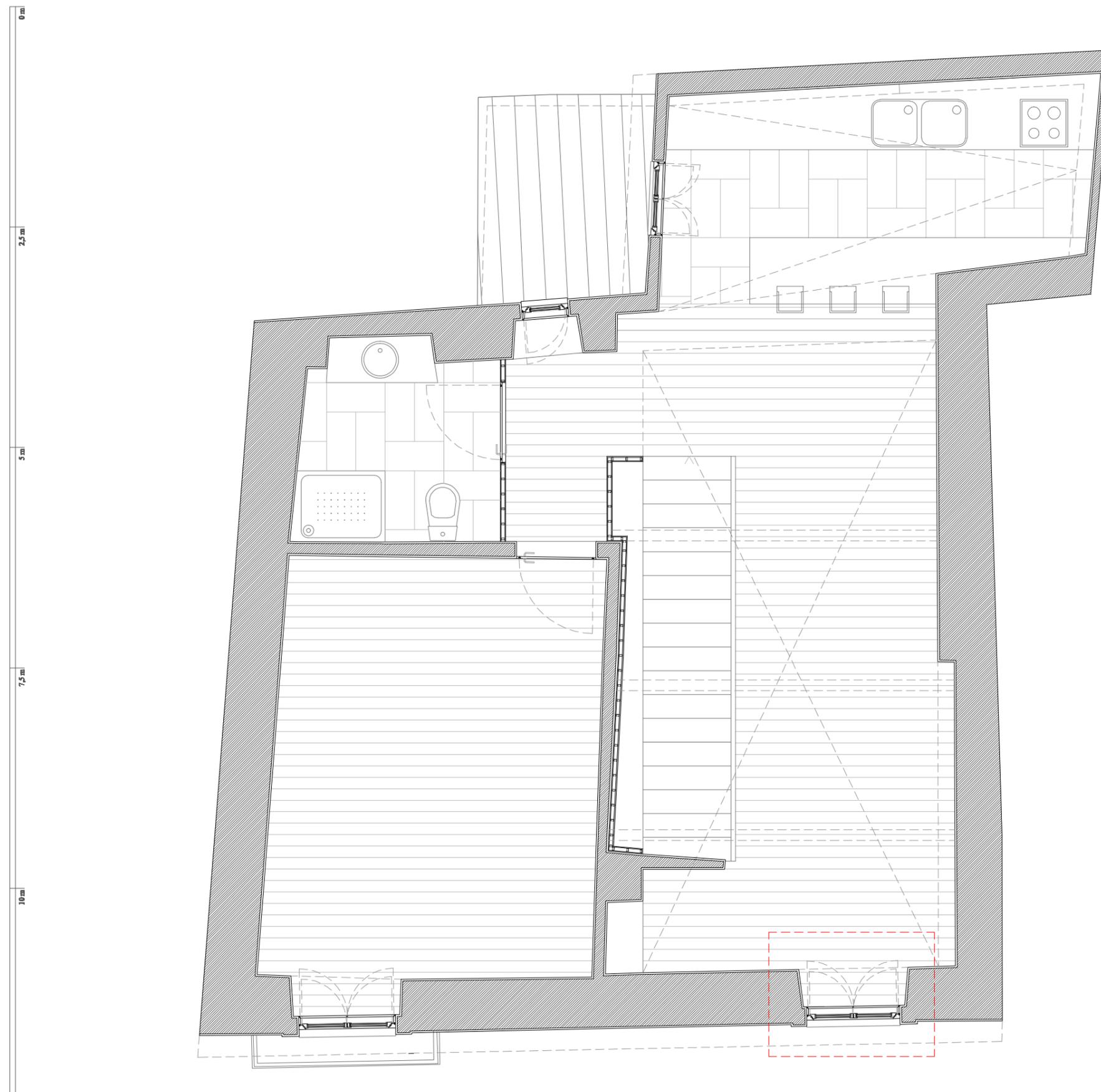
Planta Piso r/c e Pormenor Construtivo
Projecto

Escala 1:50 e 1:20



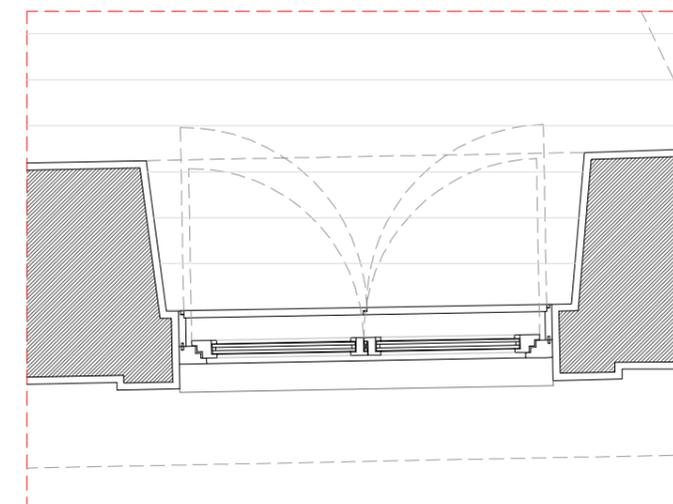
FOLHA_09 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



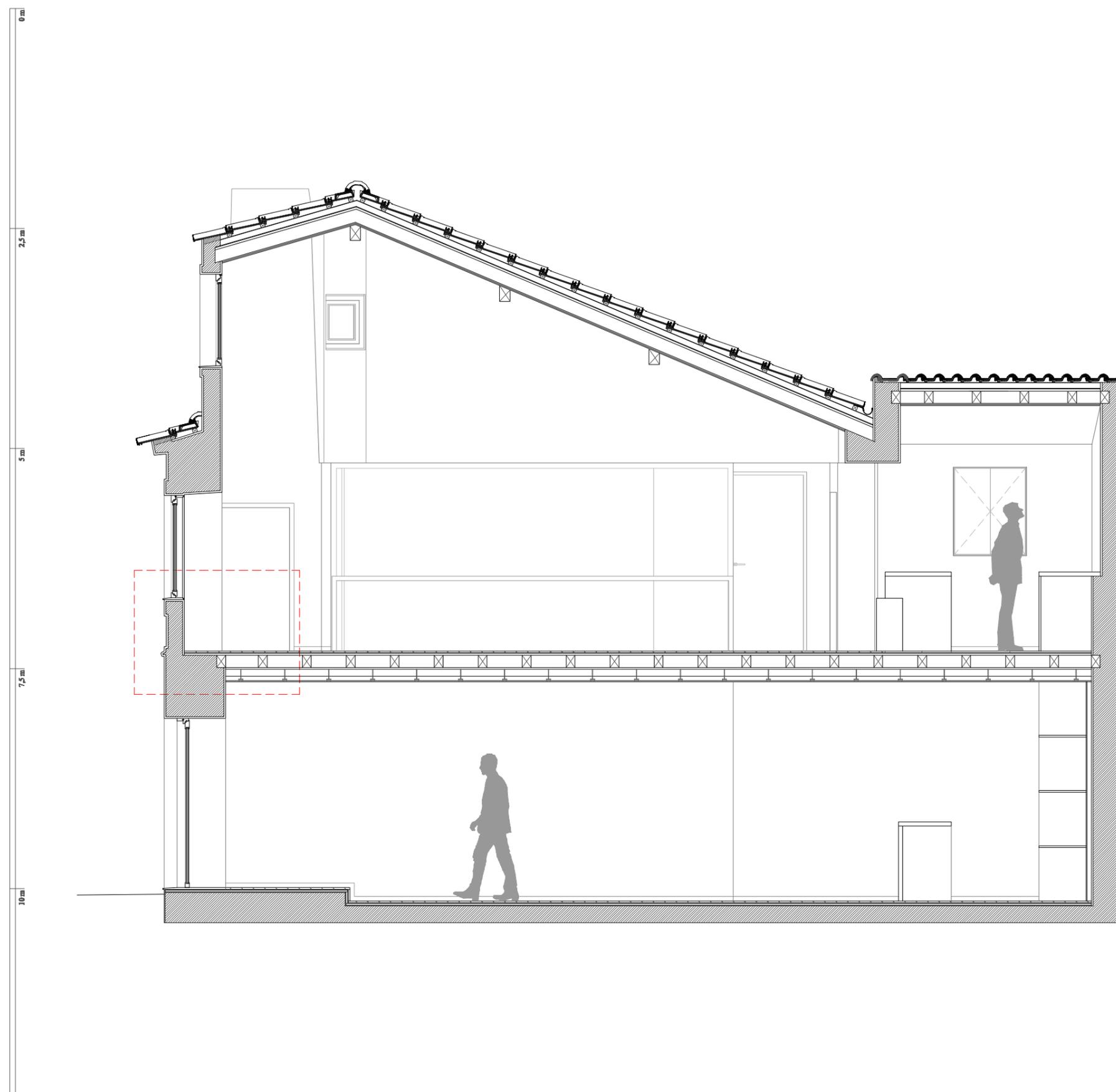
Planta Piso 1 e Pormenor Construtivo
Projecto

Escala 1:50 e 1:20

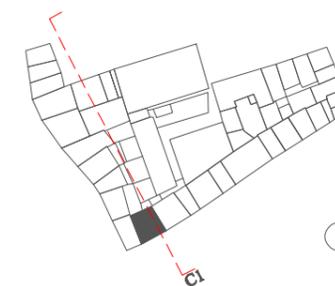


FOLHA_10 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

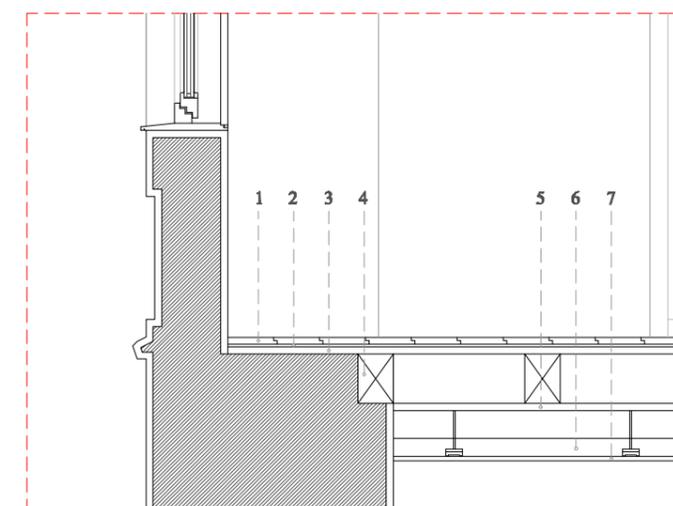


- Placa de Madeira 1
- Camada de Assentamento 2
- Ripa de Madeira 3
- Viga de Madeira 4
- Ripa de Madeira 5
- Isolamento Acústico 6
- Placa de Pladur 7



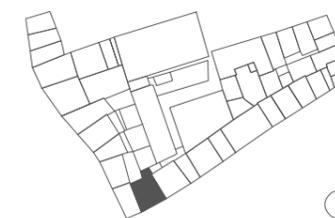
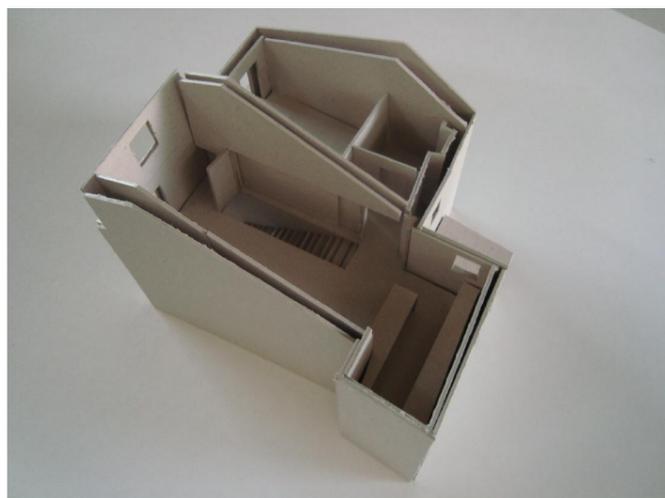
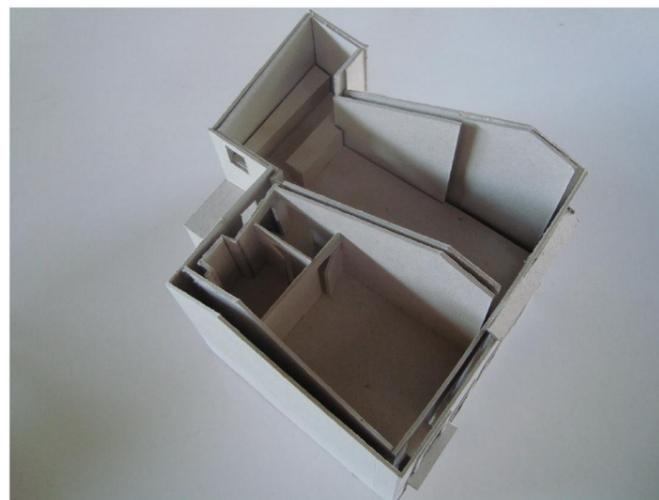
Corte C1 e Pormenor Construtivo
Projecto

Escala 1:50 e 1:20

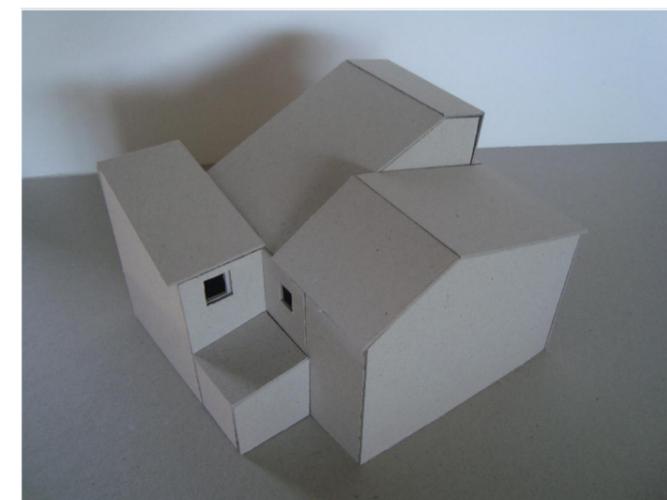


FOLHA_11 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



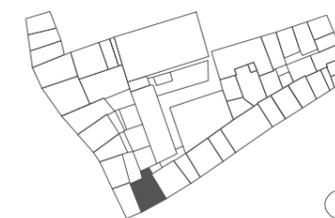
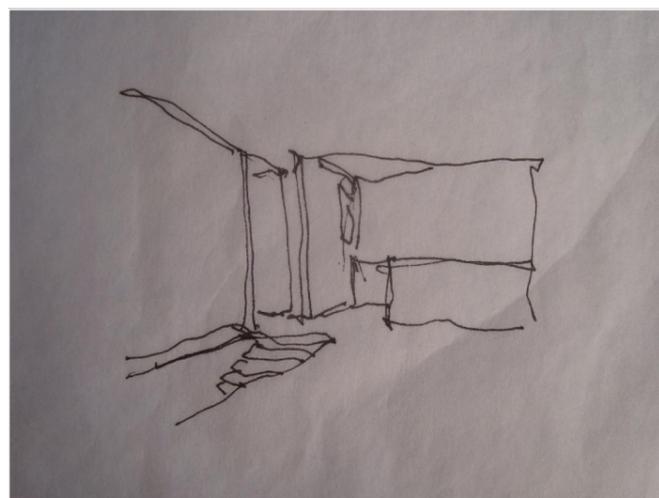
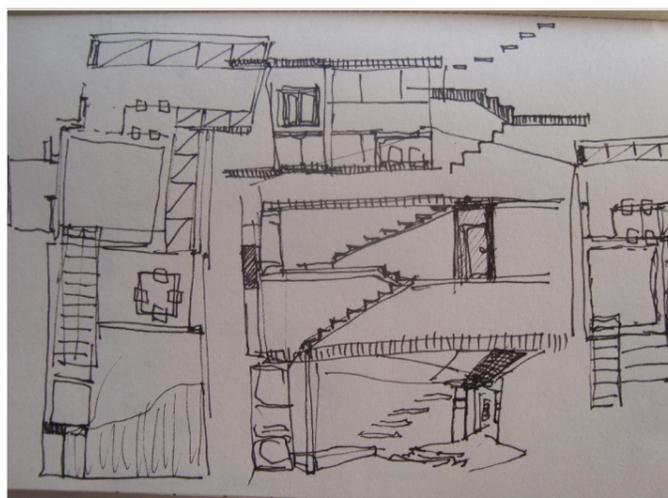
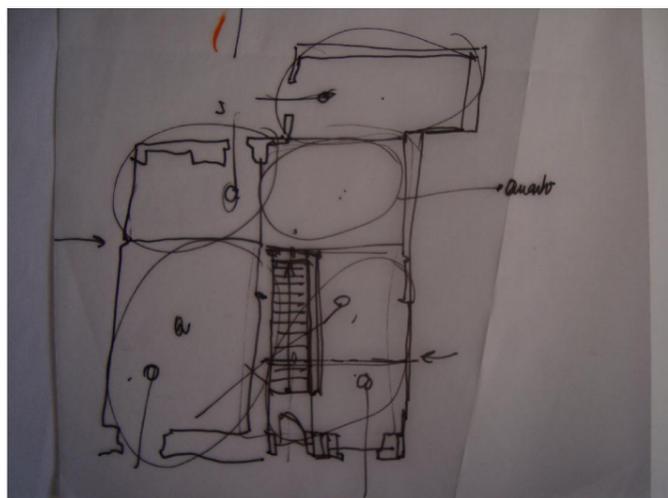
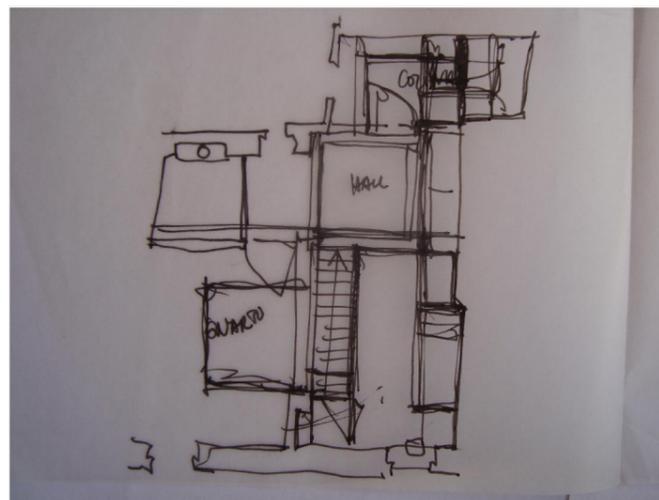
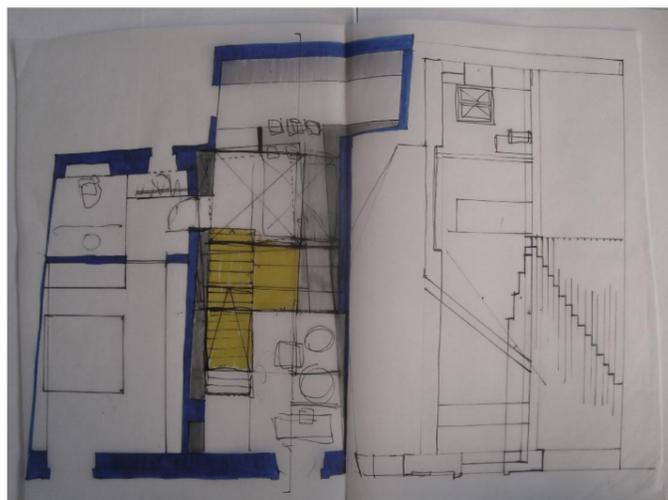
Maquete
Projecto



FOLHA_12 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

0 m
5 m
10 m
15 m
20 m

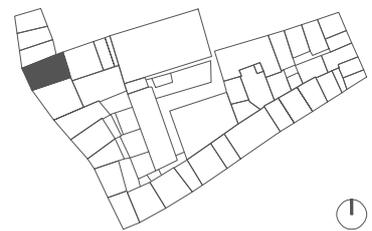


Desenhos e Imagens
Projecto



FOLHA_13 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



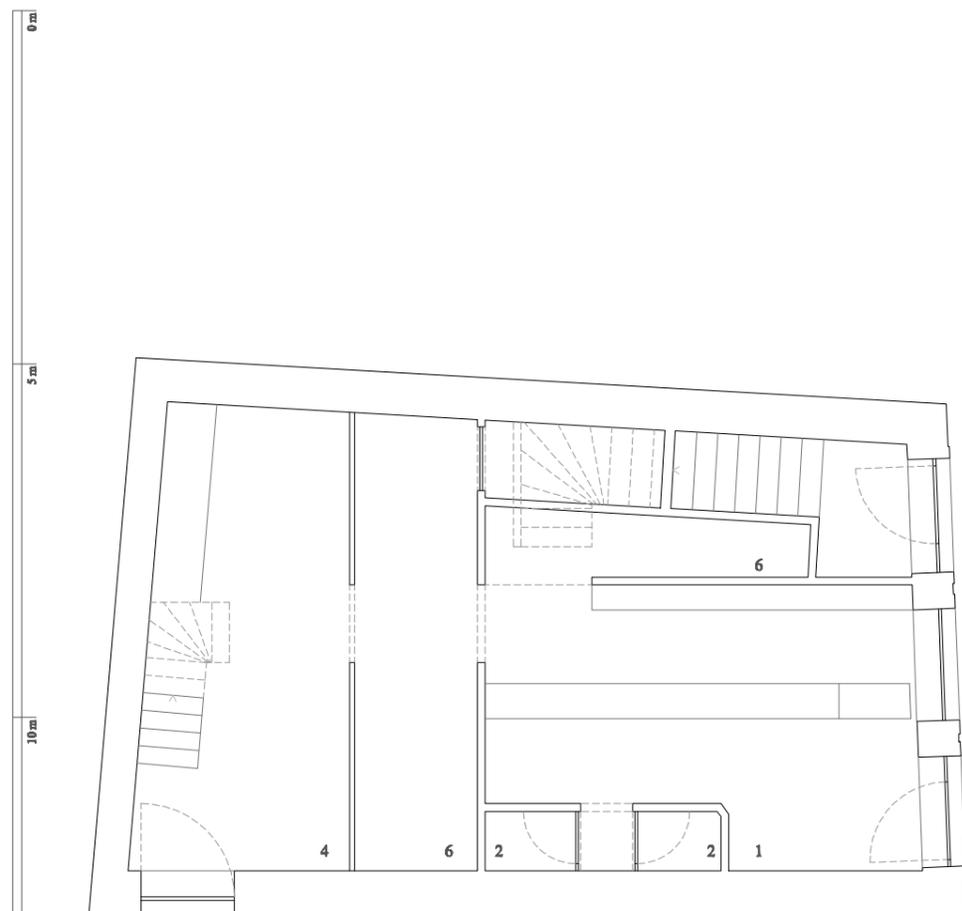
Casa Corrente 2 (Rua da Gala)



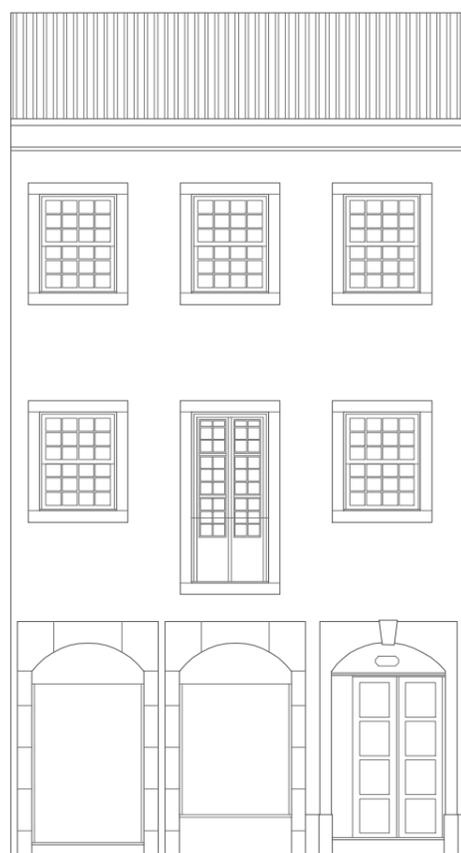
FOLHA_14 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

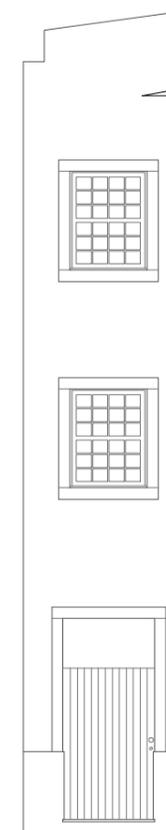
- Loja 1
- Instalação Sanitária 2
- Sala de Estar 3
- Cozinha 4
- Quarto 5
- Arrumo 6
- Escritório 7
- Armazém 8



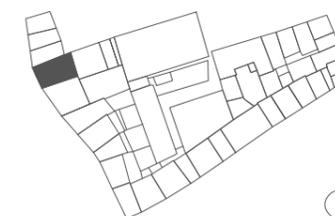
Piso r/c



Alçado Oeste

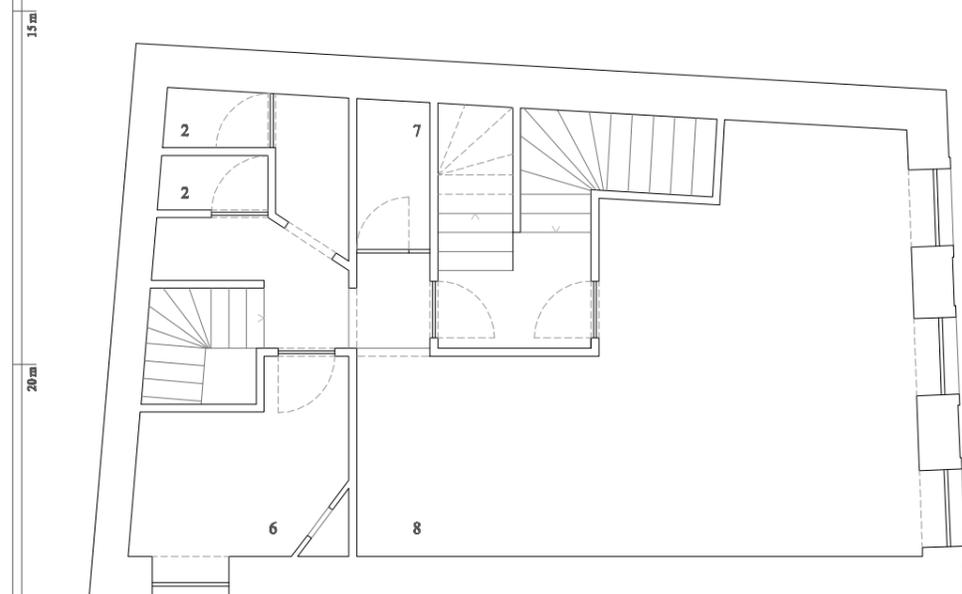


Alçado Norte

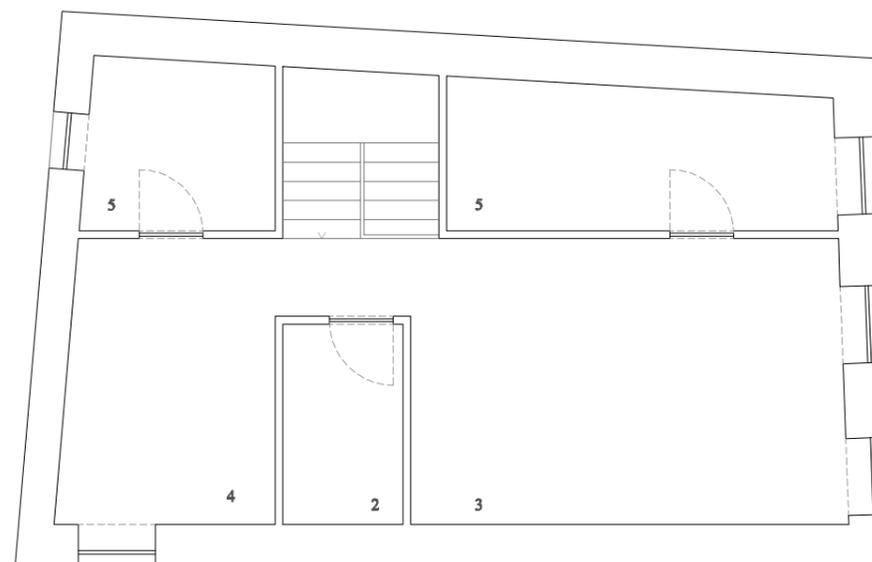


Plantas Piso r/c, 1, 2, Alçado Norte e Oeste
Pré-existências

Escala 1:100



Piso 1



Piso 2

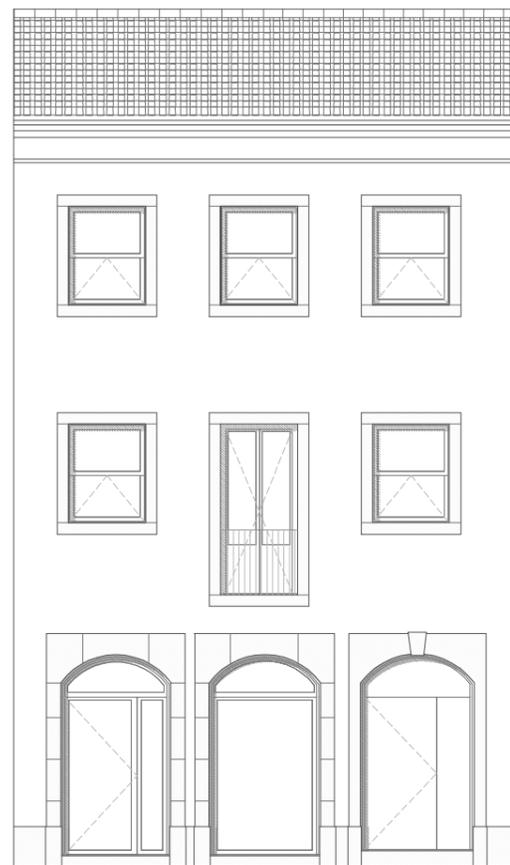


FOLHA_15 Projecto de Reabilitação

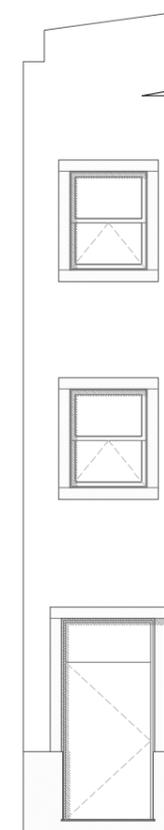
A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



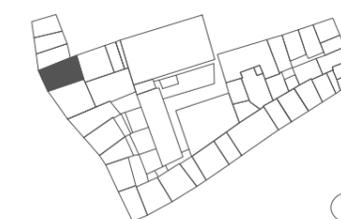
Piso r/c



Alçado Oeste



Alçado Norte



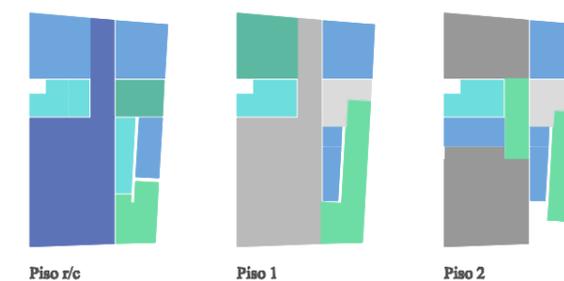
Piso 1



Piso 2

Plantas Piso r/c, 1, 2, Alçado Norte e Oeste e Organograma Projecto

Escala 1:100



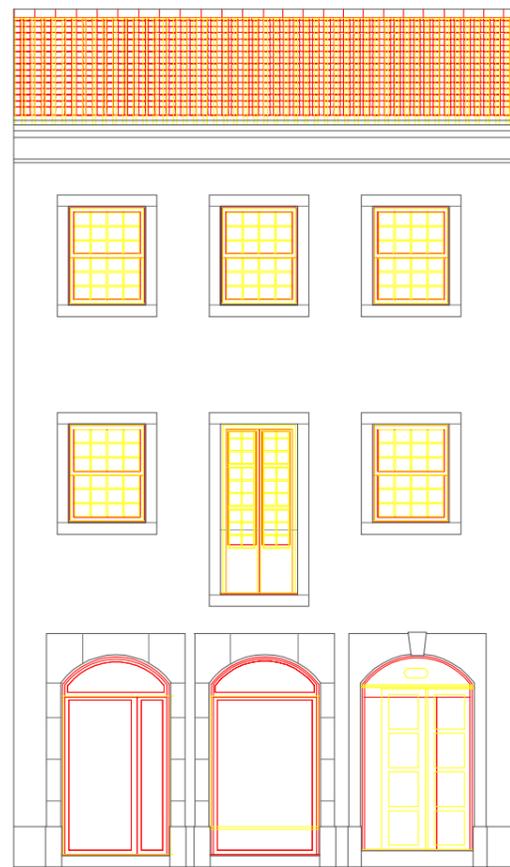
- Loja 1
- Instalação Sanitária 2
- Sala de Estar 3
- Cozinha 4
- Quarto 5
- Arrumo 6
- Escritório 7
- Armazém 8

FOLHA_16 Projecto de Reabilitação

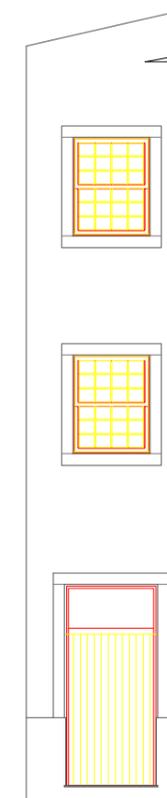
A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



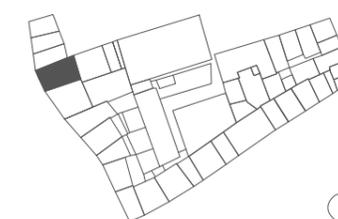
Piso r/c



Alçado Oeste



Alçado Norte

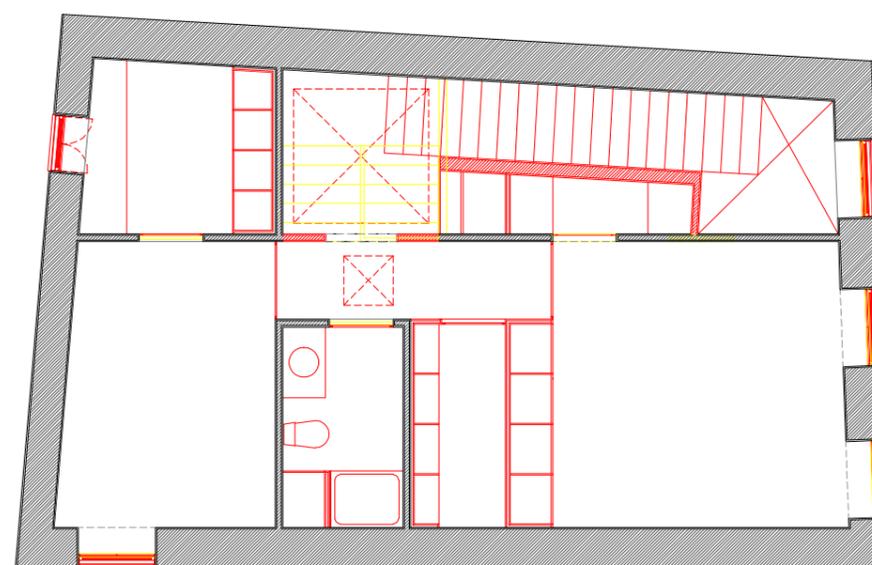


Plantas Piso r/c, 1, 2, Alçado Norte e Oeste
Vermelhos e Amarelos

Escala 1:100



Piso 1

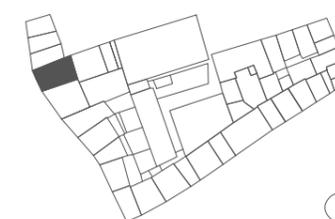
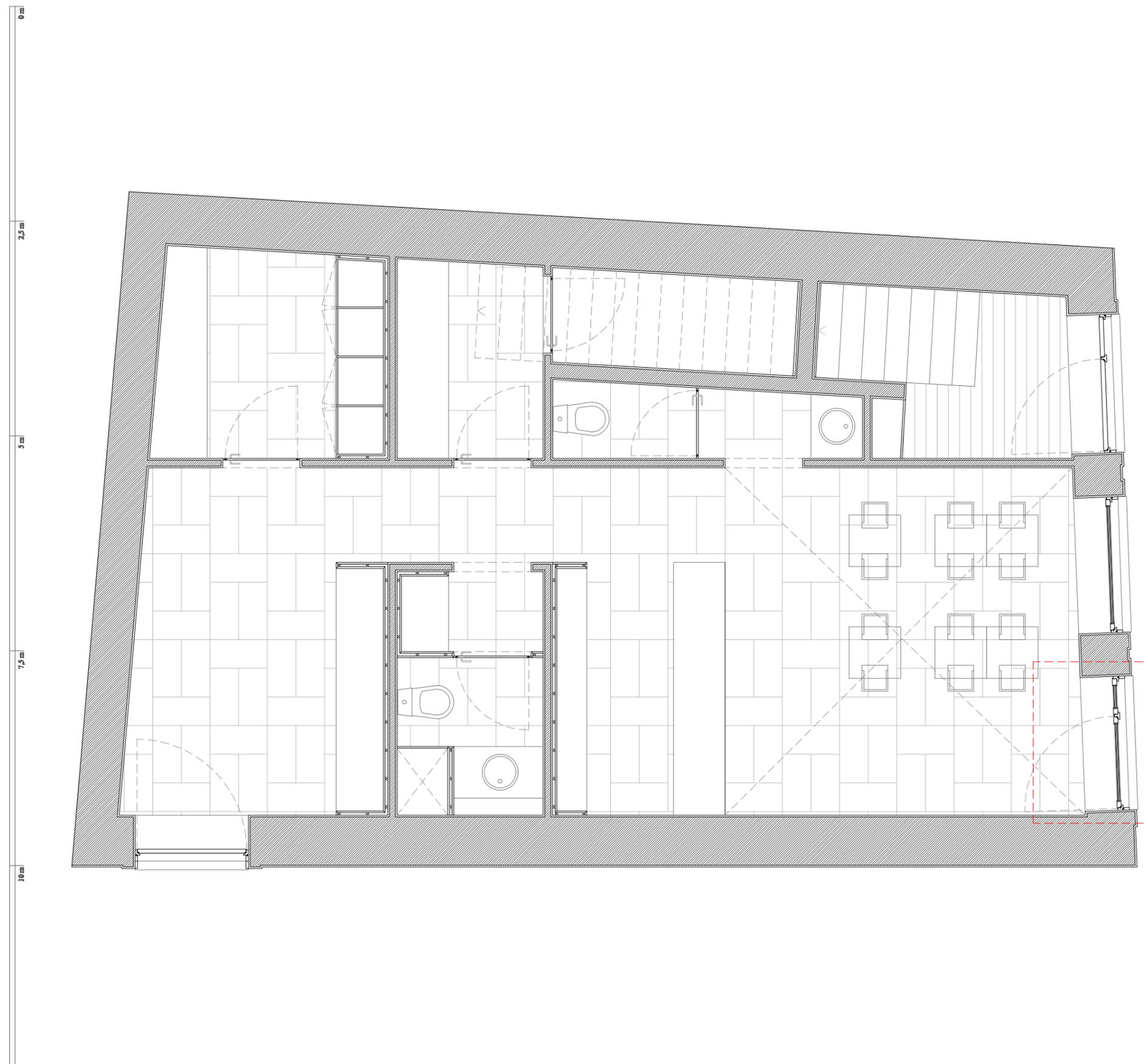


Piso 2



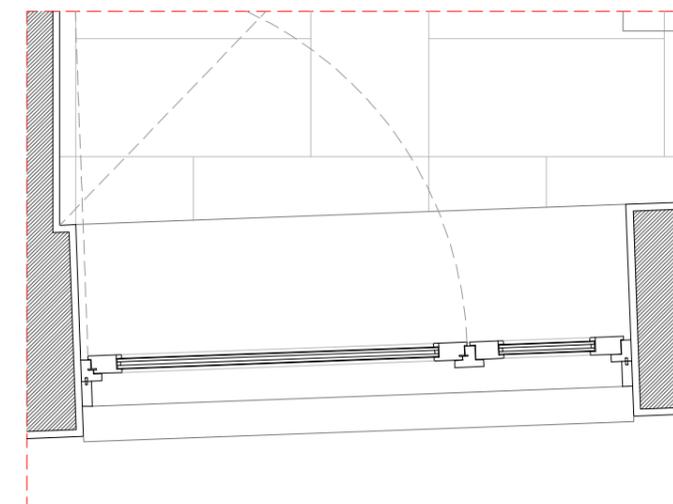
FOLHA_17 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



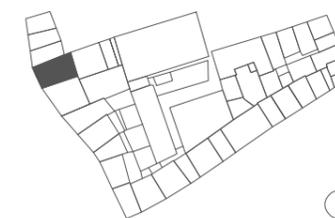
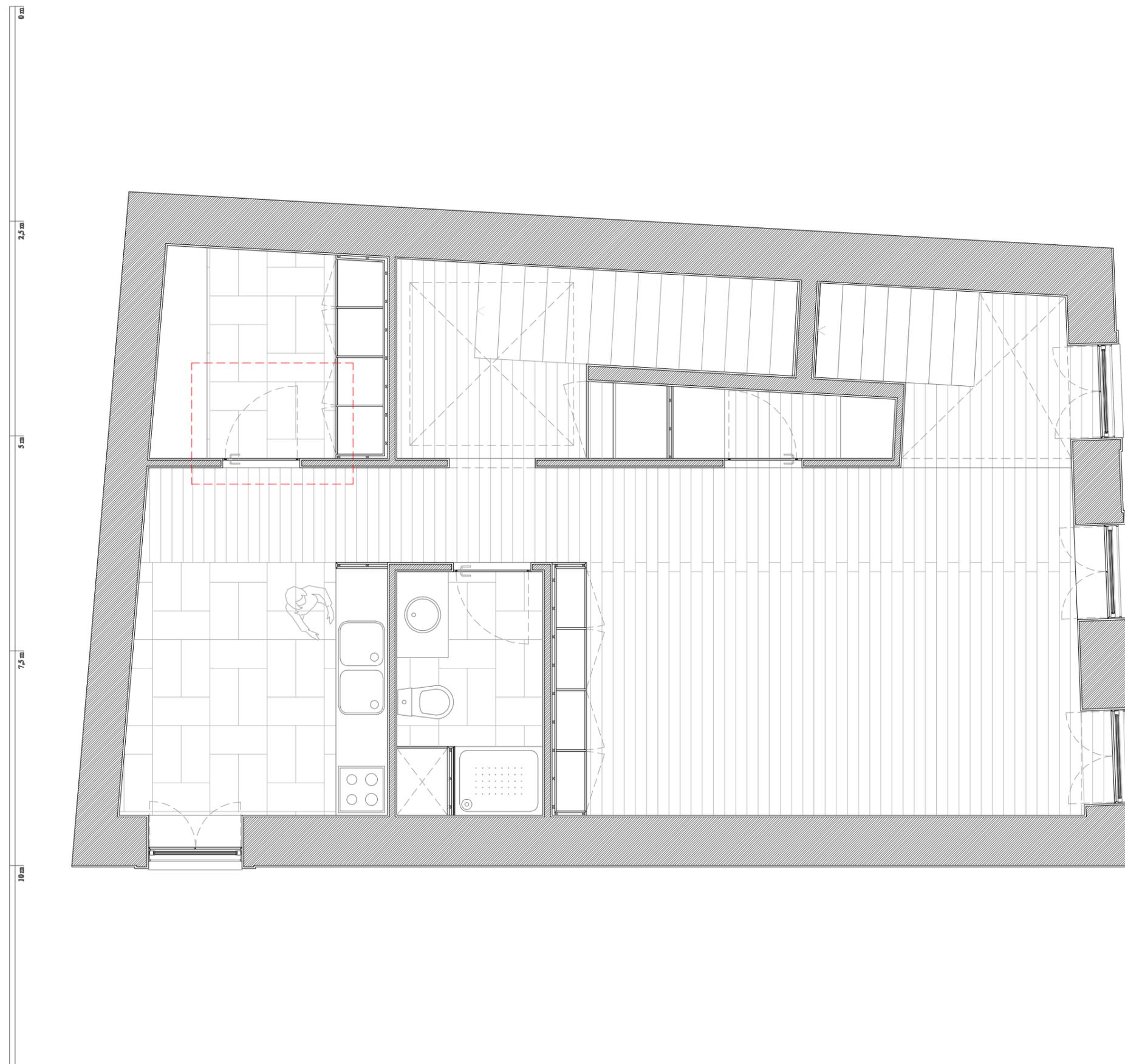
Planta Piso r/c e Pormenor Construtivo
Projecto

Escala 1:50 e 1:20



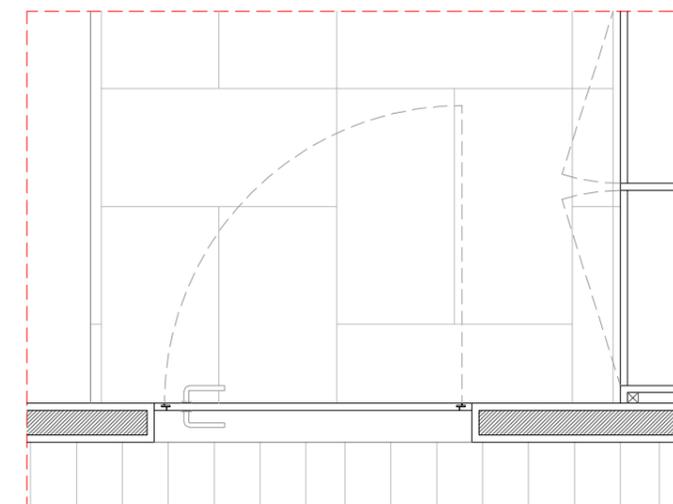
FOLHA_18 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



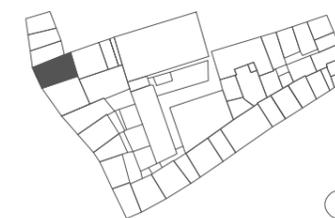
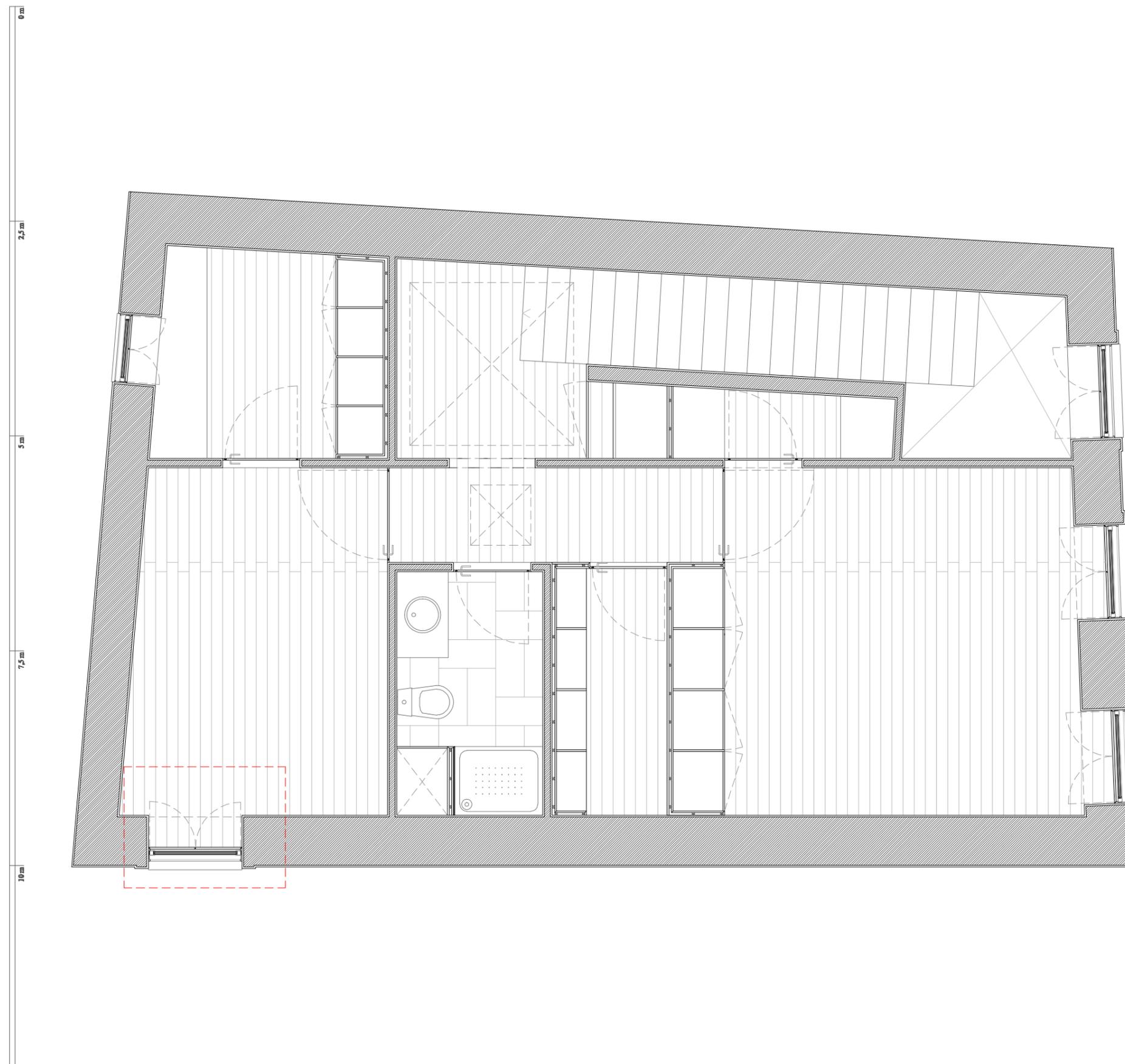
Planta Piso 1 e Pormenor Construtivo
Projecto

Escala 1:50 e 1:20



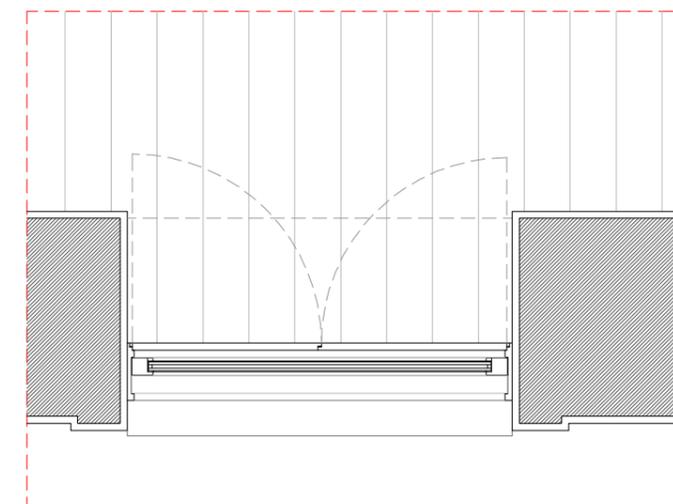
FOLHA_19 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



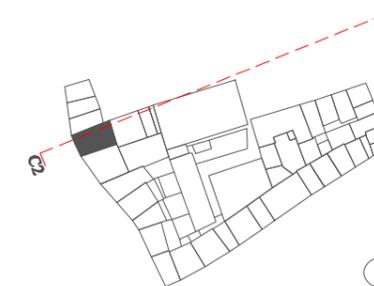
Planta Piso 2 e Pormenor Construtivo
Projecto

Escala 1:50 e 1:20



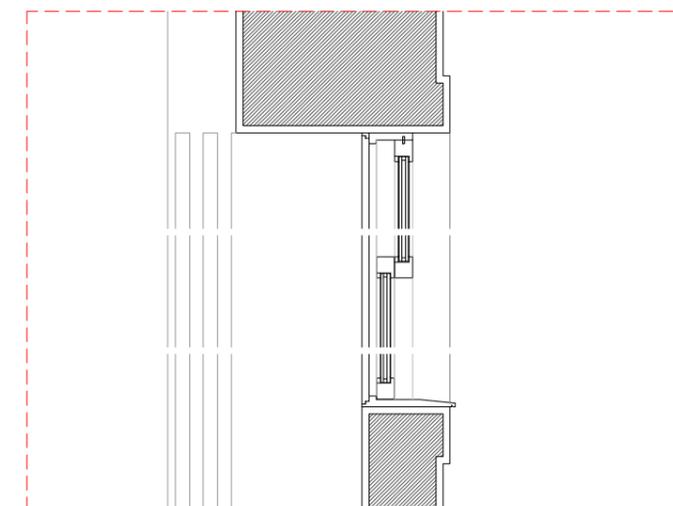
FOLHA_20 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

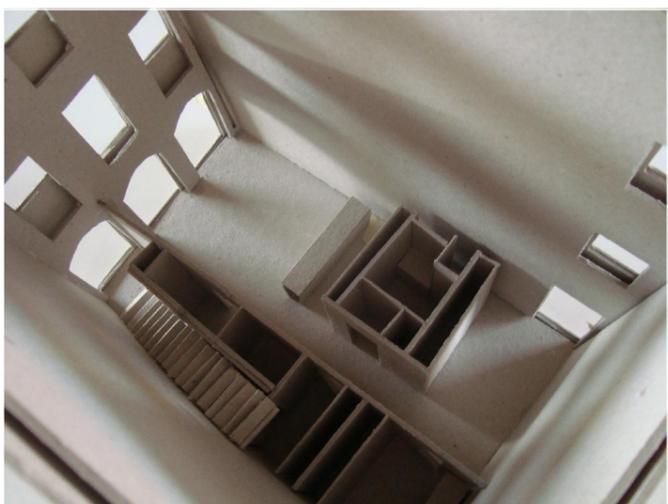
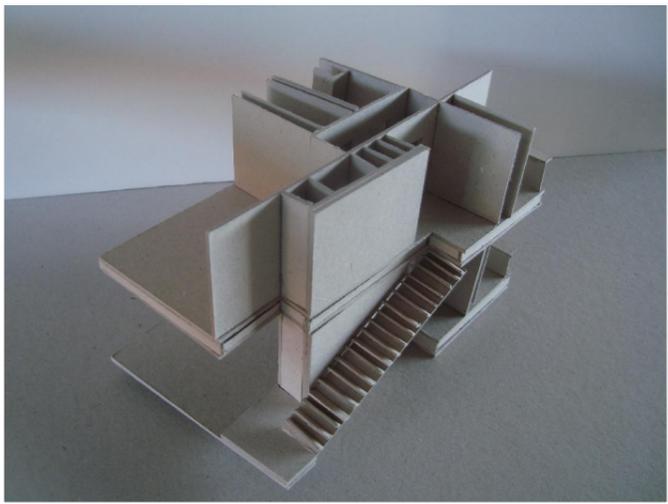
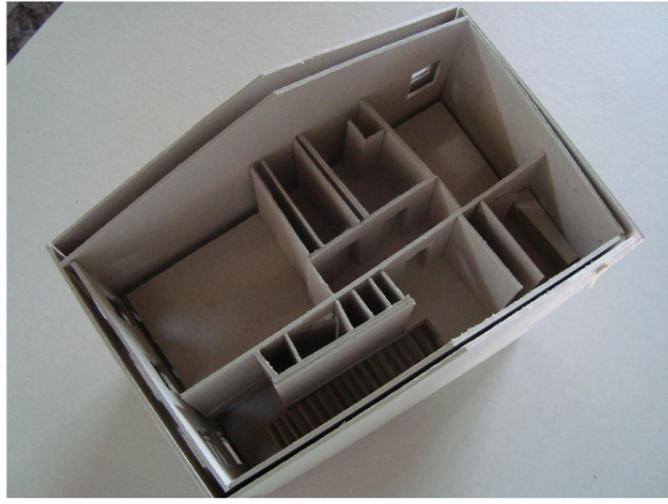
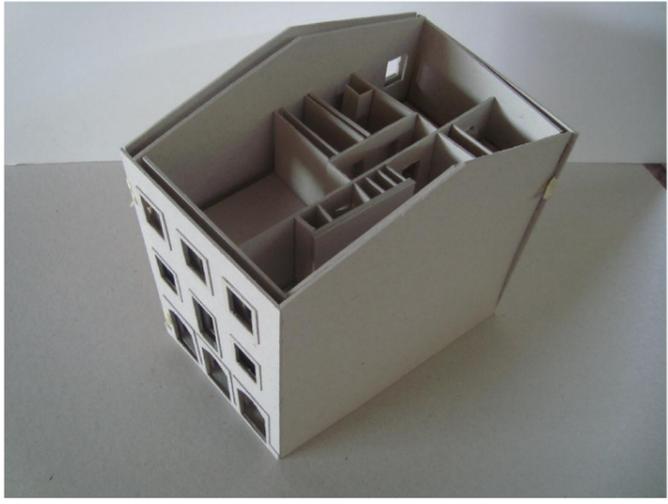


Corte C2 e Pormenor Construtivo
Projecto

Escala 1:50 e 1:20

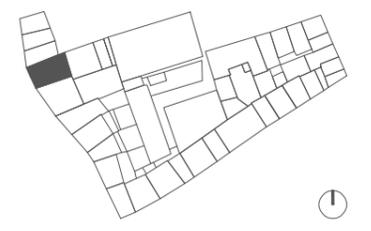


0 m
5 m
10 m
15 m
20 m



FOLHA_21 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

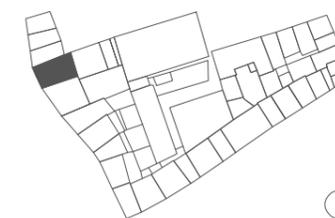
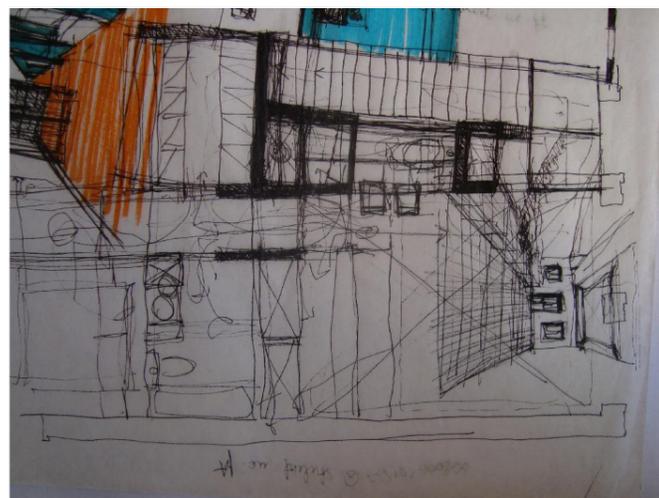
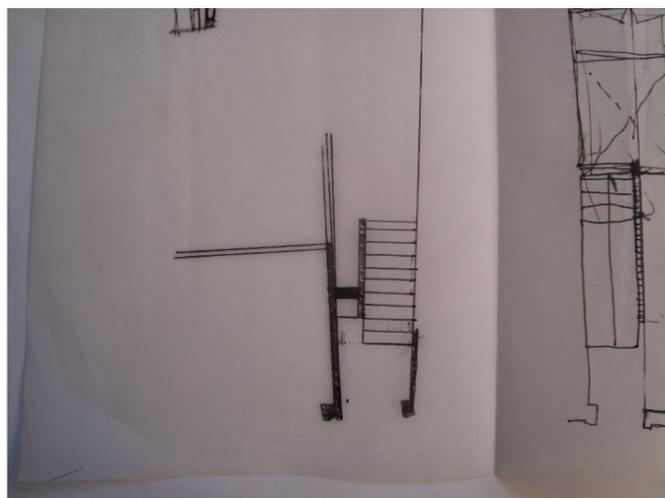
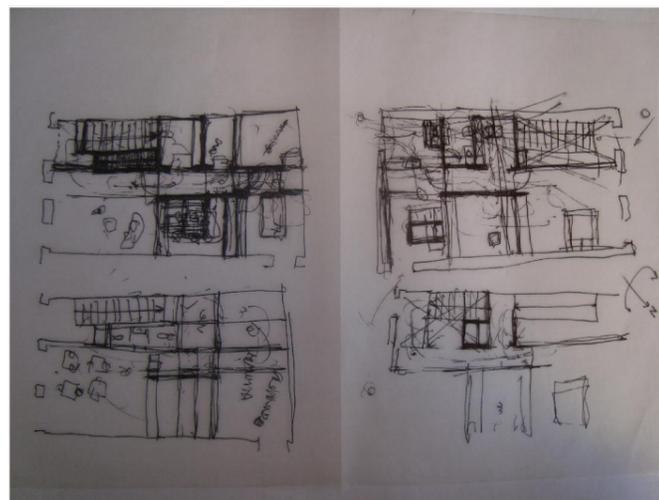
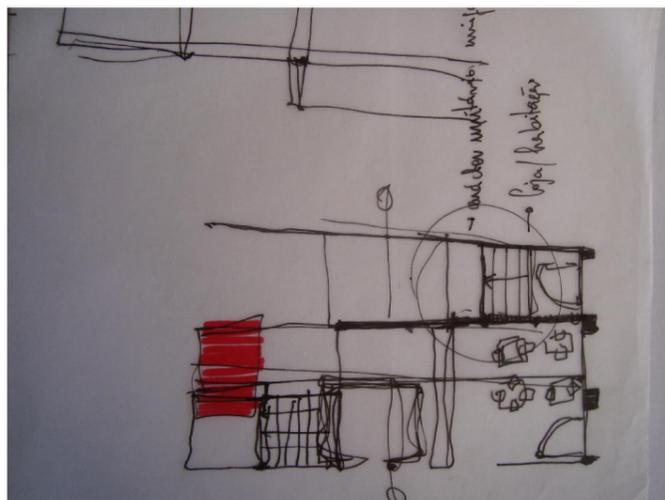


Maquete
Projecto

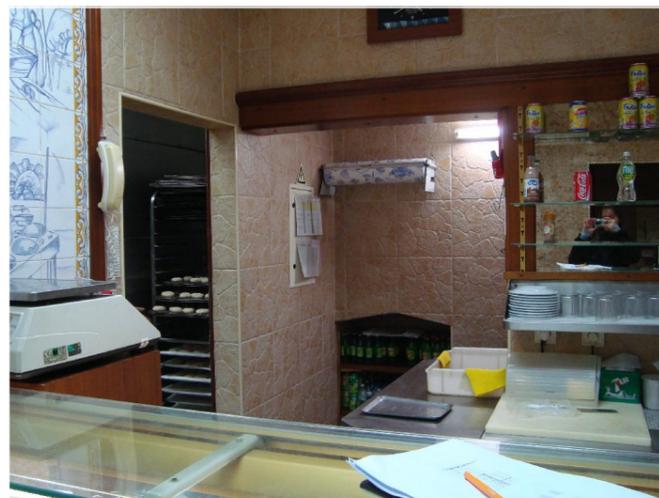


FOLHA_22 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



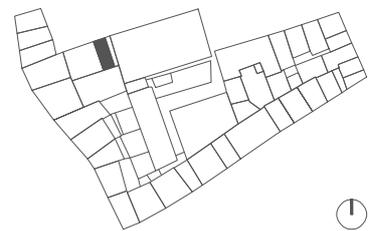
Desenhos e Imagens
Projecto



0 m
5 m
10 m
15 m
20 m

FOLHA_23 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

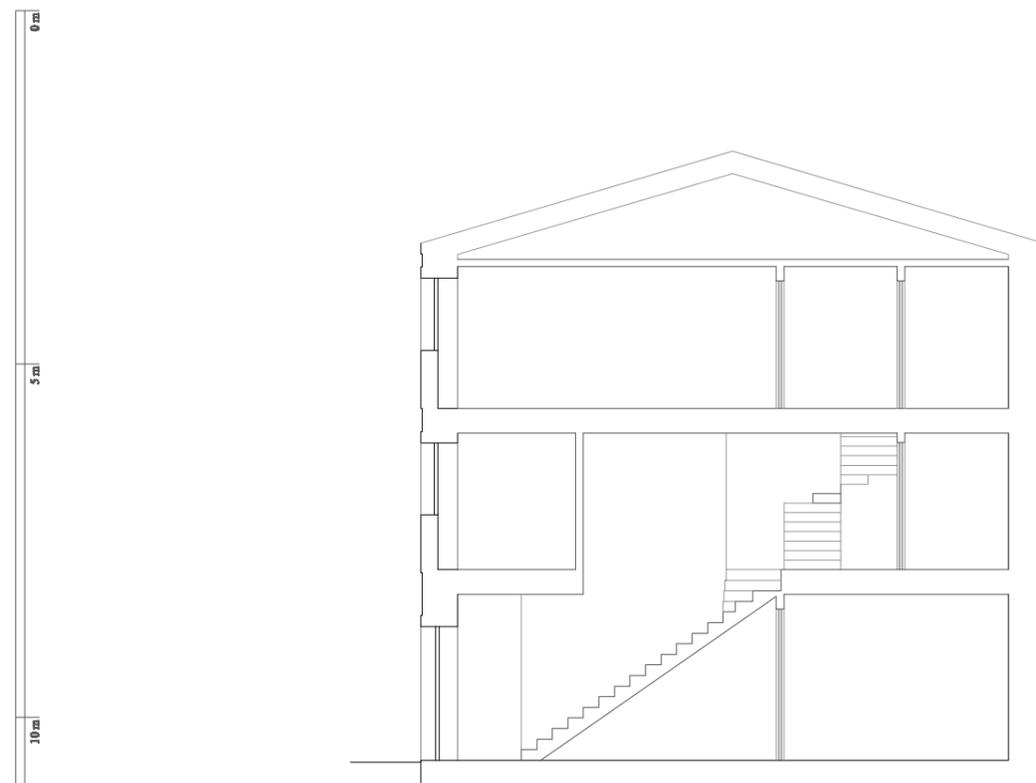


Casa Corrente 3 (Largo da Maracha)

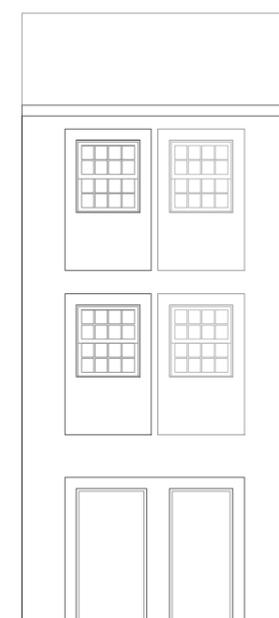


FOLHA_24 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

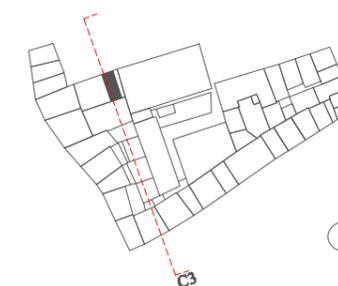


Corte C3



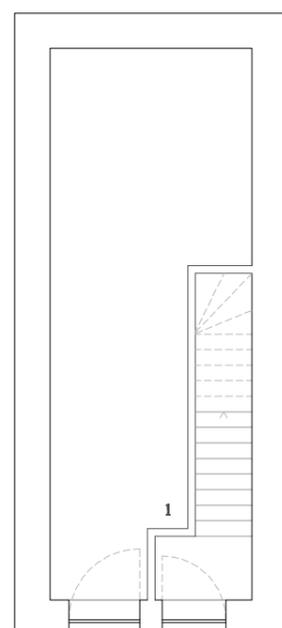
Alçado Norte

- Loja 1
- Instalação Sanitária 2
- Sala de Estar 3
- Cozinha 4
- Quarto 5

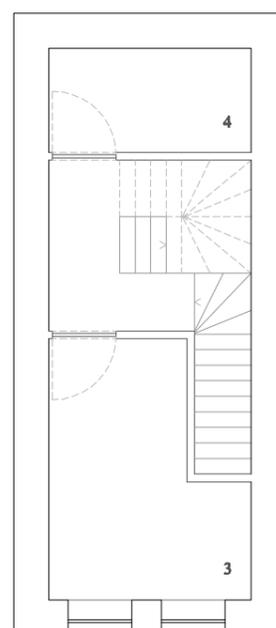


Plantas Piso r/c, 1, 2, Alçado Norte e Corte C3
Pré-existências

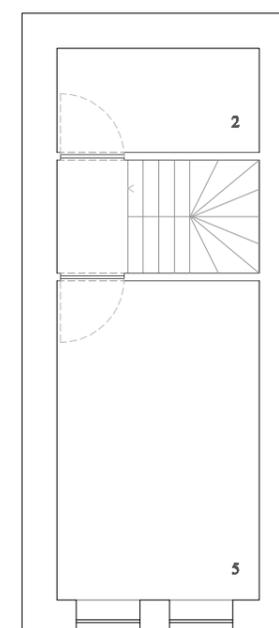
Escala 1:100



Piso r/c



Piso 1



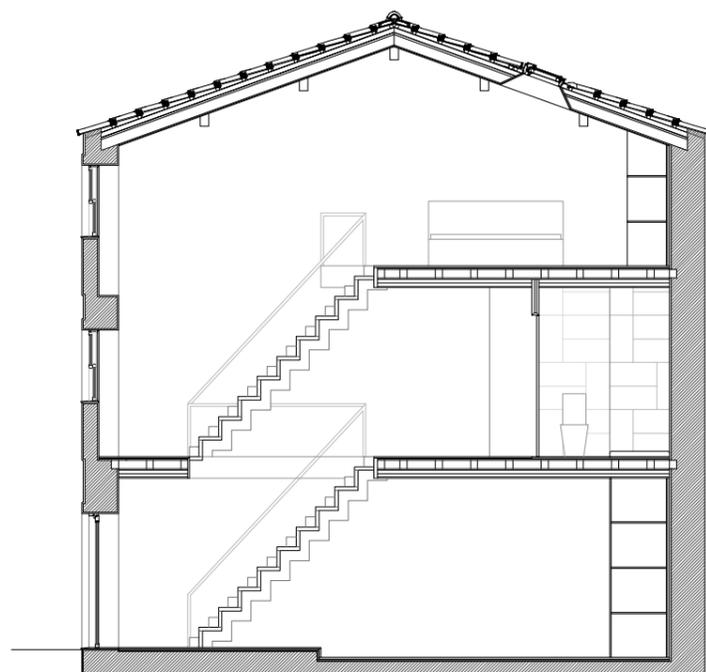
Piso 2



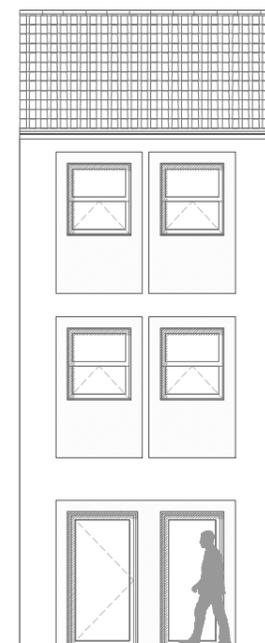
FOLHA_25 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

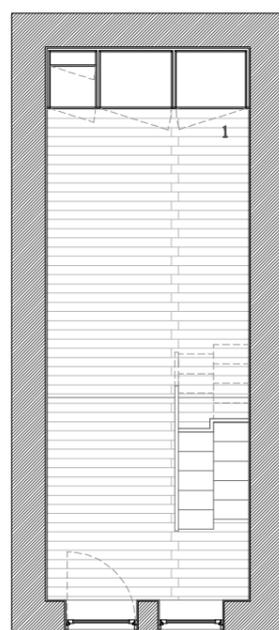
0 m
5 m
10 m
15 m
20 m



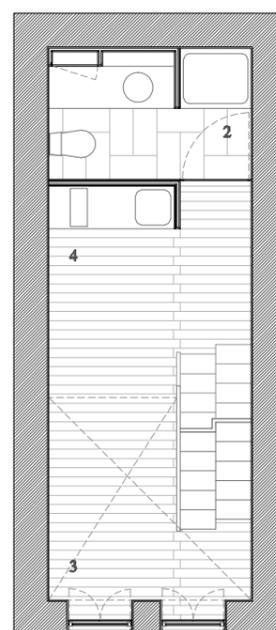
Corte C3



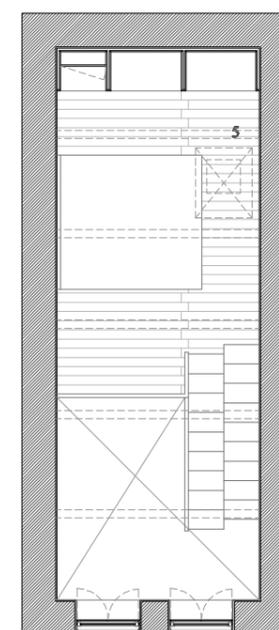
Alçado Norte



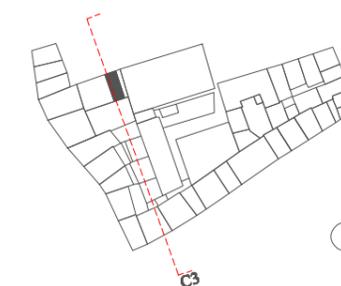
Piso r/c



Piso 1

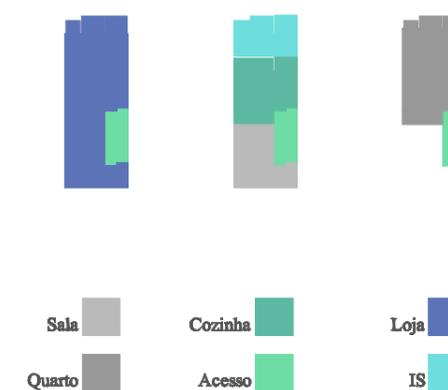


Piso 2



Plantas Piso r/c, 1, 2, Alçado Norte, Corte C3 e Organograma
Projecto

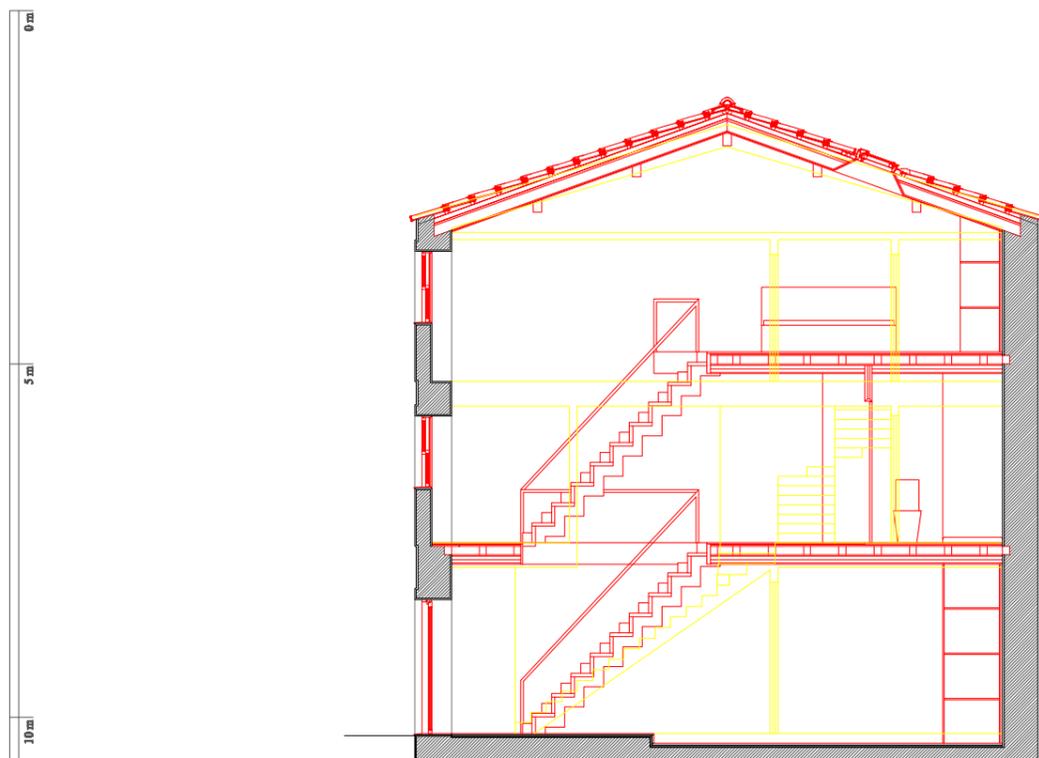
Escala 1:100



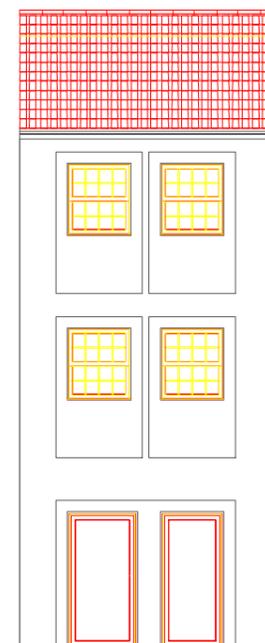
- Loja 1
- Instalação Sanitária 2
- Sala de Estar 3
- Cozinha 4
- Quarto 5

FOLHA_26 Projecto de Reabilitação

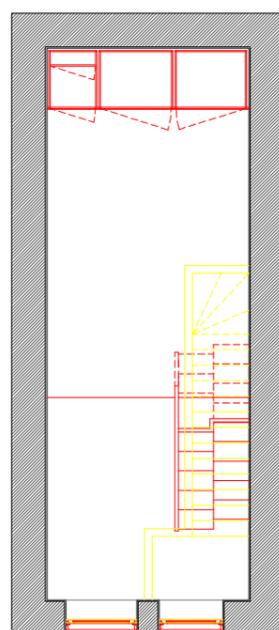
A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



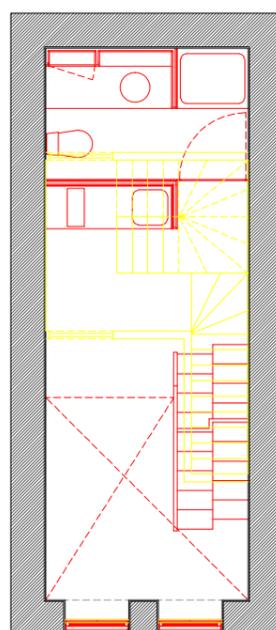
Corte C3



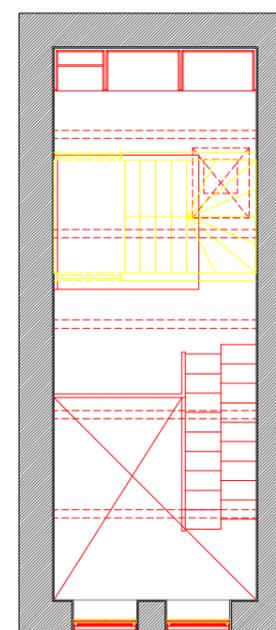
Alçado Norte



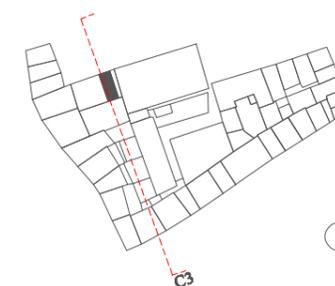
Piso r/c



Piso 1

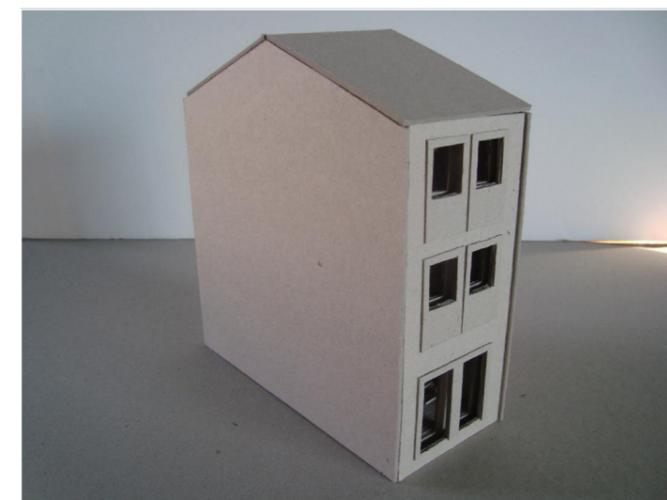


Piso 2



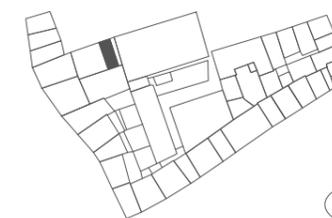
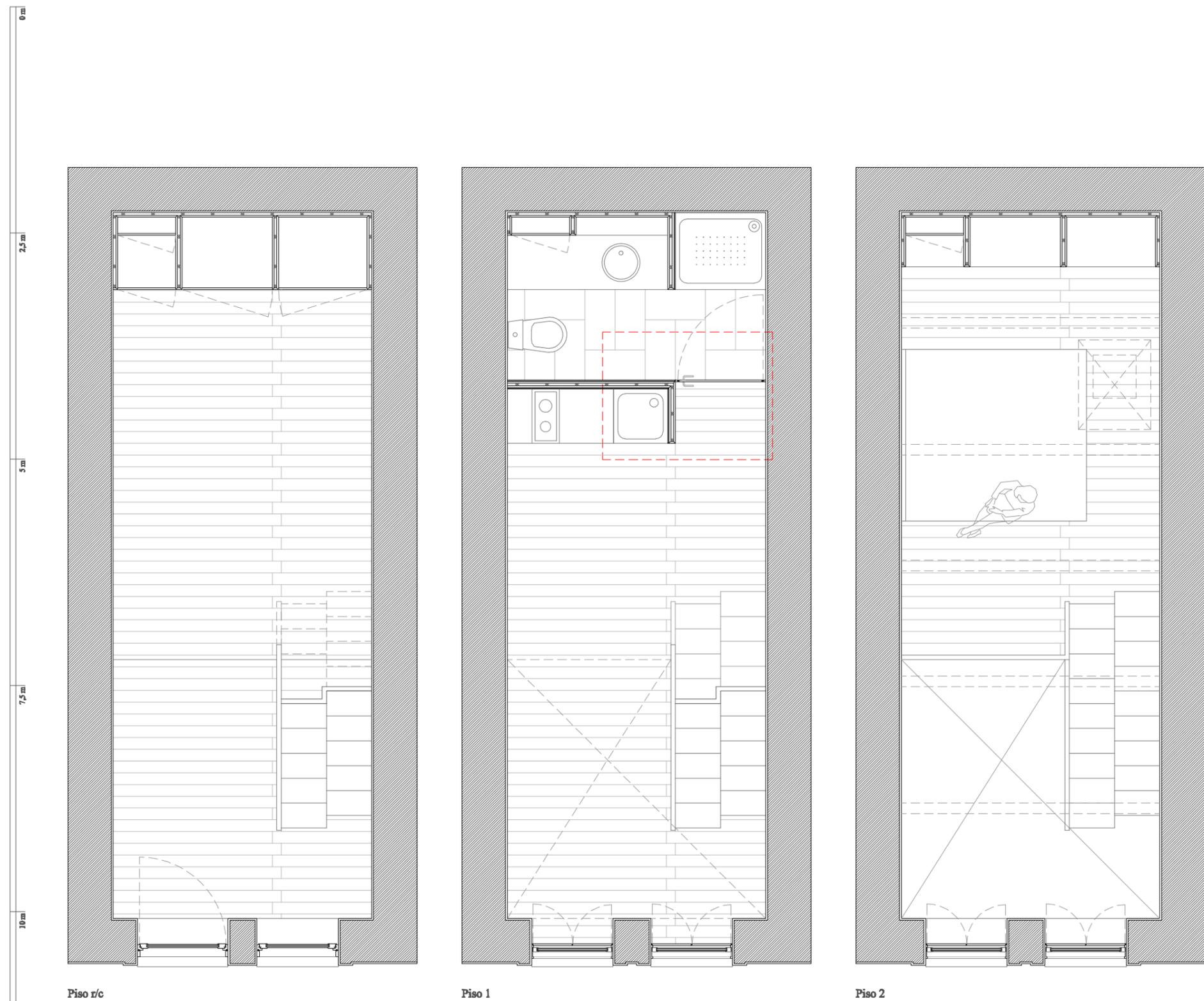
Plantas Piso r/c, 1, 2, Alçado Norte e Corte C3
Vermelhos e Amarelos

Escala 1:100



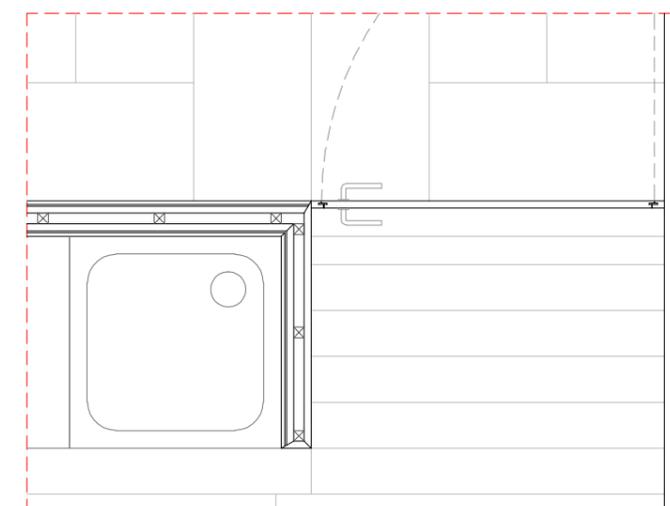
FOLHA_27 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



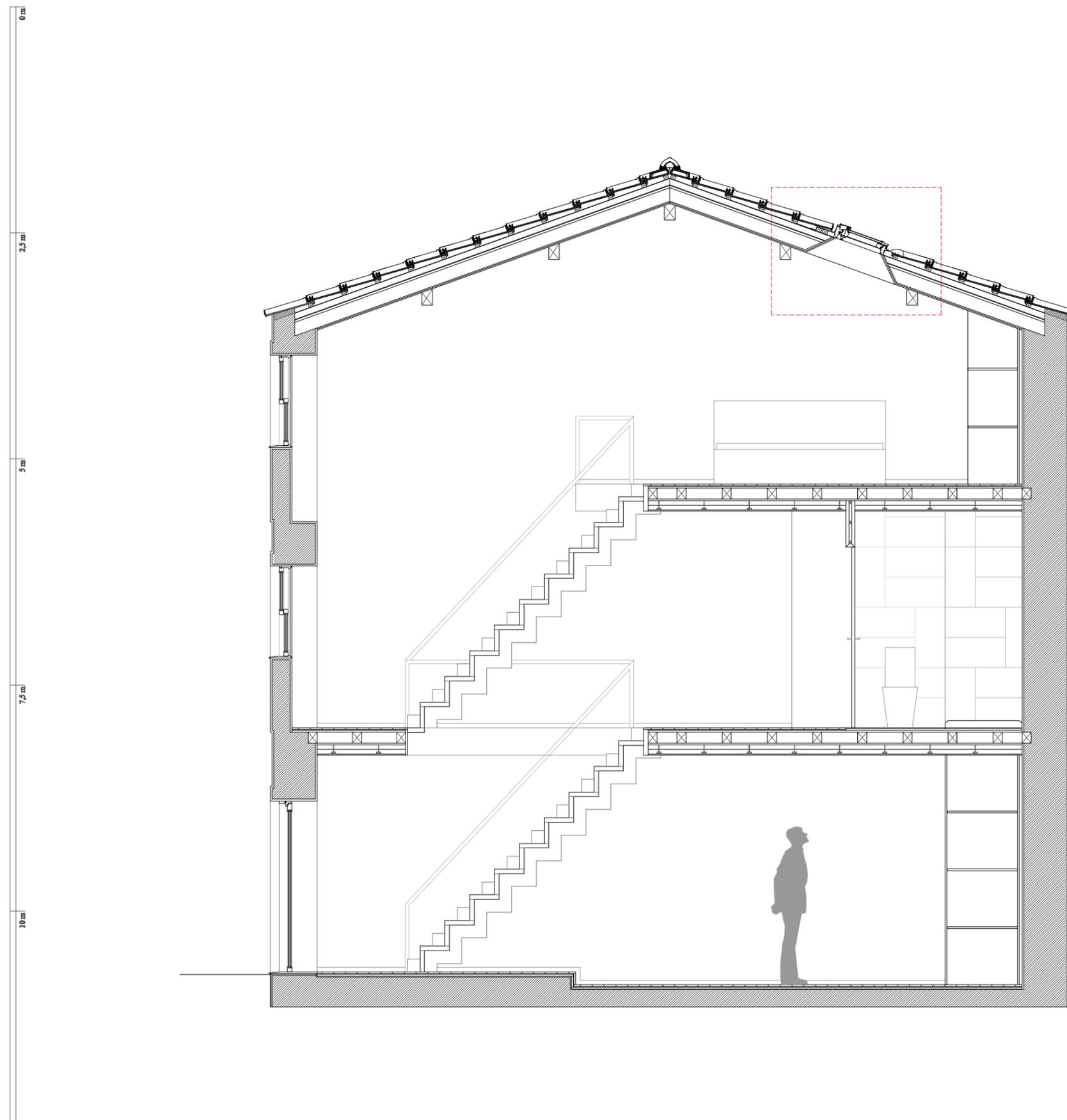
Planta Piso r/c, 1, 2 e Pormenor Construtivo
Projecto

Escala 1:50 e 1:20

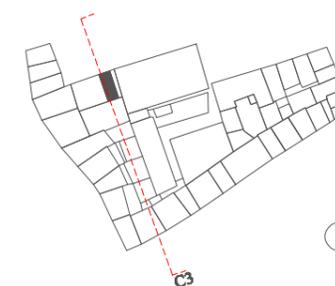


FOLHA_28 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

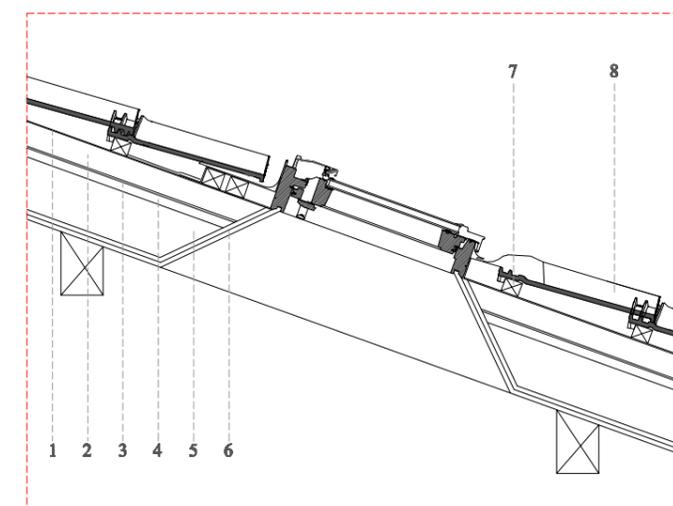


- Chapa de Revestimento 1
- Isolamento Térmico 2
- Tela de Impermeabilização 3
- Placa de Madeira 4
- Viga de Madeira 5
- Placa de Pladur 6
- Ripa de Madeira 7
- Telha Cerâmica 8



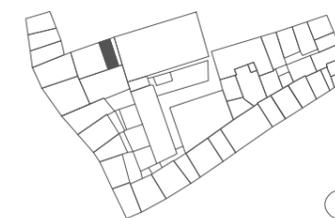
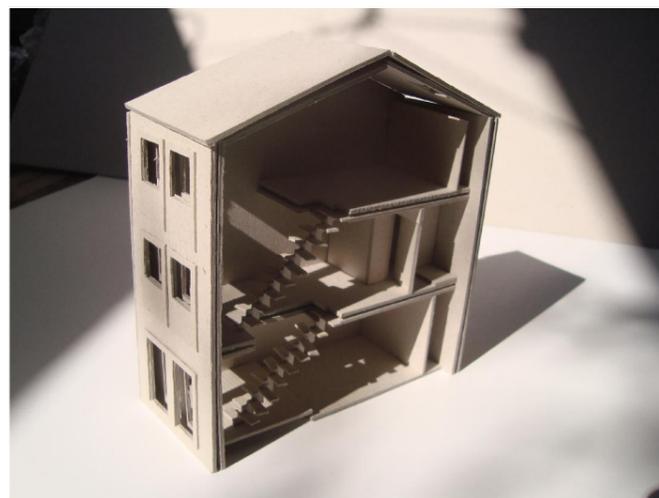
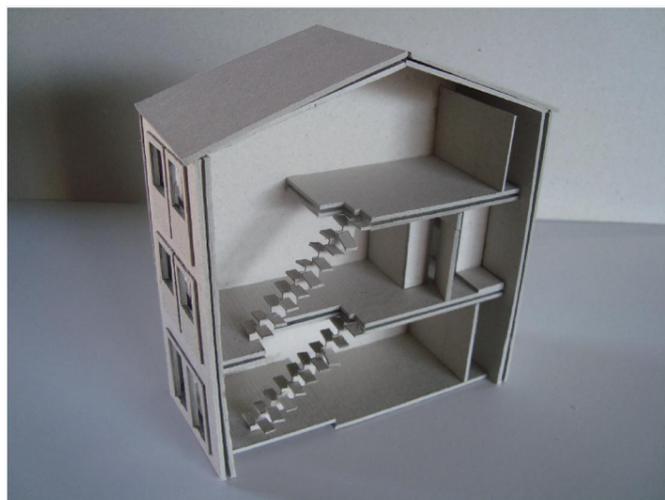
Corte C3 e Pormenor Construtivo
Projecto

Escala 1:50 e 1:20

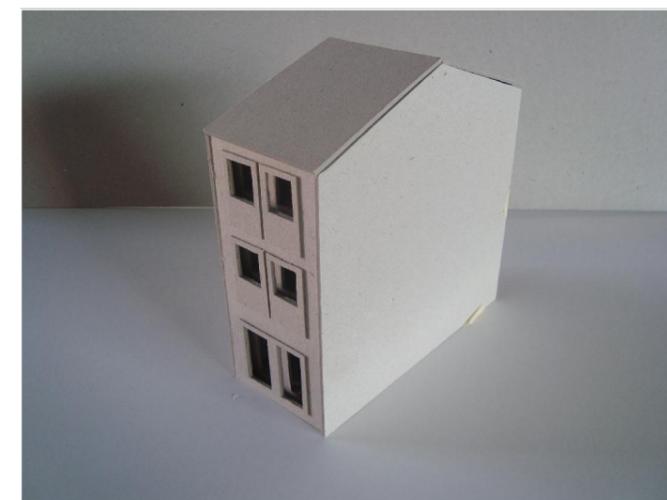
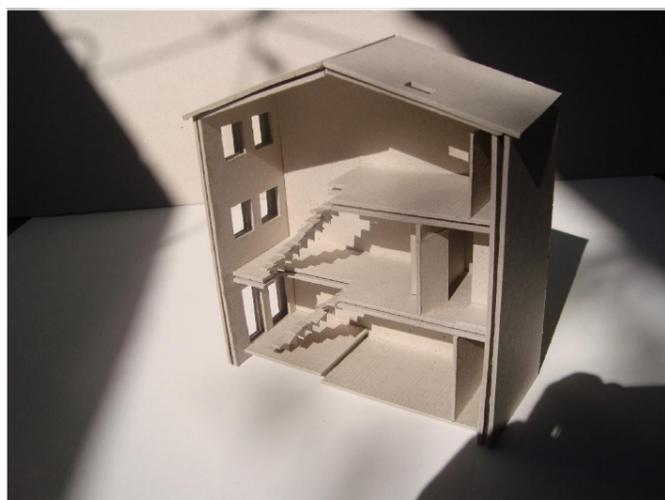


FOLHA_29 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção



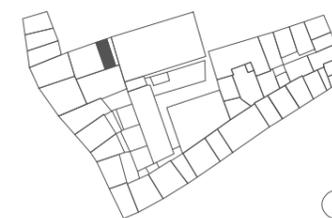
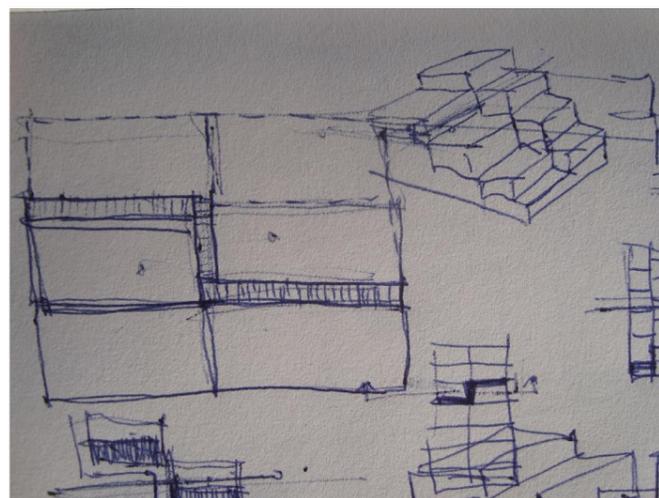
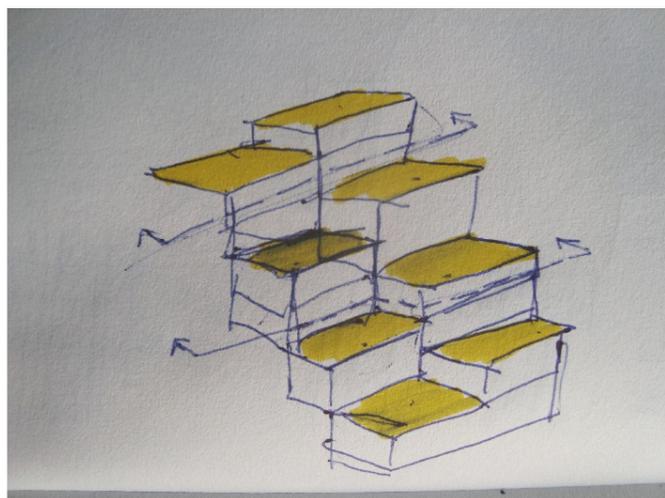
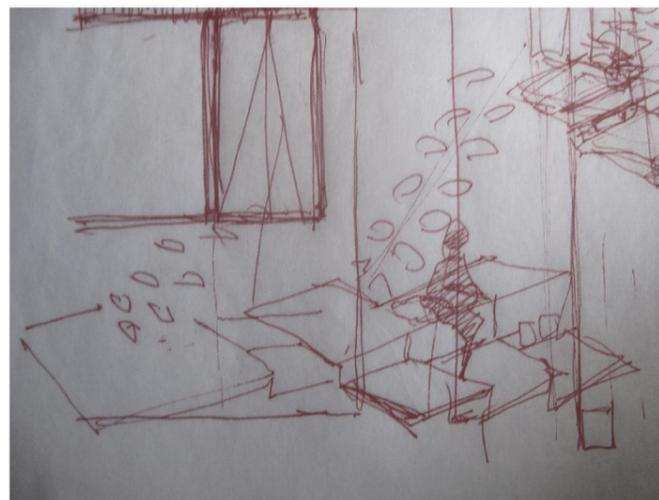
Maquete
Projecto



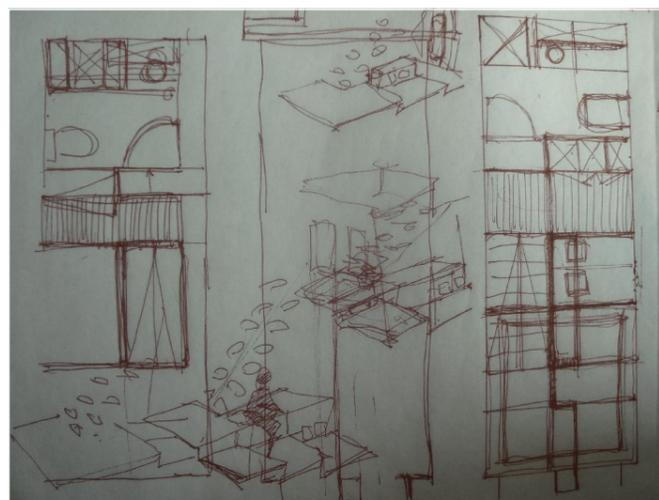
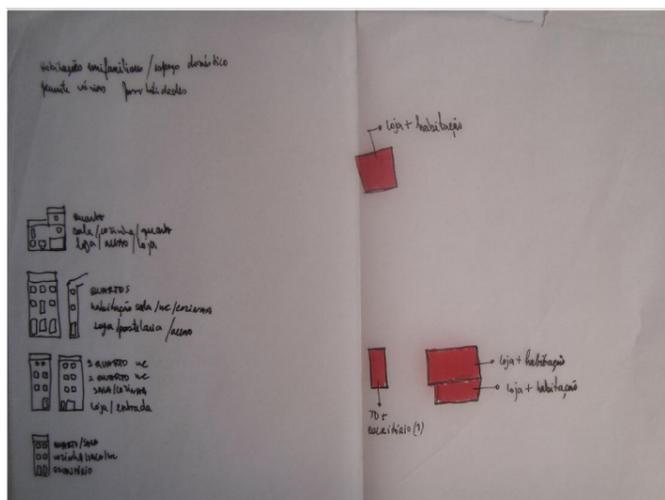
FOLHA_30 Projecto de Reabilitação

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

0 m
5 m
10 m
15 m
20 m



Desenhos e Imagens
Projecto



CONCLUSÃO

Hoje, o Centro Histórico de Coimbra carece de medidas que proponham a inversão da sua situação. Face a estagnação de algumas das suas funções é necessário reencontrar o motivo que lhe dá vida. Neste sentido, surge a proposta de intervenção para a reabilitação urbana da Baixa de Coimbra. A estratégia pretende evidenciar o papel da Casa Corrente num programa onde predominam as funções habitacional/comercial.

Deste modo, importa voltar a revivificar a zona central, onde os programas originais já não se cumprem e a sua identidade vai começando a diluir-se. Assim, este trabalho pretende reverter essa situação, incentivando ao contrário, dando a possibilidade de voltar a reabitar a Baixa.

É no âmbito da combinação entre o presente e o passado, com a introdução das necessidades actuais que surge o enquadramento da estratégia de intervenção na Baixa. Tal como o património se vai construindo quotidianamente no seu processo de conservação e transformação, também o projecto de intervenção pretende contribuir para a evolução da cidade, respeitando a prática do *palimpsesto*, segundo o qual o suporte é reutilizado e cujos pensamentos nele depositados não se perderam, constituindo uma oportunidade para a recuperação da sua memória e identidade. Pois, a cidade é uma entidade viva que vai evoluindo e sofrendo períodos de regeneração e construindo-se com o já construído. Por outro lado, o projecto anseia por modernidade, introduzindo todas as infraestruturas necessárias à sua utilização, adaptando os antigos edifícios aos dias de hoje, na expressão de um centro com uma enorme dinâmica, pensada para os novos tempos e consciente da sua importância no contexto nacional. O edificado deixa de se reportar apenas à história e passa a fazer parte das respostas contemporâneas, aos estímulos sociais e à actividade comunitária.

A intervenção estratégica pretende responder à definição de um público-alvo com a caracterização de uma casa tipo, concorrendo com a capacidade de ser reproduzida pelas várias

construções edificadas. A reabilitação urbana intercede desta forma como uma invenção cultural, com o intuito de reanimar o presente através da atribuição de uma segunda vida a um passado inerte, relacionando-se com os valores que caracterizam e identificam a sua população e o seu património edificado.

Espera-se com este trabalho conseguir despertar as atenções sobre o potencial contributo da reabilitação do edificado do Centro Histórico, pela necessidade de reutilizar o património e na possibilidade de devolver à cidade a habitação e o comércio no centro urbano. Mas, além de responder à problemática do Centro Histórico, a intervenção estratégica da Casa Corrente pretende contribuir para as questões urbanas, patrimoniais, sociais e económicas, permitindo dar resposta a um centro actualmente desactivado, regenerando as zonas urbanas assim como respondendo a uma população que ambiciona voltar a viver no centro da cidade.

BIBLIOGRAFIA

Monografias

2º Encontro dos Programas: Urban e Reabilitação Urbana. DGDR – Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional. ISBN 972-9352-43-7

A Alta da Cidade de Coimbra: Processos de Revalorização Patrimonial e Dinâmicas de Recomposição Sócio-Cultural. Relatório Final. Coimbra: CES – Centro de Estudos Sociais, Outubro 2006.

AGUIAR, José – **Cor e cidade histórica.** Estudos cromáticos e conservação do património. Porto, FAUP publicações – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2002. ISBN 972-9483-47-7

ALMEIDA, Carlos de – **Portugal - arquitectura e sociedade.** Lisboa, Terra Livre, 1978.

ALARCÃO, Jorge de – **Coimbra: A montagem do cenário urbano.** Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. ISBN 9789898074300

APPLETON, João – **Reabilitação de Edifícios Antigos: Patologias e tecnologias de intervenção.** Amadora, Edições Orion, Setembro 2003.

Arquitectura e Engenharia Civil: Qualificação para a Reabilitação e a Conservação. Alverca, GECORPA – Grémio das Empresas de Conservação e Restauro do Património Arquitectónico, Setembro 2000.

Arquitectura Popular em Portugal. Inquérito à arquitectura regional portuguesa. Lisboa, Associação Arquitectos Portugueses, 1988.

Baixa de Coimbra – **Uma Viagem no Tempo – Actas do 1º Encontro sobre a Baixa de Coimbra.** Coimbra, GAAC – Grupo de Arqueologia e Arte do Centro, Fevereiro de 1995.

BALSAS, Carlos – **Urbanismo Comercial em Portugal e a Revitalização do Centro das Cidades.** Lisboa, Artecomposta, 1999, p. 98

BAPTISTA, António J. Mendes; MARTINHO, Maria Albina – **Programas Urban e Reabilitação Urbana.** Revitalização de Áreas Urbanas em Crise. Direcção-Geral do Desenvolvimento Regional, Dezembro 1997. ISBN 972/9352/39/9

BERRANCE, Luís – **Evolução do desenho das fachadas das habitações correntes almadinas 1774-1844.** Porto, Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1993. Trabalho de Licenciatura apresentado na Faculdade de Arquitectura do Porto em 1987.

CAPELA, José – **Casas do Porto (Século XIV ao XIX).** Porto, Eduções Maranus, 1961.

Caracterização Sociodemográfica da Alta de Coimbra: Relatório Final. Coimbra, CES – centro de estudos sociais, Julho 2006.

CHOAY, Françoise – **A Alegoria do Património.** Lisboa, Edições 70, Maio de 2006. ISBN (10) 972-44-1205-9, ISBN (13) 978-972-44-1205-4, ISBN da 1ª edição 972-44-1037-4

CÓIAS, João – **Reabilitação Estrutural de Edifícios Antigos.** ARGUMENTUM, GECORPA, Maio 2007. ISBN 978-972-8479-40-9

DIAS, Manuel Graça – **Vida moderna.** Mirandela, João Azevedo Editor, 1992. ISBN 972-9001-12-X

DIAS, Pedro – **Coimbra: Arte e História: os monumentos.** Porto, Paisagem Editora, 1983.

Evolução do espaço físico de Coimbra. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, Divisão de Informação Geográfica e Solos, Dezembro de 2006. ISBN 989-20-0103-6

FERNANDES, Francisco Barata – **Transformação e permanência na habitação portuense.** As formas da casa na forma da cidade. Porto, FAUP publicações, 1999. ISBN 972 9483 37 X

Fernando Távora. Lisboa, Editora Blau, Lda, 1993.

FIGUEIRA, Jorge – **Agora que está tudo a mudar.** A arquitectura em Portugal. Casal de Cambra, Caleidoscópio. ISBN 972-8801-70-X

GRANDE, Nuno – **Arquitectura & Não.** Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, S.A. ISBN 972-8801-67-X

HENRIQUES, Fernando M. A. – **A conservação do Património Histórico Edificado.** Lisboa, LNEC – Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Ministério das obras públicas, transportes e comunicação, 1991. ISBN 972-49-1408-9

Ideologias do Património e Intervenção Arquitectónica. Coimbra, Temas debatidos no IIº Encontro Nacional de História da Arquitectura, organizado pelo Departamento de Arquitectura da F.C.T.U.C. na Curia de 29 de Abril a 1 de Maio de 1994.

JORGE, Filipe; BANDEIRINHA, José António – **Coimbra Vista do Céu.** Coimbra, ARGUMENTUM, Edições Lda, Dezembro de 2003. ISBN 972-8479-30-1

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade.** Fundação Calouste Gulbenkian, Junho 1992. ISBN 972-31-0606-X

LINO, António – **O homem e a casa - A casa e o tempo.** Odivelas, ICALP - Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Divisão de Publicações, Ministério da Educação, 1990. ISSN 0871-4428

MONTEIRO, José Teixeira; GOMES, Rogério; PORTELA, Joaquín Trigo; MARTIN, Yannick – **Habitação e Reabilitação Urbana**. Lisboa, Urbe – Núcleos Urbanos de Pesquisa e Intervenção, 2005.

NEVES, José Manuel das – **Casas Recuperadas**. Caleidoscópio, Junho 2006. ISBN 989-8010-21-5

Novas Architecturas versus Architecturas Tradicionais: Que Ambiente Urbano? Vila Real, UTAD e URBE, 1º Fórum Internacional de Urbanismo, 2000.

NUNES, Mário – **Nos caminhos do Património**. Coimbra, GAAC – Grupo de Arqueologia e Arte do Centro e Livraria Minerva, 1989.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando – **Arquitetura Tradicional Portuguesa**. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1992. ISBN 972-20-0959-1

Pequeñas Casas Urbanas. Piccole Case Urbane. Pequenas Casas Urbanas. Köln, EVERGREEN, 2006. ISBN 3-8228-5144-2

PEREIRA, Luz Valente – **A Leitura da Imagem de uma Área Urbana como Preparação para o Planeamento/Ação da sua Reabilitação**. Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 2004. ISBN 972-49-1626-X

PEREIRA, Luz Valente – **Metodologia de Planeamento da Reabilitação de Áreas Urbanas**. Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1991. ISBN 972-49-1357-0

PEREIRA, Luz Valente – **Reabilitar o urbano ou como restituir a cidade à estima pública**. Lisboa, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, 1987. ISSN 0870-2713

Plano Estratégico e Plano de Urbanização de Coimbra – termos de referência. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2004.

PORTAS, Nuno – **A Arquitectura para hoje seguida de Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal**. Lisboa, Livros Horizonte, 2008. ISBN 978-972-24-1566-8

PORTAS, Nuno – **Conservar Renovando ou Recuperar Revitalizando**. Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro – Programa “Coimbra Antiga e a Vivificação dos Centros Históricos”, 1982.

RAMOS, Rui Jorge Garcia – **A Casa. Arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português**. Porto, FAUP publicações, 2010. ISBN 978-972-9483-97-4

RAMOS, Tânia Liani Beisl – **Os espaços do habitat moderno. Evolução e significados. Os casos Português e Brasileiro**. Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Ministério da Ciência e do Ensino Superior, Setembro de 2006. ISBN 972-31-1130-6

Regionalização e identidades locais. Preservação e reabilitação dos centros históricos. Lisboa, Edições Cosmos, Outubro de 1997. ISBN 972-762-061-2

ROSSA, Walter – **A cidade portuguesa**. Lisboa, Círculo de Leitores, 1995.

ROSSI, Aldo – **A arquitectura da cidade**. Lisboa, Edições Cosmos, 2001. ISBN 972-762-126-0

SANTANA, Paulo – **Coimbra: um novo mapa**. Coimbra, ECDJ, nº4, 2001. p. 76

SANTOS, Lusitano dos – **Planos de Urbanização para a Cidade de Coimbra**. Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro – Programa “Coimbra Antiga e a Vivificação dos Centros Históricos”, 1983.

SILVA, Pedro Ribeiro da; RAMALHO, António; CRAVO, Olga; BEATO, Claudia; PAU-PRETO, Fernando; Pereira, Tito; NEVES, Lúcia – **Sebenta SRU – Sociedades de Reabilitação Urbana**. Aveiro, APPLA – Associação Portuguesa de Planeadores do Território. ISBN 972-99885-0-1

TEIXEIRA, Manuel C. – **Habitação popular na cidade oitocentista. As ilhas do Porto.** Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. ISBN 972-31-0700-7

TRINDADE, Luisa – **A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna.** Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. ISBN 972-97542-8-4

Urbanidade e Património. IGAPHE - Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado, Núcleos Urbanos de Pesquisa e Intervenção.

Urbanismo Comercial em Portugal - A Necessidade de uma Nova Gestão Urbana. Lisboa, C.M. Póvoa de Varzim, Carlos Balsas, URBE, 3º Fórum Internacional de Urbanismo, Novembro 2001. ISBN 972-8731-00-0

Periódicos

Arquitectura e Vida, nº75. Outubro 2006. p. 58-62

AZÚA, Martín Ruiz de; COUTINHO, Bárbara – Habitar sem construir. Arq./A: Arquitectura e Arte, nº 47/48. Lisboa, Julho/Agosto 2007. p. 144

BANDEIRINHA, José António – Muito mais que um mero pretexto. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 12-15. ISSN 0874-6188

BYRNE, Gonçalo; BANDEIRINHA, José António; FIGUEIRA, Jorge; MONIZ, Gonçalo Canto – Apresentação do seminário. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 56-61. ISSN 0874-6188

BYRNE, Gonçalo; BANDEIRINHA, José António; GRANDE, Nuno; LOBO, Rui; RABAÇA, Armando – Metro ligeiro de superfície na Baixa de Coimbra. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 16-19. ISSN 0874-6188

DOMINGUES, Álvaro – Metamorfoses do centro: Dinâmicas de transformação da condição central. Planeamento, Revista de Urbanismo e Ordenamento do Território, Mobilidade, nº 3. APPLA – Associação Portuguesa de Planeadores do Território. p. 19-25. ISSN 1645-915-6

GRADE, Irina Sales – os novos (não) lugares da supermodernidade. nu, nº 2. Coimbra, Maio 2002. p. 24-25. ISSN 1645-3891

MARTINS, Alfredo – Esta Coimbra... Cadernos de Geografia, nº1. Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos, FLUC, 1983.

ROSSA, Walter – Coimbra como território. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 6-11. ISSN 0874-6188

Revista: Estudos/Património Nº 10. Publicação do IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico, Palácio Nacional da Ajuda, Ministério da Cultura, Lisboa 2007.

Revista: Estudos/Património Nº 11. Publicação do IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico, Palácio Nacional da Ajuda, Ministério da Cultura, Lisboa Julho 2011.

Provas académicas

ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. 82p.

CARVALHO, Susana Margarida Santos – “Centro Histórico” Uma abordagem aos reflexos histórico-culturais no espaço arquitectónico da cidade contemporânea. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 2004. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. 80p.

FONSECA, Joana Rita Rodrigues – Histori[cidades] Reflexão sobre Novas Intervenções em Contextos Urbanos Históricos. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Outubro de 2006. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. 206p.

FONSECA, Maria João Barbosa – *Historicidade do Tecido Urbano. O Homem Contemporâneo e a sua Competência de Edificar.* Lisboa, Instituto Superior Técnico Universidade Técnica de Lisboa, Junho 2008. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura. 63p.

GOMES, Carina Gisela Sousa – Modos de vida nas cidades e processos de reabilitação urbana. O caso da Baixa de Coimbra.. Coimbra, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Novembro de 2005. Dissertação de Licenciatura em Sociologia. 177p.

GOMES, Luís Filipe – (Re)Ver Coimbra. Um sentido de Cidade. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Junho de 2009. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. 222p.

GRAVETO, Pedro – A Zona Histórica de Coimbra enquanto património: permanências e transformações. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. 604p.

MOTA, Nelson Jorge Amorim – A arquitectura do quotidiano – Público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense nos finais do século XIX. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Julho 2006. Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Território e Memória apresentada ao Departamento de Arquitectura. 366p.

PEREIRA, Susete Maria da Silva – Manual de Reabilitação. Entendimento, sensibilização e divulgação das intervenções no centro histórico. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Fevereiro 2005. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. 145p.

ROSSA, Walter – Diversidade, Urbanologia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2001. Dissertação de doutoramento em Arquitectura.

TRINDADE, Mafalda Cardeiro Ubach – *Reabilitar para Habitar.* Lisboa, Instituto Superior Técnico Universidade Técnica de Lisboa, Fevereiro 2010. Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura. 112p.

Comunicação

RIBEIRO, João Mendes – Processo de recuperação, renovação urbana e social da Baixa de Coimbra. Coimbra, comunicação do Doutor Arq. João Mendes Ribeiro no Congresso Internacional sobre a Baixa de Coimbra organizado pela Câmara Municipal de Coimbra, Maio 2003.

Legislação

Câmara Municipal de Coimbra: Plano Estratégico e Plano de Urbanização da Cidade de Coimbra - Diário da República – III Série, N.º 64 – 30 de Março de 2006.

Diário da República – I Série – A. Decreto-Lei n.º 104/2004, de 7 de Maio.

Diário da República – 1ª série – N.º 206 – 23 de Outubro de 2009. Decreto-Lei n.º 307/2009 de 23 de Outubro.

Edital N.º 14/2003 – AP – Regulamento Municipal de Edificação, Recuperação e Reversão Urbanística da Área Crítica do Centro Histórico da Cidade de Coimbra. [2ª série de 7 de Janeiro de 2003].

Web Sites consultados

Câmara Municipal de Coimbra. Disponível em:

<<http://www.cmc.pt>>

Coimbra SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana. Disponível em:

<<http://www.coimbravivasru.pt/>>

IGESPAR. Disponível em:

<<http://www.igespar.pt>>

MAGALHÃES, Raquel - História da Cidade. [03-01-2012]. [Consultado 04-01-2012]. Disponível em:

<http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=1424&Itemid=471>

RODEIA, João Belo - Notícias da OA: A Reabilitação Urbana parece ter entrado finalmente na ordem do dia em Portugal. [06-04-2011]. [Consultado 04-11-2011]. Disponível em:

<<http://www.arquitectos.pt/index.htm?no=2020492638,154>>

Documentos electrónicos

AGUIAR, José – ICOMOS-Portugal. [Em linha]. [Consultado 04-01-2011]. Disponível em:

<<http://construcaosustentavel.gecorpa.pt/oradores/ConclusoesIcomosRevJAguiar.pdf>>

Câmara Municipal de Coimbra – Casa Medieval. [Em linha]. [Consultado 26-01-2012]. Disponível em:

<<http://www.cm-coimbra.pt/>>

CIDADE UNIVER(SC)IDADE – Regenerar e Revitalizar o Centro Histórico de Coimbra. Parcerias para a Regeneração Urbana. [Coimbra, 17 de Abril de 2008]. [Em linha]. [Consultado 26-01-2012]. Disponível em: <<http://www.cm-coimbra.pt/>>

Câmara Municipal de Coimbra – Regulamento do Plano Director Municipal (versão consolidada). [Em linha]. [Consultado 26-01-2012]. Disponível em: <<http://www.cm-coimbra.pt/>>

Coimbra Viva: SRU Sociedade de Reabilitação Urbana, SA – Documento Estratégico para a 1ª Unidade de Intervenção na Cidade de Coimbra. [Março de 2007]. [Em linha]. [Consultado 26-01-2012]. Disponível em: <http://www.coimbravivasru.pt/unidade_intervencao.php>

Edital N.º 14/2003 – AP – Regulamento Municipal de Edificação, Recuperação e Reversão Urbanística da Área Crítica do Centro Histórico da Cidade de Coimbra. [2ª série de 7 de Janeiro de 2003]. [Em linha]. [Consultado 04-01-2011]. Disponível em: <<http://www.cm-coimbra.pt/>>

FORTUNA, Carlos; FERREIRA, Claudino; PEIXOTO, Paulo - Centros das cidades e políticas de requalificação urbana. Observações sobre o caso da baixa de Coimbra. [2ª série de 7 de Janeiro de 2003]. [Em linha]. [Consultado 04-01-2011]. Disponível em: <http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR460eba9de09e0_1.pdf>

Fonte das imagens

Imagem 1 Imagem retirada de:

ROSSA, Walter – Coimbra como território. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 6. ISSN 0874-6188

Imagem 2 Imagem retirada de:

ROSSA, Walter – Coimbra como território. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 8. ISSN 0874-6188

Imagem 3 Imagem retirada do Web Site:

<<http://mnmachadodecastro.imc-ip.pt/pt-PT/minisitios/ContentDetail.aspx?id=632>>

Imagem 4 Imagem retirada de:

ROSSA, Walter – Coimbra como território. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 9. ISSN 0874-6188

Imagem 5 Imagem retirada de:

ROSSA, Walter – Coimbra como território. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 9. ISSN 0874-6188

Imagem 6 Imagem retirada do documento:

Coimbra Viva: SRU Sociedade de Reabilitação Urbana, SA – Documento Estratégico para a 1ª Unidade de Intervenção na Cidade de Coimbra. [Março de 2007]. p. 9

Imagem 7 Imagem retirada do Web Site:

<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=29130048#post29130048>>

Imagem 8 Imagem retirada da Dissertação de Mestrado:

GRAVETO, Pedro – A Zona Histórica de Coimbra enquanto património: permanências e transformações. Porto, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2005. Dissertação de Mestrado em Arquitectura.

Imagem 9 Imagem retirada de:

ROSSA, Walter – Coimbra como território. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 10. ISSN 0874-6188

Imagem 10 Imagem fornecida pela Casa da Cultura de Coimbra. Autor e data indefinidos.

Imagem 11 Imagem retirada da Dissertação de Mestrado:

ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. p. 15

Imagem 12 Imagem retirada do Web Site:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Illustris_civitatis_Coimbriae_in_Lusitania_1600_Georg_Braun.jp>

Imagem 13 Imagem retirada do Web Site:

<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=764154>>

Imagem 14 Imagem retirada do livro:

Evolução do espaço físico de Coimbra. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, Divisão de Informação Geográfica e Solos, Dezembro de 2006. p. 35. ISBN 989-20-0103-6

Imagem 15 Imagem retirada de:

ROSSA, Walter – Coimbra como território. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 10-11. ISSN 0874-6188

Imagem 16 Carta dos Irmãos Goullard de 1873-74. Imagem retirada do documento:

Coimbra Viva: SRU Sociedade de Reabilitação Urbana, SA – Documento Estratégico para a 1ª Unidade de Intervenção na Cidade de Coimbra. [Março de 2007]. p. 15

Imagem 17 Imagem retirada de:

ROSSA, Walter – Coimbra como território. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 11. ISSN 0874-6188

Imagem 18 Imagem retirada do documento:

Coimbra Viva: SRU Sociedade de Reabilitação Urbana, SA – Documento Estratégico para a 1ª Unidade de Intervenção na Cidade de Coimbra. [Março de 2007]. p. 17

Imagem 19 Imagem retirada de:

ROSSA, Walter – Coimbra como território. ECDJ, nº6/7. E|d|arq – Departamento de Arquitectura Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. p. 9. ISSN 0874-6188

Imagem 20 Imagem retirada do livro:

TRINDADE, Luisa – **A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna.** Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 113. ISBN 972-97542-8-4

Imagem 21 Imagem retirada do livro:

ALARCÃO, Jorge de – **Coimbra: A montagem do cenário urbano.** Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 85. ISBN 9789898074300

Autor do desenho: Dr. José Luís Madeira

Imagem 22 Imagem retirada do livro:

TRINDADE, Luisa – **A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna.** Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 50. ISBN 972-97542-8-4

Imagem 23 Imagens retiradas do livro:

TRINDADE, Luisa – **A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna.** Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 133. ISBN 972-97542-8-4

Imagem 24 Imagem retirada do livro:

TRINDADE, Luisa – **A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna.** Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 76. ISBN 972-97542-8-4

Imagem 25 Imagem retirada do livro:

ALARCÃO, Jorge de – **Coimbra: A montagem do cenário urbano**. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008. p. 86. ISBN 9789898074300

Autor do desenho: Dr. José Luís Madeira

Imagem 26 Imagens retiradas do livro:

TRINDADE, Luisa – **A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna**. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 27. ISBN 972-97542-8-4

Imagem 27 Imagem retirada do livro:

TRINDADE, Luisa – **A Casa Corrente em Coimbra dos Finais da Idade Média aos Inícios da Época Moderna**. Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 144. ISBN 972-97542-8-4

Imagem 28 Imagem fornecida pela Casa da Cultura de Coimbra. Autor e data indefinidos.

Imagem 29 Imagens retiradas do Web Site Alma Master – Biblioteca digital de fundo antigo da Universidade de Coimbra:

<<http://almamater.uc.pt/referencias.asp?f=BDUC5&i=15050300&t=1828>>

Imagem 30 Imagens retiradas do Web Site Alma Master – Biblioteca digital de fundo antigo da Universidade de Coimbra:

<<http://almamater.uc.pt/referencias.asp?f=BDUC5&i=15050300&t=1772>>

Imagem 31 Imagens retiradas do Web Site Alma Master – Biblioteca digital de fundo antigo da Universidade de Coimbra:

<<http://almamater.uc.pt/referencias.asp?f=BDUC5&i=15050300&t=1828>>

Imagem 32 Imagens retiradas do Web Site Alma Master – Biblioteca digital de fundo antigo da Universidade de Coimbra:

<<http://almamater.uc.pt/referencias.asp?f=BDUC5&i=15050300&t=1828>>

Imagem 33 Imagens fornecidas pela Casa da Cultura de Coimbra. Autores e datas indefinidos.

Imagem 34 Imagem retirada do Web Site Google:

<<http://maps.google.pt/maps?hl=pt-PT&tab=wl>>

Imagem 35 Fotografia fornecida por Sara Jorge.

Imagem 36 (em cima) Imagem retirada do livro:

JORGE, Filipe; BANDEIRINHA, José António – **Coimbra Vista do Céu**. Coimbra, ARGUMENTUM, Edições Lda., Dezembro de 2003. p. 27. ISBN 972-8479-30-1

(em baixo) Fotografia fornecida por Sara Jorge.

Imagem 37 Fotografia da autora.

Imagem 38 Fotografia da autora.

Imagem 39 Fotografia da autora.

Imagem 40 Desenho copiado da Dissertação de Mestrado:

ALMEIDA, Sandra Maria Fonseca – A cidade Baixa – Evolução e caracterização do espaço urbano. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Setembro de 1997. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura. p. 72

Imagem 41 Fotografia da autora.

Imagem 42 (em cima) Imagem retirada do Web Site Google:

<<http://maps.google.pt/maps?hl=pt-PT&tab=wl>>

(em baixo) Desenho realizado sobre a planta fornecida pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

Imagem 43 Desenhos realizados sobre a planta fornecida pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

Imagem 44 Desenhos realizados pela autora excepto os alçados fornecidos pela Coimbra Viva SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana apresentados em anexo.

Imagem 45 Fotografia da autora.

Imagem 46 Fotografia da autora.

Imagem 47 Fotografia da autora.

Imagem 48 Fotografia da autora.

Imagem 49 Fotografia da autora.

Imagem 50 Fotografia fornecida por Sara Jorge.

Imagem 51 Imagem fornecida pela Câmara Municipal de Coimbra.

Imagem 52 Fotografia da autora.

Imagem 53 Desenho realizado sobre a planta fornecida pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

Imagem 54 Desenhos fornecidos pela Coimbra Viva SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana.

Imagem 55 Desenhos realizados sobre os elementos gráficos fornecidos pela Coimbra Viva SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana.

Imagem 56 Plantas realizadas sobre a planta fornecida pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra e pela visita do local e alçados realizados pela autora.

Imagem 57 Desenhos realizados sobre a planta fornecida pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

Imagem 58 Plantas realizadas sobre a planta fornecida pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra e pela visita do local e alçado realizado pela autora.

Imagem 59 Desenhos realizados sobre a planta fornecida pelo Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

APÊNDICES

Fichas de Inventário¹

Parâmetros de Caracterização do Edificado

¹ As fichas de inventário seguintes tiveram por base a Ficha de Inventário do Gabinete para o Centro Histórico e a Ficha de Instrução do Processo de Classificação do IGESPAR.

Apêndice_00 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício ¹

Designação

Localização

Código Postal ²

Freguesia

Concelho

Número de Polícia

Caracterização ³

Função Origem

Função Actual

Enquadramento

Estado Conservação

Protecção

Caracterização Arquitectónica ⁴

Categoria

Síntese Arquitectónica

Caracterização Formal ⁵

Área

Volumetria

Tipologia Estrutural

Revestimento

Acabamento Alçado

Cobertura

Vãos

Observações

¹ A Ficha de Inventário do Gabinete para o Centro Histórico faz referência todos os parâmetros utilizados excepto o Código Postal. A Ficha de Instrução do Processo de Classificação do IGESPAR apenas faz referência à Designação e Localização.

² Parâmetro acrescentado pelo autor .

³ A Ficha de Inventário do Gabinete para o Centro Histórico faz referência todos os parâmetros utilizados excepto a Protecção. A Ficha de Instrução do Processo de Classificação do IGESPAR faz referência a todos os parâmetros.

⁴ A Ficha de Inventário do Gabinete para o Centro Histórico apenas faz referência à Síntese Arquitectónica. A Ficha de Instrução do Processo de Classificação do IGESPAR faz referência a todos os parâmetros.

⁵ Parâmetro acrescentado pelo autor.



Apêndice_01 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Gala

Código Postal 3000-197

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 1

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para três frentes, nomeadamente a Rua da Louça, a Rua da Gala e o Largo da Maracha

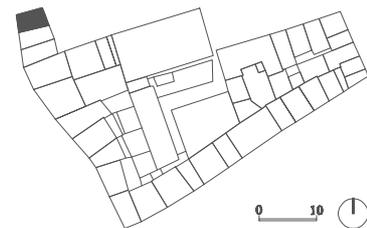
Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

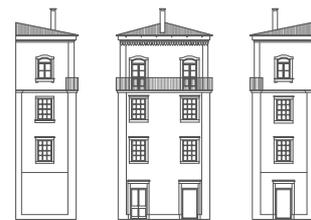
Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta três fachadas e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para a Rua da Louça e a entrada na habitação é feita pelo edifício contíguo. As fachadas são bastante regulares e simétricas excepto no piso térreo da fachada voltada ao Largo da Maracha. O soco contorna o edifício. Os vãos são emoldurados e no último piso definem um arco. No 1º e 2º pisos as janelas são de guilhotina e no 3º são de duas folhas com bandeira. No 3º piso do alçado voltado à Rua da Louça as janelas são de sacada e nas restantes de peitoril. A caixilharia é de alumínio. Ainda no último piso, existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de três águas em telha cerâmica, apresenta cornija e ainda uma chaminé.



Planta de Localização



Alçados

Caracterização Formal

Área Lote (38,00m²), **Área Total** (152,0m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (14,7m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (sim)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas e guilhotina), **Caixilharia** (alumínio), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



Apêndice_02 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Largo da Maracha

Código Postal 3000-263

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 11

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para duas frentes, nomeadamente a Rua da Gala e o Largo da Maracha

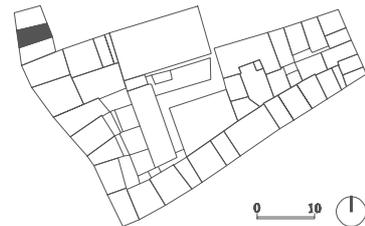
Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta duas fachadas e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja é feita pelo edifício contíguo e a entrada na habitação é feita pelo Largo da Maracha. As fachadas são bastante regulares e simétricas. O soco contorna o edifício. Os vãos são emoldurados e definem sempre um arco. As janelas são sempre de duas folhas e bandeira, de peitoril e sacada e a caixilharia é de alumínio. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta cornija.



Planta de Localização



Alçados

Caracterização Formal

Área Lote (37,6m²), **Área Total** (150,4m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (16,0m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (duas folhas), **Caixilharia** (alumínio), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



Apêndice_03 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Gala e Largo da Maracha

Código Postal 3000-197 e 3000-263

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 7 e 10

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para duas frentes, nomeadamente a Rua da Gala e o Largo da Maracha

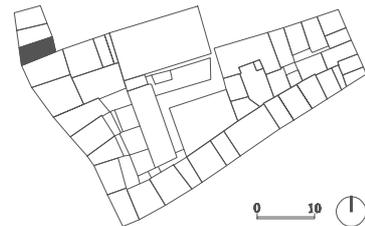
Estado Conservação Ruína

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

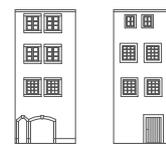
Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta duas fachadas e desenvolve-se em quatro pisos, sendo que o primeiro destinava-se ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para a Rua da Gala e a entrada na habitação era feita pelo Largo da Maracha. As fachadas são bastante regulares e simétricas excepto o piso térreo. O soco apenas se define no alçado da Rua da Gala. Os vãos são emoldurados e apenas nas portas voltadas à Rua da Gala definem um arco. As janelas são de guilhotina na 1º piso, guilhotina e duas folhas no 2º piso e duas folhas no 3º piso, sempre de peitoril, e a caixilharia é de madeira. Na cobertura percebe-se hoje o remate da cobertura, de beiral, mas a mesma já não existe.



Planta de Localização



Alçados

Caracterização Formal

Área Lote (42,2m²), **Área Total** (168,8m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (10,6m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

Acabamento **Alçado Soco** (sim, não), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (sim)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas e guilhotina), **Caixilharia** (madeira), **Janelas** (sacada)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Apêndice_04 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Largo da Maracha e Rua da Gala

Rua da Gala a Poente

Largo da Maracha a Nascente

Código Postal 3000-263 e 3000-197

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 9 e 11

Caracterização

Função Origem Habitação/Indefinido

Função Actual Habitação/Restauração

Enquadramento O edifício volta-se para duas frentes, nomeadamente a Rua da Gala e o Largo da Maracha

Estado Conservação Mau

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta duas fachadas e desenvolve-se em três pisos, sendo o primeiro destinado à reatuação e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para a Rua da Gala e a entrada na habitação é feita pelo Largo da Maracha. A fachada voltada à Rua da Gala é simétrica, a fachada voltada ao Largo da Maracha apenas possui uma abertura por piso, repetindo as janelas do alçado anterior. Os vãos são emoldurados e no piso térreo definem um arco e uma moldura maior. As janelas são de guilhotina e duas folhas, de peitoril e sacada e a caixilharia é de alumínio e madeira. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta cornija.

Caracterização Formal

Área Lote (77,7m²), **Área Total** (233,1m²)

Volumetria Número de Pisos (3), **Cércea** (11,7m)

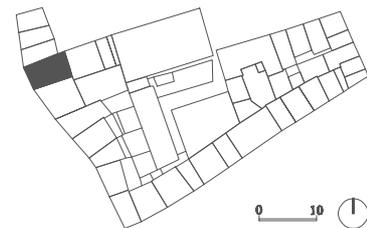
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

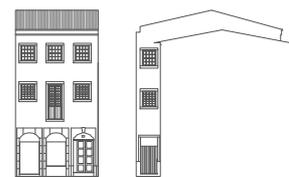
Acabamento Alçado Soco (sim), Óculos (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (não)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas e guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



Planta de Localização



Alçados



Apêndice_05 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Largo da Maracha

Código Postal 3000-263

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 7

Caracterização

Função Origem Habitação/Restauração

Função Actual Ruína

Enquadramento O edifício volta-se para o Largo da Maracha

Estado Conservação Ruína

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em dois pisos, sendo que o primeiro destinava-se ao comércio e o seguinte à habitação. A entrada na loja e a entrada na habitação era feita pelo Largo da Maracha. A fachada é bastante irregular. O soco contorna o edifício. Os vãos são emoldurados e definem um arco. As janelas são de peitoril e sacada e existe ainda dois pequenos óculos. No último piso, existe uma sacada pouco saliente. O edifício já não possui cobertura e caixilhos, estando as janelas tapadas.

Caracterização Formal

Área Lote (70,9m²), **Área Total** (141,8m²)

Volumetria Número de Pisos (2), **Cércea** (7,3m)

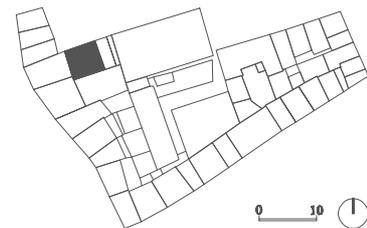
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (sim), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (indefinido), **Caixilharia** (indefinido), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (indefinido), **Sistema** (indefinido), **Remate** (indefinido)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_06 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Largo da Maracha

Código Postal 3000-263

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 5 e 6

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Ruína

Enquadramento O edifício volta-se para o Largo da Maracha

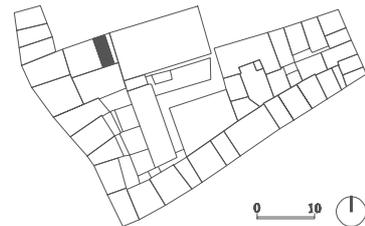
Estado Conservação Ruína

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em três pisos. No piso térreo existem duas portas, uma correspondia à entrada para a loja, no piso térreo, e a outra à habitação, nos pisos superiores. A fachada apresenta hoje apenas as duas portas no piso térreo e uma abertura por piso, possivelmente teria duas aberturas por piso. Os vãos são emoldurados e no seu alçado pode ver-se que talvez seriam definidos por aventais de janelas. As janelas seriam de peitoril. O edifício já não possui cobertura e caixilhos, estando as janelas encerradas.



0 10 1
Planta de Localização



Alçado

Caracterização Formal

Área Lote (26,2m²), **Área Total** (78,6m²)

Volumetria Número de Pisos (3), **Cércea** (7,3m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (indefinido), **Moldura** (indefinido)

Acabamento **Alçado Soco** (indefinido), **Óculos** (não),

Sacada (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (indefinido), **Caixilharia** (indefinido), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (indefinido), **Sistema** (indefinido), **Remate** (indefinido)



Apêndice_07 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua do Corvo

Código Postal 3000-124

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 73

Caracterização

Função Origem Indefinido

Função Actual Religioso

Enquadramento O edifício volta-se para duas frentes, nomeadamente a Rua do Corvo e o Largo da Fornalhinha

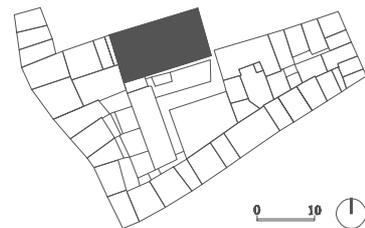
Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Religiosa

Descrição O edifício apresenta duas fachadas e desenvolve-se em dois pisos. A entrada no edifício é feita pela Rua do Corvo. As fachadas são bastante regulares e simétricas. O soco contorna o edifício. Os vãos são emoldurados e apresentam um desenho mais elaborado. As janelas são de duas folhas com bandeira, de sacada e peitoril e a caixilharia é de madeira. No último piso da fachada voltada ao Largo da Fornalhinha existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de quatro águas em telha cerâmica e apresenta cornija.



Planta de Localização



Alçados

Caracterização Formal

Área Lote (327,4m²), **Área Total** (654,8m²)

Volumetria Número de Pisos (2), **Cércea** (11,2m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (duas folhas), **Caixilharia** (madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



Apêndice_08 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Indefinido

Código Postal Indefinido

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia Indefinido

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para o Largo da Fornalhinha

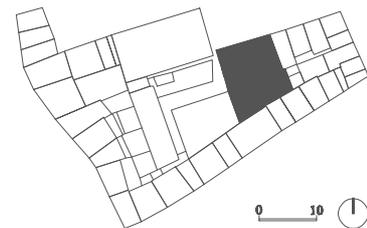
Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para o Largo da Fornalhinha e a entrada na habitação é feita pelo interior do edifício. A fachada encontra-se dividida em três e é bastante irregular no seu conjunto, embora muito elaborada. Os vãos são emoldurados e na divisão da esquerda definem um arco. As janelas são de duas folhas com bandeira, de sacada e peitoril e a caixilharia é de madeira. No último piso da divisão da esquerda existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta cornija.



Planta de Localização



Alçado

Caracterização Formal

Área Lote (285,9m²), **Área Total** (1143,6m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (14,0m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, azulejo), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (duas folhas), **Caixilharia** (madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



Apêndice_09 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Fornalhinha

Código Postal 3000-191

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 15 a 17

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua da Fornalhinha

Estado Conservação Razoável

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua da Fornalhinha. As fachadas são bastante simétricas excepto o piso térreo. O soco contorna a fachada. Os vãos são emoldurados e definem um arco, excepto o piso térreo que não possui moldura. As janelas são de duas folhas e bandeira, de peitoril e a caixilharia é de alumínio. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta cornija.

Caracterização Formal

Área Lote (42,5m²), **Área Total** (170,0m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (13,9m)

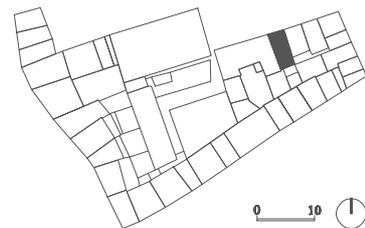
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, azulejo), **Moldura** (pedra)

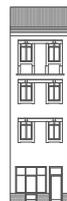
Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (não)

Vãos Moldura (sim), **Sistema** (duas folhas), **Caixilharia** (alumínio), **Janelas** (peitoril)

Cobertura Revestimento (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



0 10 1
Planta de Localização



Alçado



Apêndice_10 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Fornalhinha

Código Postal 3000-191

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 11 a 13

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua da Fornalhinha

Estado Conservação Mau

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em cinco pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua da Fornalhinha. A fachada é bastante regular e simétrica, excepto no piso térreo. Os vãos são emoldurados e apenas a porta de entrada da habitação define um arco. As janelas são de duas folhas e guilhotina, de peitoril e sacada e a caixilharia é de madeira. No último piso existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta cornija.

Caracterização Formal

Área Lote (37,5m²), **Área Total** (187,5m²)

Volumetria Número de Pisos (5), **Cércea** (13,9m)

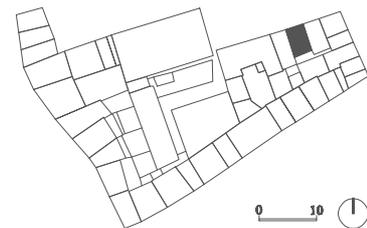
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento **Alçado** Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (não)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas e guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



0 10 1
Planta de Localização



Alçado



Apêndice_11 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Fornalhinha

Código Postal 3000-191

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 7 a 9

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua da Fornalhinha

Estado Conservação Mau

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em cinco pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua da Fornalhinha. A fachada é bastante regular e simétrica, excepto no piso térreo. As janelas são de guilhotina e duas folhas, de sacada e de peitoril e a caixilharia é de madeira. Nos dois últimos pisos, existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (40,4m²), **Área Total** (202,0m²)

Volumetria Número de Pisos (5), **Cércea** (13,9m)

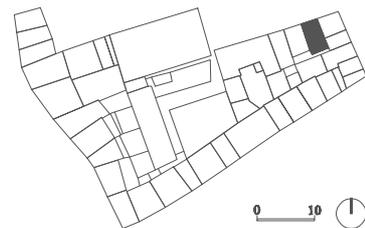
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

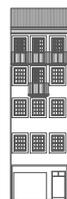
Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas e guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_12 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Fornalhinha e Rua Eduardo Coelho

Código Postal 3000-191 e 3000-148

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 1 a 5 e 12

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para duas frentes, nomeadamente a Rua da Fornalhinha e a Rua Eduardo Coelho

Estado Conservação Razoável

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta duas fachadas e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para a Rua Eduardo Coelho. As fachadas são bastantes regulares e simétricas, o piso térreo e o 1º piso destacam-se pela utilização do mesmo material de revestimento. As janelas são de duas folhas, de peitoril e a caixilharia é de madeira. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta cornija.

Caracterização Formal

Área Lote (33,2m²), **Área Total** (132,8m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (10,7m)

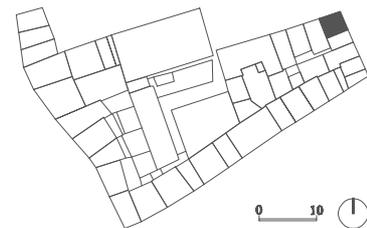
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



Planta de Localização



Alçados



Apêndice_13 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Indefinido

Código Postal Indefinido

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia Indefinido

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua Eduardo Coelho

Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em cinco pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para a Rua Eduardo Coelho. A fachada é regular e simétrica. Os vãos são emoldurados e apresentam um desenho mais elaborado. As janelas de sacada são de duas folhas, no terceiro piso, e as de peitoril são de guilhotina, nos restantes pisos. A caixilharia é de alumínio e madeira. Ainda no 3º piso, existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta cornija.

Caracterização Formal

Área Lote (22,8m²), **Área Total** (114,0m²)

Volumetria Número de Pisos (5), **Cércea** (16,1m)

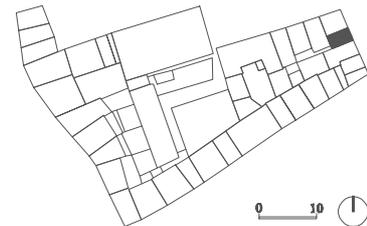
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento **Alçado** Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas e guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_14 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua Eduardo Coelho

Código Postal 3000-148

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 18

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua Eduardo Coelho

Estado Conservação Razoável

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para a Rua Eduardo Coelho e faz uma arcada, a entrada na habitação é feita pelo edifício do apêndice nº 16. A fachada é bastante simétrica e apresenta um desenho mais elaborado. Os vãos são emoldurados e definem um arco, excepto no último piso. As janelas são de guilhotina no 1º piso, de peitoril e de madeira, nos restantes pisos são encerradas com estoros. Nos últimos dois pisos existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (40,0m²), **Área Total** (160,0m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (13,56m)

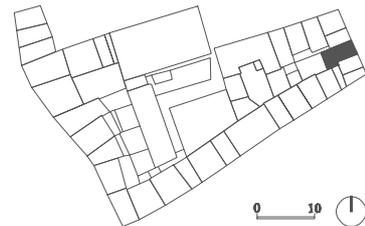
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



0 10 1
Planta de Localização



Alçado



Apêndice_15 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 4

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para duas frentes, nomeadamente a Rua Eduardo Coelho e a Rua das Padeiras

Estado Conservação Razoável

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta duas fachadas e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para a Rua Eduardo Coelho e Rua das Padeiras e a entrada na habitação é feita pelo edifício contíguo. As fachadas são bastante irregulares. Os vãos são emoldurados, as janelas são de duas folhas e de peitoril, excepto no 5º piso que são de sacada, a caixilharia é de madeira. Ainda no último piso, existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de uma e duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (39,1m²), **Área Total** (156,4m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (12,0m)

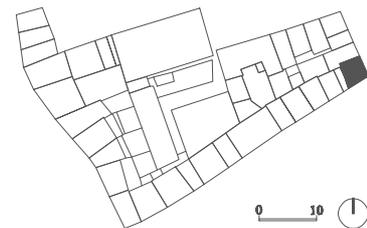
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (sim), **Sacada** (sim), **Chaminé** (sim)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Planta de Localização



Alçados



Apêndice_16 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 10 a 8 e 6

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em dois pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e o seguinte à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua das Padeiras. A fachada é bastante regular e simétrica. O soco contorna a fachada. Os vãos são emoldurados e na porta de entrada da habitação definem um arco. As janelas são de guilhotina, de peitoril e a caixilharia é de madeira. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (42,6m²), **Área Total** (85,2m²)

Volumetria Número de Pisos (2), **Cércea** (6,7m)

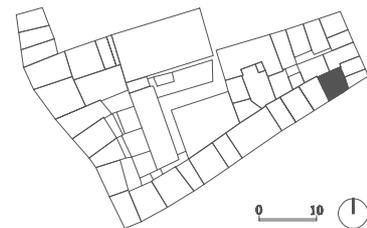
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas fohas e guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



0 10 1
Planta de Localização



Alçado



Apêndice_17 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia Indefinido

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua das Padeiras. A fachada é bastante regular e simétrica excepto no piso térreo. Os vãos são emoldurados e no 1º piso definem um arco. As janelas são de duas folhas com bandeira, de peitoril e sacada e a caixilharia é de madeira. No 1º e 4º piso existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de uma água em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (39,4m²), **Área Total** (157,6m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (12,3m)

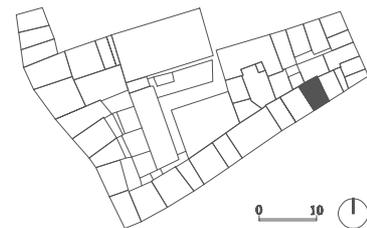
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas fohas), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_18 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia Indefinido

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

Estado Conservação Mau

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em cinco pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua das Padeiras. A fachada é um pouco irregular. Os vãos são emoldurados. As janelas são de duas folhas, com bandeira e sem bandeira, de peitoril e sacada e a caixilharia é de alumínio. No 4º piso existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (44,8m²), **Área Total** (224,0m²)

Volumetria Número de Pisos (5), **Cércea** (12,7m)

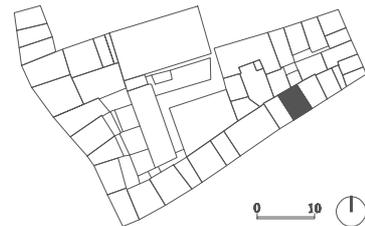
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_19 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia Indefinido

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em cinco pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua das Padeiras. A fachada é bastante regular e simétrica excepto no piso térreo. Os vãos são emoldurados. As janelas são de duas folhas com bandeira, de sacada e de peitoril e a caixilharia é de alumínio. No 4º piso existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta cornija.

Caracterização Formal

Área Lote (35,5m²), **Área Total** (177,5m²)

Volumetria Número de Pisos (5), **Cércea** (12,8m)

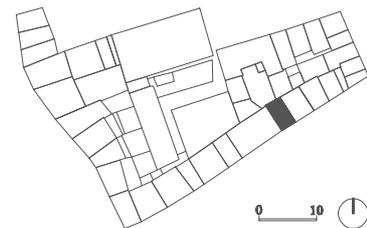
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas), **Caixilharia** (alumínio), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



0 10 1
Planta de Localização



Alçado



Apêndice_20 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia Indefinido

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

Estado Conservação Razoável

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em três pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua das Padeiras. A fachada é bastante regular e simétrica excepto no piso térreo. O soco apresenta-se em meia fachada. Os vãos são emoldurados. As janelas são de duas folhas e guilhotina, com bandeira bandeira e sem bandeira, de peitoril e a caixilharia é de madeira. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta cornija.

Caracterização Formal

Área Lote (102,8m²), **Área Total** (308,4m²)

Volumetria Número de Pisos (3), **Cércea** (11,6m)

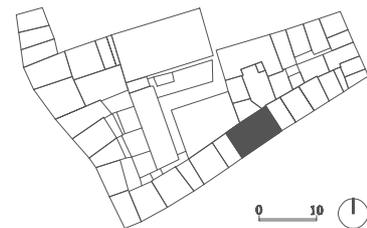
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas e guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (cornija)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_21 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia Indefinido

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

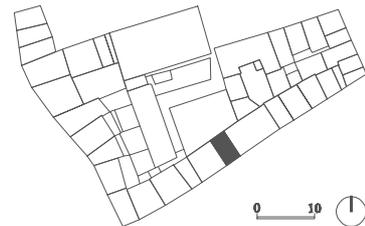
Estado Conservação Mau

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em três pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para a Rua das Padeiras e a entrada na habitação é feita pelo edifício contíguo. A fachada é bastante regular e simétrica e encontra-se toda revestida por azulejo excepto no piso térreo, estando revestida por pedra. Os vãos são emoldurados. As janelas são de duas folhas e peitoril no 1º piso e duas folhas e sacada no 3º piso e a caixilharia é de madeira. No último piso existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica apresenta beiral.



Planta de Localização



Alçado

Caracterização Formal

Área Lote (36,0m²), **Área Total** (144,0m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (11,9m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (azulejo, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Apêndice_22 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 38

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

Estado Conservação Mau

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em três pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada na loja e na habitação encontra-se voltada para a Rua das Padeiras. A fachada é bastante regular e simétrica excepto no piso térreo. Os vãos são emoldurados. As janelas são de duas folhas, de peitoril e a caixilharia é de madeira. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (247,5m²), **Área Total** (557,0m²)

Volumetria Número de Pisos (3), **Cércea** (10,1m)

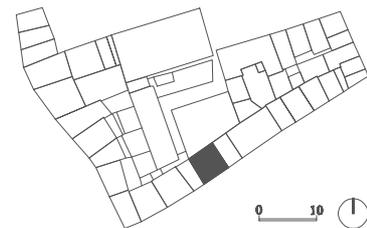
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, azulejo), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas fohas), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



0 10 1
Planta de Localização



Alçado



Apêndice_23 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 40 a 44

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

Estado Conservação Razoável

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em três pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua das Padeiras. A fachada é bastante irregular. Os vãos são emoldurados. As janelas são de guilhotina, de peitoril e a caixilharia é de madeira. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (29,0m²), **Área Total** (87,0m²)

Volumetria Número de Pisos (3), **Cércea** (7,0m)

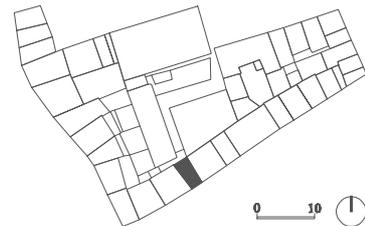
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

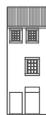
Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_24 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 56 a 48

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

Estado Conservação Razoável

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada das lojas e da habitação encontra-se voltada para a Rua das Padeiras. A fachada é bastante regular e simétrica excepto no piso térreo. Os vãos são emoldurados. As janelas são de duas folhas, de peitoril e a caixilharia é de alumínio. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (64,8m²), **Área Total** (259,2m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (10,3m)

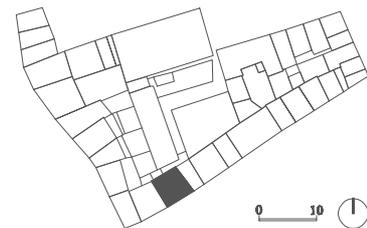
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

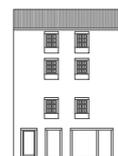
Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas), **Caixilharia** (alumínio), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_25 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras

Código Postal 3000-311

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 50 a 54 e 58 a 60

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua das Padeiras

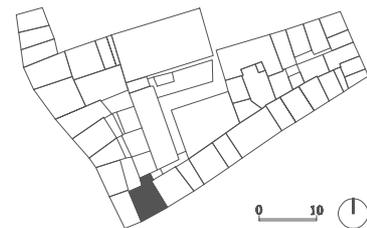
Estado Conservação Razoável

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em três pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada das lojas encontram-se voltadas para a Rua das Padeiras e a entrada da habitação é feita pelo interior de uma das lojas. A fachada é irregular e define um recorte na cobertura. O soco contorna uma parte da fachada. Os vãos são emoldurados. As janelas são de duas folhas de peitoril e sacada e a caixilharia é de madeira. No 2º piso existe uma pequena sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica, apresenta beiral e ainda uma chaminé.



Planta de Localização



Alçado

Caracterização Formal

Área Lote (74,3m²), **Área Total** (222,9m²)

Volumetria Número de Pisos (3), **Cércea** (7,5m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (sim)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas fohas), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Apêndice_26 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua das Padeiras e Rua da Gala

Código Postal 3000-311 e 3000-197

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 66 e 47 a 49

Caracterização

Função Origem Habitação/Indefinido

Função Actual Habitação/Restauração

Enquadramento O edifício volta-se para duas frentes, nomeadamente a Rua das Padeiras e a Rua da Gala

Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta duas fachadas e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado à restauração e os seguintes à habitação. A entrada na loja encontra-se voltada para a Rua das Padeiras e a entrada na habitação é feita pela Rua da Gala. As fachadas são um pouco irregulares. O soco contorna o edifício. Os vãos são emoldurados. As janelas são de guilhotina, de peitoril e a caixilharia é de madeira. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (46,3m²), **Área Total** (185,2m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (10,1m)

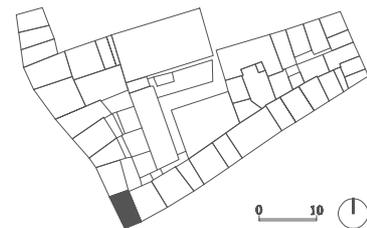
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (sim), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (duas folhas e guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Planta de Localização



Alçados



Apêndice_27 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Gala

Código Postal 3000-197

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 41 a 45

Caracterização

Função Origem Habitação/Indefinido

Função Actual Habitação/Restauração

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua da Gala

Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em três pisos, sendo o primeiro destinado à restauração e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua da Gala. A fachada é bastante regular e simétrica. O soco contorna a fachada. Os vãos são emoldurados. As janelas são de uma folha, de peitoril e a caixilharia é de alumínio. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (109,6m²), **Área Total** (328,8m²)

Volumetria Número de Pisos (3), **Cércea** (10,1m)

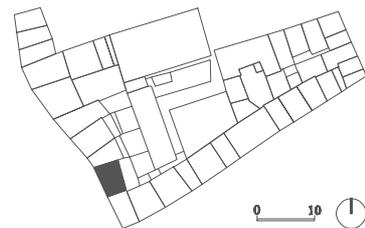
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

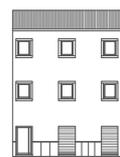
Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha), **Caixilharia** (alumínio), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_28 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Gala

Código Postal 3000-197

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 37 a 39

Caracterização

Função Origem Habitação

Função Actual Habitação

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua da Gala

Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em quatro pisos, todos destinados à habitação. A entrada encontra-se voltada para a Rua da Gala. A fachada é bastante regular e simétrica. O soco contorna a fachada. Os vãos são emoldurados e no primeiro piso definem um arco. As janelas são de guilhotina, de peitoril e a caixilharia é de alumínio. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (86,9m²), **Área Total** (347,6m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (11,8m)

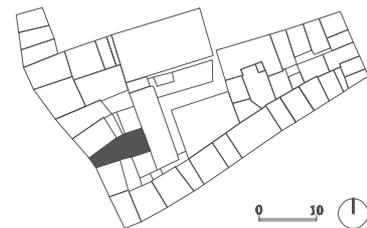
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

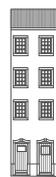
Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, guilhotina), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Planta de Localização



Alçado



Apêndice_29 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Gala

Código Postal 3000-197

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 31 a 35

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua da Gala

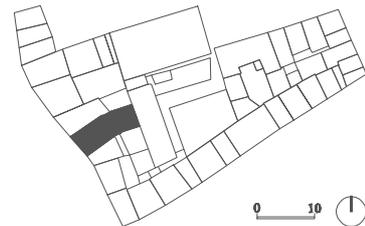
Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em quatro pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua da Gala. A fachada é bastante regular e simétrica. O soco contorna a fachada. Os vãos são emoldurados e no primeiro piso definem um arco. As janelas são de duas folhas e peitoril no 1º e 2º piso de duas folhas com bandeira e de sacada no 3º piso, a caixilharia é de alumínio. No último piso, existe uma sacada pouco saliente. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.



Planta de Localização



Alçado

Caracterização Formal

Área Lote (113,6m²), **Área Total** (454,4m²)

Volumetria Número de Pisos (4), **Cércea** (12,3m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (sim), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (duas folhas), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (sacada, peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



Apêndice_30 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA
Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Gala

Código Postal 3000-197

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 27

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua da Gala

Estado Conservação Bom

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em três pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e os seguintes à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua da Gala. A fachada é bastante irregular. Os vãos são emoldurados. As janelas são de duas folhas, de peitoril e a caixilharia é de alumínio. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.

Caracterização Formal

Área Lote (102,8m²), **Área Total** (308,4m²)

Volumetria Número de Pisos (3), **Cércea** (9,0m)

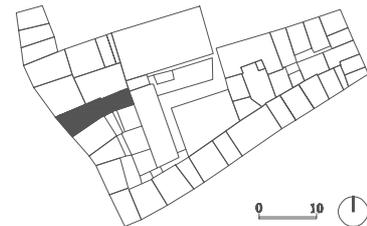
Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal, pedra), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (não), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas folhas), **Caixilharia** (alumínio), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



0 10 1
Planta de Localização



Alçado



Apêndice_31 Ficha de Inventário

A CASA CORRENTE NA BAIXA DE COIMBRA

Aproximação a uma estratégia de intervenção

Identificação do Edifício

Designação Imóvel

Localização Rua da Gala

Código Postal 3000-197

Freguesia São Bartolomeu

Concelho Coimbra

Número de Polícia 19 a 23

Caracterização

Função Origem Habitação/Comércio

Função Actual Habitação/Comércio

Enquadramento O edifício volta-se para a Rua da Gala

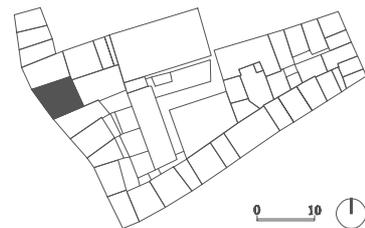
Estado Conservação Mau

Protecção Zona Tampão - Zona Especial de Protecção

Caracterização Arquitectónica

Categoria Arquitectura Civil

Descrição O edifício apresenta uma fachada e desenvolve-se em dois pisos, sendo o primeiro destinado ao comércio e o seguinte à habitação. A entrada da loja e da habitação encontra-se voltada para a Rua da Gala. A fachada é bastante irregular. O soco contorna apenas uma parte da fachada. Os vãos são emoldurados e no primeiro piso definem alguns arcos, existe, ainda, um pequeno óculo na fachada. As janelas são de duas folhas, de peitoril e a caixilharia é de madeira. A cobertura é de duas águas em telha cerâmica e apresenta beiral.



0 10 1
Planta de Localização



Alçado

Caracterização Formal

Área Lote (184,5m²), **Área Total** (369,0m²)

Volumetria Número de Pisos (2), **Cércea** (9,1m)

Tipologia Estrutural Vertical (alvenaria de pedra)

Revestimento Paredes (reboco de cal), **Moldura** (pedra)

Acabamento Alçado Soco (sim), **Óculos** (não), **Sacada** (não), **Chaminé** (indefinido)

Vãos **Moldura** (sim), **Sistema** (uma folha, duas fohas), **Caixilharia** (alumínio, madeira), **Janelas** (peitoril)

Cobertura **Revestimento** (telha cerâmica), **Sistema** (estrutura de madeira), **Remate** (beiral)



ANEXOS

Anexo 1

Entrevista realizada à Doutora Professora Luisa Trindade, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no dia 26 de Março de 2012

Anexo 2

Elementos gráficos fornecidos pela Coimbra Viva SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana

Anexo 3

Imagens fornecidas pela Casa da Cultura de Coimbra

Anexo 4

Elementos gráficos fornecidos pela Câmara Municipal de Coimbra

Anexo 5

Planta de Coimbra fornecida pelo Departamento de Arquitectura

Anexo 1

Entrevista realizada à Doutora Professora Luisa Trindade, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no dia 26 de Março de 2012

A Professora Doutora Luisa Trindade é docente do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras. Publicou, em 2002, o livro “A Casa Corrente em Coimbra – Dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna”, onde compara a realidade da casa corrente coimbrã da Época Medieval com o contexto português.

A entrevista surge com a finalidade de entender o enquadramento da proposta de reabilitação da Dissertação de Mestrado, percepcionando o contexto evolutivo da casa corrente.

Sofia Cunha – Estou a realizar a minha Dissertação de Mestrado sobre a reabilitação da habitação na Baixa de Coimbra, nomeadamente uns edifícios situados junto ao Bota Abaixo. O estado actual dos edifícios não correspondem à sua função, encontram-se em ruína ou bastante degradados, assim como, grande parte da Baixa, que vai perdendo a sua vitalidade e originando a consecutiva degradação e perda de memória da sua própria evolução.

Luísa Trindade – No fundo, o bem patrimonial em si desapareceu, tal como nós o conseguimos encontrar na documentação escrita. Do ponto de vista dos vestígios materiais ele já não existe, agora há coisas que quer através do tamanho das parcelas, que esses sim se mantêm com a lei da persistência do plano, quer através das características físicas que nos descrevem a casa corrente nos séculos XIV a XVI nós conseguimos identificar uma tipologia: as casas de um, dois andares no máximo desde que não sejam nas ruas principais, a pouca abertura de vãos, precisamente porque ainda não estamos numa época em que o vidro seja comum, portanto há que proteger o interior das habitações das correntes de ar, etc., mas também impede a entrada de luz, o que nos vai ajudando a caracterizar o interior Essa volumetria ajuda-nos a caracterizar e a perceber

como é que podemos intervir hoje em dia neste património, e eu dava-lhe este exemplo através desta imagem, que no fundo, aquilo que ela nos mostra é como é que uma intervenção contemporânea desastrada veio rebentar completamente a leitura de um quarteirão, de uma correnteza de casas, ou seja todos estes vãos, abertura quer ao nível térreo, quer depois aos andares superiores, obedecia a uma lógica. Aqui como se optou, seguramente, por dividir o prédio em pequenos quartos para arrendar a estudantes, as janelas tiveram que bater certo com essa divisão nova do espaço interior, e de repente, em vez, provavelmente de quatro janelas tem cinco em cada piso, janelas que não correspondem de forma alguma, nem nas janelas nem nos vãos do andar térreo, àquilo que era uma linguagem que nos dava uma leitura homogénea, ou seja eu não tenho nada contra as intervenções contemporâneas acho é que as intervenções contemporâneas tem de facto de se ancorar na compreensão do que lá está e tentar pelo menos não destruir a coesão da leitura, porque em termos urbanísticos nós não podemos falar do prédio isolado. Ou seja, este prédio faz parte de uma leitura mais geral que é a leitura desta fileira de casas, deste quarteirão, se quiser, desta frente de rua. E esta intervenção acabou por destruir esse carácter coeso que isto tinha. E é muito evidente, eu costumo dar exemplo como o que uma intervenção pouco esclarecida consegue fazer do ponto de vista negativo, no fundo para este nosso património.

S. C. – A casa corrente medieval mantém sempre o seu traçado original, ou há alturas em que as suas características diferem?

L. T. – Há altura em que difere, posso dar-lhe o exemplo, aliás ela vai diferindo sempre no decorrer dos séculos, podemos dizer que há uma grande transformação no século XVI e que tem muito a ver com a legislação, de facto nós encontramos todo um conjunto de leis emanadas pelo poder régio, por D. Manuel neste caso, que tem muito a ver com o tentar evitar, por exemplo a utilização de materiais como a madeira que para além de não serem considerados nobres na construção da cidade tinha o imenso problema de ser altamente inflamáveis, e o fogo foi uma das grandes armas de destruição das cidades ao longo dos tempos. Portanto o que é que D. Manuel vai fazer, obrigar a substituir as fachadas que ainda existiam de madeira por fachadas de pedra e cal e

há documentação muito clara que nos diz isto, obrigando, não só a substituir as madeiras por pedra e cal como sobretudo, também do ponto de vista estrutural, a substituir uma das características da casa medieval que era uma fachada em socalcos, uma fachada que à medida que ia subindo, se ia sobrepondo sobre a rua, até praticamente fechar a rua, ou seja a largura que nós tínhamos ao nível térreo era bastante superior à que tinha-mos ao nível dos beirados, precisamente porque à medida que cada casa ia subindo o piso seguinte ia sobrepondo e sendo saliente em relação ao anterior. E D. Manuel nessa legislação diz precisamente: determine que se faça parede direita, ou seja, sem esses socalcos, sem esse reticulado, se quiser, e de pedra e cal. Portanto isto dá-nos logo uma diferença gigantesca em termos da casa do século XIV para a casa do século XVI, o que faz ruas com uma frente, ou tem frentes de ruas, muitíssimo mais cordeadas, como se dizia na altura, ou seja, que uma não saia mais fora do que a outra, é o que a legislação nos diz. O rei obriga a que as casas estejam todas no mesmo alinhamento, e que as fachadas sejam direitas e que sejam, não em madeira, mas em pedra e cal. Outra transformação também grande, precisamente nesta mesma altura e que também é visível nessa mesma legislação é as telhas, a obrigação que as casas sejam cobertas por telhas, mais uma vez tem a ver com a nobreza da cidade, mas também com o perigo dos incêndios, porque casas colmadas ou palhaças de facto ardiam muito facilmente, isso não é uma coisa estritamente portuguesa, é uma coisa europeia, mas por exemplo no norte da Europa ocorre mais cedo, de forma mais precoce e aqui entre nós é essencialmente no século XVI. Depois haverá todo um conjunto de transformações, se quiser outra transformação estrutural muito importante que ocorre já muito mais tarde, por volta do século XVIII é a introdução do corredor, e o corredor enquanto espaço de distribuição vem alterar profundamente a orgânica da casa, porque não é preciso já passar por todas as divisões para chegar à do fundo, pelo contrário há espaços de circulação e espaços privados, portanto em termos de vivência de uma família numa casa corrente é completamente diferente.

S. C. – Dado que os interiores inicialmente eram separados por divisórias com várias funções, a partir de que altura é que o espaço começa a compartimentar-se? Tinha falado na introdução do corredor.

L. T. – O corredor é introduzido e difunde-se no século XVIII.

S. C. – Era o corredor ao meio?

L. T. – Sim, é o risco ao meio. Mas essa matéria, já não é uma matéria que esteja tão presente. Eu estudei essencialmente a Idade Média, claro que estas coisas vão evoluindo como de facto como lhe dizia a casa vai tendo grandes transformações no decorrer dos séculos, desde logo, por exemplo, o pé-direito vai aumentando. Na Idade Média nós temos ainda uma cubagem de pé direito muito reduzido o que significa que quando falamos de casas de três, quatro pisos estamos a falar de casas altas para a altura mas apesar de tudo baixas se comparadas com as casas de três, quatro pisos mais recentes.

S. C. – Esse corredor dividia funções?

L. T. – Era o risco ao meio, quartos para um lado, quartos para o outro. Cozinha ao fundo, sala logo à entrada, é uma casa, é uma tipologia que depois se desenvolveu.

S. C. – O meu projecto localiza-se junto à Praça 8 de Maio, aqui neste quarteirão. Tem alguma ideia de como seriam os seus interiores na Idade Média?

L. T. – Neste a dimensão qual é?

S. C. – Este tem cerca de 7 metros, mais ou menos, por 2.

L. T. – É provável que tivesse um tabique a meio que lhe dividia entre a casa de dentro e a casa de fora, ou a câmara e a casa de trás, encontra essa nomenclatura no meu livro, agora de facto o que tem aqui nestes três casos, nesse não, é exactamente o lote característico, o lote estreito e comprido com a fachada virada à rua. Era uma das características essenciais da cidade cristã, se

quiser desde os primeiros tempos em que a fachada esteja à face da rua, porque as pessoas não querem uma casa privada como terá existido antes, ou como é a casa do modelo da casa mediterrânica, romana, muçulmana, centrada em torno de um pátio central, pelo contrário, aqui temos a necessidade do contacto directo com a rua, seja por uma questão de abrir uma loja, uma tenda, uma oficina, portanto a casa é simultaneamente um espaço comercial e um espaço residencial e por isso todos querem ter parte de fachada, querem ter parte desse contacto com a rua e por isso mesma as casas tornam-se estreitas e profundas, compridas, portanto este lote rectangular, este lote tipo corredor. Eu diria que a mais antiga que tem aqui é esta, com estes aventais de janela muito típicos de resto do século XVII, não tem aqui nenhuma que possa considerar medieval o que terá certamente é a parcela original seria ainda medieval, o resto terá sido muito reconstruído, aqui por exemplo ao nível dos vãos, vê-se que tudo isto foi muito mexido, tem épocas posteriores. Agora mantém muito, esta por exemplo tem muito essa solução nos dois portais, um que dá acesso à loja ou ao piso térreo e outro que dá acesso à escada, normalmente uma escada de tiro, uma escada directa que lhe dava acesso aos pisos de cima, ao primeiro e ao segundo. Normalmente estas casas tem também atrás um saguão, um pequeno, uma pequena entrada de ar e luz que permite de facto a respiração deste edifício que está entalado entre edifícios. Portanto tem uma fachada muito estreita normalmente compensa em termos de arejamento e iluminação com aberturas também no piso, na fachada posterior, nas traseiras e pode existir ou não aquilo que a documentação chamava de um chouso ou conchouso, almuinha, um quintal no fundo, pode ser muito pequeno e que não tem qualquer tipo de requinte, não é um jardim, não é nada que nos aproxime daquilo que seria...

S. C. – E quanto a este edifício?

L. T. – ... eu acho que ele não é tão profundo assim que merecesse um corredor central, normalmente as casas de corredor central são, apesar de tudo, com uma planta mais rectangular do que esta, bastante mais organizada em profundidade, mas alguma divisão haveria de ter, não sei se de corredor, não garantiria.

L. T. – ... eu diria que essa casa é do século XVIII. Bibliografia para a habitação corrente do século XVIII não existe assim tanta, eu recorreria ao Dr. Nelson, acho que era quem lhe poderia ajudar nesta fase. Nas outras como lhe digo são plantas que se prolongam e desde logo pela persistência das parcelas, do cadastro e aí eu posso ajudar-lhe, aliás há um estudo do Gabinete Técnico Local de Guimarães que foi reabilitado pelo professor Fernando Távora, há muitos anos atrás e esse estudo tem as plantas e tem, a casa é deste género, é uma casa tipo corredor bastante mais longa do que estreita...

L. T. – ... plantas tem como é que ele se organizava, a escada de tiro a divisão por tabique, o pátio nas traseiras, não gosto de lhe chamar pátio, o quintal nas traseiras tem mais a ver com a função que ele desempenhava do que propriamente com um pátio, isso remete-nos quase para um imaginário islâmico em que o pátio era uma coisa completamente diferente e com requinte que a cidade cristã de facto não conheceu e nesse eu não sei onde é que pode exactamente encontrar isso, eu tenho imagens, depois se quiser posso enviar-lhe por email, eu já as tirei à muito tempo não consigo dizer de onde é que as tirei. Mas se procurar por Fernando Távora, na obra de Fernando Távora encontra de certeza, era o Gabinete Técnico Local de Guimarães e foi reabilitado por ele. Como sabe ele teve um papel fundamental juntamente com a Alexandra Gesta na reabilitação de Guimarães e o Gabinete Técnico Local foi uma intervenção dele.

S. C. – Quanto aos exteriores, sofreram alterações a partir de que altura?

L. T. – Tudo sofreu alteração, e o exterior obviamente que sofreu imensas alterações. Desde logo... a alteração da parede direita de pedra e cal, portanto estamos a falar de alterações ao nível dos materiais e as decorrentes alterações estruturais da fachada. Quer dizer, apanhará imensos destes edifícios com uma quantidade imensa de alterações no decorrer dos séculos seguintes, desde logo a destruição de todo o interior e a construção de novas divisões mais adequadas às necessidades actuais. Por exemplo, a cozinha que normalmente se situava nos pisos superiores por uma questão de problemas relacionados com o incêndio e que obviamente desce em

épocas mais recentes, a introdução de instalações sanitárias, coisa que não existia e que também vai naturalmente obrigar a alterar estes miolos, portanto toda a casa por dentro e por fora, diria que única coisa, salvo raríssimas exceções, por exemplo como aquela casa que tem ao fundo das Escadas do Gato na Portagem, que tem ainda os ressaltos, sabe qual é?

S. C. – É a de Sargento Mor?

L. T. – Não é a de Sargento Mor, é a outra que fica, que tem os socalcos em madeira ainda uma janelinha em cada piso de madeira. É mesmo ao fundo das escadas do gato, quando está na portagem desce umas escadinhas para ir para essa ruazinha de Sargento Mor e tem uma casa que não é uma casa Manuelina como a outra que tem, que foi agora reabilitada pela Câmara, que tem esse portal Manuelino, normalmente os portais são as poucas coisas que sobreviveram, sobretudo quanto tinham alguma decoração. Essa que lhe estou a falar não é desse ponto de vista uma casa Manuelina, será uma casa de finais do século XV, inícios de XVI, mas que é um prédiozinho, um prédio de gaveto que tem três pisos, se não me engano, em baixo tinha os sótãos ou as lojas, terá lido com certeza que o sótão era a nomenclatura que se dava ao piso térreo, ao contrário daquilo que nós hoje denominamos por sótão e depois em cima tinha um conjunto de divisões. Eu na altura que andei a estudar este tema pedi para visitar a casa e eles deixaram-me, aquilo era de uns senhores que eram comerciantes na Baixa e que não viviam a tempo inteiro, apenas almoçavam e repousavam um pouco durante o dia e eles deixaram-me ver a casa.

S. C. – Quanto às infraestruturas que agora referiu, datam de que altura?

L. T. – As instalações sanitárias, se calhar não estamos a falar de casas que tivessem saneamento, até ao século XVI o mais comum é o grito água vai, ou seja as pessoas mandavam janela fora, embora obrigadas a gritar por três vezes, sob pena de terem de pagar as roupas dos transiundos que fossem a passar, se as estragassem, mas ia tudo para fora, todo o tipo de dejectos e

de, portanto, não era propriamente uma casa apetrechada desse ponto de vista com instalações sanitárias.

S. C. – Só começa a ser introduzido por volta do século XVIII?

L. T. – Sim, eu diria que em Portugal começa a vulgarizar-se no século XVIII, sim. Tem todas aquelas situações em que primeiro se constrói uma casinha de banho na varanda e depois é que em casas mais antigas, não é, bem mais tarde do que isso é que começam a ter casas de banho já desde raiz.

S. C. – E ao nível das cozinhas e das chaminés?

L. T. – A chaminé é uma coisa que é introduzida no século XVI, mas como qualquer outra introdução, tal como o vidro, por exemplo, começa pelas classes superiores, pela nobreza, realeza, etc., e vai descendo sociedade abaixo até à burguesia endinheirada, mas que é normalmente uma evolução lenta, também, tem por exemplo ao nível da casa corrente, é muito curioso seguir os desenhos do Duarte de Armas e perceber como ele ainda representa tão poucas chaminés, portanto, e é uma coisa que está verdadeiramente ainda a ser introduzida e vai ter uma divulgação lenta e que terá naturalmente consequências grandes ao nível do interior das casas. Quer dizer, é muito diferente ter uma boa extracção de fumos ou ter uma telha aberta a sistema de telha vã e tirar uma telha e permitir que o fumo saia, o que obviamente escurece a casa e cria um ambiente muito diferente daquele que vai ter depois com as chaminés.

S. C. – Tenho algumas dúvidas em relação ao Almojarifado de Coimbra e o Tombo, porque fiquei com dúvidas se se referiram a todas as construções já existentes, ou só apenas algumas?

L. T. – Não, só apenas algumas. O Almojarifado de 1395 refere-se às casas do rei o Tombo de 1532 refere-se às casas que a Câmara de Coimbra tinha, portanto são entidades, proprietárias diferentes e só vão tombar, ou seja, registar as propriedades que lhes competem. E

ainda por cima, entre uma e outra não há correspondência, porque as do rei são, são essencialmente, até na Rua das Fangas, Quebra Costas etc., e as da Câmara são essencialmente, pelo menos grande parte delas na Rua da Calçada, que é hoje a Rua Ferreira Borges. Portanto essa evolução teria sido muito melhor para nós do ponto de vista do estudo e da análise se os dois Tombos incidissem sobre as mesmas casas porque aí nós poderíamos até seguir essa evolução dessas casas, embora o Tombo de 1532 como é de esperar por ser de século XVI seja muito mais descritivo e pormenorizado do que o do século XIV que nos diz muito pouco.

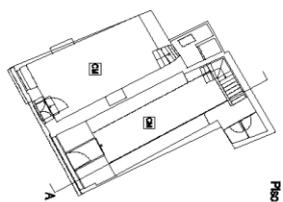
S. C. – Quanto aos limites da área medieval, existiu alguma regra que delimitasse a área de expansão? Sendo que o rio constituía um entrave à sua expansão.

L. T. – O rio era o limite, o rio e as cheias do rio. No que tem lá hoje, a linha de rio que tem hoje não era a linha da idade média, tudo aquilo, aquela zona da Estação Nova e da Avenida Emídio Navarro não existia no século XIV, o rio vinha até mais, por exemplo, onde tem hoje o Hotel Oslo, o Avenida era o Cais da Ameias, portanto aí era a linha de rio, mas o rio era de facto era o limite das habitações iam praticamente até ao rio, aliás isso vê-se na gravura, embora não seja uma gravura fidedigna vê-se na gravura de Braun e vê-se depois na gravura de Baldi, mas sim iam até ao rio, embora o rio tivesse uma utilização muito mais prática e corrente do que aquilo que nós hoje lhe damos, as margens eram uma zona de atracar barcos e de mercadorias, entradas e saídas de mercadorias da cidade e as casas viravam normalmente as traseiras, não havia aquela coisa de usufruir de uma margem de rio, é uma imagem completamente recente que não existia nestes tempos.

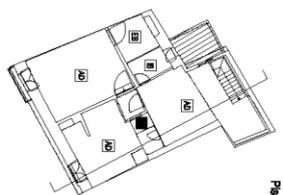
Anexo 2

Elementos gráficos fornecidos pela Coimbra Viva SRU – Sociedade de Reabilitação

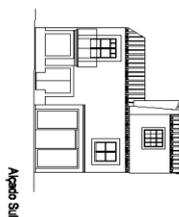
Urbana



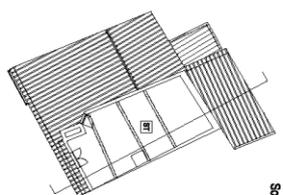
Piso 0



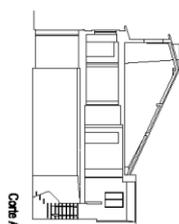
Piso 1



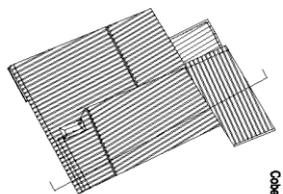
Alçado Sul



Solo

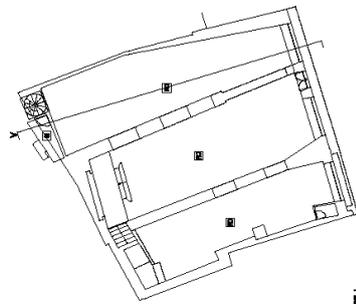
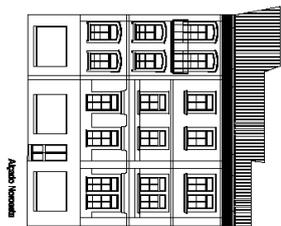


Corte A

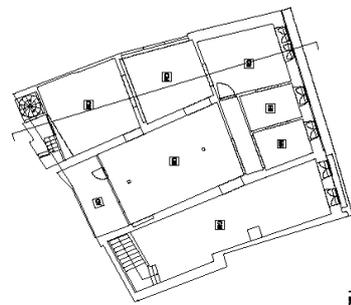


Cobertura

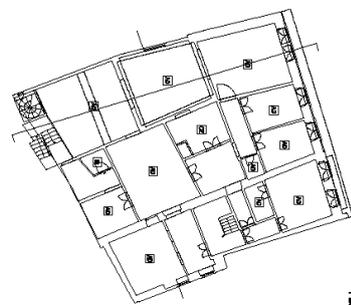
Casa na Rua Eduardo Coelho



Plano 0

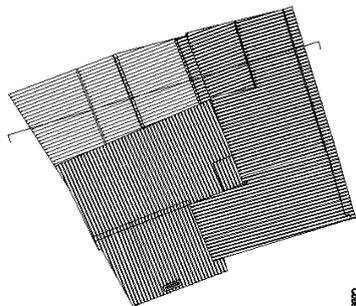
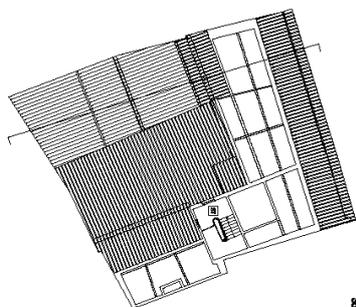
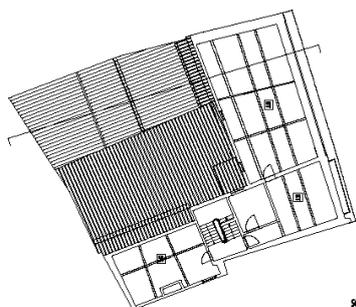
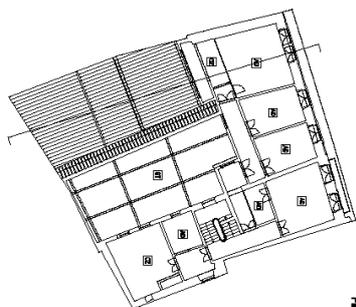
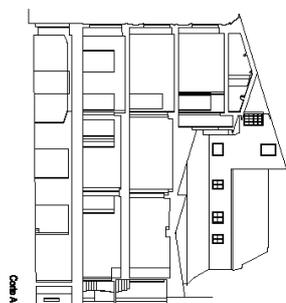


Plano 1



Plano 2

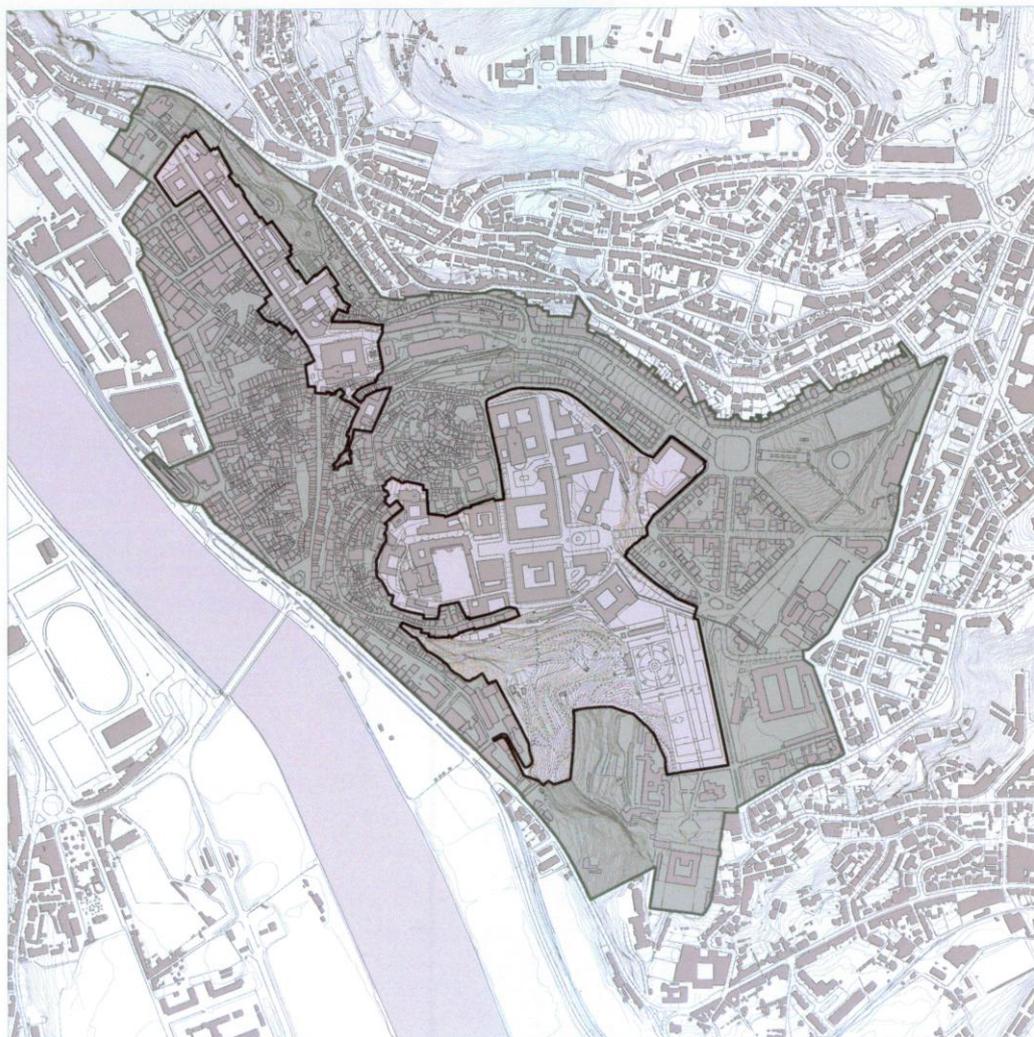
Casa no Largo da Fornalhinha

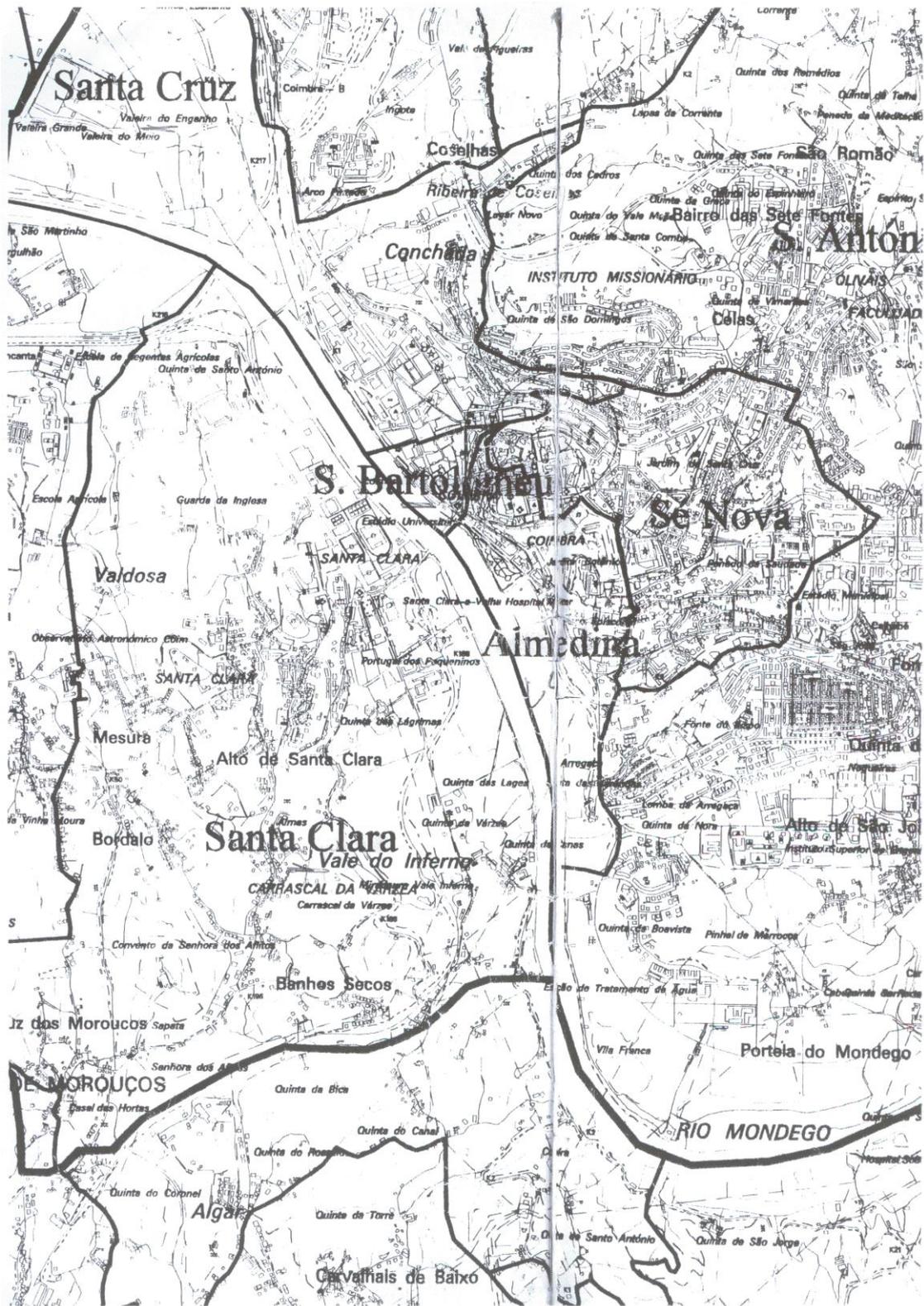


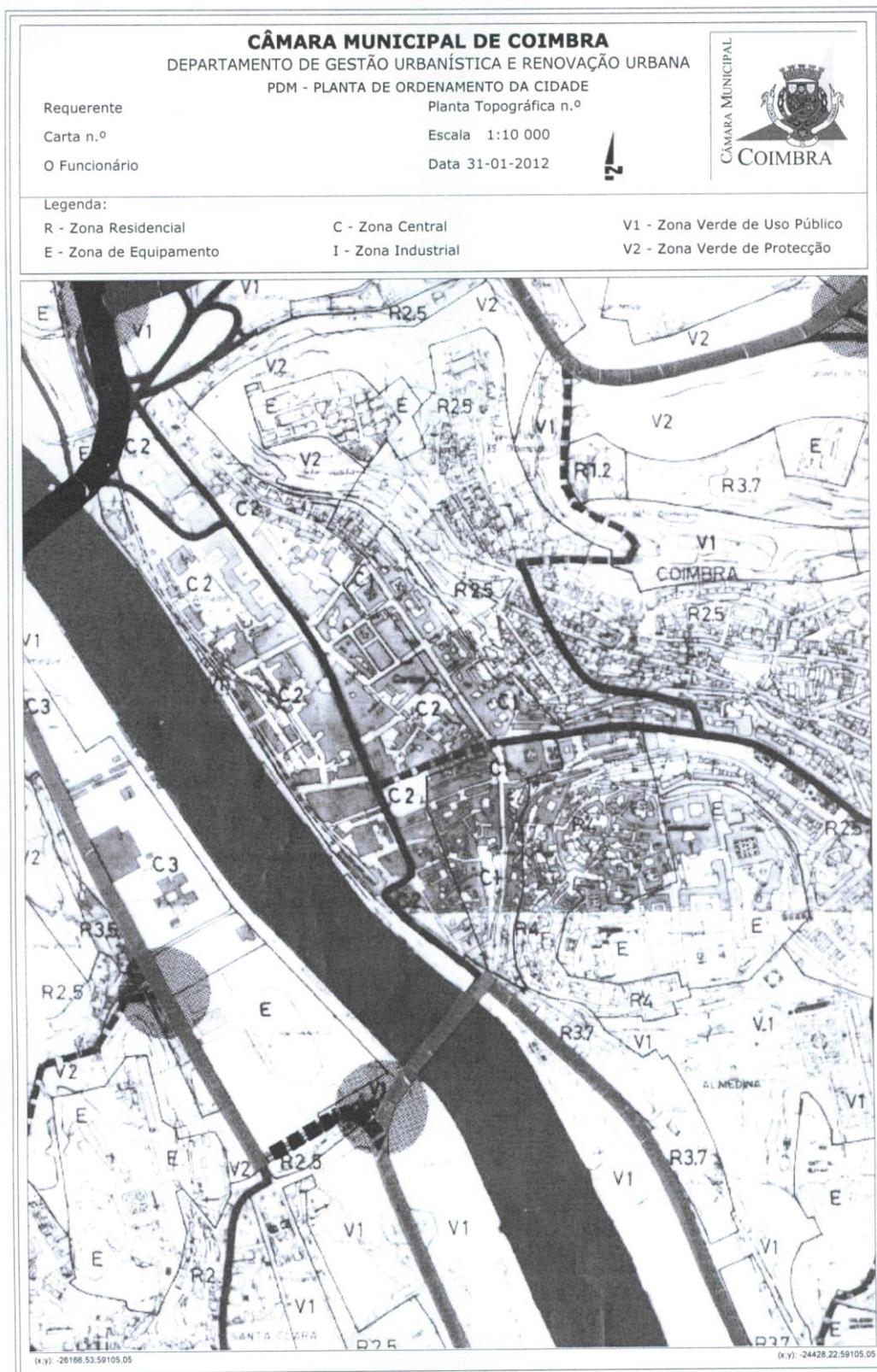
Casa no Largo da Fornalhinha

Anexo 4

Elementos gráficos fornecidos pela Câmara Municipal de Coimbra









b), c) ou d) do n.º 3 do artigo 30.º da Portaria n.º 83-A/2009, para a realização da audiência dos interessados nos termos do Código do Procedimento Administrativo.

Os candidatos admitidos serão convocados, através de notificação do dia, hora e local para a realização dos métodos de selecção, nos termos previstos no artigo 32.º e por uma das formas previstas nas alíneas a), b), c) ou d) do n.º 3 do artigo 30.º da Portaria n.º 83-A/2009, de 22 de Janeiro. A publicação dos resultados obtidos em cada método de selecção intercalar e efectuada através de lista, ordenada alfabeticamente, afixada em local visível e público das instalações da Academia Portuguesa da História e disponibilizada na sua página electrónica.

Os candidatos aprovados em cada método são convocados para a realização do método seguinte através de notificação, por uma das formas previstas nas alíneas a), b), c) ou d) do n.º 3 do artigo 30.º da Portaria n.º 83-A/2009, de 22 de Janeiro.

24 — Em cumprimento da alínea h) do artigo 9.º da Constituição, "a Administração Pública, enquanto entidade empregadora, promove activamente uma política de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no acesso ao emprego e na progressão profissional, providenciando escrupulosamente no sentido de evitar toda e qualquer forma de discriminação".

25 — A lista unitária de ordenação final dos candidatos é afixada nas instalações da Academia Portuguesa da História, sita na Alameda das Linhas de Torres, n.º 198-200, 1769-024 Lisboa e na respectiva página electrónica no seguinte endereço: www.academiaportuguesadahistoria.gov.pt.

26 — Nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 19.º da Portaria n.º 83-A/2009, de 22 de Janeiro, o presente aviso será publicitado na Bolsa de Emprego Público (www.bep.gov.pt), no 1.º dia útil seguinte à presente publicação e na página electrónica da Academia Portuguesa da História.

11 de Abril de 2011. — A Presidente, *Manuela Mendonça*,
204581647

Instituto de Gestão do Património Arquitectónico
e Arqueológico, I. P.

Anúncio n.º 5286/2011

Abertura do procedimento de classificação, no grau de interesse nacional, da Universidade de Coimbra — Alta e Sofia, cidade, concelho e distrito de Coimbra, e fixação da respectiva zona especial de protecção provisória.

1 — Nos termos do n.º 2 do artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro, Faço Público que, por meu despacho de 24 de Fevereiro de 2011, determinei a abertura do procedimento administrativo relativo à classificação, no grau de interesse nacional, da Universidade de Coimbra — Alta e Sofia, cidade, concelho e distrito de Coimbra, e a fixação da respectiva Zona Especial de Protecção provisória (ZEP provisória), conforme planta de delimitação anexa, a qual faz parte integrante do presente Anúncio.

2 — A decisão de abertura do procedimento de classificação, no grau de interesse nacional, nos termos do n.º 1 do artigo 72.º do decreto-lei acima referido, decorreu da inclusão deste conjunto patrimonial na lista indicativa do Património Mundial da UNESCO.

3 — A ZEP provisória, fixada nos termos do n.º 1 do artigo 38.º e do n.º 1 do artigo 72.º do mesmo decreto-lei, corresponde à zona também proposta à UNESCO.

4 — A partir da publicação deste Anúncio, a Universidade de Coimbra — Alta e Sofia, cidade, concelho e distrito de Coimbra, fica Em Vias de Classificação, de acordo com o artigo 25.º, n.º 5, da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro.

5 — O conjunto em vias de classificação e os bens imóveis localizados na ZEP provisória ficam abrangidos pelas disposições legais em vigor, designadamente, os artigos 32.º, 34.º, 36.º, 37.º, 42.º, 43.º e 45.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de Setembro, e o n.º 2 do artigo 14.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro.

6 — Conforme previsto no n.º 1 do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro, poderão os interessados, sustentando o facto, reclamar ou interpor recurso tutelar do acto que decidiu a abertura do procedimento de classificação e a fixação da ZEP provisória, no prazo de Quinze Dias, nos termos do Código do Procedimento Administrativo, junto da Direcção Regional de Cultura do Centro.

13 de Abril de 2011. — O Director do IGESPAR, I. P., *Gonçalo Couceiro*.

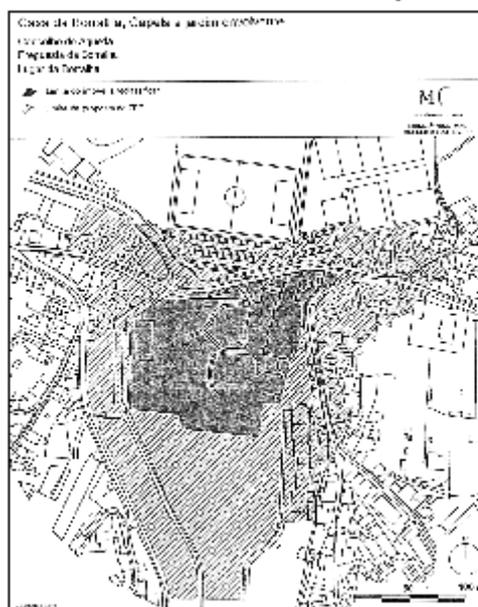


204584182

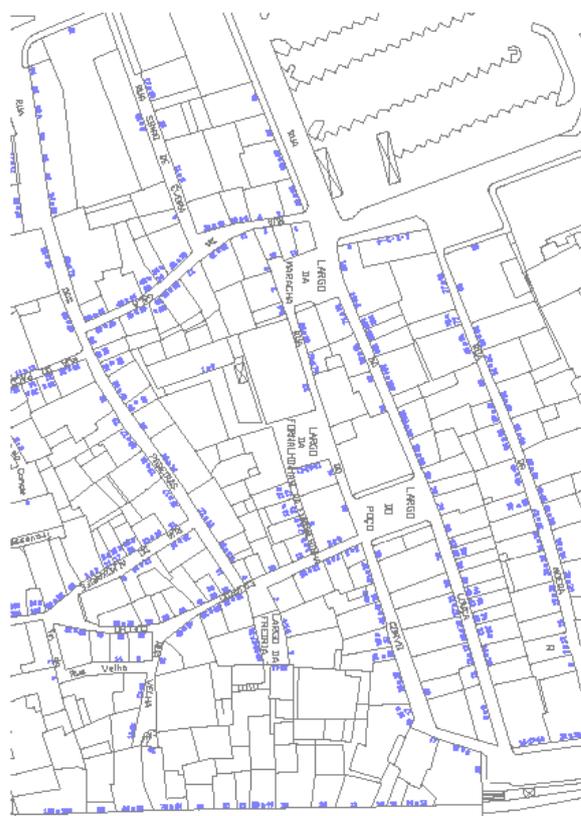
Declaração de rectificação n.º 740/2011

Por ter saído com erro de digitalização, publica-se de novo a planta a que se refere o anúncio n.º 4616/2011, consulta pública relativa à fixação da zona especial de protecção (ZEP) da Casa da Borralha, jardim e capela, freguesia de Agueda, concelho de Agueda, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 69, de 7 de Abril de 2011.

12 de Abril de 2011. — O Director do IGESPAR, I. P., *Gonçalo Couceiro*.



204584141



Divisão de Ordenamento e Estratégia / Câmara Municipal de Coimbra

Quadro I - População residente e presente, famílias, alojamentos e edifícios nas freguesias do Município de Coimbra

Freguesias	População residente			População presente			Famílias			Alojamentos			Edifícios		
	2001	2011	Var (%)	2001	2011	Var (%)	2001	2011	Var (%)	2001	2011	Var (%)	2001	2011	Var (%)
Almalagós	3440	3120	-9,3	3360	3055	-9,1	1177	1173	-0,3	1413	1524	7,9	1359	1501	10,4
Almedina	1521	927	-39,1	2248	1241	-44,8	572	529	-7,5	976	889	-8,9	389	448	15,2
Ameal	1678	1686	0,5	1636	1646	0,6	545	611	12,1	590	713	20,8	537	694	29,2
Antanhol	2447	2549	4,2	2318	2512	8,4	841	939	11,7	914	1096	19,9	723	903	24,9
Antuzede	2265	2291	1,1	2189	2229	1,8	732	861	17,6	877	974	11,1	815	906	11,2
Arzila	728	654	-10,2	704	654	-7,1	262	255	-2,7	273	296	8,4	245	275	12,2
Assafarge	2268	2722	20,0	2156	2665	23,6	767	956	24,6	923	1185	28,4	828	1119	35,1
Botão	1663	1588	-5,6	1613	1545	-4,2	574	566	-1,4	726	730	0,6	699	720	3,0
Brasfemes	1847	1974	6,9	1777	1926	8,4	617	710	15,1	650	856	31,7	607	793	30,6
Castelo Viegas	1771	1707	-3,6	1784	1774	-0,6	569	600	5,4	676	728	7,7	584	660	13,0
Celra	4207	3728	-11,4	4054	3706	-8,6	1476	1464	-0,8	1832	1934	5,6	1537	1656	7,7
Cernache	3871	3829	-1,5	3728	3836	2,9	1286	1537	19,5	1558	1952	25,3	1441	1754	21,7
Eiras	12052	12075	0,2	11613	11846	2,0	4485	5047	12,5	5537	6486	17,1	1728	1870	8,2
Lamarosa	2189	2072	-5,3	2101	2021	-3,8	741	717	-3,2	901	975	8,2	841	957	13,8
Ribeira de Frades	2064	1927	-6,6	1984	1922	-3,1	811	744	-8,3	817	899	10,0	732	804	9,8
Santa Clara	9637	9908	2,8	9651	9845	2,0	3620	4258	17,6	4386	5533	26,2	2232	2461	10,3
Santa Cruz	6866	5678	-17,3	7838	6225	-20,6	3016	2718	-9,9	4035	4087	1,3	1424	1333	-6,4
Santo António dos Olivais	39516	38850	-1,7	44632	44257	-0,8	15860	18779	18,4	20178	24563	21,7	5719	6538	14,3
São Bartolomeu	856	631	-26,3	1094	854	-21,9	398	365	-3,3	633	650	2,7	305	299	-2,0
São João do Campo	2309	2073	-10,2	2233	2064	-7,6	760	745	-2,0	832	840	1,0	758	808	6,6
São Martinho de Arvore	1003	1012	0,9	958	986	2,9	334	339	1,5	367	415	13,1	334	414	24,0
São Martinho do Bispo	14246	13999	-1,7	14449	14991	3,8	5014	5573	11,1	6039	7296	20,8	3887	4451	14,5
São Paulo de Frades	5912	5801	-1,9	5679	5705	0,5	2025	2173	7,3	2300	2607	13,3	1367	1595	15,0
São Silvestre	3092	3133	1,3	3020	3043	0,8	1021	1082	6,0	1128	1269	12,5	946	1082	14,4
Sé Nova	8295	6722	-19,0	12451	9938	-20,2	3641	3872	6,3	5025	5541	10,3	1331	1541	15,8
Sousetas	3146	3102	-1,4	3045	3024	-0,7	1036	1118	7,9	1203	1441	19,8	1110	1313	18,3
Taveiro	2064	1961	-5,0	1947	1937	-0,5	759	707	-6,9	824	859	4,2	691	753	9,0
Torre de Vilela	1146	1243	8,5	1130	1249	10,5	378	438	15,9	434	489	12,7	399	465	16,5
Torres do Mondego	2550	2401	-5,8	2477	2377	-4,0	894	960	7,4	1042	1256	20,5	961	1150	19,7
Trouxemil	2999	2719	-9,3	2900	2690	-7,2	981	1019	3,9	1100	1210	10,0	963	1073	11,4
Vil de Matos	775	870	12,3	740	840	13,5	286	303	5,9	312	372	19,2	295	366	24,1
MUNICÍPIO	148443	143052	-3,6	157510	152603	-3,1	55478	61178	10,3	68501	79665	16,3	35807	40702	13,7

(Fonte: INE - Censos 2001, 2011)

Anexo 5

Planta de Coimbra fornecida pelo Departamento de Arquitectura

